



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Hellen da Fonseca

IMAGENS, FLORES E ALFACE:
A Igreja Messiânica e suas coisas

Campinas
2018

Hellen da Fonseca

IMAGENS, FLORES E ALFACE:

A Igreja Messiânica e suas coisas

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Rômulo Machado de Almeida.

Coorientador: Prof. Dr. Rodrigo Toniol.

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação defendida pela aluna Hellen da Fonseca, orientada pelo Prof. Dr. Ronaldo Rômulo Machado de Almeida.

CAMPINAS
2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

F733i Fonseca, Hellen da, 1989-
Imagens, flores e alface : a Igreja Messiânica e suas coisas / Hellen da
Fonseca. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Ronaldo Romulo Machado de Almeida.
Coorientador: Rodrigo Toniol.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Igreja Messiânica Mundial do Brasil. 2. Cosmologia. 3. Imagens. 4.
Mediação. 5. Materiais. I. Almeida, Ronaldo Romulo Machado de, 1966-. II.
Toniol, Rodrigo. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Images, flowers and lettuce: the Church of World Messianity
and its things

Palavras-chave em inglês:

Church of World Messianity

Cosmology

Images

Mediation

Materials

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Mestra em Antropologia Social

Banca examinadora:

Ronaldo Romulo Machado de Almeida [Orientador]

Emerson Alessandro Giumbelli

Christiano Key Tambascia

Data de defesa: 22-03-2018

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 22/03/2018, considerou a candidata Hellen da Fonseca aprovada

Prof. Dr. Ronaldo Rômulo Machado de Almeida

Prof. Dr. Emerson Alessandro Giumbelli

Prof. Dr. Christiano Key Tambascia

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica da aluna.

À Fernanda e Vinicius:

A ela pela amizade

E ele pelo amor

De todos os dias.

Agradecimentos:

A escrita dos agradecimentos é um ritual no qual o autor do texto anseia alcançar a fim de tão logo ver concluído seu trabalho. Seguindo os dizeres de meu orientador, Rodrigo Toniol, nesta etapa o autor é aquele quem ocupa a posição de saída de seu texto, enquanto o leitor é aquele quem está no lugar de entrada. É por isso que este é o momento de despedida do autor em relação ao seu texto e também é a porta de entrada do leitor. A escrita é, muitas vezes, um afazer solitário, porém, ao alcançar esta etapa do texto, é essencial proceder de modo reflexivo a fim de lançar um olhar retrospectivo em relação às pessoas e momentos que foram essenciais para a construção desta pesquisa.

Agradeço primeiramente a todos os messiânicos com quem convivi antes mesmo da realização desta pesquisa. Foi nesse processo que conheci pessoas que com o passar do tempo pude construir laços de afeto e admiração que perduram até os dias de hoje. Um agradecimento especial à ministra e professora Niara que despertou a minha sensibilidade e admiração pelas artes tradicionais japonesas, também agradeço por todos os convites que dela recebi para presenciar momentos e eventos que em grande maioria foram essenciais para a construção desta pesquisa. Agradeço a professora Lina pelos ensinamentos e materiais sobre Ikebana que me foram emprestados durante a escrita desta dissertação.

Sou muito grata ao seu Márcio e dona Mari pelas verduras, legumes e frutas e pelas conversas sobre *Agricultura Natural*. Agradeço a equipe do CPMO pela receptividade e disponibilidade em apresentar as atividades do Polo de Agricultura Natural de Ipeúna-SP. Também agradeço ao pessoal dos grupos *Pesquisas sobre Meishu-Sama* e *Biblioteca de Meishu-Sama*, em especial à Ana Messiânica pela iniciativa de disponibilizar uma miríade de livros de ensinamento em formato digital. Sou muito grata ao Henrique, meu colega messiânico de São Luís, que muito me ajudou na reta final desta pesquisa, sobretudo com traduções do japonês, imagens e conversas instigantes sobre a vida e obra de Meishu-Sama. Ao ministro Amadeus por esclarecer minhas dúvidas e por ampliar meus horizontes em relação à estética japonesa.

A realização desta pesquisa também se deve às pessoas que encontrei durante esse caminho que percorri como aluna de mestrado do PPGAS/IFCH. Em primeiro lugar agradeço ao meu orientador Ronaldo Almeida, que me acompanha desde meados de 2012, quando a ideia de estudar a Igreja Messiânica era ainda um projeto de iniciação científica que estava começando a engatinhar. Sou extremamente grata ao meu coorientador Rodrigo Toniol, a quem prefiro chamar também de orientador, que aceitou se juntar a mim e a Ronaldo nesta empreitada em 2016. Rodrigo foi um orientador extremamente generoso e presente, cujas orientações foram essenciais para repensar a Igreja Messiânica sob a abordagem teórico-metodológica proposta por esta dissertação. Também sou imensamente grata ao apoio dos professores Antonio Guerreiro Jr e Nashieli Lorea, coordenadores do PPGAS durante o período em que se desenrolou esta pesquisa. Também agradeço à Marcia, secretária do PPGAS, que sempre foi muito solícita em relação às minhas dúvidas. Também agradeço à CAPES por fornecer os recursos materiais e financeiros sem os quais esta e outras tantas pesquisas seriam inviáveis.

Agradeço à Thuya, minha grande amiga de viagens e congressos, que muito me ajudou a superar meus medos e inseguranças. Agradeço aos meus colegas do Laboratório de Antropologia da Religião que me ajudaram a construir o projeto de mestrado que deu origem a esta dissertação. Dentre eles, um agradecimento em especial ao Bernardo, que foi o primeiro a me ajudar a elaborar um projeto de iniciação científica sobre a Igreja Messiânica.

Sinto profundas saudades dos encontros da “Coisa no Fluxo”, dos cafés e petiscos durante as reuniões que costumávamos fazer em casa. À noite, o café era substituído por cerveja e as conversas fluíam a noite toda ao som dos vinis da Lu. Novas pessoas também chegavam para se juntar àquele fluxo, no final, geralmente estavam Sara, Lis, Adriano, Xuxa, Hugo, Carol (amiga de quem sinto muitas saudades), Rodrigo e Ronaldo.

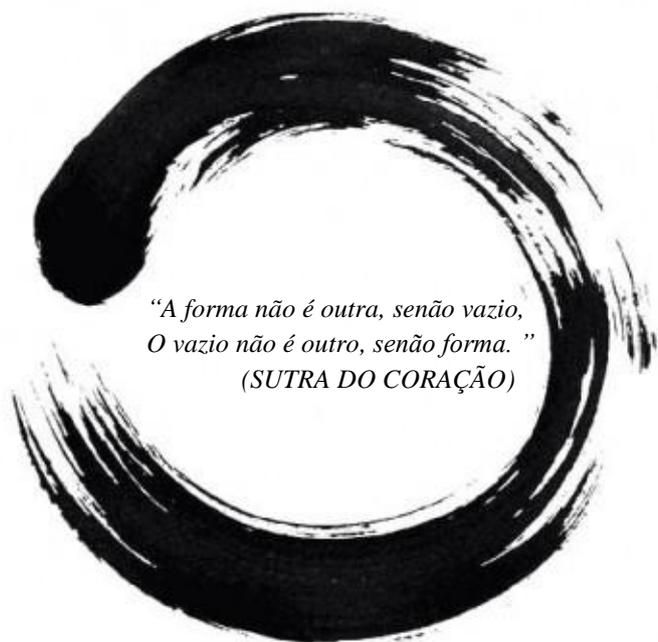
Esta pesquisa de mestrado se iniciou em 2015 e até sua conclusão em 2018 muitas foram as mudanças que ocorreram desde então. A primeira foi a decisão de sair da casa dos meus pais, o que ocorreu quando Sara, uma amiga da turma de mestrado, convidou-me para formar uma casa em Barão Geraldo. Éramos em cinco, depois viramos seis: Zé, Elisa, Luiza, Sara e Lucas. A casa foi carinhosamente chamada de Capivara Amarela e todos os integrantes foram igualmente importantes para o meu processo de

amadurecimento e guardo profundo carinho e amizade por todos. Em 2017, meus compromissos pessoais e profissionais se consolidaram e iniciei uma nova fase, desta vez ao lado do meu companheiro Vini. O recém-chegado 2018 também trouxe mais mudanças: uma nova casa e uma nova oportunidade profissional como coordenadora pedagógica da unidade escolar onde leciono desde 2014. Esta oportunidade não teria existido sem o apoio dos meus amigos professores Lederson, Maristela, Dani, Gabi e Cris por quem sou profundamente grata pelo carinho e amizade. Também agradeço aos meus amigos professores das escolas E.E. Núcleo Habitacional José Paulino Nogueira e E.E. Residencial São José, em especial a Josi e Silvani por me fazerem acreditar no papel transformador da educação. Um agradecimento mais que especial a todos os meus alunos por me ensinarem todos os dias a ser professora e também por me darem forças diárias para continuar acreditando e lutando pela escola pública.

Agradeço aos meus pais, Beto e Dete, pelo amor incomensurável ao longo desses anos. Qualquer tentativa de prestar um agradecimento é um breve ensaio, ínfimo diante de tudo o que fizeram e fazem por mim diariamente. Também agradeço às minhas irmãs Nívia e Lígia pelo companheirismo que conseguimos construir ao longo de nossas vidas e por nossas conversas de sábado à tarde, repletas de bolo e do mais delicioso café do mundo: o da nossa mãe. Também agradeço à Alzi e ao Deri por terem me acolhido como filha e por hoje fazerem parte da família. Ao meu cunhado Chico e nossas conversas sobre política.

Um agradecimento especial ao Vini, que acompanhou de perto o processo de construção desta pesquisa e que muitas vezes teve que lidar com a minha ausência ou com o silêncio do qual eu precisava para me concentrar. Muito obrigada pelo companheirismo, amor, paciência, ajuda e *dedicação* diária à nossa relação e pela vida que estamos construindo juntos.

Por fim, esta pesquisa não teria acontecido se não fosse o encontro que tive com Fernanda. Parte da narrativa desta etnografia é resultado de experiências que vivemos juntas no passado e que até hoje revivemos com muito saudosismo e alegria. Muito obrigada pela amizade, companheirismo e por ter me apresentado este incrível *Caminho* que me levou para lugares além da religião.



*"A forma não é outra, senão vazio,
O vazio não é outro, senão forma. "*
(SUTRA DO CORAÇÃO)



Resumo

Esta pesquisa fundamenta-se na análise das Três Colunas de Salvação que compõem a doutrina da Igreja Messiânica Mundial do Brasil a partir de uma perspectiva teórico-metodológica que traz os materiais como objeto de investigação antropológica. Nesta abordagem, a religião é pensada como uma prática de mediação que materializa o sagrado através do uso de múltiplos materiais, por conseguinte, esses não são secundários, mas parte constitutiva da religião. Baseado na contribuição de Tim Ingold acerca da importância de seguir o fluxo dos materiais, foi possível alcançar entendimento sobre os aspectos cosmológicos da Igreja Messiânica Mundial do Brasil, o imaginário religioso compartilhado e o regime visual da religião. Através da análise do fluxo de materiais, constatou-se uma gama de práticas religiosas oriundas do Zen Budismo e de outras ontologias que compõem o universo religioso japonês.

Palavras-chave: Igreja Messiânica Mundial do Brasil, Cosmologia, Imagens, Mediação, Materiais

Abstract

This research is based on the analysis of the Three Columns of Salvation that compose the doctrine of the Church of World Messianity of Brazil, from a theoretical and methodological perspective that takes the materials as objects of anthropological investigation. In this approach, the religion is thought as a practice of mediation that materialize the sacred by the usage of multiple materials, thus, they are not secondary, but a constitutive part of the religion. Following the contribution of Tim Ingold on the importance of following the flow of materials, it was possible to reach understanding on the cosmological aspects of the Church of World Messianity of Brazil, the shared religious imaginary and the visual regime of the religion. Through the analysis of the flow of materials, it was found a set of religious practices that come from Zen Buddhism and from other ontologies that form the Japanese religious universe.

Key-words: Church of World Messianity, Cosmology, Images, Mediation, Materials.

Lista de Imagens:

Imagem 1: As assinaturas do fundador	29
Imagem 2: Painéis	58
Imagem 3: Altar da banca de <i>Johrei</i>	59
Imagem 4: <i>Onikku</i>	61
Imagem 5: Altar Messiânico	62
Imagem 6: Material caligráfico.....	70
Imagem 7: O fundador caligrafando com a ajuda de um discípulo	72
Imagem 8: <i>Miteshiro</i> caligrafado pelo fundador	81
Imagem 9: <i>Ohineri</i>	82
Imagem 10: Senju Kannon.	84
Imagens 11: Hikari, Komyo, Omamori	85
Imagem 12: Fundador pintando imagem de Kannon.....	87
Imagem 13: Omamori.	89
Imagens 14 e 15: <i>Dai-Komyo Nyorai</i>	93
Imagem 16: Altar da Sede Central em 1969	96
Imagem 17: <i>Komyo</i> e <i>Dai Komyo Shinshin</i>	98
Imagem 18: Altar Templo Arte do Johrei.....	99
Imagem 19: Os altares do Templo Luz do Oriente.....	100
Imagem 20: Imagens da <i>Luz Divina</i> utilizada na Toho no Hikari e Su no Hikari ...	102
Imagem 21: Assinatura da <i>Imagem da Luz Divina</i>	102
Imagem 22: Solo Sagrado.....	117
Imagem 23: Morangueiro	119
Imagem 24: Replântio.	121
Imagem 25: As coisas da FMO.....	132
Imagem 26: Produtos Korin.....	136
Imagem 27: Escala de classificação dos produtos	137
Imagem 28: Culto de sufrágio às almas dos animais e insetos	143
Imagem 29: Fluxos messiânicos	153
Imagem 30: Muda de alface.....	158
Imagem 31: O alface em flor	159

Imagem 32: O fimda alface	160
Imagem 33: As inclinações da moribana	164
Imagem 34: Ikebana depois de pronta	166
Imagem 35: O (re)arranjo	168
Imagem 36: Tokonoma	172
Imagem 37: A Ikebana na cerimônia do chá	173
Imagem 38: Biombo das Ameixeiras com flores vermelhas e brancas	176
Imagem 39: Ba-ien – O jardim das ameixeiras.....	176
Imagem 40: O Caminho do Paraíso	177
Imagem 41: Meishu-Sama cortando camélias	179
Imagem 42: A Ikebana observada de dentro do altar	187
Imagem 43: A Ikebana vista de longe	187
Imagem 44: A shorinka.....	188
Imagem 45: O fim da rosa	190
Imagem 46: Um novo recomeço.....	191
Imagem 47: Ichigo Ichie	192

Lista de Tabelas

Tabela 1: Os nomes do fundador	27
Tabela 2: As instituições criadas pelo fundador	94
Tabela 3: Técnicas de aplicação e instituições messiânicas.	95
Tabela 4: A FMO e seus setores	131
Tabela 5: Áreas de atuação da Korin Empreendimentos e Participações LTDA	135
Tabela 6: Selos da Korin - Linha sustentável versus Linha Orgânica e Tabela	139
Tabela 7: Frangos Korin (Tabela Descritiva)	139
Tabela 8: Setores de pesquisa do CPMO	150
Tabela 9: Elementos (quase) exclusivos IMMB, FMO e Korin Agropecuária.....	154
Tabela 10: Elementos compartilhados entre IMMB, FMO e Korin Agropecuária.....	154

Sumário

Introdução	18
Da materialidade aos materiais: de Meyer a Ingold	22
A malha messiânica	26
A Igreja Messiânica e suas coisas	34
O Tao, o Do e outros <i>Caminhos</i>	42
A Igreja Messiânica em perspectiva	49
Capítulo I: A Igreja Messiânica e suas imagens	55
Prólogo	55
Religião e iconologia	62
Traços negros em espaços brancos	65
Tudo começa e termina com oração [diante do altar]	72
Aquilo que dizem as imagens	74
O fundador e suas instituições: talismãs, caligrafias e desenhos	80
Imagens da <i>Luz Divina</i> : do Japão para o mundo	96
O corpo como altar	102
Luz através de carvão e papel	106
Capítulo II: Os messiânicos e seus orgânicos	108
Prólogo	108
A produção de orgânicos no Sítio Poço Fundo	110
A vida de uma horta	116
A Igreja Messiânica e suas hortas: linhas espalhadas pelo mundo	121
Um emaranhado de coisas: as instituições messiânicas	127
A Fundação Mokiti Okada e suas coisas	129
Korin: uma empresa (da Igreja) Messiânica	134
“Quem come carne tem que agradecer e sufragar”	141
O Centro de Pesquisa Mokiti Okada e suas tecnologias	146
As instituições messiânicas: conclusão	151
Epílogo	155

Capítulo III: A Igreja Messiânica e suas flores	161
Prólogo	161
Criando sol, lua e terra: as aulas de Ikebana da professora Cecília	162
Primeiro dia: o (re)arranjo	167
Kado: o <i>Caminho</i> pelas flores	169
O fundador e suas flores	173
O <i>Paraíso</i> é o mundo da arte	175
Nem tudo são flores	179
As flores do sétimo dia	183
Seguindo as flores: do Ceasa ao altar da Igreja	184
Quando as flores vão às ruas	188
O desfecho: a impermanência das flores	190
Considerações Finais: O <i>Caminho</i> do messiânico	194
Bibliografia	198

Almond Blossom – Vincent van Gogh (1853 -1890)
Van Gogh Museum, Amsterdam



Introdução:

Conheci Fernanda em 2007 em um curso técnico para a formação de atores. Por uma série de afinidades, para além do amor ao teatro, nos tornamos amigas muito próximas. Em um dia qualquer, fui à casa dela e notei que ela usava uma corrente. Era algum tipo de metal, talvez inox. Os elos eram delicados, mas o que mais me chamou a atenção foi o fato de o pingente estar para dentro da roupa de minha amiga e não para fora, como um colar comum. Curiosa, perguntei-lhe o que era aquilo que ela trazia pendurado no pescoço. Ela muito delicadamente retirou o pingente de dentro da blusa e me mostrou: era uma medalha redonda, com um emblema no centro. No verso daquele curioso objeto havia dois círculos concêntricos. Achei aquele colar muito bonito e quis ver com as mãos. Ela me impediu de tocá-lo e me explicou que aquela era a medalha de sua igreja e que graças aquele objeto ela podia transmitir a *luz de Deus* para alguém por meio das palmas das mãos, por isso ninguém além dela mesma poderia manuseá-lo.

Fernanda me explicou de maneira muito resumida sobre a religião: era a Igreja Messiânica Mundial do Brasil, chamada por seus seguidores de Igreja Messiânica ou somente Messiânica. Achei bastante curioso, uma vez que se tratava de uma religião de origem japonesa com um nome que, para mim, remeteu ao Cristianismo. Aprendi que a tal luz de Deus se chamava *Johrei* e então pedi para que ela o aplicasse em mim. Apesar de poder ministrá-lo ali mesmo, Fernanda achou melhor que eu o recebesse pela primeira vez na Igreja. Combinamos de ir juntas no dia em que minha amiga tinha que realizar sua *dedicação*, isto é, um trabalho religioso voluntário. Chegamos por volta das cinco e meia da tarde, Fernanda me mandou sentar em um banquinho de madeira, posicionado de frente para uma mulher e saiu em seguida para se preparar para a tal *dedicação*. A messiânica que estava sentada de frente para mim não se apresentou: ela juntou as palmas das mãos em forma de oração e eu, sem receber grandes explicações, fiz o mesmo. Em seguida, a mulher estendeu o braço e as palmas das mãos em minha direção dando início ao *Johrei*. E foi só isso. Ela trocava os braços livremente, sem estender os dois ao mesmo tempo,

sendo que ora eles estavam mais ou menos flexionados. Olhei para o rosto dela e vi que seus olhos estavam abertos, o olhar era vago, como se ela estivesse longe dali.

Um pouco antes de cerrar meus olhos, reparei no ambiente: havia outras cadeiras como aquela em que eu estava sentada. Em posição de destaque, estava um quadro com escritos em japonês. Do lado direito uma fotografia preto e branco de um japonês carrancudo – quiçá o fundador da religião, pensei comigo mesma. Do lado esquerdo do quadro, havia um arranjo floral. Minutos após o início da imposição de mãos, a mulher solicitou que eu me virasse de costas. Fiz o que foi pedido e ao mudar de posição, notei dois quadros que de maneiras distintas chamavam a atenção para a importância do silêncio durante o *Johrei*. Um fora colocado na parede em cima da porta e continha o dizer: “*Durante o Johrei, o silêncio é prece*”. O outro quadro estava fixado na parede do lado esquerdo, próximo a um mural de recados com a programação da Igreja. No mesmo, uma ilustração chamou a minha atenção: na parte esquerda do quadro, havia um desenho de duas pessoas conversando durante o *Johrei*; do lado direito, as mesmas pessoas apareciam em silêncio. As ondas de luz que saíam das mãos do ministrante que conversava eram muito mais fracas se comparadas à segunda imagem, quando ambos não conversavam entre si. A mensagem era bastante clara: não se deve conversar enquanto se pratica *Johrei*, pois isso diminui a intensidade da luz canalizada. A posição do quadro, colocado de frente para o ministrante demonstrava que era para ele que o recado: como os messiânicos são os únicos autorizados a ministrar *Johrei*, devem manter uma postura de respeito, sobretudo quando alguém chega à igreja pela primeira vez.

Passados cinco minutos aproximadamente, a ministrante solicitou que eu me virasse de frente para ela e continuou a canalização do *Johrei* por mais alguns poucos minutos. Em seguida encerrou: juntou as palmas das mãos no mesmo gesto de oração do início e fez uma prece silenciosa. Eu, sem saber ao certo o que fazer, a imitei. Ela apertou as minhas mãos e me agradeceu, fiz o mesmo – no fundo não entendi ao certo o porquê de ela ter me agradecido já que fora ela quem havia ministrado *Johrei* em mim. Não me lembro ao certo o que senti naquele dia, se fiquei um pouco mais relaxada ou sonolenta. Lembro-me de que não senti nenhuma emoção ou palpitação. Pensei o quanto era simples aquela coreografia, aquele singelo subir e descer de mãos. Apesar de toda a simplicidade daquele ritual gestual, me mantive interessada em conhecer mais aquele novo universo que estava se apresentando para mim.

No relógio fixado em cima da porta da Igreja faltava apenas cinco minutos para às 18 horas. Minha amiga Fernanda se dirigiu ao púlpito. Os demais messiânicos que estavam ali se sentaram nas cadeiras que estavam na fileira de frente para o *Altar* – a imagem com a caligrafia japonesa. Sentei-me junto deles. Fernanda fixou o olhar no relógio: faltavam menos de dois minutos para o início. Assim que o ponteiro do relógio marcou o horário exato, ela anunciou o início do *Culto Vespéral*. Nesse instante, uma messiânica que estava sentada na cadeira da frente deu alguns passos e se posicionou em frente a imagem das caligrafias japonesas. Ela trajava uma saia na altura dos joelhos e um blazer cujos botões estavam fechados. Ela fez uma leve reverência com o corpo e em seguida outras três reverências – agora com o corpo ainda mais inclinado. Em seguida bateu três palmas e começou a entoar uma oração japonesa: seu corpo estava ereto e as palmas das mãos estavam juntas, em gesto de oração. Todos os presentes acompanharam a messiânica nas reverências e também na oração japonesa. Eu recebi um papel de Fernanda que continha a oração escrita, mas me perdi logo no começo. Eu estava realmente confusa e admirada: uma reza entoada em japonês por brasileiros e todas aquelas reverências e palmas para uma imagem que eu ainda não havia entendido o significado. Em posição de reverência, os messiânicos fizeram uma pausa para uma prece silenciosa, cuja duração foi ditada pela messiânica que estava à frente dos demais puxando a oração. Ela interrompeu o silêncio entoando o verso final. Ela e os demais bateram palmas em seguida. Como eu não estava acostumada, lembro-me de ter batido palmas no contratempo.

Terminada a oração japonesa, foi iniciada outra em português. Em seguida, todos se sentaram em suas respectivas cadeiras e Fernanda, que ainda estava no púlpito, começou a ler um ensinamento da igreja. Na sequência ela fez a leitura de um relato de uma pessoa que alcançou um milagre através do recebimento do *Johrei* – posteriormente aprendi que esses relatos se chamavam *Experiências de Fé*. Ao término da leitura, Fernanda anunciou o encerramento do *Culto Vespéral* e em seguida todos os participantes se cumprimentaram e trocaram abraços. O ritual durou apenas quinze minutos e contou com a participação de aproximadamente dez pessoas.

Em minhas idas subsequentes à Igreja, percebi que os messiânicos costumavam interromper suas *dedicações* para participar do *Culto Vespéral* e, assim que o mesmo se encerrava, dados todos os abraços e cumprimentos, as atividades religiosas

eram prontamente recomeçadas. O trabalho religioso mais praticado entre os messiânicos é o *plantão de Johrei*: o fiel escolhe um dia e um horário durante a semana para ministrar *Johrei* para quem for à Igreja. São os leigos que fazem a instituição funcionar diariamente, sendo a rotina da religião amplamente voltada para a prática do *Johrei*.

Dentre as pessoas que participaram do *Culto Vespéral* naquele dia, havia uma senhora japonesa de estatura baixa que vestia também uma saia e um blazer de maneira elegante. Tinha certamente mais de cinquenta anos de idade e me chamou para conversar em uma sala. Seu nome era Emília, mas era chamada pelos messiânicos por ministra Emília ou ministra ou ainda como sensei¹, mas jamais apenas por “Emília”. Em uma conversa posterior, Fernanda me explicou que “ministro” ou “ministra” são os sacerdotes ou sacerdotisas da Igreja e conforme entrei em contato com os preceitos da religião, entendi como esses desempenhavam seus papéis nesse contexto religioso. A ministra Emília quis então me conhecer: saber onde eu morava e com quem; o que eu fazia – se estudava ou/e trabalhava. Enquanto conversávamos, ela preenchia uma ficha com meus dados: nome completo; endereço; telefones para contato, quem havia me encaminhado para a Igreja e se eu estava sofrendo com algum tipo de problema naquela ocasião. Ela explicou brevemente sobre a doutrina da religião e me orientou a receber *Johrei* por trinta dias consecutivos para observar se alguma melhora surgiria em minha vida. Em seguida, ela me entregou alguns ensinamentos da religião e orientou que eu os lesse diariamente.

Segui a orientação da ministra Emília e decidi receber *Johrei* diariamente. Essa decisão marcou a minha entrada na Igreja Messiânica e também o início de um relacionamento, que a princípio foi pautado por um vínculo de pertencimento religioso à instituição. Não obstante, minha maneira de dar sentido à religião mudou processualmente ao longo dos anos seguintes, provocando o deslocamento da Messiânica para uma dimensão analítica. A construção desta etnografia não parte apenas de um trabalho de campo realizado recentemente durante a execução desta pesquisa de mestrado, tampouco privilegia a memória e as experiências vivenciadas em um passado religioso que se findou há cerca de cinco anos. Nesta etnografia, o passado (quase) distante e o passado recente (que tão logo também se tornará distante) estão consubstanciados em uma única narrativa que sintetiza ambas as experiências, sem distingui-las.

¹ Do japonês, mestre ou mestra. O termo serve tanto para o masculino como para o feminino.

Uma das dificuldades decorrentes da transformação de algo familiar em tema de pesquisa se refere à possibilidade de falha de percepção do analista: este, demasiadamente habituado ao campo, muitas vezes acaba não se atentando para as minúcias do cotidiano. Para que isso fosse evitado, foi preciso optar por um caminho menos óbvio, por isso essa pesquisa foi inserida no âmbito da antropologia dos materiais. A produção de materiais pela Igreja Messiânica e seus adeptos é uma aposta metodológica que visa alcançar o entendimento acerca da religião e também de seus seguidores. Porém, essa opção não é somente uma escolha metodológica, trata-se de uma necessidade trazida pelo próprio campo, uma vez que os materiais não eram simples objetos inertes ou “mágicos”, mas um conjunto de coisas vivas em um campo ainda inexplorado por tal abordagem - contribuição que essa pesquisa pretende trazer ao âmbito da religião e dos materiais.

Da materialidade aos materiais: de Meyer a Ingold

Estudos recentes que tratam sobre a religião em interface com a materialidade estão presentes no periódico *Material Religion*. Oriundos de diferentes disciplinas, muitos dos pesquisadores desta vertente pensam a religião a partir de etnografias que foram produzidas na Ásia, África ou através do trabalho de campo em religiões não-ocidentais. De acordo com os editores (MEYER et al, 2014), a revista recebe submissões de pesquisadores de todas as partes do mundo, embora ainda haja maior predominância de europeus e norte-americanos. Grande parte dos colaboradores são antropólogos; historiadores da arte; especialistas em religião em geral; museólogos, arqueólogos e historiadores.

Na composição do editorial da revista, destaca-se a antropóloga Birgit Meyer que atualmente é uma importante referência no assunto. Segundo Meyer e Houtman (2012), a partir dos anos 1980 nas ciências sociais houve a retomada do conceito de material e materialidade. Este “material turn” afetou diversas áreas das ciências humanas uma vez que proporcionou o reaparecimento de uma perspectiva marxista na cultura material, tal como propõe Daniel Muller; a elaboração de uma análise crítica à microfísica do poder de Foucault; a contribuição prestada por Butler em seu trabalho *Bodies that matter*; o trabalho de Alfred Gell sobre arte e a ideia de agência; Bruno Latour e sua teoria

sobre o ator rede; e, por fim, o surgimento do debate na neurociência sobre a materialidade da mente. A virada material – em analogia a virada ontológica da antropologia – aconteceu em decorrência da insatisfação com abordagens que privilegiam o abstrato sobre o concreto, o que contribuiu para a redução da cultura material a expressões de significado subjacentes ou como símbolos.

Nos anos 2000, David Chidester anunciou o termo “novo materialismo” para se referir a emergência de novos estudos sobre religião. Apesar de não fazer uma referência clara a aquilo que se entende por “velho materialismo”, Meyer e Houtman se valem de Chidester e argumentam que o novo materialismo não é uma crítica da religião em nome da matéria, mas sim uma crítica de dentro do estudo da religião que pretende tomar a materialidade como parte do estudo da religião.

Para Meyer o caráter liberal do protestantismo se tornou o modelo e a via de compreensão e estruturação daquilo que hoje chamamos de religião moderna. Esse pensamento, por sua vez, estabeleceu a diferenciação entre interior e exterior; entre público e privado; produziu a primazia da crença individual sobre os rituais coletivos e a predominância do abstrato sobre a forma concreta. Portanto, em se tratando do protestantismo, pode-se dizer que a essência da religião está localizada no interior dos crentes, ao passo que as manifestações e práticas exteriores – rituais, instituições religiosas, objetos, etc – são considerados aspectos secundários. Esse *modus operandi* do pensamento protestante foi acionado por muitos intelectuais² na construção da base epistemológica do conceito de religião e ainda hoje reverbera em pesquisas que tendem a descrever a religião como um sistema lógico-causal abstrato. Para Meyer, não é de se estranhar que a naturalização do *ethos* protestante e seu constante eco em produções intelectuais atuais produza um certo estranhamento quando o termo *Material Religion* é evocado, como se a combinação de ambas as palavras produzisse um paradoxo. Na visão de Meyer e de outros intelectuais, a materialidade é parte do estudo da religião uma vez que essa “só pode se tornar inteligível a partir de sua encarnação em expressões materiais do mundo”³. A partir dessa perspectiva, é possível indagar como a religião acontece nas materialidades, ao invés de pensar como a religião se expressa materialmente.

² A autora cita Weber, Tylor e James como autores que fizeram o *ethos* protestante reverberar em suas obras.

³ ARWECK e KEENAN *apud* MEYER e HOUTMAN, 2012a, pág. 7.

O posicionamento de Ingold (2012; 2015) possui similitude em relação aos teóricos da materialidade no tocante à crítica da subordinação dos materiais ao pensamento abstrato. Não obstante, Ingold vai mais além através de uma crítica direta ao hilemorfismo aristotélico, visto pelo autor como o responsável pela distinção entre os conceitos de forma e matéria. Esse modelo foi amplamente adotado no Ocidente e em um momento da história, a forma passou a ser subordinada ao pensamento e aos objetivos de um agente capaz de agir sobre a matéria inerte. Para o autor, os estudos atuais sobre arqueologia e as diversas vertentes da cultura material ainda tomam tais pressupostos do hilemorfismo. A proposta de Ingold consiste em derrubar tal modelo, “e substituí-lo por uma ontologia que dê primazia aos processos de formação ao invés do produto final, e aos fluxos e transformações dos materiais ao invés dos estados da matéria”⁴. O autor argumenta que o mundo em que habitamos é composto por coisas e não por objetos. Esses, para ele, são fatos consumados que oferecem para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas. A coisa, no sentido Heideggeriano, não possui o caráter de uma entidade fechada para o exterior,

“que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas”. (INGOLD, Tim. 2012, pág. 29)

Para Ingold (2015) as coisas vazam e se interpenetram porque possuem vida, por isso argumenta que é preciso pensar as propriedades dos materiais, uma vez que estes têm características muito distintas – cores, cheiros, texturas - e essas particularidades que lhes são concernentes estão em constante devir. Não há, portanto, nenhum material que seja uma forma acabada, logo, descrever e analisar o processo de transformação das coisas é uma das propostas de Ingold que esta pesquisa pretende seguir. O autor se coloca de maneira crítica em relação à ideia de materialidade dos objetos, uma vez que os seguidores desta perspectiva se centram de maneira descomedida no consumo, esquecendo-se do processo de produção. Pensar a partir da materialidade, assim como a utilização do conceito de agência, trata-se de uma maneira de conceder capacidade de ação a objetos que estão realmente inertes.

⁴ INGOLD, 2012, p. 26.

Ainda que o conceito de material esteja contra a materialidade - tal como o próprio Ingold argumenta no artigo “Materiais contra a materialidade” -, não pretendo levar tal contraposição às últimas consequências, pois ainda que operem de modo distinto, Ingold e Meyer convergem à medida que propõem o deslocamento analítico para as coisas, sem subordiná-las à obrigatoriedade do pensamento abstrato. Em termos práticos, opto pelo conceito de material/materiais, uma vez que tenho o objetivo de fazer a descrição de suas propriedades. Enquanto Ingold vai além da materialidade, a contribuição de Meyer não parece incompatível, pois a autora reflete acerca da mobilização de determinados tipos de materiais em formas que, de alguma maneira, produzem a sensação da “presença de algo além”:

A "produção suscita questões empíricas muito concretas sobre práticas, materiais e formas específicas empregadas para gerar um sentido de algo divino, fantasmagórico, sublime ou transcendente. Que materiais são utilizados e como são considerados adequados? Através de quais atos uma escultura, um edifício ou qualquer outro objeto se tornam um prenúncio do poder espiritual? Que passos concretos estão envolvidos nos procedimentos de sacralização? Como é o corpo humano envolvido e abordado? Quais registros sensoriais são invocados? Como esses procedimentos são autorizados e controlados e por quais tipos de relações? (...). Admitindo que as práticas e materiais são indispensáveis para a existência da religião no mundo como fenômeno social, cultural e político, é preciso dar-lhes nossa maior atenção teórica e empírica” (MEYER, 2012 pág. 24)

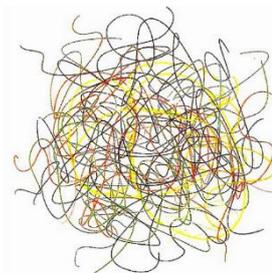
A maneira pela qual Meyer constrói o conceito religião também é de grande importância para esta pesquisa, pois a definição está intimamente relacionada à ideia de mediação:

“Acho útil pensar a religião como uma prática de mediação através da qual uma distância entre o imanente e o que está "além" é posta e mantida em ligação, ainda que de maneira temporária. Vista desse ângulo, a religião pode ser analisada como uma técnica de alcançar - e, da mesma forma, gerar um sentido de - um "outro mundo" através de vários tipos de mídia. Como Robert Orsi colocou evocativamente: "A religião é a prática de tornar o invisível visível, de concretizar a ordem do universo, a natureza da vida humana e o seu destino. Uma vez feito material, o invisível pode ser negociado e tocado [...]. Mas a questão permanece: como isso acontece?" A resposta, como Orsi coloca, estão nas múltiplas mídias acionadas para materializar o sagrado' (2012: 147). A mídia, aqui, não é compreendida no sentido estreito e familiar dos meios de comunicação modernos, mas em um sentido amplo como transmissor.” (MEYER, 2012 pág. 24)

Pensar a religião a partir do conceito de mediação de Meyer consiste, a meu ver, em uma forma de deslocar o olhar da religião enquanto um sistema de sentidos lógico causal para os materiais que são mobilizados e produzidos. A partir dessa perspectiva, e

adicionando a contribuição de Ingold, é possível indagar como as religiões acontecem nos materiais – e não na materialidade – e quais são as propriedades dos materiais mobilizados no processo de mediação.

Analisar a Igreja Messiânica como uma coisa implica, seguindo o pensamento de Ingold, em trazê-la de volta à vida. Nos termos do autor, vida é uma característica que está contida em todas as coisas e sua essência pode ser encontrada na porosidade de suas superfícies. As coisas estão vivas porque elas vazam. A não existência de vida se refere ao processo de objetificação das coisas, o que pode ser observado a partir da criação de invólucros que criam superfícies estanques. Não obstante, um cuidado que se faz necessário ao adotar a perspectiva teórica de Ingold está no risco de transformar a religião ou a própria nomenclatura da instituição em invólucros. Para driblar essa possibilidade, utilizo o termo malha (*meshwork*) para descrever os movimentos de humanos e não humanos no espaço vivido. O ambiente religioso é, portanto, o local onde as linhas se tornam ainda mais emaranhadas, ele transpassa o próprio lugar da Igreja a partir do próprio deslocamento de humanos e não-humanos. E é sobre esse caminhar que essa pesquisa pretende tratar.



A malha messiânica

O primeiro fio da malha a ser seguido é o de Mokichi Okada (1882-1955), fundador da Igreja Messiânica. Para um religioso, esse nome faz alusão à uma etapa específica da trajetória da vida do fundador que se refere a sua existência enquanto um ser humano comum, enquanto Meishu-Sama, nome recorrente entre os messiânicos, diz respeito não somente ao líder religioso, mas também ao próprio caráter divino nele contido. Como passou a utilizar esse nome apenas na década de 1950, conclui-se que a transição de Okada para Meishu-Sama foi uma construção ao longo do tempo. Além disso, a partir do final da década de 1920 até o ano anterior a sua morte, Okada utilizou diferentes pseudônimos, cada qual para uma determinada finalidade, o que permite que se considere sua trajetória de vida como um conjunto de diversos fios entrelaçados. De acordo com o site Jinsai⁵, Okada fez uso dos seguintes pseudônimos:

⁵ <http://jinsai.org/manifestacao.php> - acessado em fevereiro de 2018.

Tabela 1: Os nomes do fundador

Nome	Ano	Finalidade
Akegarassu	1927	Poemas estilo <i>Kanku</i> ⁶
Akemaro	1933	Poemas estilo <i>Waka</i> ⁷
Jikan	1934	Desenhos de <i>Kannon</i> ⁸ e caligrafias
Dai Sensei ⁹	1934	Nome utilizado pelos discípulos Anterior: Sensei
Jinsai	1934	Textos sobre o <i>Johrei</i>
Shin-no-Sei	1948	Textos sobre <i>Agricultura Natural</i>
Meishu-Sama ¹⁰	1950	Autoproclamado e utilizado pelos discípulos. Anterior: Dai Sensei
Messias	1954	Autoproclamado e utilizado pelos discípulos, sem exclusão do anterior.

Diante da dificuldade de se encontrar um nome apropriado, escolhi seguir a designação utilizada pelos messiânicos, sem perder de vista as nuances existentes no processo de transformação de Okada em Meishu-Sama e as demais nomeações que por ele foram criadas ao longo de sua vida.

⁶ Poesia semelhante ao *haikai*. De acordo com o site Jinsai: No *kanku*, tal como no *haikai*, os pés métricos são dezessete, distribuídos em três versos, dos quais o primeiro e o terceiro são pentassílabos, e o segundo, heptassílabo. Trata-se de um jogo de palavras onde só é determinado o primeiro verso, e as pessoas têm de completar os dois seguintes, para competir nas habilidades de agilidade mental e humor.

⁷ Significa, literalmente, poesia japonesa. O termo foi criado durante o período Heian para diferenciar a poesia oriunda do Japão em relação àquelas que vieram da China.

⁸ Maiores detalhes são abordados no capítulo II.

⁹ “Grande Mestre” em japonês.

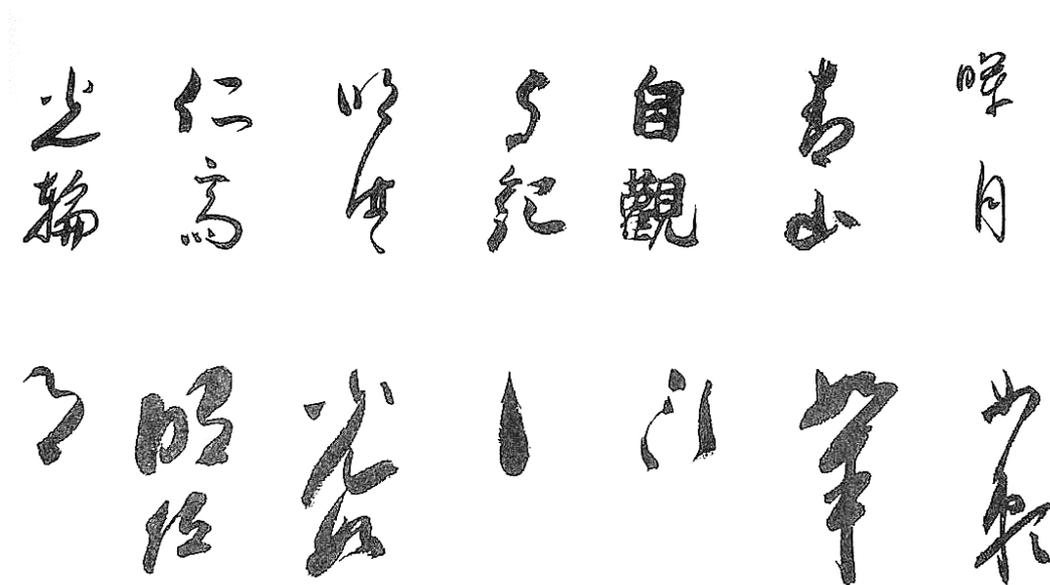
¹⁰ “Senhor da Luz” em japonês.

Mokichi Okada assistiu uma boa parte dos acontecimentos que transformaram o Japão de maneira significativa. Desde seu nascimento em 1882, apenas quatorze anos após a Restauração Meiji, até o ano de sua morte em 1955, Okada presenciou duas guerras mundiais; viveu parte de sua vida durante a Era Meiji; acompanhou com entusiasmo o processo de modernização do Japão e, junto dessa, viu de perto a chegada valores ocidentais; viu o Império do Japão se transformar no atual Estado do Japão, tal como se conhece hoje. Traçar um conjunto de acontecimentos a respeito de sua trajetória é de fundamental importância para compreender a transformação de Mochiki Okada em um fundador de um movimento religioso e, antes disso, no criador de um método terapêutico/religioso.

O período da história anterior a Era Meiji é chamado de Período Tokugawa (1603 - 1868), caracterizado basicamente pela implantação de um sistema de governo ditatorial pelo líder militar Tokugawa Iesu que instaurou o poder shogunal na cidade de Edo. O Imperador permaneceu na capital Kyoto, exercendo funções meramente simbólicas e espirituais, enquanto Ieyasu, e posteriormente seus descendentes, governaram sob o título de *shogun*¹¹. Esses líderes se opuseram tenazmente à entrada de

¹¹ O termo *shogun* (将軍) significa Comandante do Exército, trata-se de um título de distinção militar que era concedido diretamente pelo Imperador.

Imagem 1: Assinaturas do fundador¹²



estrangeiros, pois temiam que a ocidentalização resultasse na perda de símbolos nacionais¹³. O regime dos *shogun* durou até 1868, quando foi iniciada a Era Meiji que deflagrou uma série de transformações sociais e políticas no país:

“Totalmente enfraquecido o regime feudal, o último shogun Tokugawa entregou o poder ao Imperador. Foi no ano de 1868. Sobe ao trono o jovem, mas talentoso Imperador Meiji. Ordena imediatamente a reforma total do império, que é reconhecida como “Reforma Meiji”. (OZAKI, 1985, pág. 27-28).

O reestabelecimento do poder do Imperador Meiji marcou o surgimento do Império Japonês¹⁴ que, nas mãos do monarca, pôs fim ao feudalismo e ao isolamento, trouxe a modernização ao país, e, junto dessa, os valores ocidentais. De acordo com Tomita (2014) uma das medidas tomadas pelo imperador em 1890 foi a implementação

¹² KAUN, 1976.

¹³ De acordo com Pinheiro (2009, pág. 21): “Os portugueses foram os primeiros europeus a se estabelecerem no Japão nos meados do século XVI. Nos anos 1570, Nagasaki abriu-se como o principal porto para o comércio exterior e se tornou o centro para o jesuíta Francisco Xavier converter o Japão ao Cristianismo. Foi através dos holandeses que o Japão tomou conhecimento da Ciência Ocidental.” Apesar de ter se fechado para o Ocidente, os navios holandeses tinham autorização para entrarem no território japonês.

¹⁴ O Império do Japão, fundado em 1868, divide-se em três fases: Era Meiji (1868 – 1912), Era Taisho (1912 – 1926) e Era Showa (1926 – 1989). O Império Japonês durou até o ano de 1947, até a derrota na Segunda Guerra Mundial. Após esse marco, surge o Estado do Japão e a Constituição do Império (1890) foi substituída, o Imperador Hirohito continuou atuando, porém, com poderes restringidos.

do sistema educacional japonês que tornou obrigatório¹⁵ o ingresso na educação básica. Na época da implementação da lei, Okada tinha 8 anos de idade e concluiu os estudos cinco anos mais tarde, aos 13 anos de idade. Anos mais tarde, ingressou na Escola de Belas Artes, mas não pôde dar prosseguimento em decorrência de problemas de visão e, dois anos depois contraiu pleurisia e tuberculose. Os anos seguintes de sua vida foram marcados pelo constante adoecimento e sofrimento de diversas ordens:

“Com o falecimento do pai, Okada, aos 23 anos, recebeu como herança uma quantia que utilizou para abrir uma loja de miudezas, a Korin-do. Seus negócios prosperaram até que ele estabeleceu uma loja atacadista de adornos – a Loja Okada. Nesta época, Okada sofreu uma grave isquemia cerebral, e ao longo de dez anos, contraiu várias enfermidades: crises de hemorroidas, dores de cabeça e estômago, reumatismo, prostração nervosa, uretrite, amigdalite, catarro intestinal, problemas das válvulas cardíacas, periodontite, dores de dentes, entre outras. Aos 24 anos, casou-se com Taka, que conseguiu engravidar pela primeira vez após 8 anos de casamento. Por três vezes, Taka deu à luz crianças que faleceram logo após o nascimento. Devido ao tifo intestinal contraído antes do terceiro parto, Taka acabou falecendo em 1919. Neste mesmo ano, Okada sofreu um duro golpe que o levou à falência e deixou-lhe dívidas que perduraram durante 22 anos.” (TOMITA, 2014, pág. 27-28).

Até os 38 anos de idade, Okada nunca teria rezado e possuía uma visão crítica em relação às religiões: acreditava que a existência de inúmeros templos no Japão poderia ser um entrave para o progresso do país, considerava a adoração de imagens uma prática irracional. As duras experiências narradas no trecho acima foram decisivas para que Okada passasse a considerar que seus sofrimentos eram de origem espiritual. Tornou-se membro da Igreja Omoto em 1920 e a partir de 1926, durante três meses, entrou em estado de transe – ocasião em que recebeu uma série de revelações sobre o passado e o futuro da humanidade, além de previsões mundiais acerca do período pós-guerra. A partir de 1926 começou a praticar o *tinkon*, método terapêutico reestabelecido pela Omoto, que passou por um conjunto de reformulações até se tornar o *Johrei*.

Além dos tranSES de 1926, outro importante acontecimento que marcou o período de afloramento das experiências religiosas de Okada ocorreu alguns anos depois, no dia 15 de junho de 1931, quando escalou o Monte Nokogiri juntamente com uma comitiva de vinte e nove seguidores. Do alto da montanha, entoou uma oração e foi nesse momento que recebeu a revelação acerca da *transição da Era da Noite para a Era do*

¹⁵ Antes do período Meiji, apenas os membros da aristocracia e filhos da classe samurai tinham acesso à educação e a alfabetização.

Dia. Também foi revelado que sua *missão* seria de conduzir e orientar as pessoas a ultrapassar esse momento crítico sem sofrimento. Este episódio, somado aos transe de 1926, foram centrais para a formação de Okada como um líder religioso, sendo que a própria revelação foi um evento importante para a construção do mito de fundação da Igreja Messiânica¹⁶ em momento posterior.

É importante destacar que a figura de Mokichi Okada enquanto um fundador de uma religião não se trata de um acontecimento isolado, do contrário, desde o final do período Tokugawa, passando pela Era Meiji até a chegada do Período Entre Guerras, verifica-se que o Japão estava passando por um momento de efervescência religiosa¹⁷:

“Após a Primeira Guerra Mundial, desenvolvia-se, em Tóquio, um intenso movimento social, mas os movimentos espirituais também estavam sendo bastante ativados. À noite, em determinado lugar do bairro de Kanda, o Exército da Salvação batia seus tambores; em outro, o grupo Budista Saissei tocava corneta. No Templo Rinsho-in, de Yushima, o dirigente Sugawa, do Templo Kentyo-ji, fazia as pregações nas sessões de Zen. Na Igreja do bairro Fujimi, o pastor Massahissa Uemura atraía a atenção estudantes, e sob a liderança do Professor Kanzo Utimura – fundador do movimento cristão japonês Nonchurch Movement – reuniam-se jovens fiéis entusiasmados. No Edifício Central Budista, ouvia-se, todas as noites, um sermão feito por alguém.” (YAMADA, Mumon *apud* RAFFO, 2010, pág. 29)

Essa tendência não foi bem aceita pelo governo japonês que reprimiu tais movimentos religiosos através da prisão de seus líderes, inclusive o próprio Okada foi detido em algumas ocasiões. Desde o início Era Meiji até o final da Segunda Guerra Mundial, o Xintoísmo se tornou a religião oficial do Estado, sendo o imperador o Supremo Pontífice tido como descendente direto de Amaterasu-Omikami ou senão uma espécie de encarnação divina. Foi nesse contexto histórico que houve o surgimento de um sentimento fortemente nacionalista atrelado ao próprio Xintoísmo que, apesar do intenso processo de combinação com o Budismo ao longo dos séculos, passou a ser considerado como um símbolo do Estado, uma vez que se tratava de uma religião endêmica do país. O Budismo, por outro lado, foi tido como uma religião estrangeira e por isso foi duramente perseguido: os bonzos foram expulsos de templos xintoístas e acabaram proibidos de exercer publicamente suas atividades religiosas. Posteriormente após

¹⁶ O processo de formação de um movimento religioso e terapêutico será narrado no capítulo I com maiores detalhes.

¹⁷ Entre as religiões surgidas na época, destacam-se a Omoto (1889); Seicho-no-Ie (1930); Perfect Liberty (1924); Sukyo Mahikari (1959); Soka Gakkai (1930), Tenrikyo e outras que também foram instituídas em períodos relativamente próximos

algumas reações contrárias à opressão, foi permitido que praticassem o Budismo dentro de seus próprios templos. Os movimentos religiosos recém-surgidos na época eram perseguidos em virtude do conteúdo de suas doutrinas serem percebidas como ameaças ao poder do imperador. Foi nesse cenário que Okada viveu e constituiu seu movimento religioso/terapêutico, caracterizado por um longo processo de rupturas e continuidades que são narrados com maiores detalhes no primeiro capítulo desta dissertação.

O segundo fio a ser seguido é o da Igreja Messiânica, cuja chegada ao Brasil ocorreu na década de 1950, quando os primeiros messiânicos japoneses desembarcaram ao país para trabalhar na lavoura. A partir da contribuição prestada por Koichi Mori (1995), Tomita (2014) elaborou uma periodização histórica sobre a entrada das religiões japonesas no Brasil, as quais se dividem em quatro fases descritas abaixo:

- Primeira fase: de 1908 a 1920, época em que os imigrantes estavam majoritariamente voltados para o trabalho agrícola e desejosos de voltar ao Japão. De acordo com Mori, as atividades religiosas foram praticamente inexistentes nesse período;
- Segunda fase: entre as décadas de 1920 a 1930, caracteriza-se por atividades religiosas nas colônias de imigrantes, principalmente no estado de São Paulo, de maneira pouco sistemática e isolada. As colônias não tinham condições financeiras de sustentar sacerdotes;
- Terceira fase: final da década de 1930 até o início dos anos 1950, período marcado pelo nacionalismo de Vargas que adotou medidas restritivas em relação aos imigrantes. Dentre essas, destaca-se a proibição do uso e ensino da língua estrangeira no Brasil bem como a publicação de jornais, além da aglomeração de mais de três imigrantes em um mesmo local. As práticas proibitivas por parte do governo fizeram desse período pouco vantajoso para o desenvolvimento de atividades religiosas. As relações entre Brasil e Japão foram rompidas no ano de 1942 em decorrência da Segunda Guerra Mundial;
- Quarta fase: caracterizada pela intensificação de japoneses para centros urbanos e pela sua gradativa ascensão social a partir do início dos anos 1950. Foi neste período que as religiões japonesas passaram a ganhar adeptos no Brasil.

Igreja Messiânica chegou ao Brasil entre a terceira e a quarta fase, através da jovem Teruko Sato que desembarcou no porto de Belém em 1954 com apenas 18 anos de idade. No ano seguinte chegaram ao país dois ministros japoneses, Nobuhiko Shoda e Minoru Nakahashi, que se instalaram na cidade de Curitiba. Assim como Teruko Sato, ambos os sacerdotes vieram ao Brasil por iniciativa pessoal e não por designação da Sede Geral da Igreja Messiânica do Japão, o que era comum na época em virtude da descentralização das igrejas.

“A década de 1960 foi muito significativa para a Igreja Messiânica Mundial do Brasil. A despeito do aumento do número de membros que ocorria na região sul, a Sede Geral valorizava muito pouco o trabalho de difusão realizado por Shoda e Nakahashi no Brasil. Não eram enviados os recursos financeiros e nem mesmo missionários para a frente de expansão. A autonomia das igrejas da Igreja Messiânica Mundial no Japão da época era muito grande e, portanto, algumas delas enviaram seus missionários ao Brasil de forma isolada” (MATSUOKA, 2004, pág. 47 *apud* TOMITA, 2014, pág. 64).

Foi na década seguinte, mais especificamente no ano de 1962, que a Sede Geral do Japão decidiu enviar um grupo de oito ministros para o Brasil¹⁸. Dentre esses estava o jovem Tetsuo Watanabe o qual foi enviado para a frente de expansão no Rio de Janeiro, onde não havia membros messiânicos. O diferencial de Watanabe foi a divulgação da religião entre brasileiros que não eram descendentes de japoneses, atitude que foi inovadora, pois a princípio a Igreja Messiânica era divulgada apenas entre membros da comunidade nipônica. A Igreja Messiânica adquiriu o registro de pessoa jurídica em 1964 e a partir desse marco, todas as atividades de difusão da religião passaram a ser comandadas pela Sede Geral do Japão. Em 1969, foi inaugurado o prédio da Sede Central da Igreja Messiânica no bairro da Vila Mariana em São Paulo. A década de 1970, de acordo com Tomita, foi marcada pelo início da diversificação das atividades da Igreja:

“Em 1971, foi instituída a Fundação Messiânica, cujo nome foi alterado em 1981 para Fundação Mokiti Okada – M.O.A. com propostas de desenvolver atividades culturais, artísticas e assistenciais. Em 1973, realizou-se a 1ª Exposição de Belas-Artes Brasil-Japão e, em 1974, foi criada a *Escola de Ikebana* estilo *Sanguetsu*. Em 1975, foram adquiridos os terrenos de Guarapiranga e Atibaia, que mais tarde dariam lugar, respectivamente, ao *Solo Sagrado de Guarapiranga* e ao *Polo de Agricultura Natural*” (TOMITA, 2014, pág. 78-79).

¹⁸ Na época, as igrejas do Japão gozavam de autonomia, por esse motivo o envio de missionários acontecia de forma isolada (TOMITA, 2014 pág. 64).

Na cidade de Campinas a difusão da fé messiânica começou em Campinas-SP no ano de 1962 quando o senhor Shigueta Osaka se mudou para a cidade. Anteriormente estabelecido em São Paulo, constatou que não havia nenhum messiânico na cidade, tampouco uma unidade religiosa. Ele morava no bairro Vila Industrial e tinha um bar na rua Carlos Campos, onde decidiu iniciar a prática do *Johrei*. A procura era intensa: diariamente ministrava cerca de cem *Johrei*, para dar conta da demanda, cada *Johrei* durava apenas cinco minutos. Com a procura crescendo na cidade, os ministros Matsumi Fujitani e Assami foram designados para desenvolver as atividades religiosas na região. Em 1967 foi inaugurada a primeira Casa de *Johrei* de Campinas, situada na rua José Paulino. Atualmente, a cidade possui três unidades religiosas nos bairros Jardim Paulicéia, Vila Marieta e Guanabara.

A Igreja Messiânica e suas coisas

O objetivo da Igreja Messiânica Mundial e também dos demais movimentos religiosos que surgiram a partir dos ensinamentos de Meishu-Sama, é a construção do *Paraíso Terrestre*, cuja principal característica é a ausência de sofrimento. Um mundo com tais feições é alcançado quando da *Era do Dia*, nela, a *luz* enviada por Deus se intensifica gradativamente ano após ano, pondo fim ao período de sofrimentos da *Era da Noite*. Para Meishu-Sama, o mundo está vivenciando tal transição e a ele foi designado o papel de salvar a humanidade - inclusive o Ocidente, por isso a adoção do termo “messiânica”¹⁹ na nomenclatura da religião:

“(...) o Supremo Deus não faz discriminação de povos e nem de países. Ele procederá à salvação de toda a humanidade. Chegamos a uma época muito gratificante; portanto, precisamos ter um nome adequado. O nome “Kyssei” (salvação do mundo) é o mais apropriado, mas, por ser uma denominação japonesa, é muito oriental; logo, não faz sentido. Por isso, escolhi a expressão “Messias”. Assim, juntando-se o Oriente e o Ocidente, torna-se mundial. A palavra “Messias” relaciona-se especialmente a Cristo, portanto, é uma ótima denominação, por ser de apreço dos povos civilizados. Messias e *Juízo Final*, segundo ouvi dizer, têm uma relação íntima e inseparável. Como *Juízo Final* tem o mesmo sentido que *Fim da Era da Noite* e o *Início da Era do Dia*, que constantemente pregamos, o fato reveste-se de profundo significado.” (TIJO TENGOKU, nº 14 março de 1950 apud TOMITA, 2014, pág. 40-41)

¹⁹ O nome “messiânica” foi utilizado somente a partir da década de 1950. Os detalhes sobre o processo de construção da Igreja são narrados com maior aprofundamento no capítulo I.

O *Paraíso Terrestre*²⁰ messiânico como ausência de sofrimentos pode ser comparado ao *nirvana* do Budismo, porém, é algo a ser vivenciado coletivamente, ao passo que o segundo se trata de uma busca individual. De acordo com os ensinamentos da religião, os grandes sofrimentos que atingem os seres humanos são a miséria, a doença e o conflito, sendo que os mesmos também foram vivenciados por Okada em fase anterior a efervescência religiosa e, por conseguinte, foram a própria porta de entrada para essa experiência. Visando a eliminação do sofrimento humano, o fundador elaborou, em diferentes fases de sua vida, três métodos de salvação que atualmente são conhecidos como *Colunas de Salvação*. A *Primeira Coluna da Salvação* diz respeito à prática e o constante recebimento da *luz de Deus* através do *Johrei*; a *Segunda Coluna* se refere a *Agricultura Natural*, que consiste na ingestão e cultivo de alimentos produzidos livres de agrotóxicos; a *Terceira*, o *Belo*, consiste no hábito de apreciar obras de arte como forma de se obter elevação espiritual.

As *Colunas de Salvação* demonstram a abrangência da doutrina da religião, uma vez que estabelecem fundamentos espirituais a respeito de um método de manejo e também propõem um ideal estético. Apesar de os pares religião/arte e religião/alimentação estarem presentes em diversas tradições religiosas e em distintos momentos históricos, os movimentos religiosos que foram fundados por Meishu-Sama ou por seus discípulos atribuem um viés salvacionista à agricultura e a arte. Nesse sentido, enquanto muitas religiões estabelecem tabus e restrições alimentares, a perspectiva messiânica se difere das demais uma vez que não se pauta na ideia de que determinadas espécies de alimentos não podem ser ingeridas porque trazem malefícios pela própria essência de sua natureza, mas que podem fazer mal em virtude de terem sido produzidos

²⁰ Foi com base na ideia de *Paraíso Terrestre* que Meishu-Sama construiu, ao longo de sua vida espiritual, protótipos do paraíso denominados de Solo Sagrado. No Japão, há três Solo Sagrados, cada qual adquirido e construído em momentos diferentes, localizados nas cidades de Hakone, Atami e Kyoto. O primeiro terreno que foi adquirido na cidade de Hakone, com área de 76 mil metros quadrados, cuja construção foi iniciada em 1944. O segundo protótipo que foi construído fora na cidade de Atami no ano de 1946 e com 176 mil metros quadrados e possui o maior museu particular do Japão. O último Solo Sagrado japonês está localizado em Kyoto, foi adquirido na década de 1950, porém, as construções só foram iniciadas cinquenta anos após sua aquisição. No Brasil, há o Solo Sagrado de Guarapiranga, localizado às margens da Represa de Guarapiranga – capital paulista, e que possui uma área de 327.500 metros quadrados e que fora inaugurado em 1995, após quatro anos de construção. Em 1996 foi inaugurado o Solo Sagrado da Tailândia na cidade de Saraburi em uma área de 160 hectares, havendo inclusive uma escola de Agricultura Natural. Em Angola, o governo cedeu uma área de cerca de 1.770.000 metros quadrados onde será construído o Solo Sagrado e também uma escola de Agricultura Natural. Mais informações em: <http://www.messianica.org.br/solos-sagrados> - acesso em fevereiro de 2018.

a partir de um manejo inadequado – é nesse sentido que parte dos ensinamentos fazem reflexões acerca da maneira correta de se realizar o cultivo. Nessa perspectiva, a agricultura e a arte são elaboradas a partir de motivações religiosas e, além disso, a presença de ambas na doutrina da religião demonstra a intenção de Meishu-Sama de criar um movimento religioso capaz de abarcar todas as esferas da vida humana:

“Conforme venho esclarecendo, a nossa Igreja é uma religião que abarca todos os campos da atividade humana e que poderia ser denominada Empresa Construtora do Novo Mundo. Entretanto, como isso pareceria fachada de alguma construtora civil, o jeito é chamá-la, por enquanto, Igreja Messiânica Mundial. O objetivo dessa organização religiosa é o progresso e desenvolvimento da civilização conciliando a ciência material e a ciência espiritual.” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 1991, p.19)

Diante do fato de não ter criado a *Empresa Construtora do Novo Mundo*, Meishu-Sama decidiu cunhar o termo *Ultrarreligião (choshukyo)* para se referir à Igreja Messiânica:

“Se fizerem uma profunda análise da Igreja Messiânica Mundial, compreenderão que ela não é de caráter popular como teórico. Podemos dizer mesmo que é uma Ultrarreligião, inédita para a humanidade. E não é só isso. O que defendemos não se restringe apenas à Religião. Nosso objetivo é dar a mais alta diretriz ao campo da Medicina, da Agricultura, da Arte, da Educação, da Economia, da Política, enfim, a tudo quanto diz respeito ao homem. Em suma: queremos colocar a teoria em prática, de maneira que a Fé seja vivida em nosso dia-a-dia.” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 1991 p. 181 *apud* TOMITA, 2014, p. 211)

Conforme lembra Tomita (2014), a ideia de *Ultrarreligião* não se trata do excesso de religião – impressão que pode ser causada pelo uso do termo “ultra” e pela dificuldade de tradução dos termos japoneses para o português. Segundo a autora, a ideia pode ser conceituada como “religião que transcende a religião e por isso é capaz de criar uma nova cultura através da reforma do ser humano e do mundo”. A abrangência da Messiânica em campos de atuação que vão além da religião, a exemplo da agricultura, é uma forma de atuação no mundo que é justificada pela ideia de *Ultrarreligião*. Uma das apostas desta pesquisa foi de analisar o caráter *ultrarreligioso* da instituição, o que pode ser observado de modo mais direto no capítulo II.

A estrutura inicialmente elaborada para esta dissertação, cuja proposta foi apresentada no exame de qualificação, destinava um capítulo para cada uma *das Colunas de Salvação*, as quais seriam descritas e analisadas a partir de um ou mais materiais. A

escolha dessa abordagem se justifica pela variedade de coisas que são produzidas pela religião e pela importância que desempenham no cotidiano do adepto. Assim, a exemplo do *Johrei*, para ministrá-lo não é necessário apenas o corpo, mas a utilização do *Ohikari* no momento da aplicação; para se compreender a essência religiosa e a capacidade de salvação da *Agricultura Natural*, é importante que o messiânico cultive uma horta – mesmo que um pequeno vaso; e, por fim, para entender a importância da arte, o religioso aprende a apreciar as *Ikebana*s e é ainda mais desejável que desperte o desejo de aprender e praticar a técnica do arranjo floral. Além desses objetos, percebidos como aqueles que exercem um certo protagonismo no interior das *Colunas de Salvação* em que se inserem, há uma gama de coisas que são produzidas e que circulam nos mais diversos ambientes religiosos: imagens religiosas; objetos litúrgicos; livros (religiosos, autoajuda, receitas, alimentação); vasos e outros acessórios relacionados à prática da *Ikebana*; frangos orgânicos; sementes; mudas de planta; flores, entre outros.

Um conjunto tão diversificado de coisas demonstra a importância de se trazer o tema para o âmbito dos estudos sobre a interface entre a religião e seus materiais, perspectiva que para Meyer toma a materialidade como parte constitutiva da própria religião. Trata-se de lançar um olhar analítico para as coisas produzidas pela Igreja Messiânica e seus adeptos a fim de compreender o que esses materiais têm a dizer acerca daqueles que os produziram e também alcançar algum entendimento sobre como a religião acontece nos materiais e como esses são acionados durante a mediação religiosa. Essa aposta metodológica pretende compreender o processo de produção e circulação das coisas pela malha, bem como alcançar entendimento sobre as origens históricas de determinadas práticas religiosas encontradas no cotidiano dos religiosos. É importante destacar que tal perspectiva teórico-metodológica foi pouco experimentada no âmbito da antropologia da religião e ainda não há estudos que tenham abordado a Igreja Messiânica sob tal viés.

Seguindo o referencial teórico-metodológico, o capítulo II aborda a *Agricultura Natural* e, para analisá-lo, um dos pontos de partida foi uma alface; movimento semelhante também foi realizado no capítulo III, cuja análise se inicia através de um arranjo de *Ikebana*. O capítulo I, que seria destinado à prática do *Johrei*, acabou ganhando outros contornos à medida que foi escrito e o produto final foi uma análise sobre a caligrafia e os desenhos do fundador. No entanto, ainda que tenha tomado outros

rumos, parte das reflexões suscitadas ainda servem de base para pensar o *Johrei*, uma vez que nesse ritual gestual existe a obrigatoriedade de se portar o *Ohikari*, medalha religiosa utilizada por Fernanda que abriga uma pequena réplica da caligrafia do fundador.

Um ganho proporcionado pela perspectiva teórica desta pesquisa foi a possibilidade de abordar outros planos da religião e não somente o *Johrei*. A mudança de perspectiva não se refere ao esgotamento do problema de investigação, mas na própria necessidade de ir além de debates clássicos da antropologia da religião, cujos temas se alicerçam nos conceitos de magia, ritual, eficácia, performance – entre outros. Esses e outros referenciais foram mobilizados durante a iniciação científica e na primeira²¹ fase desta pesquisa de mestrado com o propósito de compreender o esquema geral do que chamei de terapia messiânica.

A orientação dada pela ministra Emília sobre o recebimento de *Johrei* por trinta dias consecutivos somada a leitura de ensinamentos pode ser considerada uma terapia religiosa, pois uma vez concluído o processo, espera-se o surgimento de resultados benéficos. As orientações de viés terapêutico variam conforme a gravidade da situação e o tipo sofrimento vivenciado por aquele que a procura. A exemplo de uma situação genérica de uma pessoa que chegou à Igreja pela primeira vez vivenciando graves problemas de conflitos familiares. Primeiramente o ministro²² responsável ouve os desabaços do recém-chegado. Em seguida, ele recomenda o recebimento do *Johrei* por um determinado período, dificilmente inferior a duas semanas. Nesse ínterim, o recém-chegado passa a receber *Johrei* dos messiânicos²³ na própria Igreja, e assim é integrado processualmente à comunidade religiosa. O ministro agenda uma conversa para a semana seguinte a fim de verificar o andamento do processo e principalmente se houve alguma mudança. Como a principal causa dos sofrimentos são os conflitos familiares, o ministro explica ao frequentador²⁴ sobre a importância de mudar de sentimento em relação ao outro com quem o conflito foi contraído.

“A primeira coisa que eu faço, eu converso um pouquinho, mas eu direciono ela [a pessoa] pra receber Johrei. Depois que tá recebendo Johrei eu começo

²¹ Chamo de primeira fase o período de continuidade entre a iniciação científica e o mestrado e que se estendeu até maio de 2016.

²² O acompanhamento também é realizado por messiânicos, a Igreja tem oferecido cursos de formação a fim de que os missionários aprendam a acompanhar e a cuidar de pessoas de modo que se tornem mais capacitadas ao *encaminhamento* de novos adeptos.

²³ É importante destacar que o *Johrei* ministrado pelo sacerdote e os leigos é o mesmo, apesar da diferenciação hierárquica.

²⁴ Nome dado àqueles que não são messiânicos e que estão conhecendo a religião.

a conduzir, apoiá-la pra que ela mude seu pensamento, seu sentimento em relação as coisas, em relação as pessoas, mas se eu falar antes de receber Johrei, não vai adiantar muito.” (Um ministro, entrevista – 13/02/2014)

Aproximando o discurso do ministro ao exemplo proposto, o recém-chegado dificilmente será convencido a mudar caso não receba *Johrei*, pois a canalização tem a capacidade de agir no espírito do receptor, tornando-o menos propenso ao conflito e mais disposto a aceitar a orientação do sacerdote. Argumentos que ressaltam a relação entre os laços de parentesco e *karmas* espirituais são acionados a fim de convencer o frequentador de tal mudança. Juntamente com esses, o ministro explica sobre a importância de praticar a gratidão pela vida do outro e deixa claro ao frequentador que é ele quem deve mudar seus sentimentos e não o outro, pois de acordo com essa lógica, é quem busca a orientação espiritual que passa a ter a responsabilidade de tornar o relacionamento harmônico. Junto da mudança de sentimento, o ministro também orienta a prática de *pequenas ações altruístas* que consiste em um conjunto de atitudes que podem ser tomadas pelo bem-estar do outro e que têm o potencial de gerar grandes mudanças positivas nos relacionamentos.

Em se tratando de sofrimentos de outras espécies, em geral, o mesmo “tratamento” é aplicado, porém, é possível encontrar especificidades. Caso uma pessoa esteja enferma, o sacerdote orienta que o *Johrei* seja recebido com maior intensidade e ensina a importância de agradecer em qualquer circunstância, pois nessa perspectiva a doença é um mecanismo natural de eliminação das máculas e toxinas presentes nos corpos espiritual e material, processo que recebe o nome de *purificação*. Situação de dívidas financeiras existem pela falta de gratidão monetária a Deus, o ministro então orienta ao frequentador ou ao messiânico que passe a fazê-la diariamente através de pequenas quantidades de moeda e mensalmente quando do recebimento do salário. Orientações que tocam no ponto vital do problema e que exigem transformações radicais no modo de pensar do recém-chegado ou que envolvem contribuições financeiras não são dadas de imediato, é preciso que se sinta acolhido pela comunidade religiosa e à medida que o ministro o conhece, tais ensinamentos e orientações são inseridas processualmente.

Conforme recebe acompanhamento religioso-terapêutico, se surgirem melhoras na vida do frequentador, essas serão tidas como consequências da própria ação do *Johrei* e da mudança de postura após conhecer a Igreja e os ensinamentos de Meishu-

Sama. Sentindo-se grato, é esperado que o frequentador queira receber o *Ohikari* para ministrar *Johrei* em outras pessoas a fim de retribuir a dádiva, dando continuidade ao ciclo²⁵. Através da análise do caso, é possível concluir que o ato decisório de um indivíduo de se tornar membro da religião envolve obrigatoriamente a sua adesão à uma terapia-religiosa na qual é esperada o surgimento de mudanças, dessa forma, dificilmente há pessoas que tenham se tornado messiânicas sem terem tomado parte desse processo. Por meio da análise etnográfica da prática do *Johrei* no cotidiano da Igreja Messiânica, nota-se que essa a experiência é caracterizada pela baixa recorrência de fenômenos de efervescência, transe ou possessão os quais não são endossados pela religião.

De acordo com Matsuoka (2007), apesar da frequente associação entre *Johrei* e milagres, relação essa que pode ser encontrada nos ensinamentos e no discurso de muitos messiânicos, não se pode perder de vista um importante aspecto subjacente: o autocultivo (*self cultivation*). O Xintoísmo, crença nativa do Japão, recebeu influências da China a partir do século V e VI quando o Taoísmo, Confucionismo e o Budismo foram difundidos no país e gradativamente se generalizaram a ponto de terem constituído uma moral cotidiana. Segundo Tomita (2009), dentre as heranças do Confucionismo²⁶ destaca-se a noção de autocultivo (*shuuyou* no japonês) e que tem como significado o esforço para elevação pessoal:

“Em suas origens, o termo *shuuyou* indicava o cuidado com a saúde ensinado pelos taoístas, mas em termos gerais diz-se da energia dispendida na “modelagem do caráter humano” “esforço no Caminho” e “acúmulo de virtudes” Atualmente, no Japão o termo *shuuyou* caiu em desuso e restringe-se a nome de associações educacionais e/ou religiosas. Em casos raros, aparece em expressões como “esforço espiritual” ou indicando algo como “disciplina da mente”. Porém, até o fim da 2ª Guerra Mundial, o termo *shuuyou* era amplamente utilizado no cotidiano.” (TOMITA, 2009, p. 164-165)

A autora menciona Ekiken Kaibara (1630-1714), intelectual confucionista que viveu no Japão durante o período Edo e foi o primeiro a abordar a noção de *shuuyou*

²⁵ O exemplo utilizado é de caráter genérico, cujo desfecho segue conforme o esperado pela comunidade religiosa. Quando uma pessoa recebe uma graça e ela não se mostra disposta a receber o *Ohikari* e deixa de frequentar a Igreja logo em seguida, os messiânicos que estiveram mais próximos se sentem frustrados, mas logo encontram explicações para isso não ter ocorrido naquele momento: “ainda não chegou a hora”, “a semente de Meishu-Sama está plantada no coração, é preciso esperar”, “o aprimoramento espiritual é também de quem acompanhou, pois nem tudo é do jeito que queremos”, “nem todas as pessoas têm permissão de dedicar na Obra Divina” – nome esse dado ao projeto de Meishu-Sama de salvar o mundo, transformando-o no Paraíso Terrestre. Há frequentadores que se queixaram das pressões de alguns membros da comunidade e por isso pararam de frequentar a Igreja.

²⁶ Herança que não se estende apenas ao Confucionismo, mas que também é oriunda do pensamento Taoista.

em suas obras sobre educação. Segundo o autor, o mundo é composto pelo Céu, Terra e sendo os seres humanos os seus filhos. O *Caminho* do ser humano, no sentido Confucionista, consiste em viver em conformidade com as leis estabelecidas pela Terra e Céu. De modo concreto, o *Caminho* consiste em viver de acordo com cinco virtudes: 1) humanidade ou benevolência (仁); justiça (義); decoro e cortesia (禮/礼); sabedoria (智) e fé (信) e também inclui cinco tipos de relações que devem ser respeitadas: 1) senhor e servo; 2) pai e filho; 3) mais velho e mais jovem; 4) homem e mulher; 5) amigo e amigo. Os valores sistematizados por Kaibara foram amplamente absorvidos pela classe guerreira e pelo povo entre o final do século XVIII e meados do XIX, assim, a partir do final do período Edo e ao longo do período Meiji, o termo *shuuyou* cresceu entre as camadas populares com vistas à busca pelo *Caminho* do ser humano²⁷. Segundo a autora, Meishu-Sama utilizou a ideia de *shuuyou* para se referir ao esforço para formar homens perfeitos, porém, destaca que o termo foi utilizado com pouca recorrência pelo fundador. Para Matsuoka (2007), é possível encontrar reverberações do autocultivo em parte dos ensinamentos do fundador publicados na coletânea *Alicerce do Paraíso* (1991):

“Quem tem missão importante, é submetido por Deus a muitos aprimoramentos. Creio que ter que reprimir a raiva é uma das maiores provas. Se conseguirem resistir a todo tipo de provocação, mantendo calma absoluta, terão concluído uma etapa do seu aprimoramento”. (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 1991, p. 432)

Não obstante, o autor considera o autocultivo uma experiência distante dos adeptos brasileiros da Igreja Messiânica em decorrência de este não estar presente no imaginário religioso socialmente compartilhado. Para Tomita (2009), Matsuoka (2007) não esclarece o porquê de se considerar o *Johrei* como um método de autocultivo, pois a prática em si não parece ser o único meio de aperfeiçoamento pessoal dos messiânicos, por conseguinte, sem a combinação do *Johrei* com outras práticas religiosas não se pode falar de um autocultivo no sentido estritamente messiânico.

“Penso que o conceito de autocultivo no sentido messiânico carece ser melhor compreendido e não somente restringido ao âmbito do *Johrei* como em Matsuoka ou à ideia de esforço em busca da perfeição. Sobretudo, nos últimos tempos, desde que o Quarto Líder Espiritual assumiu o Trono de *Kyoshu*²⁸ e

²⁷ TOMITA, 2009, p. 164.

²⁸ De acordo com os sites institucionais da Igreja Messiânica, a palavra *Kyoshu* significa “dono, senhor do ensinamento”. Assim, aquele que ocupa o *Trono de Kyoshu*, chamado de *Kyoshu-Sama*, além de ser o

vem proferindo diversas orientações afins ao tema. Tais orientações reinterpretadas pelo presidente mundial, Tetsuo Watanabe, vem constituindo a base da chamada prática do *sonen* que me parece, em alguns aspectos, semelhante à ideia de autocultivo a que Matsuoka se refere.” (TOMITA, 2009, p. 168)

Apesar da tentativa de aproximar a *Prática do Sonen*²⁹ à ideia de cultivo de Matsuoka, Tomita também não esclarece os argumentos que a levaram a fazer tal consideração. Esta pesquisa pretende contribuir para a construção de uma análise do autocultivo messiânico, e, tal como será apresentado ao longo dos capítulos subsequentes, não é apenas no *Johrei* que esse pode ser encontrado, mas também em outras atividades que fazem parte do cotidiano religioso de muitos adeptos: na horta caseira e na vivificação floral. Assim, à medida que essas e outras práticas messiânicas são submetidas a análise, juntamente com os materiais que são demandados pelas mesmas, é possível encontrar ecos de ontologias que formam as bases do pensamento religioso japonês: o Taoísmo, o Confucionismo, o Budismo e o Xintoísmo, e é sobre essas reverberações que essa pesquisa pretende pensar.

O Tao, o Do (道) e outros caminhos

Explicações gerais sobre o Taoísmo, o Confucionismo e o Budismo e suas respectivas influências na formação do pensamento japonês é um tema vasto que não caberia em notas de rodapé e tampouco estarão próximos de serem esgotados ao término dessa seção. Porém, sistematizá-los é essencial para que se compreenda os ecos desses pensamentos na construção do autocultivo messiânico. A começar com a origem, o Taoísmo e o Confucionismo são originários da China, o Budismo, apesar de origem

supremo orientador, tem a missão de ser o elo entre Meishu-Sama e os membros messiânicos. Em outras palavras, trata-se do líder espiritual da instituição. Fonte: http://johreiafrica.com/?page_id=11029 – Acessado em fevereiro de 2018.

²⁹ O termo foi introduzido em maio de 2006 e era anteriormente traduzido como Prática do Pensamento. Porém, não há uma tradução direta em português para a palavra “sonen” e como possui um significado muito mais amplo, pode ser entendida como uma combinação entre os seguintes sentidos: razão, sentimento e vontade – termos esses que são mobilizados para explicar o significado de tal prática. Por fim, a Prática do Sonen pode ser entoada em voz alta ou em pensamento e nela se reconhece que todos os seres humanos possuem a *Partícula Divina* e em um segundo momento, reconhece-se que os antepassados podem manifestar seus sentimentos – inclusive sofrimentos – em seus descendentes, portanto, cabem aos últimos através da própria mentalização contida na Prática do *Sonen*, encaminhá-los para que sejam purificados e salvos. É importante destacar que o *Sonen* faz parte do cotidiano dos fiéis, sendo ensinado também aos frequentadores a fim de que esses aprendam mais uma ferramenta religiosa eficaz em relação à libertação dos sofrimentos.

indiana, ao chegar a China ganhou contornos próprios e desenvolveu formas especificamente chinesas, vertente essa conhecida como Chan. Séculos mais tarde, como o Budismo que chegou ao Japão era de origem chinesa, a vertente Chan passou a ser chamada posteriormente de Zen³⁰, descrita como “o casamento entre o Budismo e o Taoísmo”³¹ – processo que será descrito mais adiante.

Segundo a tradição chinesa, o Taoísmo surgiu com Lao Tse o qual teria nascido em 604 a.C. Segundo Cordeiro (2009), os historiadores não têm certeza se o mesmo de fato existiu. As histórias sobre sua vida são bem variadas e não se sabe ao certo seu verdadeiro nome, pois Lao Tse pode ser traduzido como “velho amigo” ou “velho mestre” e se constitui como um título de respeito e não como um nome próprio. O Taoísmo baseia-se no livro *Tao Te Ching*, traduzido como O Livro do Tao e do Te ou *O livro do Caminho e da Virtude*. Trata-se de uma obra pequena, com cerca de 5.000 caracteres, divididos em 81 capítulos, cuja autoria é atribuída ao próprio Lao Tse. A obra versa sobre *Tao* que pode ser traduzido literalmente como *Caminho*. De acordo com Huston Smith (1991)³², no Taoísmo o *Caminho* possui três sentidos distintos e complementares:

“Primeiro, o *Tao* é o “caminho da realidade última”, isto é, a verdadeira base da qual todas as coisas jorram, o qual não pode ser apreendido pelo intelecto. Conforme anuncia o *Tao Te Ching* na sua linha de abertura, as palavras não estão à altura dele: “O caminho que pode ser expresso não é o *Caminho* constante” (Lao Tse, 1998, p. 19). Esse *Tao* inefável e transcendente está acima de todas as coisas, por trás de todas as coisas, debaixo de todas as coisas. Ele é o “útero” do qual brota toda a vida e para o qual toda a vida retorna. Conquanto seja, em última análise, transcendente, o *Tao* também é imanente. Nesse segundo sentido, ele é o “caminho do universo”, a norma, o poder propulsor de toda a natureza, o princípio ordenador de toda a vida. Basicamente espírito em vez de matéria, ele não se exaure; quanto mais utilizado, mais ele flui, pois é a *fonte inesgotável*, o *espírito do universo*. No seu terceiro sentido, o *Tao* refere-se ao *caminho da vida humana*, quando ela se harmoniza com o *Tao* do universo ao qual acabo de me referir.” (CORDEIRO, 2009, p. 5-6)

A partir de Oldstone-Moore (2010), o *Caminho da vida humana* consiste em não agir contrariamente à natureza e encontrar o próprio lugar na ordem natural das coisas. Trata-se de uma abordagem que busca sintonizar-se com a natureza, ao invés de

³⁰ Conforme demonstrou Pereira (2011), o Budismo no Japão é exclusivamente *zen*. Outras vertentes também se desenvolveram e serão descritas no capítulo I.

³¹ OLDSTONE-MOORE, 2010, p. 88.

³² *Apud* Cordeiro, 2009, p. 5-6.

tentar dominá-la e conquistá-la, tal como fazem os ocidentais, conforme lembra Cordeiro (2009). Foi através da busca pela imortalidade contida nos ensinamentos Taoístas que foram feitos avanços na medicina chinesa; o esforço de alinhar a vida humana à energia cósmica também deriva do pensamento Taoísta através do *feng-shui*. Outro elemento Taoísta é o *yin-yang* que representa a polaridade a partir da qual surgiu o universo e que está presente em todas as coisas que o compõem: bem/mal, masculino/feminino, positivo/negativo, claro/escuro, entre outros. As polaridades, segundo Cordeiro, não são opostas no sentido de serem excludentes, do contrário, são complementares e interdependentes.

Aplicando o raciocínio do *yin-yang*, o polo oposto e complementar ao Taoísmo no pensamento chinês é o Confucionismo, nome dado em alusão ao próprio Confúcio, cujo nascimento data de aproximadamente 550 a.C. As influências do Confucionismo marcaram toda a Ásia Oriental, sendo que na China essa vertente de pensamento fez parte da constituição do estado até 1949, quando Mao Tse-Tung assumiu o poder. O Confucionismo foi uma espécie de religião estatal praticada pela elite chinesa, sendo o próprio termo utilizado para designar um conjunto de ideias filosóficas e políticas que formavam os pilares do governo e da burocracia imperial e que também passou a permear as camadas populares da população chinesa. De acordo com Cordeiro:

“A ênfase principal da doutrina de Confúcio está justamente na importância ética dos relacionamentos humanos. Seu interesse pelas questões sociológicas reais, como o papel do indivíduo na sociedade e as regras corretas de conduta, era maior do que seu interesse por questões religiosas e metafísicas.” (CORDEIRO, 2009, p. 8).

De acordo com a autora, o Confucionismo também possui o conceito *Tao*, porém a sua expressão é diferente em relação ao Taoísmo. No primeiro, a ideia de *Tao* é percebida como a harmonia, presente em todo o universo. O indivíduo deve, portanto, alcançá-la a partir de sua consciência e é a tradição que desempenha papel fundamental para que se alcance tal estado de harmonia, pois é ela que ensina as regras e o lugar do indivíduo na sociedade. No esquema Confucionista, o ser humano bom é aquele que está sempre tentando se tornar melhor e não deve tentar se aperfeiçoar sozinho, do contrário, é necessário que o faça a partir da relação com o outro:

“Um confucionista inclinado ao cultivo de si mesmo se posiciona no centro exato de um emaranhado de relações humanas (teias que se cruzam e entrecruzam, se transformam e nunca terminam), e não deseja que as coisas

sejam de outra maneira; a santidade no isolamento não faz sentido para Confúcio. A questão não é apenas que as relações humanas sejam gratificantes; a ideia Confucionista vai bem mais fundo. O fato é que, fora das relações humanas, não existe o eu. O “eu” é um centro de relacionamentos. Ele se constrói por meio de suas interações com os outros e é definido pelo somatório de seus papéis sociais” (SMITH, 1991, p. 178 *apud* CORDEIRO, 2009, p. 7).

Procedendo de modo comparativo, Confúcio desejava educar o ser humano por meio do conhecimento, já Lao Tse preferia que as pessoas permanecessem simples e ingênuas, pois, segundo ele, “o excesso de conhecimento conduz ao esgotamento”³³. Confúcio ansiava por regras e sistemas fixos na política, Lao Tse acreditava que o ser humano deveria interferir o mínimo possível no desenrolar natural dos fatos. Assim como Confúcio, Lao Tse também concebia o *Tao* como a harmonia do mundo, porém, essa não estava alicerçada na tradição, mas especialmente no mundo natural. Para Lao Tse, o *Tao* é impossível de ser descrito racionalmente ou de ser apreendido por meio do intelecto, pode ser alcançado através da meditação profunda, quando todos os pensamentos são esquecidos³⁴. É importante citar que a oposição entre ambos os pensamentos parece ser recorrente na literatura, além da bibliografia mobilizada por Cordeiro, a autora sustenta que o Taoísmo corresponde a uma vertente romântica do pensamento chinês enquanto o Confucionismo seria o aspecto clássico do mesmo. Suzuki (1973) também cria tal oposição em partes de seu argumento ao considerar que o positivismo do pensamento chinês é oriundo do Confucionismo, enquanto o misticismo seria uma contribuição propriamente Taoísta. Esta breve introdução não tem o propósito de tencionar os limites dessa relação de oposição e complementariedade entre ambos os pensamentos, a menção a esse fato é feita com o objetivo de demonstrar que se trata de um argumento que se repete em alguns autores.

Quando o Budismo foi introduzido na China, fato que ocorreu em por volta do ano 64 d.C., o pensamento chinês da época era formado por uma amálgama entre o Confucionismo e o Taoísmo. O Budismo ganhou espaço à medida que as *sutras* foram traduzidas para o idioma local. Nas primeiras traduções havia ainda uma certa dificuldade de tornar os textos compreensíveis e atrativos para a mentalidade chinesa, a qual estava acostumada aos ensinamentos de Confúcio e Lao Tse. No século II, a sutra *Prajna*

³³ LAO TSE, 1998, p. 27 *apud* CORDEIRO 2009, p. 10.

³⁴ CORDEIRO, 2009, p. 10.

*Paramita*³⁵ foi traduzida por Lokaraksa, e atraiu a atenção de pensadores chineses da época. Em 401, Kumarajiva traduziu uma grande quantidade de *sutras* da vertente Mahayana³⁶ e apesar de não ter sido um exímio tradutor, seus discípulos chineses - Taoístas de origem - adaptaram parte dos ensinamentos aos pensamentos correntes da época.

O Budismo Chan na China, denominado de Zen Budismo no Japão no século XII, foi originado por Bodidarma (470-543) que abdicou de sua origem nobre para se tornar monge. Há muita imprecisão a respeito do ano de chegada de Bodidarma à China, em virtude da falta de material biográfico e da discrepância entre as fontes. Os ensinamentos de Bodidarma asseveram que a meditação é o caminho para se alcançar a iluminação, e não os rituais ou os textos sagrados. Isso gerou animosidades com o imperador chinês da época, Liang Wu Ti, e por isso Bodidarma decidiu fixar sua residência em um território ao norte, no templo Shaolin³⁷. Ao chegar ao local, reza a lenda que Bodidarma constatou o estado de decrepitude dos monges e concluiu que isso se justificava em decorrência da falta de atividades físicas. Os exercícios preparados por Bodidarma eram baseados na arte marcial indiana do *vajramushti* e no antigo *kung fu* chinês e eram acompanhados de métodos de respiração profunda e ioga. Enquanto ensinava as técnicas aos monges, Bodidarma também os instruía acerca da importância de se praticar a meditação. É possível conjecturar que foi através do método de Bodidarma que surgiu a escola de Budismo Chan/Zen que uniu a meditação às técnicas corporais³⁸.

A presença do Taoísmo no pensamento Chan/Zen Budista é lembrada por Suzuki (1973), e pode ser verificada através de um provérbio chinês de um mestre da

³⁵ Conhecida em português como *Sutra do Coração*, citada na epígrafe.

³⁶ O Budismo possui três grandes vertentes: Theravada, Mahayana e Vajrayana. A tradição Theravada é a mais antiga entre as três, cujo nome significa “doutrina dos anciãos”, trata-se da linhagem tida como ortodoxa, uma vez que se propõe a preservar os ensinamentos e práticas originais semelhantes a época de Buda – está presente no Sri Lanka, Camboja, Laos, Mianmar, Tailândia. O termo Mahayana se refere a “Grande Sangha”, uma vez que os praticantes eram, na época, maioria em relação aos Theravada. Essa vertente se espalhou para a China (Chan), Japão (Zen), Coreia, Taiwan, Vietnã, Índia. Nessa tradição, há maior ênfase em bodisatvas, os quais podem ser acionados para ajudar em momentos de sofrimentos. Para os Theravada apenas Buda é capaz de livrar os seres sencientes do sofrimento. A vertente Vajrayana surgiu na Índia durante os séculos VI e VII e pode ser considerada uma extensão do budismo Mahayana à medida que compartilha o mesmo conjunto de Sutras, porém, com a adição de Tantras Hindus. Está presente no Tibete, Mongólia, Jammu, Caxemira, Nepal, Butão.

³⁷ Na época, o império chinês ainda não havia passado por unificação, era dividido em seis dinastias e havia a presença conflitos. A reunificação ocorreu em 581 pela Dinastia Sui, após quatro séculos de fragmentação política

³⁸ A técnica criada por Bodidarma deu origem ao Kung Fu Shaolin.

dinastia Tang segundo o qual o *Tao* está presente na própria vida cotidiana, preceito que também se aplica ao Zen/Chan Budismo. Foi durante o governo do príncipe japonês Shotoku (574-622) que o Budismo chegou ao Japão, o que foi possibilitado pela aproximação do país em relação à China, o que trouxe não somente os referenciais Budistas, mas também outros elementos como a escrita em *kanjis* e referenciais Confucionistas e Taoístas. Parte da mescla entre Confucionismo, Taoísmo e Budismo ocorreu no próprio território chinês. Quando foram levados ao Japão, encontraram o Xintoísmo e um novo pensamento surgiu ao longo dos séculos subsequentes – processo que será explicado com maiores detalhes no capítulo I. A popularização do Budismo no Japão não foi imediata: durante o período Nara (710 - 794) estava restringido apenas à corte e contava com o patrocínio estatal³⁹, tendo se propagado durante a era seguinte, conhecida como período Heian (794-1185). O desenvolvimento do Zen Budismo no Japão ocorreu no século XII, durante o período Kamakura (1185 - 1333) e foi no período Tokugawa (1600 - 1868) que a vertente Obaku Zen se tornou a religião oficial do Estado que na época era governado pelo shogunato – o que terminou a partir do início da Era Meiji.

Para Suzuki (1973) a vertente Zen Budista se difere das demais, sobretudo em relação às indianas por ser voltada aos afazeres cotidianos e mundanos, e majoritariamente apegada à terra e em menor medida ao céu e a astronomia. O Zen, argumenta o autor, é uma disciplina que tem como objetivo alcançar a iluminação através da prática da meditação. Porém, este não é o único afazer de um monge Zen, pois a ele estão disponíveis um conjunto de técnicas que visam trabalhar a consciência daqueles que as praticam. Um exemplo é a prática do tiro com arco: a finalidade do arqueiro não é somente atingir o alvo, o que se pretende, antes de tudo, é harmonizar o inconsciente e o consciente, a fim de alcançar o *satori*, cuja tradução aproximada é dada pelo vocábulo intuição. Porém, de acordo com Suzuki (2013), a utilização desse termo

“(…) tampouco reflete os múltiplos e ricos matizes contidos nessa palavra, porquanto se trata de uma intuição especial que capta simultaneamente a totalidade e a individualidade de todas as coisas. Essa intuição reconhece, sem nenhuma espécie de meditação, que o zero é o infinito e que o infinito é o zero. E isso não constitui uma indicação matemática, mas uma experiência diretamente apreensível, resultante de uma experiência direta. Psicologicamente falando, o *satori* consiste numa transcendência dos limites do ego.” (SUZUKI In: HERRIGEL, 2013, p. 10-11)

³⁹ PEREIRA, 2011, p. 4-5.

É interessante analisar a seguinte passagem na qual Herrigel narra suas principais dificuldades durante aulas de tiro com arco:

“O mestre observava atentamente meus esforços, corrigia serenamente a rigidez da minha postura, elogiava meu zelo, censurava-me pelo desperdício de energia e deixava-me prosseguir. Vez por outra exclamava em minha língua: “*Relaxe-se!*”, enquanto colocava os dedos nos pontos dolorosos do meu corpo, sem nunca perder a paciência nem a afabilidade. Porém, chegou o dia em que fui eu quem perdeu a paciência e lhe confessei que me era simplesmente impossível estirar o arco da maneira indicada. “*Se o senhor ainda não consegue*”, replicou o mestre, “*é porque ainda respira de maneira inadequada. (...)*”. Em seguida, para demonstrar o que havia dito, armou o seu forte arco e me convidou a colocar-me por trás dele, a fim de poder apalpar-me os músculos dos braços. Com efeito, estavam livres de tensão, como se não estivessem fazendo esforço. Pratiquei a nova respiração sem o arco e flecha até que ela se converteu numa coisa natural. Até a leve tontura que me acometera desde o início das aulas desapareceu.” (HERRIGEL, 2013, p. 32)

No trecho acima é possível perceber as correlações entre o tiro com o arco e flecha e a prática da meditação, uma vez que em ambas é necessário observar a respiração correta. Essa passagem também ilustra a presença de técnicas corporais relacionadas ao Zen, herança essa que remonta a Bodidarma. Suzuki (1973) e outros autores argumentam que o Zen foi importante não somente porque se tratar de uma das bases do pensamento religioso japonês, mas também prestou importante contribuição para a criação de uma estética propriamente nipônica:

“Que o Zen ajudou a estimular os impulsos artísticos do povo japonês e a colorir seus trabalhos com ideias características do próprio Zen devido aos seguintes fatores: os mosteiros Zen eram quase exclusivamente repositórios de aprendizagem e arte, pelo menos durante as eras Kamakura (1185-1333) e Muromachi (1333-1568); os monges Zen tinham constantes oportunidades de estabelecer contato com culturas estrangeiras; os próprios monges eram artistas, acadêmicos e místicos; eles eram politicamente encorajados a se envolverem em empreendimentos comerciais a fim de trazer objetos de arte e indústria estrangeiras ao Japão; os aristocratas e as classes políticas influentes do Japão eram patronos de instituições Zen e estavam dispostos a se submeterem à disciplina Zen. O Zen, portanto, trabalhou não apenas de modo direto com a vida religiosa, mas também atuou fortemente na cultura de modo geral”⁴⁰ (SUZUKI, 1973, p. 28)

⁴⁰ Tradução livre.

Foi da mescla entre elementos do Zen e do Taoísmo, juntamente com o Confucionismo que surgiram práticas artísticas que carregam o vocábulo “Do” (道), que pode ser traduzido através da ideia de *Caminho*. À medida que as práticas artísticas adquirem o sentido de aprimoramento espiritual, cada campo passou a incorporar tal vocábulo, a exemplo: a cerimônia do chá (*chadô*); o caminho suave (no sentido de autodefesa - *judô*); o arco e flecha (*kyudô*); a espada (*kendô*); o caminho da escrita (*shodô*) e a vivificação floral (*kadô*). O fato de tais práticas estarem relacionadas à disciplina e ao aprimoramento espiritual fez com que passassem a ser percebidas como uma forma de autocultivo. Esta dissertação abordará no capítulo I e III, respectivamente, a prática da caligrafia e do arranjo floral com o propósito de compreender as possíveis reverberações das ontologias Zen Budista e Taoísta/Confucionista no pensamento de Meishu-Sama e nas formas sensoriais produzidas pela Igreja Messiânica e seus adeptos.

A Igreja Messiânica em perspectiva

Há uma certa ressonância entre as produções textuais publicadas sobre a Igreja Messiânica, havendo inclusive o compartilhamento de termos que compõem o repertório analítico de alguns pesquisadores. Uma das categorias mais recorrentes, se não for a mais acionada em relação às demais, é a sigla NRJ amplamente utilizada para fazer referência às Novas Religiões Japonesas. O qualificativo “novas” é utilizado para designar as religiões que surgiram no Japão após a Segunda Guerra Mundial, quando instaurada a liberdade de culto. No entanto, sabe-se que parte dessas remonta ao período que se seguiu após a Primeira Guerra Mundial; outras surgiram ainda anteriormente, ao final do período Tokugawa (1868) e durante a Era Meiji (1868-1912). Os estudiosos costumam associar o surgimento desses movimentos religiosos com o processo de modernização, que trouxe consigo profundas mudanças sociais e políticas ao Japão. Arai (1974)⁴¹ aplica a categoria NRJ aos grupos religiosos que surgiram a partir do final do período Tokugawa e têm como centro de sua doutrina os ensinamentos de um fundador, geralmente proveniente das massas. Parte dessas novas religiões foram influenciadas pelo

⁴¹ *apud* PAIVA, 2005: 210

catolicismo, sendo esses referenciais mesclados e justapostos com elementos oriundos do Budismo, Xintoísmo, Taoísmo e Confucionismo.

Entre os estudiosos que classificam a Igreja Messiânica como uma NRJ, destaca-se o sociólogo britânico Peter Clarke, um dos primeiros a estudar essa e outras religiões que se originaram no Japão e se espalharam para outras partes do mundo, sobretudo em países Ocidente. Clarke (2000a) considera esse fenômeno como um caso de globalização reversa já que o sentido da expansão econômica e cultural parte do Ocidente em direção ao resto do mundo, inclusive o Japão. Quando a orientação se inverte, o que se observa é a disseminação de elementos culturais nipônicos para o Ocidente, rompendo assim com a perspectiva unidirecional contida no processo de globalização que deixa de ser uma exclusividade ocidental e se torna um processo multifacetário.

É nesse movimento reverso que se inicia no Oriente e caminha em direção ao Ocidente que as ditas NRJ chegaram ao Brasil. Ao viajar junto com imigrantes japoneses a bordo de navios durante o início do século XX, tais religiões tiveram que elaborar estratégias eficazes de difusão. Em outros artigos sobre a Igreja Messiânica, Clarke (2000; 2008) analisou os métodos de conversão que foram mobilizados pela instituição. Nos anos subsequentes a chegada em um país estrangeiro, observa-se um período de quarentena que se caracteriza pela prática exclusiva da religião entre os próprios imigrantes, seguida da adaptação e assimilação gradativa entre os brasileiros.

Tomita (2014) descreve esse processo a partir do termo integração religiosa que, no caso da Igreja Messiânica, deu-se a partir da convivência cotidiana e do contato intercultural entre brasileiros e nikkeis. O argumento de Tomita diz respeito à peculiaridade das NRJ como sistemas abertos que incorporaram várias religiões como o Budismo, Confucionismo, Taoísmo, Cristianismo e Hinduísmo. Outra característica que a autora considera como fundamental é a tendência universal de suas doutrinas, cujos ensinamentos são facilmente adaptáveis a outros contextos sociais. Tanto Tomita como Clarke (1999) concordam que

“as NRJ demonstram maior preocupação com os efeitos das mudanças da modernidade e contemporaneidade no indivíduo e na sociedade do que as religiões estabelecidas. Também oferecem crenças e práticas japonesas que lhes possibilitam reagir às rápidas mudanças culturais, políticas e econômicas vividas no seu país nos últimos 150 anos, sobretudo desde o pós-guerra. No ocidente, os simpatizantes das NRJ geralmente apontam a relevância das crenças e práticas no cotidiano e consideram convincentes as explicações

dadas sobre a causalidade espiritual e o controle de vida proporcionado pelas explicações dadas com relação à doença. Também apontam a preocupação com o meio ambiente. Sua visão permite que membros e aspirantes, ao invés de se sentirem impotentes e incapacitados pela modernidade, sintam-se capazes de controlá-la e aproveitá-la de forma compatível à sua felicidade pessoal” (CLARKE, apud TOMITA, 2014, pág. 94)

Para alcançar alguma compreensão a respeito da aceitação das NRJ, segundo Matsue (2002), é preciso levar em consideração não somente as idiossincrasias dessas religiões, tal como fez Tomita (2014), mas também é necessário pensar nas condições socioeconômicas da sociedade receptora. No caso do Brasil, observa-se uma mudança de valores causada pelo processo de urbanização e industrialização a partir dos anos 1950, que aliado à liberdade religiosa levaram as pessoas a procurarem uma religião alternativa em relação ao cristianismo hegemônico.

De acordo com Matsue (2002) e Oro (2000), o perfil social dos membros e adeptos da religião é predominantemente branca, de classe média urbana que concluíram o ensino médio e que possuem entre 25 e 60 anos⁴² de idade. Oro destaca o fato de as mulheres serem maioria em relação aos homens: para cada 100 fiéis do sexo feminino há apenas 64 homens⁴³ (TOMITA, 2004). Parte significativa do contingente de adeptas são donas de casa ou de aposentadas que geralmente exercem cargos associados ao sexo feminino, trabalhando como professoras, secretárias, psicólogas ou como funcionárias públicas.

Os dados apresentados por Oro são resultantes de uma pesquisa de campo realizada em Porto Alegre durante os anos 1990. A partir dela, é possível elencar algumas considerações acerca da interseção entre religião e classe social. O autor observa que as igrejas japonesas⁴⁴ – tais como a Igreja Messiânica, Seicho-no-Ie, Soka Gakkai – tendem a atrair pessoas de classe média, tal como o Espiritismo. No que concerne ao trânsito religioso para a Igreja Messiânica, Oro observou o seguinte fluxo: dois declararam ser de família messiânica, logo fazem parte da Igreja desde a infância; seis não possuíam religião anterior; dois vieram da Seicho-no-Ie; os trinta restantes vieram do catolicismo, porém dez desses passaram pelo Espiritismo e Umbanda antes de chegar à Igreja Messiânica. Não foi encontrado nenhum trânsito oriundo de qualquer denominação pentecostal,

⁴² Aproximadamente 10% dos membros da Igreja Messiânica são jovens de ambos os sexos abaixo dos 25 anos de idade (ORO, 2000 e MATSUE, 2002).

⁴³ Dados baseados no Censo 2000. Observa-se a manutenção desta tendência no Censo de 2010.

⁴⁴ Oro (2000) não utiliza o termo NRJ para se referir a essas religiões.

tendência essa que Oro relaciona com a classe social: enquanto as religiões japonesas atraem a classe média, o pentecostalismo é mais comum entre a população de camadas socioeconômicas mais baixas. Entre os messiânicos da cidade de Campinas – SP, onde foi realizado o trabalho de campo para esta pesquisa, é comum encontrar pessoas que frequentaram as igrejas pentecostais, isso sugere que Oro talvez não tenha encontrado esse trânsito em virtude da época e do local onde a pesquisa foi realizada.

Dentre as razões que motivaram as pessoas a procurar pela Igreja Messiânica, Oro afirma que 50% foi por motivo de doença; 15% por questões financeiras; 15% falha ou dificuldade nos relacionamentos interpessoais e 20% pela busca de sentido para a vida. As pessoas afirmam que encontraram a solução de seus problemas na Igreja, sendo que para a maioria a solução veio de maneira gradual à medida que passaram a receber *Johrei* e a integrar a comunidade religiosa de maneira ativa.

Algumas das estratégias de adaptação adotadas pela Igreja Messiânica que, de acordo com Tomita (2014), fizeram a religião romper com a barreira da etnicidade foi o uso intenso da língua portuguesa; a formação de um clero composto por brasileiros e a incorporação de hábitos locais em seus rituais e práticas religiosas diárias, havendo inclusive modificações litúrgicas em relação ao Japão. Ao contrário de Tomita, que deu maior ênfase à instituição e seu processo adaptativo, Oro (2000) desloca a análise para as religiões encontradas no Brasil – como o Candomblé, Catolicismo popular e Espiritismo - e conclui que a aceitabilidade da Igreja Messiânica ocorre pelo fato de haver uma similitude e compartilhamento de referenciais em relação a essas matrizes religiosas. Um exemplo é a ampla aceitação do *Johrei* entre os espíritas, dadas as semelhanças performáticas em relação ao passe. É importante destacar que muitos fundadores de religiões japonesas tiveram contato com o Cristianismo, inclusive o próprio fundador da Igreja Messiânica. Isso certamente explica o porquê da existência de referenciais Cristãos na construção da própria doutrina da religião, a começar pelo próprio nome da instituição.

Em termos analíticos esta pesquisa não tem o propósito de apostar em uma abordagem da Igreja Messiânica como uma NRJ: esse caminho automaticamente pressupõe a existência de novos movimentos religiosos – consubstanciados em um conceito sociológico que tem NMR como sigla⁴⁵:

⁴⁵ Para mais detalhes sobre o conceito de NMR, ver Guerriero “Há algo de novo no campo das religiões: Os novos movimentos religiosos”. In *Religião e Sociedade na América Latina*. SILVA, Eliane Moura et al. (org). UMESP, São Bernardo do Campo. 2010.

“Quando pensamos nas grandes religiões mundiais, pensamos logo no cristianismo, islamismo, budismo, hinduísmo, judaísmo e outras que, juntas, não passam de vinte denominações. As novas religiões seriam, então, tanto aquelas que fogem dos modelos dessas grandes religiões, como também os novos grupos surgidos do interior delas, trazendo novas mensagens e caminhos diferentes para se atingir a salvação ou plenitude. Vale lembrar que dificilmente uma religião surge do nada, de uma revelação nova, ou da mente de um líder criativo que traz uma novidade jamais vista anteriormente. Praticamente todas surgem a partir daquelas já existentes, como uma ruptura ou oposição praticada por pessoas que acreditam que a sua religião não é mais verdadeira, se corrompeu ou fugiu dos princípios e não é mais fiel à revelação original. A partir daí, funda-se uma nova corrente que traz um novo caminho.” (GUERRIERO, 2010, pág. 103)

Seguindo o argumento de Guerriero, o uso da categoria NMR geralmente é empregado em relação de oposição entre as religiões mundiais – como o Cristianismo, Islamismo, Budismo, Judaísmo, Hinduísmo –, e não há consenso entre os estudiosos a respeito do momento histórico em que esses movimentos teriam surgido:

“Alguns autores definem o “novo” como posterior à Segunda Grande Guerra. Outros após os anos 50 ou 60 do século XX. Ou até mesmo os anos 70. Há sérios inconvenientes em qualquer uma dessas delimitações. Apenas a título de exemplo, ficariam de fora a Soka Gakkai, fundada em 1930, e o movimento iniciado por Krishnamurti em 1929. Françoise Champion fala dos grupos surgidos após os anos sessenta. Afirma que muitos podem até ter surgido antes, mas que permaneceram inexpressivos e desaparecidos até essa data. Muitos dos autores consideram apenas o surgimento desses movimentos na Europa ou América do Norte, definindo seus inícios somente após a Segunda Guerra. Nesse sentido, deixaram de considerar suas origens anteriores em outros locais do planeta. Chryssides propôs um período muito mais amplo, desde a metade do século XIX, possibilitando, assim, a inclusão de movimentos como as Testemunhas de Jeová, a Teosofia e a Ciência Cristã. O mesmo realiza Mary Fisher, que define os NMR como aqueles que surgiram nos dois últimos séculos e continuam até hoje” (GUERRIERO, 2010, pág. 104-105).

Outra dificuldade decorrente do uso do termo NMR é a imprecisão, logo, a exemplo do Budismo tibetano, se esse não é uma religião nova em seu país de origem, o mesmo não pode ser considerado a respeito de sua inserção no Brasil, pois de acordo com Guerriero tudo depende do que é considerado novo dentro de uma determinada sociedade, desse modo, no contexto brasileiro, o Budismo seria um NMR. O exemplo demonstra que a ideia de “novo” e “velho” pode ser arbitrária, a depender do contexto social em questão. Ademais, a concepção de que existem “novos” movimentos religiosos impõe automaticamente adjetivo “velho” à tradição, imputando-lhe estabilidade, imutabilidade, invariabilidade e permanência. Desta forma, dada a constância da tradição e das estruturas sociais, nada parece mais espantoso do que o surgimento de “novos” movimentos

religiosos, além disso, o termo tem como consequência o fato de dar invisibilidade às mudanças que as religiões tradicionais tiveram ao longo de sua história. No limite, o uso desse conceito implicaria no eterno retorno ao tema do (des/re)encatamento do mundo e a discussão sobre retorno das religiões, debate esse que foge dos propósitos desta dissertação.

Por meio da análise das religiões tradicionais que compõem o pensamento religioso japonês, que a luz do conceito de NMR podem ser tidas como “velhas”, é possível constatar que essas estão em um constante processo de atualização, não somente através de suas práticas, mas também através dos “novos” movimentos religiosos. Isto significa que uma miríade de práticas oriundas de religiões “velhas” é reatualizada por religiões “novas”, desse modo, é possível encontrar ecos dessas “antigas” ontologias no cotidiano dos “novos” movimentos religiosos. Nesse processo de reatualização, novas formas sensoriais são criadas a partir da produção de referenciais socialmente compartilhados, oriundos de um passado comum. Assim, essas formas são um emaranhado de materiais em constante devir e sujeitos a constantes transformações estéticas, sensoriais e experienciais. Por fim, compreender a Igreja Messiânica a partir das ontologias que foram importantes para sua própria constituição é uma via a ser seguida através de um recorte teórico-metodológico que toma a análise dos materiais como ponto de partida.

Capítulo I:

A Igreja Messiânica e suas imagens



Hinode Kannon (1931)
146 cm x 81 cm

*“Num raro domingo de folga
Desenhei Kannon
Num papel de aproximadamente
Quarenta centímetros de largura.”
(Meishu-Sama
21 de junho de 1931)*

*“À noite, pintei,
Em oito folhas de shikishi,
Imagens de Kannon.”
(29 de julho de 1931)*

*“Devido ao temporal,
Fiz poucos tinkon
Desenhei grandes quadros
De Kannon.”
(13 de outubro de 1931)*

Prólogo

Caminhar pelo centro de Campinas pode ser um exercício de observação interessante, sobretudo aos finais de semana - ocasião em que se pode encontrar eventos culturais acontecendo nas ruas da cidade. É também aos sábados e domingos que a Praça Imprensa Fluminense, também conhecida como Centro de Convivência, recebe a Feira

de Artes, Artesanato, Antiguidade, Quitutes e Esotéricos, popularmente denominada de *Feira Hippie*⁴⁶ pelos campineiros. Localizada em meio a edifícios modernos e casarões antigos do bairro Cambuí, a praça possui um proscênio rodeado por quatro arquibancadas⁴⁷ de concreto. A feira de artesanato ocorre em volta das arquibancadas do teatro de arena, embaixo das imensas copas das árvores, cujas sombras são um verdadeiro alívio durante os dias de verão.

Um passeio pela feira de artesanato é uma experiência sensorial que aguça simultaneamente diversos sentidos: há uma infinidade de coisas que acionam o olhar do observador – coisas essas que são únicas, pois foram produzidas de modo artesanal. Madeira, tintas, couro, tecidos, sementes, metais, plástico, argila – todos de diferentes formas, cores, pesos e texturas são algumas das matérias-primas utilizadas pelos artesãos durante o processo de transformação de coisas em outras coisas. Porém, há aquelas que não são transformadas por mãos humanas, mas somente pelo próprio tempo: as coisas antigas atraem olhares curiosos pelo fato de receberem esse adjetivo. Uma vez que são antigas, revolvem a memória da infância e da juventude, fazendo surgir lembranças que existem apenas nos meandros de memórias quase esquecidas. Lembranças atraem sentimentos e emoções que convidam ao consumo.

No decorrer do passeio matutino entre as bancas de artesanato é possível avistar aquelas que vendem saborosos alimentos: pastéis, doces, quitutes, massas, acarajé, yakissoba, batata recheada, entre outros. O cheiro dos alimentos faz o estômago ronquejar. A fila da barraca do pastel assado já está cheia ao meio dia, no verão há sempre alguém comprando suco – todos naturais. É possível saborear o pastel ouvindo o som do berimbau: ao meio dia a roda de capoeira já está a pleno vapor. Com alguma sorte, é possível encontrar músicos de rua tocando para o público que visita a praça, alguns já senhores, com quase todos os fios de cabelos brancos, cantam cantigas antigas. Quem desejar, pode colocar dinheiro no chapéu.

⁴⁶ Para maior compreensão acerca da história da Feira de Artesanato de Campinas, ver: ZALUAR, Alba “A Feira Hippie de Campinas: encruzilhadas do artesanato e da contracultura”. 1986. Cadernos IFCH, Unicamp, volume 18.

⁴⁷ O teatro Luis Otávio Burnier está localizado no subsolo de uma das quatro arquibancadas. A sala comporta um público de aproximadamente quinhentas pessoas e além do espaço do palco e plateia, há galerias, banheiros e camarins. O pavimento térreo do hall de entrada do teatro é chamado de Sala Carlos Gomes, cujo espaço é destinado para a exposição de obras de arte. Ambos, a Sala Carlos Gomes e o teatro Luis Otávio Burnier, estão interditados desde 2011 após a constatação da situação de precariedade do imóvel, segundo o laudo pericial publicado pela prefeitura.

Depois de passar pelos músicos e quase completando a volta no entorno da praça, o olhar é mais uma vez acionado para as pinturas dos quadros: natureza morta, paisagens, desenhos abstratos, retratos que muitas vezes se assemelham a fotografias de tão reais. Por fim, o passeio se encerra na ala esotérica. Pedras, incensos e cristais adornam a barraca de um senhor que segue a fé hare khrisna; jogos de tarot e búzios também são serviços que também são encontrados nesse setor da feira, além de quick massage, cujos massagistas quase não têm tempo para descansar entre um cliente e outro. No setor esotérico, a última parada é no gazebo de produtos terapêuticos: magnetizadores; massageadores para diferentes partes do corpo; purificadores de água; bálsamos; gel para massagem; corretores ortopédicos; emplastros magnéticos. Depois de trocar algumas palavras com Lucas, o expositor da banca, sigo para o gazebo da frente. Cumprimento a senhora sentada na cadeira almofadada e me sento de frente para ela em um banco de plástico sem encosto. Ela pergunta meu nome completo e sem muitas cerimônias, começa a aplicar *Johrei* em mim.

Enquanto ela fazia a aplicação, meus olhos corriam curiosamente por todo o espaço do interior do gazebo. Um rádio tocava músicas *New Age*: o hit do momento era *Amarantine* da cantora Enya. Os sinos de cristal da banca ao lado tilintavam com o passar do vento. As pessoas olhavam curiosas para o que acontecia no interior da tenda. Muitas paravam para ler os painéis, outros passavam sem parar, mas tampouco deixavam de observar. Havia, no interior do espaço, um mural com folhetos discorrendo brevemente sobre o *Johrei*, material esse criado pela própria Igreja Messiânica. Uma mesa dobrável servia de apoio para uma estante de madeira, nela havia alguns livros tais como o *Alicerce do Paraíso*; álbum de fotografias do *Solo Sagrado*, além alguns livretos de receitas vegetarianas. A propaganda do vegetarianismo se fazia presente por meio dos adesivos fixados nos murais e era feita por livre iniciativa de Lucas, expositor de produtos terapêuticos e também idealizador do *Johrei* na Feira de Artesanato, atividade que decidi desenvolver por iniciativa pessoal e não por orientação da Igreja Messiânica.

Havia seis cadeiras de madeira almofadadas, destinadas aos ministrantes e outros seis bancos de plástico sem encosto para os receptores. Assim como nas unidades da Igreja Messiânica, havia uma lista de presença apoiada na mesa, cujo objetivo era o de obter o registro preciso da quantidade de pessoas que passaram pelo local para ministrar ou receber *Johrei*. Uma pequena caixa de madeira foi colocada sobre a mesa para quem

desejasse fazer uma doação monetária, geralmente destinada para a manutenção do espaço e para as fotocópias de panfletos para o público. Havia um painel aramado e nele estavam fixados outros cartazes sobre o *Johrei*; *Solo Sagrado de Guarapiranga*, *Culto do Paraíso Terrestre* e, em meio a esses objetos religiosos, o adesivo “Coma mais vegetais”.

Imagem 2: Painéis (Arquivo pessoal/outubro de 2012)



A pequena tenda de *Johrei* possuía um emaranhado de coisas que se originaram em diferentes grupos messiânicos. Na estante, entre os livros da Igreja Messiânica, era possível encontrar um manual do curso de formação de membros da Igreja Tenseishinbikai⁴⁸; em um relógio de parede pendurado em uma das colunas, um

⁴⁸ Após a morte do fundador em 1955, surgiram dissidências da Igreja Messiânica no Japão. A Tenseishinbikai foi fundada por Kaioko Iwanaga na década de 1970. Para mais informações sobre as dissidências messiânicas, ver: GONÇALVES, Hiranclair. “O fascínio do Johrei: um estudo sobre a religião messiânica no Brasil”. Tese de doutorado apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 2003.

adesivo do emblema do Templo Messiânico Arte do Johrei⁴⁹ fora colado ao centro do objeto. Além de objetos e símbolos de outras religiões messiânicas, notava-se a tentativa do idealizador de mimetizar o altar messiânico através do uso de uma fotografia das caligrafias do altar, conhecida entre os religiosos como *Imagem da Luz Divina*, posicionada na região frontal do interior do gazebo. À esquerda, havia a imagem do *Kannon de Mil Braços*, pintada pelo fundador em 1934 e utilizada no passado como altar da Igreja Dai Nippon Kannon Kai, instituição predecessora da Igreja Messiânica Mundial. Tal como nos altares da Igreja, à direita da *Imagem da Luz Divina* foi colocada a fotografia de Meishu-Sama, porém não se tratava da imagem em preto habitualmente utilizada nas Igreja, mas de uma fotografia colorida em que o fundador aparece de pé com as mãos na cintura:

Imagem 3: Altar da banca de Johrei (Arquivo pessoal - outubro de 2012)



O dia de feira começa cedo para Lucas: às quatro horas da manhã do sábado⁵⁰ ele já está de pé. No entanto, a preparação espiritual se inicia na noite de sexta-feira com exercícios; alimentação natural; divulgação das atividades nas redes sociais; aplicação de

⁴⁹ O Templo Messiânico Arte do Johrei é um grupo dissidente que surgiu no Brasil e que será retomado ainda no capítulo I.

⁵⁰ A mesma rotina também se repete aos domingos.

Johrei em si próprio. Prepara o pensamento e sentimento para ser útil a Deus e às nove horas da noite se retira para dormir. Entre o momento de acordar e a chegada na feira, a preparação espiritual continua através de orações e mentalizações. Finalmente chega à praça por volta das seis horas da manhã para iniciar a montagem das bancas, começando com o gazebo destinado a ministração do *Johrei*. Terminada a montagem da estrutura metálica e da lona azul, Lucas fixa as fotografias e diante delas faz a *Oração Amatsu Norito* e a *Oração Messiânica*, as quais apenas podem ser entoadas diante do altar messiânico.

No mesmo dia e horário, enquanto Lucas está prestes a finalizar a montagem da banca, dona Eva, que mora na cidade de Paulínia-SP, localizada a menos de meia hora da Praça Imprensa Fluminense, acorda para se preparar para ir à Igreja. Passados alguns minutos das sete horas da manhã, ela já está a caminho de seu destino. Dona Eva veste-se com seus trajes corriqueiros: saia confortável e blusa de manga, porém, leva consigo seu *tailleur*, o qual precisará trajar durante a *dedicação* que irá desempenhar. Além do traje social, dona Eva leva também uma máscara, touca e avental – todos de cor branca, geralmente utilizados em procedimentos médicos ou odontológicos. Por volta das sete e meia da manhã, ela chega à Igreja, cumprimenta⁵¹ o altar e se dirige ao *Saiten* (liturgia) para preparar as oferendas.

Antes de iniciar, dona Eva veste os objetos⁵² que trouxera consigo. Coisas que pertencem ao altar ou que serão colocados diante dele não podem ser manipulados pelo *dedicante* quando vestido com seus trajes habituais, pois contaminariam as oferendas, tornando-as impuras. Os materiais utilizados como oferenda são água, arroz e sal e representam, respectivamente, o céu, a terra e os alimentos oriundos do mar. Juntos, formam o *Oniku* (お日供)⁵³, cuja tradução significa “algo que se oferece todos os dias”:

⁵¹ Significa reverenciar a imagem. Isso será explicado ainda no decorrer do capítulo.

⁵² É importante mencionar que esses objetos não precisam ser descartados a cada novo uso, geralmente os *dedicantes* se utilizam até que o dia em que os mesmos estragam ou se tornam sujos. O objeto que possui maior rotatividade é a máscara que ficava suja de batom muito facilmente. Também é importante observar que os *dedicantes*, até onde pude observar, não emprestavam seus materiais de uso pessoal entre si.

⁵³ 日 (*ni* = diário) 供 (*ku* = oferecer). ANJOS, Emilson Soares (org): “Manual Litúrgico”, 2011, p. 51.

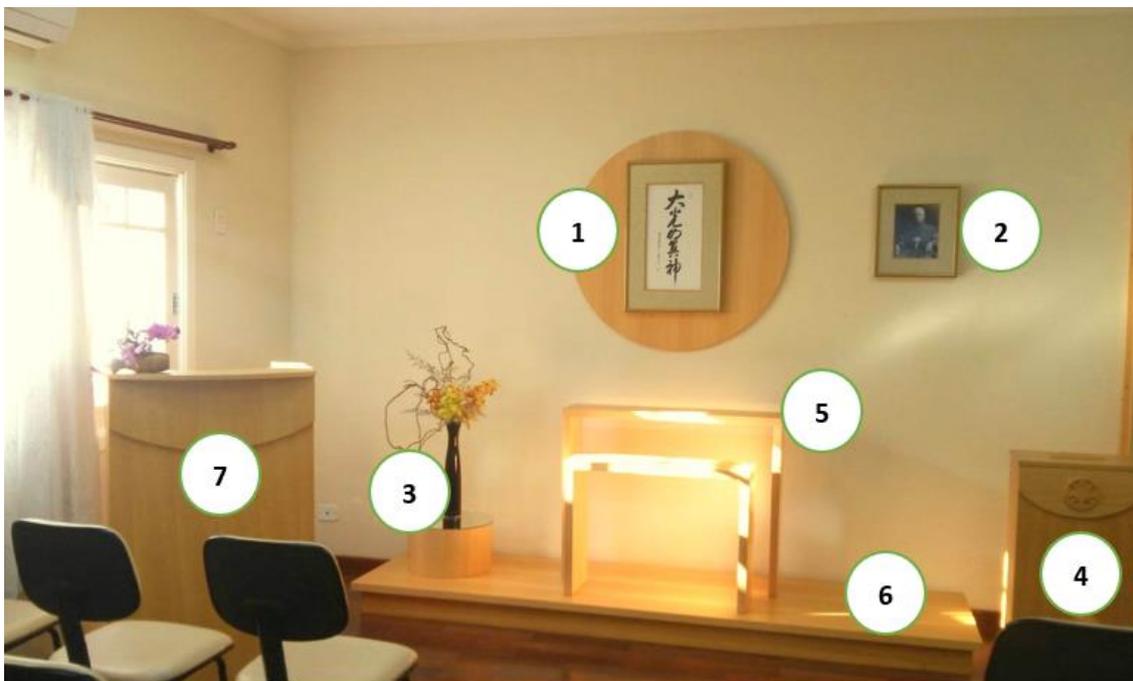
Imagem 4: *Onikku*



Terminado o preparo das oferendas, dona Eva as purifica⁵⁴ e vai ao banheiro para trocar os trajes casuais pelo *tailleur*. Nesse ínterim, por volta das oito horas da manhã, a Igreja já está aberta e os primeiros *dedicantes* chegam para o *Culto Matinal*. Como é dona Eva quem faz as orações, um dos messiânicos presentes se oferece para fazer a locução do ensinamento no púlpito. Dona Eva coloca as oferendas diante da *Imagem da Luz Divina*, em seguida, o locutor espera o relógio marcar o horário exato para o início do ritual. No instante em que o *dedicante* da locução anuncia o início do ritual naquela pequena unidade religiosa, outros milhares de *Cultos Matinais* acontecem sincronicamente em outras sedes Igreja Messiânica espalhadas por todo o país. É assim que o dia se inicia na Igreja Messiânica: tudo começa e termina com oração diante da *Imagem da Luz Divina*.

⁵⁴ A purificação das coisas que são colocadas diante do Altar ocorre através do *kiribi* que consiste em uma pedra especial e de um pequeno metal anexado a uma madeira. A purificação ocorre quando o oficiante atrita a pedra e o metal, produzindo faísca. Sempre que os objetos são purificados, é possível ouvir o barulho da colisão entre pedra e metal quando se está próximo à liturgia. Mesmo que o atrito seja insuficiente para fazer aparecer alguma faísca, não é necessário repetir o procedimento, pois as oferendas são dadas como purificadas. O mesmo se aplica aos oficiantes: não se pode officiar um culto diário ou mensal sem que os participantes passem pelo mesmo processo de purificação.

Imagem 5: Altar Messiânico – Johrei Center Paulínia-SP



Legenda:

- 1 – *Imagem da Luz Divina*, cujos ideogramas significam respectivamente: Dai 大 (grande), Ko 光 (luz), Myo 明 (Clareza do dia), Shin 明 (verdadeiro), Shin (Deus);
- 2 – Fotografia oficial de Meishu-Sama utilizada nos altares da Igreja Messiânica;
- 3 – *Ikebana*: arranjo floral trocado semanalmente. Há também um arranjo menor colocado sob o púlpito (7).
- 4 – Urna: onde se depositam as contribuições monetárias;
- 5 – *Hassoko*: aparador onde são colocadas as oferendas para Deus;
- 6 – Chão do altar/assoalho: estrutura de madeira que serve de apoio para os *hassokos* (não podem ser colocados diretamente no chão);
- 7 – Púlpito: espaço reservado para a locução dos Cultos Matinais, Vesperais e de Encerramento.

Religião e Iconologia

A partir das cenas narradas, nota-se a presença de elementos que são parte integrante do regime visual da Igreja Messiânica, assim, ao submetê-los a análise, torna-se possível alcançar um entendimento de diferentes aspectos cosmológicos que compõem a religião e o imaginário religioso socialmente compartilhado. Esta linha de análise se fundamenta na contribuição de Birgit Meyer (2015), segundo a qual as imagens devem

fazer parte dos estudos sobre religião à medida que “o visual não é apenas o que está em exibição e o que impressiona a visão, mas também o que representa e retrata algo a mais e evoca, prescreve ou comanda de uma forma quase performativa”⁵⁵. Através desta afirmação, elaborada a partir das reflexões de Dubuisson, a autora afirma que é possível fazer

“alusão à capacidade específica que uma imagem tem de representar – e, de alguma forma, tornar presente –, através de um ato performativo, o que está invisível e ausente. Em geral, as imagens têm a capacidade de representar algo a mais, e essa representação ocorre de maneira mais explícita em um ambiente religioso. Por sua vez, Robert Orsi situou a religião como “a prática de tornar visível o invisível, de concretizar a ordem do universo, a natureza da vida humana e o seu destino, além das diversas possibilidades da interioridade humana em si da forma como são compreendidas em várias culturas e épocas diferentes”. Nesse sentido, a religião pode muito bem ser analisada como “meio de ausência” através do qual a sensação de presença espiritual é efetuada para — e pelos — seus usuários. Com isso em mente, estudar religião envolve estudar múltiplos meios — não apenas textos — que geram a presença no quadro de uma ordem cosmológica autorizada com suas concepções próprias de visibilidade e invisibilidade e prescrições concomitantes para representação imagética.” (MEYER, 2015, p. 334)

Tal como foi explanado na introdução, a primazia do conteúdo presente no texto sobre a forma material é uma herança do pensamento protestante denominada pela autora por mentalismo. O legado desta vertente epistemológica foi a construção do conceito de religião pautado em ideais que privilegiam o abstrato, a cosmologia, o significado, o sentido, a palavra e o texto em detrimento aos objetos e às formas materiais. Sem essa perspectiva, as formas externas seriam meras expressões de um conteúdo internalizado já existente. Tomando a religião como um conceito auto-reflexivo, Meyer (2015) propõe pensar a categoria a partir da ideia de mediação, tomando como relevantes as formas pelas quais a religião se manifesta no mundo, tidas como necessárias para que o invisível ou o “além” seja mostrado e experimentado. Deslocar o foco para o processo de mediação se trata de uma via potencial para a junção do mental ao concreto em domínios mutuamente envolvidos e constitutivos – e não mais como planos dualistas em relação de oposição e exclusão.

A proposta teórica de Meyer permite aproximar dois campos de estudos, outrora separados: a religião – e suas diversas abordagens científicas – e os estudos de

⁵⁵ DUBUISSON, 2013, p. 2 *apud* MEYER, “Picturing the invisible: visual culture and the study of religion”. *Method and theory in the study of religion* n° 27, pág. 333-360. Ano: 2015.

mídia. Com a aproximação de ambos os campos, aumenta-se a possibilidade investigativa tendo em vista os seguintes notes:

“Quais são os vários meios empregados em práticas de mediação religiosa e como eles são autorizados? Como eles se diferem e se relacionam uns com os outros? Que tipo de comunicação, ao longo de eixos verticais e horizontais, eles tornam (im)possíveis? Como a disponibilidade de novas mídias com suas particularidades afetam modos de mediação religiosa de longa data, tanto para as transformações históricas como para o surgimento de semelhanças entre tradições religiosas até agora bastante diferentes?” (MEYER, 2015, p. 337)

Tendo como proposta a aproximação de tais campos de investigação e se valendo do objetivo de pensar uma abordagem material para a religião, Meyer cunhou o conceito de forma sensorial, no qual os artefatos são tomados como intrínsecos e são parte constituinte da própria religião. As formas sensoriais possuem a capacidade de cumprir duas funções concomitantes: moldar mediações religiosas e produzir efeitos ao serem realizadas – o que é denominado pela autora de gênese de um excedente sagrado.

Os referenciais teóricos mobilizados pela autora para a construção do conceito de forma sensorial derivam de estudos da iconologia e iconografia religiosa, história da arte, antropologia da imagem. De acordo com a autora, um dos pioneiros a estudar o tema da iconografia religiosa foi Hans Kippenberg que concebeu e editou a obra “Religião Visível: Anais de Iconografia Religiosa”⁵⁶ e que prestou uma contribuição relevante ao considerar as imagens fundamentais na formação da religião e na comunicação do significado religioso. O autor também analisou o modo de olhar como um processo culturalmente transmitido e autorizado, capaz de criar diferentes “tradições de ver”, desta maneira,

“diferentes culturas desenvolveram esquemas diferentes para objetos idênticos e esquemas idênticos para objetos diferentes (...). Como descrever a forma como as outras pessoas veem suas imagens? Onde está a fronteira entre um jogo arbitrário de associação e uma percepção mais objetiva?” (KIPPENBERG *apud* MEYER, 2015, 341)

Trazendo a reflexão de Kippenberg e Meyer para o contexto etnográfico desta pesquisa, constata-se que tanto na Feira de Artesanato como na Igreja Messiânica, *Imagem da Luz Divina* cumpre a função de trazer a presença de Deus para o ambiente. É importante destacar que a ação de Lucas de utilizar uma réplica reduzida da imagem dos

⁵⁶ Periódico que teve vida curta, apesar de sua importante contribuição, apenas sete volumes foram publicados entre 1982 a 1990.

kanjis do altar e diante dela fazer orações como se estivesse em uma sede da Igreja é uma atitude que está no limiar entre o que é (ou não) culturalmente autorizado. Através deste caso, é possível tencionar os limites existentes entre os usos e as relações de poder contidas nas imagens. Diante disso, verifica-se que os indivíduos elaboram táticas que torcem regras culturalmente compartilhadas. Porém, para compreendê-las, é preciso ainda avançar no entendimento sobre a própria liturgia messiânica e suas imagens. Nesse contexto religioso, sempre que uma unidade da Igreja é aberta em um novo bairro ou cidade ou mesmo quando o messiânico decide ter o altar em sua residência, utiliza-se o verbo *entronizar* para se referir ao ato de colocar o quadro *da Imagem da Luz Divina* na parede. Ademais, a mesma não é percebida como um conjunto de símbolos que representam o sagrado, mas se trata da própria encarnação de Deus em formas materiais. Em outras palavras, Deus não está representado de maneira simbólica, mas assentado no próprio altar.

Não obstante, ao tomar a história da criação da Igreja no Japão, nota-se que as caligrafias de kanjis não estavam presentes no altar no momento da fundação: em seu lugar, havia a imagem do *Kannon de Mil Braços*, a mesma utilizada por Lucas na composição do altar da Feira de Artesanato. A análise das imagens de *Kannon* pintadas pelo fundador durante sua vida e sua posterior substituição pela *Imagem da Luz Divina* na forma de caligrafias é uma trilha a se percorrer para se alcançar compreensão da religião, de sua cultura visual, e da própria figura do fundador – autoproclamado como Meishu-Sama e posteriormente como Messias. Pensar tal construção analítica através deste caminho é uma via nunca antes percorrida.

Traços negros em espaços brancos

Quando se observa uma imagem de *Kannon* ou uma caligrafia de kanjis, ambas produzidas pelo fundador, nota-se a diferença existente entre as linhas que de ambas fazem parte: a primeira possui contornos de menor espessura que podem ser percebidos na suavidade dos detalhes dos ornamentos e no desenho do rosto; a segunda detém um traço espesso, em virtude do tipo de pincel utilizado. Não obstante, um olhar mais atento sobre as caligrafias pode revelar o movimento contido nas linhas e o traço que marca por onde o calígrafo iniciou sua composição - geralmente de cor mais densa,

pois foi onde os pelos do pincel foram encostados logo após o mergulho em tinta de carvão.

Ao tomar tais obras como mote de análise, sobretudo as caligrafias japonesas, há a necessidade de se empreender uma reflexão acerca das linhas: para Ingold (2007), essas estão presentes em todas as culturas e podem ser produzidas por humanos e não-humanos. Contudo, apesar do contingente de estudos antropológicos sobre artes visuais; cultura material; música; dança e escrita ainda são insuficientes para fornecer uma análise sistematizada a respeito da linha enquanto um objeto ou coisa que perfaz a totalidade do fenômeno cultural humano.

Baseado na necessidade de estabelecer um estudo sistematizado sobre a linha, isto é, uma antropologia da linha, Ingold (2007) estabelece uma divisão entre duas espécies. A primeira é o fio: filamento que pode se enredar com outros fios e cuja característica consiste no fato de estar suspenso entre pontos do espaço tridimensional. Em nível microscópico, os fios têm superfície, no entanto não podem ser desenhados em superfícies. Alguns exemplos mais comuns de fios listados por Ingold são: bola de lã, uma madeixa de fios de cabelo, uma rede de pesca, um circuito elétrico, linhas telefônicas, cordas de violino, cerca de arame farpado, entre outros. A produção de fios é uma especialidade humana que depende de mãos que se sejam capazes de se movimentar com certa destreza, sendo que a manipulação, tomando o ato de bordar como exemplo, depende da pressão estabelecida entre polegar e indicador.

A segunda linha descrita por Ingold é o traço que consiste em qualquer marca deixada em ou sobre uma superfície por um movimento contínuo. Uma linha desenhada sobre um papel, quadro riscado por giz ou tinta formam uma camada sobreposta à superfície, porém, há certos materiais que retiram parte da superfície onde tocam – a exemplo das trilhas deixadas por humanos e animais em terrenos cobertos de lama, areia ou neve. Apesar da distinção estabelecida entre fios e traços, Ingold argumenta, através de exemplos etnográficos, superfícies são criadas e dissolvidas à medida que fios se transformam em traços e vice e versa.

Trazendo o argumento do autor para o contexto da caligrafia japonesa, são os fios do pincel que criam um traço à medida que tocam a superfície do papel e, uma vez terminado o movimento, o que se observa é a criação de uma nova superfície em que o branco do papel e o negro da tinta se intercalam. De acordo com Miyashiro (2009), tão

importante quanto a linha da caligrafia japonesa é o espaço que ela percorre. Em referência à Sato (1995), o espaço da caligrafia possui uma conotação diferente em relação ao branco ocidental que, geralmente implica na ideia de vazio ou na falta de algo – um espaço à espera de ser preenchido. Na caligrafia, ao contrário, o espaço branco é ativado. O sentido negativo é dado ao branco apenas quando a composição de linhas não funcionou conforme o esperado, criando assim a sensação de um espaço esvaziado.

“O branco é, na verdade, essencial para o impacto total das linhas individuais a serem sentidas, e parte integral do trabalho como um todo. A linha preta passa através do branco, como um barco pela água, as ondas criadas por esse passar são sentidas pelo branco. O branco não é um espaço passivo ou um vácuo a se entrar e que não é afetado pela linha; ele é energizado e ativado por ela” (SATO, 1995, p. 58 *apud* MIYASHIRO, 2009, p. 70).

De acordo com os ensinamentos de Lady Wey⁵⁷, calígrafa chinesa do século

IV:

“A caligrafia, para aqueles que são bons com a força do pincel, tem muito osso; para aqueles que não são bons na força do pincel, tem muita carne. A caligrafia que tem muito osso, mas leve em carne é chamada *escritatendão*; aquela com muita carne, mas pouco osso é chamada gordura de porco... Cada escritor procede de acordo com a manifestação da energia da sua respiração e digestão”. (Mullis, 2007 *apud* MIYASHIRO, 2009, p. 65).

Com base nos ensinamentos de Lady Wei, Sato (op. cit.) argumenta que o traço da linha caligráfica deveria ser como um membro do corpo humano e, assim, ter osso, músculo e carne. Em outras palavras, ela deve parecer tridimensional aos olhos do observador. Utilizando a reflexão de Ingold (2007), apesar da linha ser classificada como um traço, cuja característica é a bidimensionalidade, ela deve se assemelhar a um fio, isto é, deve parecer tridimensional. Ingold, em referência a Yen (2005), descreve a caligrafia chinesa – e o mesmo vale para a japonesa, uma vez que a mesma técnica foi inserida no Japão – como uma arte em que as linhas constitutivas de cada caractere possuem poder e dinâmica que lhes são próprias. Através da observação da natureza, explica Yen, os calígrafos observam os princípios de cada movimento e tentam transmiti-los através do movimento do pincel.

O objeto da caligrafia são ideogramas, conhecidos como kanji. Diferentemente de sistemas de fonogramas, os kanji são utilizados para fazer alusão à

⁵⁷ Madame Wei (272 a 349) da Dinastia chinesa Jin é reconhecida por ter estabelecido ensinamentos acerca da arte da caligrafia, cujos princípios são seguidos por praticantes atualmente. Mais informações em: <http://www.womenofchina.cn/womenofchina/html1/people/history/7/4420-1.htm> - acessado em janeiro de 2018.

ideias e conceitos, trata-se, portanto, de uma técnica que se insere simultaneamente no âmbito da escrita e do desenho. Vale lembrar que para Ingold (2007) é errôneo supor que a escrita teria suplantado a prática do desenho, deste modo, o autor concebe a escrita como um tipo especial de desenho que mobiliza elementos de notação.

A caligrafia de kanji não é uma prática comum entre os messiânicos, no entanto, esse elemento é de fundamental importância para a Igreja Messiânica, uma vez que estão presentes nos altares de todas as sedes da instituição. Quando se chega em uma unidade religiosa, o olhar do recém-chegado é acionado pelo altar, cujo centro é uma caligrafia de kanji. A curiosidade de muitos também é imediatamente aguçada, e caso se pergunte a um religioso acerca do significado contido na imagem, esse diz que se trata da *Imagem da Luz Divina*. Explicações mais sintéticas geralmente dizem que está escrito *Supremo Deus* e naquelas que são mais detalhadas, o messiânico pode explicar o significado dos kanji *Dai Komyo Shinshin*, traduzindo-os como *Grandiosa Luz do Supremo Deus*. O kanji, juntamente com o papel, pincel e tinta são os elementos materiais utilizados para tornar visível a presença de Deus através de formas sensoriais, produzidas através do ato performativo do calígrafo, que é o próprio fundador⁵⁸. Antes de abordar a relação entre o fundador e a produção de imagens de altar, é necessário dar um passo para trás a fim de tecer algumas considerações entre o Budismo e a prática da caligrafia.

O Budismo foi introduzido no Japão entre os séculos V e VI, juntamente com o sistema de notação em kanji, desse modo, a função dessa forma de escrita estava atrelada à cópia das *sutras*, tendo a princípio, uso estritamente religioso. Conforme foi descrito na introdução, o Zen Budismo foi fundamental para a formação estética do Japão, inclusive foi esse pensamento que, ao longo de um extenso processo histórico, nomeou a caligrafia de *shodô* (書道)⁵⁹, isto é, como o “caminho da escrita”, dessa forma, a disciplina na realização de tal prática seria uma maneira de se obter a elevação espiritual através da busca pela perfeição do traço. Além do *shodô*, uma miríade de performances de origem chinesa foi inserida no Japão e paulatinamente ganharam contornos próprios. De acordo com Suzuki (1961),

“O Zen se propõe a disciplinar a mente por si mesma, fazê-la seu próprio mestre através de uma visão introspectiva da sua própria natureza. Este

⁵⁸ Conforme será explicado adiante, a caligrafia do atual altar da Igreja Messiânica não foi produzida pelo próprio fundador e tal assunto é objeto de controvérsia entre outras vertentes messiânicas.

⁵⁹ 書: *sho* – escrita; 道: *dô* – caminho.

aprofundar-se na natureza real da própria mente ou na alma é o objetivo fundamental do Zen Budismo. O Zen, portanto, é mais do que meditação e *Dhyana*, no seu sentido comum. A disciplina do Zen consiste em abrir o olho mental, a fim de olhar a própria razão da existência.” (SUZUKI, 1961, p. 40)

De acordo com Helen Westgeest (1996), nem sempre o praticante das artes Zen visa a busca da transcendência, tal como no trecho de Suzuki. No entanto, isso não significa que não seja possível encontrar vestígios desse pensamento. A exemplo da caligrafia, ainda quando praticada sem o propósito Zen, é esperado que o calígrafo se desprenda de todos os fatores externos e que mantenha toda a sua atenção focada no momento presente. Ao longo da história, a popularização das Artes Zen fez com que suas práticas se tornassem parte do cotidiano de muitos japoneses – dentre esses o próprio fundador da Igreja Messiânica.

Para Ingold a caligrafia se assemelha a dança, pois em ambas o performer concentra todas as suas energias e sensibilidades em uma sequência de gestos extremamente controlados. Ambos necessitam de preparação e, uma vez que tenham iniciado, não podem ser interrompidos. Ademais, seria equivocado supor que o calígrafo se utiliza apenas de uma das mãos, do contrário, todo o corpo é envolvido durante a sequência gestual. Nessa prática, o que se coloca em evidência primeiramente é o corpo como origem de toda a caligrafia e é nele que, antes de tudo, residem as possibilidades e as potencialidades de cada indivíduo: os gestos, os sentimentos, a mente, o peso corporal, o tamanho dos ossos, a história pessoal⁶⁰.

Uma palavra que pode definir bem a relação entre o calígrafo e seus materiais é *aichaku* que, conforme Miyashiro (2009), pode ser traduzida como apego, afeto profundo. As coisas estão sujeitas a esse sentimento uma vez que são essenciais para a própria concretização da caligrafia, e nesse sentido, são utilizadas como extensão do próprio corpo do calígrafo – sobretudo os pincéis. No Japão, como na China, os principais materiais da caligrafia são conhecidos como *Os quatro tesouros* e é um conjunto de objetos indispensáveis para a prática da caligrafia: pincel *fude*; papel *kami* ou *bunchin*,

⁶⁰ MIYASHIRO, 2009, p. 10.

tinta *sumi*⁶¹ e o recipiente de tinta *suzuri* - sendo a água o elemento de ligação entre todos os objetos.

Imagem 6: Material caligráfico



O preparo dos materiais para a execução da caligrafia é um processo demorado: no método tradicional, o calígrafo leva cerca de quinze a vinte minutos para dissolver o *sumi* em água e encontrar a tonalidade ideal: é esperado que a tinta não altere sua tonalidade enquanto o pincel percorre o papel. Enquanto dilui o *sumi*, a mente deve se acalmar a fim de se preparar para a execução da caligrafia. Atualmente, diante da variedade de materiais no mercado, alguns praticantes preferem utilizar tinta engarrafada como uma forma de economizar tempo. Porém, isso não significa o abandono completo em relação ao método tradicional, utilizado quando o praticante deseja alcançar maior imersão e concentração⁶².

A caligrafia era uma atividade que ocupou parte significativa do tempo do fundador. A partir de 1945, as atividades religiosas entraram em fase de expansão, por isso as tarefas diárias passaram a ser cronometradas a fim de que pudesse dar conta de todas elas. Não era ele próprio quem preparava a tinta para a caligrafia e tampouco

⁶¹ De acordo com Miyashiro (2009, p. 78) o *sumi* é feito de fuligem, cola de osso ou gelatina animal. Inicialmente era produzido a partir de uma mistura de carbono, provavelmente grafite, água ou goma. Atualmente também é possível encontrar *sumi* feito à partir da queima de elementos minerais, como petróleo ou materiais derivados do carvão.

⁶² Informação retirada do vídeo: “How to prepare *sumi* ink: Japanese Calligraphy Tutorials for Beginners” de Esteban Martinez. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0fweYYmWK2g> - acessado em janeiro de 2018.

gostava daquelas que eram engarrafadas e vendidas prontas para o uso. Os encarregados de preparar a tinta eram os *dedicantes* que muitas vezes tentavam burlar o processo a fim de torná-lo fácil:

[Eles] deixavam o carvão de molho na água ou então cozinhavam-no e esfregavam-no no *suzuri* ou numa tigela-ralador, depois de amolecido. Entretanto, o fundador logo reconhecia a tinta preparada dessa forma e chamava a atenção da pessoa, dizendo: "É melhor esfregar o carvão no *suzuri*, pois a tinta fica brilhante. É uma tarefa cansativa, mas também é um aprimoramento para quem a executa". Por volta de 1949, um *dedicante* resolveu inventar uma máquina para preparar tinta. Ela funcionaria como um amolador. Ao invés de esfregar o carvão, ele teve a ideia de fixá-lo e fazer o *suzuri* girar. Fez uma, para experiência, tendo conseguido ótimos resultados ao testá-la. Imediatamente foi relatar ao fundador e pedir permissão para usá-la. Mas, também nessa ocasião, o mestre, disse sorrindo: "Eu não sou fabricante de guarda-chuva nem de lanterna de papel. Que ideia é essa de fazer tinta com máquina? O carvão deve ser esfregado com amor! Principalmente a tinta destinada às letras da *Imagem da Luz Divina* e do protetor⁶³ não pode ser preparada com um pensamento tão leviano. Por mais trabalho que dê, prepare-a com as mãos" Assim, a máquina de preparar tinta acabou não sendo usada. Certo dia, tomando a tinta carvão como exemplo, o fundador falou a respeito do "meio-termo": "A tinta carvão está na consistência certa quando parece fina e grossa ao mesmo tempo. A melhor consistência é quando não se sabe se ela está fina ou grossa. Quem consegue fazer isso é um herói. Se dizemos a uma pessoa comum que a tinta está grossa, ela faz fina demais; se dizemos que está fina, ela faz muito grossa. São pessoas exageradas, extremistas. A medida certa é algo fácil. Todos dizem que é difícil, mas não há nada tão fácil. Tudo que eu faço é assim." (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, Luz do Oriente, vol. 3, p. 93-94.)

Sempre que os *dedicantes* tentavam alterar o modo de preparação da tinta, acabavam advertidos pelo fundador: prepará-la de modo que ficasse a contento era mais do que uma tarefa – era um aprimoramento espiritual. Nesse momento, quiçá os *dedicantes* não eram somente *dedicantes*, mas discípulos de um mestre Zen.

⁶³ Como era conhecido o *Ohikari* na época. Mais detalhes sobre este objeto serão narrados neste capítulo.

Imagem 7: O fundador caligrafando com a ajuda de um discípulo



A prática da caligrafia e do desenho de imagens de *Kannon* se constituíram como parte fundamental da vida de Meishu-Sama, sobretudo após os tranSES ocorridos no ano de 1926. Trata-se, portanto, de objetos que foram produzidos à medida que Okada foi se construindo paulatinamente como Meishu-Sama - fundador de um movimento religioso. Em 1920, seis anos antes dos primeiros tranSES, Okada estava vinculado à Igreja Oomoto, na qual permaneceu até 1934, cuja doutrina serviu de base para a criação de sua própria religião. Em 1930, após as celebrações de ano novo, ele passou a desenhar imagens de *Kannon* com tinta carvão, papel e pincel – materiais utilizados na produção de caligrafias – e os ofereceu aos fiéis. De acordo com os registros biográficos, esta foi a primeira ocasião em que fez tal desenho - até então costumava desenhar somente o monte Fuji e outros motivos, geralmente atrelados à natureza. No final dos anos 1940 e início dos anos 1950, passou a caligrafar kanji para serem utilizados como *Imagem da Luz Divina* e, gradativamente, deixou de produzir *Kannon* – processo esse que será narrado ainda neste capítulo

“Tudo começa e termina com oração [diante do altar]”

Quando uma pessoa começa a frequentar a Igreja Messiânica, uma de suas primeiras tarefas ensinadas pelo missionário é a sequência gestual contida no cumprimento do altar: uma breve reverência com o tronco, seguida de outras três com as palmas das mãos unidas e três palmas. Assim, quando o messiânico chega à Igreja, ele deve primeiramente se dirigir diante para a *Imagem da Luz Divina* para reverenciá-la, por isso é comum que ele não cumprimente os *dedicantes* que chegaram antes dele antes de cumprimentar o altar. Caso se distraia em conversas do lado de fora da *nave*, é comum que um missionário mais rigoroso dê uma indireta: “*Fulano, você já cumprimentou Deus e Meishu-Sama?*”. Deve-se proceder do mesmo modo antes de ir embora, isto é, o messiânico ou o frequentador da Igreja deve se despedir de Deus e Meishu-Sama antes de partir.

É diante do altar que os messiânicos fazem suas orações: diz-se que na Igreja Messiânica tudo começa e termina com oração, assim, não seria errôneo pensar que tudo começa e termina diante do altar. Quando alguém está *purificando* – passando por algum sofrimento – um messiânico entoia a *Oração Amatsu Norito* diante da *Imagem da Luz Divina* para comunicar o fato a Deus; do mesmo modo, quando o ministro passa uma nova *dedicação* ou orientação a alguém, ambos vão diante da *Imagem* para comunicar a Deus – e, provavelmente antes de iniciar a reunião, o messiânico que foi pedir por orientação entoou a *Oração Amatsu Norito* a fim de pedir para Meishu-Sama utilizar o ministro como seu instrumento. É possível observar que tal oração, entoada em japonês, é um meio de comunicação entre Deus/Meishu-Sama e o fiel, assim, aquilo que se mentaliza durante a mesma possui maior poder.

O altar, tal como foi demonstrado, é acionado cotidianamente pela rotina das atividades religiosas dos messiânicos e mediante suas próprias necessidades pessoais, isto é, quando veem a necessidade de realizar alguma oração ou de comunicar algo a Deus. Conforme foi mencionado neste capítulo, a *Imagem da Luz Divina* não é uma representação simbólica: trata-se da própria materialização presença de Deus, obtida através do processo de mediação de formas sensoriais oriundas da prática da caligrafia. Por conseguinte, a imagem encarna o próprio Deus e é por este motivo que dona Eva deve manipular as oferendas com trajes brancos, máscara e touca afim de evitar que resíduos corporais caiam sobre as mesmas.

Semelhante situação também pode ser observada quando ocorre a limpeza da *Imagem*: apenas o ministro responsável pela Igreja pode efetuar tal procedimento. Ele deve vestir um jaleco branco, touca, meias, chinelo de pano branco, máscara e luva. O ministro tira os chinelos de pano e sobe no assoalho de madeira, pisando no “chão do altar” com as meias brancas guardadas na liturgia para tal propósito. Um *dedicante* o auxilia: ele segura dois panos – um identificado para a *Imagem da Luz Divina* e outro para a foto de Meishu-Sama. A partir de Mary Douglas (2014, 1978), é possível pensar que o ato de manipular o próprio corpo de Deus possui uma dimensão de perigo em virtude da sacralidade nele contida. Por conseguinte, o ministro se utiliza de tais acessórios não apenas para evitar que seu corpo contamine o sagrado, mas, de outro modo, para que esse não se volte contra ele. Ademais, os outros elementos que compõem o altar – urna; *hassokos*; aparador da *Ikebana*; parede; púlpito (ver página 62) – podem ser limpos pelos demais *dedicantes*, mas cada um desses objetos com seu próprio pano.

Em termos históricos, a imagem do atual altar da Igreja Messiânica (*Dai Komyo Shinshin*) não é a mesma em relação à época do fundador. A primeira a ser utilizada foi a do *Kannon de Mil Braços*, conhecido como *Senju Kannon*, produzida pelo próprio fundador e não uma imagem contendo caligrafias de kanji. Na época, a Igreja Messiânica ainda não existia, mas sim sua progenitora – a Dai Nipon Kannon Kai. Antes de dar prosseguimento a história e a análise das imagens de *Kannon* produzidas pelo fundador, seus diferentes usos e a subsequente substituição por caligrafias, é preciso fazer uma digressão histórica e cosmológica que seja capaz de situar o leitor acerca do papel de *Kannon* no imaginário nipônico.

Aquilo que dizem as imagens

No japonês, o termo *Kannon* é utilizado para se referir a *Kanzeon Bosatsu*, conhecido também como *bodisatva Avalokiteshvara*: aquele que, no Budismo Mahayana, tem condição de alcançar o *nirvana* e se transformar em *Buda*, porém, não o faz até que todos seres sencientes tenham se libertado do sofrimento. Conforme a introdução, o Budismo presente no Japão é majoritariamente proveniente da China e sua disseminação ocorreu a partir do século VI, à princípio como uma religião praticada majoritariamente

pela nobreza⁶⁴ que, lenta e gradualmente se espalhou pelas camadas populares do Japão. De acordo com Satoshi (2003), a popularização do Budismo não foi imediata, para Pereira (2011) foi necessária sua “japonização”, principalmente através da mescla com elementos Taoístas e Xintoístas.

Nobutaka (2003), a despeito da dificuldade⁶⁵ de encontrar uma definição precisa para o Xintoísmo, o considera como um sistema de rituais de santuário que se alicerçam na crença em *kami*⁶⁶, traduzidos inicialmente no século XIX como sinônimo de divindade(s), deidade(s), Deus(es) - sendo que nos dicionários de japonês-inglês⁶⁷ contemporâneos a palavra também aparece traduzida como espírito(s). Os *kami*, portanto, referem-se não somente a determinados gêneros de “Deuses”, mas também se estendem a elementos da natureza onde geralmente tais deidades fazem morada⁶⁸.

Tomando o Budismo e o Xintoísmo a partir do contexto de contato entre ambos, o processo de combinação se iniciou no período Nara (710-794) e se formalizou ao final do período Heian (794-1192), havendo inclusive a criação da expressão *shinbutsu-shūgō*, cunhada em referência à mescla de ambos os pensamentos e rituais. Não obstante, isto não significa que esse processo se encerrou no mesmo período, do contrário, conforme será exposto mais adiante, a combinação de elementos Xintoístas e Budistas, somados a um contexto de transformação social, constituíram-se como base de um pensamento, cujos conceitos foram orquestrados através de uma bricolagem que deu origem a eclosão de novas religiões. Portanto, ao tomar o fundador e suas imagens como mote análise para a compreensão da cultura visual da Igreja Messiânica, é possível encontrar a presença de referenciais *shinbutsu-shūgō*.

⁶⁴ PEREIRA, 2011, p. 3

⁶⁵ Apesar de Nobutaka (2003) ter cunhado tal definição, o autor argumenta que as dificuldades passam a existir a partir de tentativas de estabelecer um possível conjunto de ensinamentos que compõem a religião, sobretudo quando da tentativa de desdobrar as crenças e ensinamentos: é a partir desse momento que o Xintoísmo parece se tornar vago e impreciso. Ademais, também destaca o autor que outras tradições de origem chinesa também foram importantes para a construção do Xintoísmo, como o Confucionismo, o Taoísmo, a Teoria Yin-Yang e das Cinco Fases da Matéria.

⁶⁶ 神 (かみ): Tal vocábulo também é utilizado para se referir ao Imperador do Japão, cuja família descende de Amaterasu-Omikami conforme os livros *Kojiki* (712 d.C.) e *Nihon-Shoki* (720 d.C.) que narram o processo de criação do Japão.

⁶⁷ Fontes consultadas: <https://jisho.org> e <http://tangorin.com> – Acesso: dezembro de 2017.

⁶⁸ Conforme a cosmogonia Xintoísta narrada no *Nihon-Shoki* e *Kojiki*, foram os *kami* Izanagi-Omikami e Izanami-Omikami quem criaram o Japão e os demais arquipélagos, além de outros *kami* geralmente associados a elementos da natureza.

De acordo com Satoshi (2003), quando o Budismo começou a ser praticado pelas camadas populares, os *budas* e *bodisattvas* foram primeiramente adorados como *kamis* estrangeiros. Em fase de contato posterior, o Budismo era praticado ao lado do culto às divindades Xintoístas, o que demonstra que nesta etapa as fronteiras entre ambas as religiões não eram claramente definidas e que isso tampouco se mostrava como um objeto de tensão. Interpretações que mesclavam *budas* e *bodisattvas* aos *kami* surgiram e passaram a ser denominadas pela expressão *honji suijaku* na qual os *budas* podem aparecer temporariamente para a humanidade na forma de *kami*, com o objetivo de trazer salvação.

Um interessante episódio que retrata o processo de combinação entre Budismo e Xintoísmo diz respeito ao surgimento dos primeiros templos-santuários (*jingū-ji*)⁶⁹, que tal como o nome sugere, eram templos Budistas anexados à santuários Xintoístas fundados durante o período Heian. Os três primeiros templos-santuários foram construídos aos *kami Kehi, Wakasahido* e *Tado* que, através do oráculo, expressaram o desejo de serem salvos do sofrimento ao qual haviam sido submetidos em decorrência de causas karmicas. Nesse sentido, conclui-se que os *kami* eram vistos como seres sencientes, sujeitos ao sofrimento assim como seres humanos, porém, caso não fossem atendidos, poderiam lançar pragas, epidemias, doenças e maldições para chamar a atenção acerca do método correto de adoração a ser adotado pelos fiéis.

“Na sociedade moderna japonesa, Xintoísmo e Budismo aparecem claramente como duas entidades distintas. Entretanto, esta distinção foi imposta ao panorama religioso japonês apenas em 1868 através de decretos que separaram os templos-santuários (*shinbutsu bunri rei*) e que trouxeram uma subsequente onda antibudista (*haibutsu kishaku*). Durante o período pré-moderno, o Budismo e a crença em *kami* se misturaram para dar origem a um universo religioso distinto. Isto é descrito em textos modernos como *Shinbutsu-shūgō*⁷⁰. É importante lembrar que este estado de fusão⁷¹ foi norma ao longo da maior parte da história das religiões no Japão; o estado de separação vivido entre Xintoísmo e Budismo durou um pouco mais de um século. Entretanto, a fusão dos cultos aos *kami* e o Budismo é um tema central na história do Xintoísmo no Japão.”⁷² (SATOSHI, 2003, p. 67)

⁶⁹ Do inglês: “shrine temples”. Em kanji: 神宮寺

⁷⁰ Em inglês: “the amalgamation of kami cults and Buddhism”.

⁷¹ Tradução livre: o termo original em inglês é *amalgamation* e foi traduzido como fusão ao invés de “amalgamação”.

⁷² Tradução livre.

O fundador vivera no momento de transição narrado por Satoshi: quando a recém-instituída Restauração Meiji tornou o Xintoísmo a religião oficial do Estado Japonês e iniciou um movimento de perseguição ao Budismo e às demais religiões que surgiram. Não obstante, tal como argumenta o autor, o processo de combinação de elementos entre ambas as religiões – e até mesmo de outras – é anterior à separação ocorrida no final do século XIX. No que concerne à justaposição de sentidos, é interessante observar que a própria biografia do fundador, produzida pela Igreja Messiânica do Japão e traduzida para o português, cria um sentido diferente para *Kannon* que passa a ser retratado como a própria manifestação de Deus, e, acerca das revelações contidas no transe de 1926, a biografia afirma que

“(…) Foram revelações misteriosas, o primeiro indício de que Deus começara a atuar sobre ele [fundador] diretamente. Naquele momento, Deus atuou sobre o nome de *Kannon*. Embora, no Budismo, *Kannon* apresente formas diversas, em verdade, ele representa o próprio Deus. O fundador ficou sabendo que *Kannon*, usando seu corpo, iria executar a grande obra de salvação da humanidade.” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, *Luz do Oriente*, volume 1, 2007, pág. 260)

A partir do transe de 1926, nota-se na biografia que *Kannon* – o qual pode ser denominado de Deus nesse contexto – passou a utilizar o próprio corpo do fundador⁷³ que, a respeito desse fato, escreveu em um de seus ensinamentos: “*Há uma Bola de Luz em meu ventre. Ela é o Espírito de Deus, de modo que Ele mesmo maneja livremente meus atos, minhas palavras, tudo.*”⁷⁴ Portanto, para o fundador, Deus havia se assentado em seu corpo, por isso o utilizava a fim de cumprir seus propósitos de salvação. Ele próprio criou um nome para designar esse estado através da palavra *Kenshinjitsu*, que se caracteriza pela sólida consciência de tudo, tanto do passado como do futuro a ser percorrido, por isso, ao atingir tal estado, ele haveria se tornado capaz de indicar a postura que a humanidade deveria adotar. Sobre o *Kenshinjitsu*, afirmou:

“Sakyamuni disse tê-lo atingido aos setenta e dois anos, e Nichiren, depois dos cinquenta anos. *Kenshinjitsu* significa a capacidade de entrar em contato com essa essência” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, *Luz do Oriente*, volume 1, 2007, pág. 264).

⁷³ Utilizo o termo fundador de modo recorrente por se tratar de uma fase de transição entre Mokiti Okada e Meishu-Sama.

⁷⁴ FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, *Luz do Oriente*, volume I, 2007, pág. 263.

A referência do fundador a Sakyamuni⁷⁵ (nome dado ao Buda Histórico, Siddhartha Gautama) e a Nichiren⁷⁶ (precursor de uma vertente de Budismo japonês que leva seu próprio nome, segundo a qual Nichiren teria se iluminado tal como Sakyamuni) demonstra que o estado de *Kenshinjitsu* se assemelha ou pode se tratar da mesma iluminação alcançada por Sakyamuni e Nichiren e, por conseguinte, é possível concluir que parte do conceito fora construído a partir de referenciais oriundos do Budismo Mahayana. No entanto, esse não se encerra neste pensamento: no Xintoísmo, existe a crença popular em *ikigami* que seriam *kami* vivos e, com o mesmo sentido, existem *keshin* – emanações de *Buda*⁷⁷. Desse modo, o estado de *Kenshinjitsu* contém referenciais tanto Xintoístas como Budistas, pois Deus – cuja concepção é construída a partir da ideia de *Kannon* – à medida que teria se assentado no corpo do fundador, transformou-o em um *ikigami* e simultaneamente em um tipo particular de *buda*.

Tal estado também pode ser considerado como uma experiência xamanística, caracterizada pelas técnicas de interação entre xamã e deidades ou espíritos. De acordo com Tomita (2014), o conceito de xamanismo não foi elaborado por intelectuais japoneses, mas trazido por esses no período pós Segunda Guerra Mundial a fim de compreender as especificidades das religiões do país. Portanto, o xamanismo não se trata de um traço exclusivo do fundador, essa tendência também existia dentro do Budismo e do Xintoísmo, sendo que no caso do primeiro havia monges como Kobo Daishi e Enno-Ozunu que se dedicaram à cura de doenças - atividade que também foi desenvolvida pelo fundador e que será abordada ainda neste capítulo.

Conforme foi abordado no início desta seção, no Budismo os *Kannon* são *bodisattvas*, isto é, seres que têm condições de alcançar o *nirvana* e se transformarem em *buda*, porém, não o fazem até que todos os seres sencientes tenham se libertado do sofrimento. Portanto, *bodisattvas* ainda não são *budas* e em muitas vertentes do próprio Budismo não há um argumento que assevere a existência de Deus. Diante de tais considerações, é possível tencionar os elementos acionados pelo fundador diante da

⁷⁵ Nome utilizado majoritariamente pelo Budismo Mahayana.

⁷⁶ O Budismo de Nichiren também está inserido no Budismo Mahayana. Para mais informações: <https://www.thoughtco.com/shakyamuni-buddha-449787> - Acessado em 30/12/2017.

⁷⁷ NOBUTAKA, 2003, p. 7.

justaposição entre o *Kanzeon Bosatsu*⁷⁸ e Deus. De acordo com a biografia produzida pela Igreja,

“na fase em que o Budismo foi introduzido no país e assimilado pela sociedade japonesa, pregava-se ao povo a teoria sobre a identidade entre *Buda* e Deus; segundo essa teoria, ambos possuem a mesma raiz, sendo que *Buda* é a figura original, e Deus, sua manifestação. Entretanto, baseado na orientação divina, o fundador pregou o contrário, ou seja, que Deus é a figura original, e *Buda*, sua manifestação.” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, *Luz do Oriente*, vol. II, 2002, pág. 39.)

De acordo com a biografia do fundador (2002), Deus Supremo – Criador do Universo –, regrediu ao nível de *bodisattva* e se tornou *Kanzeon Bosatsu* – entidade que no Budismo é de nível inferior em relação a *Buda* – com o objetivo de salvar a humanidade. Conforme surgem mudanças, Deus transforma-se em *Komyo Nyorai* e posteriormente em *Miroku-Omikami* – o último pertencente ao panteão Xintoísta e tido pelo fundador como o estado original de Deus. Portanto, a identidade divina é, nessa concepção, de natureza mutável à medida que pode assumir diferentes feições que são resultantes de combinações entre Budismo e Xintoísmo. Para o fundador,

“Deus Supremo é o espírito do espírito. Não possui configuração formal alguma. Existem, entretanto, muitas manifestações d'Ele em forma corpórea. [...] Até agora, contudo, só havia a ideia de Deus fundamentada ou no monoteísmo Cristão, Judaico e Islâmico ou no politeísmo Xintoísta e Budista. A realidade, porém, consiste num Deus único dividido em milhares de outros. É, pois, tanto monoteísta quanto politeísta.” (LUX ORIENS, *O Evangelho do Céu*, vol. 3, 2005, p. 25)

O fundador compôs, em 1935, a *Oração Zenguen-Sanji*⁷⁹ com base na *Sutra Kannon* que apesar do conteúdo Budista, foi adaptada para ser entoada ao estilo Xintoísta. Portanto, a oração é oriunda de um processo criativo no qual o fundador combinou elementos de ambas as religiões em favor de seus propósitos pessoais, tendo em vista a formação e a fundamentação de uma doutrina religiosa própria. Como é sabido, uma Igreja que contenha doutrina e práticas ritualísticas estruturadas e que além disso é capaz de angariar fiéis é um processo de construção de longa duração. Ainda depois de “pronta”, a religião permanece constante devir e não como um objeto acabado e intocado pela

⁷⁸ *Kanzeon Bosatsu* é um tipo de *Kannon* que aparece com frequência nos ensinamentos do fundador.

⁷⁹ De acordo com Anjos (2012), a *Oração Zenguen-Sanji* foi entoada nas unidades da Igreja Messiânica Mundial do Brasil até 1996, quando foi substituída pela *Oração dos Messiânicos*, escrita com base na própria *Zenguen-Sanji*.

história. O processo de construção da Igreja Messiânica e, de maneira mais ampla, de todo movimento religioso e terapêutico engendrado por Okada, passou por diversas interrupções em virtude da pressão exercida pelo Estado que via as religiões e técnicas terapêuticas recém surgidas na época como ameaças. Desse modo, o fundador, desde sua saída da Igreja Omoto em setembro de 1934, teve que elaborar táticas para conseguir exercer suas atividades. À medida que as produzia, novas tensões surgiam, e, diante dessas novas estratégias eram novamente criadas. É nesse movimento que se verifica a oscilação entre a religião, a terapia, a arte e a produção e circulação de imagens de *Kannon*, caligrafias, técnicas/práticas terapêuticas – tema a ser analisado a seguir.

O fundador e suas instituições: talismãs, caligrafias e desenhos

Quando conheceu a religião Omoto na década de 1920, Okada passou a praticar o *tinkon kishin-ho* que se trata de uma técnica oriunda do Xintoísmo antigo e muito semelhante às práticas do Zen-Budismo, que fora trazida para a religião. O método consiste em

“serenar a alma, excluindo os próprios sentimentos, e tornar-se uno com Deus. Para isso, a pessoa se senta sobre as pernas dobradas, com as mãos cruzadas e os olhos cerrados, e planeja o engendramento da própria espiritualidade, tendo por objetivo a união com Deus. Considera-se que, repetindo essa prática, a pessoa recebe poderes divinos, através dos quais lhe é possível curar doenças” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, *Luz do Oriente*, vol. I, 2009, p. 261)

Na bibliografia estudada, não há maiores detalhes de como o *tinkon* era realizado pelos adeptos da Omoto: se era majoritariamente praticado como uma forma de meditação ou em que momento o praticante era considerado apto para realizar a técnica de cura. O que consta nos registros históricos da época se refere ao uso de um leque durante a aplicação do *tinkon*, conhecido como *miteshiro* que, em termos Omotanos, era um vocábulo utilizado para designar algo que substitui a mão. Sentindo-se satisfeito com o resultado de suas aplicações, o fundador passou a distribuir alguns *miteshiro* a seus seguidores mais próximos a fim de que também pudessem realizar o *tinkon*, tal como ele aplicava. Nos leques, havia as seguintes dizeres, registrados em caligrafias: “*Este leque purifica / E salva todos os espíritos*”; “*Este leque purifica/ O corpo espiritual de todas as coisas*”; “*Este leque branco purifica/ O corpo e o espírito*”.

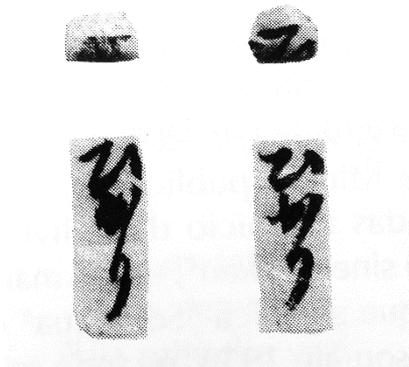
Imagem 8: *Miteshiro* caligrafado pelo fundador



Foi na mesma época, mais precisamente em janeiro de 1930, que o fundador passou a desenhar imagens de *Kannon* e distribuí-las entre seus seguidores. Também fazia *Ohineri*: caligrafia que era utilizada como amuleto de proteção depois de dobrada. Aqui, é importante lembrar que em 1926 o fundador já havia experienciado os primeiros transe e em junho de 1931 foi a ocasião em que recebeu a *Revelação Divina*, portanto, o período de 1926 a 1931 consiste no momento de afloramento das experiências de transcendência e de efervescência. Diante do conteúdo das revelações, decidiu então estudar a fundo a técnica do *tinkon* e a aplicar em familiares e posteriormente em pessoas enfermas. Foi por volta dessa época que passou a inserir elementos pessoais no *tinkon*, assim, de acordo com os registros da época, a técnica

“começava com a entoação da *Oração Amatsu Norito*; em seguida, depois de uma reverência com as mãos unidas, pressionava-se a região enferma com os dedos, passava-se nela a palma da mão e, por fim, soprava-se o local. Um pouco mais adiante, por volta de 1932, estendia-se a palma da mão em direção a pessoa e entoava-se em silêncio, três vezes, a *oração da contagem dos números sagrados*. Outra forma consistia em escrever no ar, com o próprio dedo, a certa distância da pessoa “*Que esse interior seja purificado*”, e outras palavras do gênero. Às vezes, utilizava-se paralelamente, o poder do *Espírito da Palavra*. Por exemplo: no caso de uma pessoa com dor de cabeça, falava-se “*Dor de cabeça, deixe esta criatura*”, e dava-se um sopro. Além destes, empregava-se também o seguinte método: depois de se fazer a prece com as mãos unidas, levantava-se a mão em direção da pessoa e, ao mesmo tempo, dava-se um sopro, que era a materialização da ação do *Deus da Purificação*.” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, *Luz do Oriente*, vol. I, 2009, p. 321)

Imagem 9: Ohineri. Na parte de baixo, seu aspecto antes de ser dobrado.



Diante dos resultados do *tinkon*, em maio de 1934 o fundador decidiu abrir seu primeiro espaço terapêutico, conhecido como *Ojin-do* e para lá se mudou a fim de estudar e aprimorar a técnica que na época foi renomeada de *Tratamento Espiritual de Digitopuntura no Estilo Okada*⁸⁰. É importante destacar que a mudança do nome do tratamento pode ser considerada uma ruptura pessoal em relação à Omoto: desde que passou a se dedicar ao *tinkon*, restava-lhe pouco tempo para se dedicar às atividades de divulgação da religião. Diversos conflitos entre os dirigentes e o fundador são narrados de modo detalhado no primeiro volume da biografia *Luz do Oriente*, no entanto, apesar da abertura do *Ojin-do* ser datada de em maio de 1934, o desligamento definitivo em relação à Omoto ocorreu apenas em setembro daquele ano – cerca de quatro meses depois.

Para divulgar as atividades terapêuticas do *Ojin-do*, o fundador decidiu distribuir um panfleto em que constavam as seguintes informações: descrição de seu método terapêutico e a quantidade média de aplicações necessárias para cerca de cinquenta e três tipos de enfermidade; o horário de atendimento (das 9 às 15 horas) e aplicação do tratamento (15 às 18 horas) e o valor de cada aplicação (na clínica, a primeira vez eram cobrados 2 ienes, a partir da segunda, 1 iene; no caso de atendimentos domiciliares, a primeira vez, 10 ienes, a partir da segunda, 5 ienes)⁸¹.

A fase em que o fundador viveu no *Ojin-do* vai de maio de 1934 a maio do ano seguinte, e pode ser considerada como um período de transição entre a desvinculação em relação à Omoto e a criação de sua primeira igreja. Em setembro de 1934, poucos

⁸⁰ De acordo com Tomita (2011), o termo digitopuntura também foi traduzido como *shiatsu*.

⁸¹ RAFFO, 2010, p. 48.

meses após deixar a religião, recebeu uma orientação divina na qual deveria desenhar a imagem de um *Kannon de Mil Braços*, para ser utilizado como *Imagem da Luz Divina* da religião que iria fundar. O processo de criação se iniciou no dia quinze de setembro de 1934 e foi finalizado em dezessete de novembro do mesmo ano⁸². Terminada a imagem, anunciou que em primeiro de janeiro do ano seguinte fundaria um movimento religioso sob o nome de Dai Nipon Kannon Kai⁸³.

*“Hoje, bem tarde da noite,
Terminei finalmente
O Kannon de Mil Braços.
Estou satisfeito”*

A imagem do *Kannon de Mil Braços* é relevante, pois faz parte do próprio ato de fundação da organização religiosa, isso pode ser observado no estatuto elaborado pelo fundador e demais dirigentes que, pouco tempo depois de finalizada a imagem, reuniram-se para elaborar o estatuto da instituição no qual ficou estabelecido que só poderiam ser considerados membros da Igreja Dai Nipon Kannon Kai aqueles quem tivessem entronizado imagens de *Kannon*⁸⁴ em seus lares. Essa asserção permite que se tencione os possíveis usos de tais quadros: tratavam-se de objetos de adoração e devoção diante dos quais os fiéis dirigiam suas orações e, ao mesmo tempo, também eram utilizados para estabelecer uma relação de pertencimento religioso. Portanto, pode-se cometer uma simplificação se as imagens de *Kannon* forem tomadas como elementos que apenas ilustram a presença do Budismo na doutrina da Dai Nipon Kannon Kai e, futuramente, da Igreja Messiânica.

⁸² De acordo com o livro *Luz do Oriente* (vol. I), devido às proporções da Imagem, o fundador não tinha espaço para produzi-la na sede do Ojin-Do (local onde costumava aplicar a terapia que estava desenvolvendo na época), por isso, Maki Kanetaka – uma de suas seguidoras – ofereceu um cômodo desocupado de sua casa. Certo dia, quando o trabalho já havia passado da metade, o marido da senhora Kanetaka chegou bêbado e destruiu a imagem. O fundador interpretou que a atitude não fora do marido, mas do próprio *Kannon* que não estava satisfeito com alguns elementos que haviam sido colocados na imagem. O fundador fez algumas modificações: ampliou a auréola em volta da cabeça; ao invés de estar em cima das nuvens, a figura foi desenhada em cima de uma rocha e foi retirado o bigode. (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 2009, pág. 358)

⁸³ Foi esta a imagem que Lucas utilizou, em tamanho reduzido, na banca de *Johrei* da Feira de Artesanato.

⁸⁴ Não há informação de qual imagem de *Kannon* que era entronizada nos lares daquela época. É importante destacar que o fundador pintou diversos quadros que podem ser consultados através do link: <http://www.jinsai.org/manifestacao/imagkannon.php> - Acesso: 02/01/2018.

**Imagem 10: *Senju Kannon* – O Kannon de Mil Braços
1934 - 180cm x 150cm**

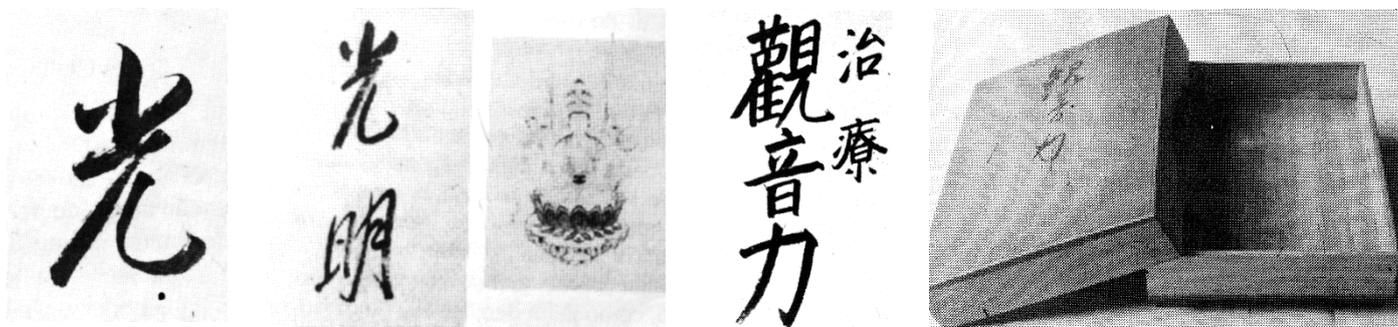


Raffo (2010) define a Dai Nipon Kannon Kai como uma associação de cunho religioso que não chegava a ter o *status* de religião. O alvo da fé era *Kanzeon Bosatsu* – um *bodisattva* ou *Kannon* – sendo que o objetivo da religião era a construção do *Paraíso Terrestre*. Assim, por meio dos ensinamentos de *Kannon* transmitidos através do fundador, os aspectos equivocados do mundo em vigor na época seriam corrigidos e as civilizações Ocidente e Oriente se uniriam. Por fim, para tornar possível o *Paraíso Terrestre* seria preciso eliminar as doenças, assim, a prática do método de *digitopuntura* foi trazido do ambiente terapêutico do *Ojin-do* para a sede da Dai Nipon Kannon Kai. Porém, como na ocasião apenas treze discípulos poderiam aplicar a técnica uma vez que

eram os únicos que possuíam o *miteshiro*, o fundador⁸⁵ decidiu ampliar a prática através da confecção do *Omamori*: pequeno pedaço de papel onde caligrafou “*Poder Kannon de Tratamento*” ou “*Poder Kannon de Cura*”. Cento e uma pessoas fizeram o curso de uma semana de duração e receberam o certificado com a qualificação de terapeuta, além do próprio *Omamori* para fazer a aplicação da técnica.

“O primeiro talismã protetor [*Ohineri*] possuía a palavra “*Luz*”, escrita pelo fundador; o novo continha as palavras “*Luz Intensa*” e a imagem do *Kannon de Mil Braços*, colocadas num mesmo invólucro, e eram usadas penduradas ao pescoço. Com esse talismã não se podia ministrar *Johrei*⁸⁶, mas, pelo simples fato da pessoa enferma tê-lo no peito, ela ficava banhada pela *Luz de Kannon* e pela divina espiritualidade do fundador; havia ocasiões em que esse talismã podia ser emprestado a doentes graves, por exemplo. O talismã que permitia a ministração de *Johrei* a terceiros continha as palavras “*Poder Kannon de Tratamento*” ou “*Poder Kannon de Curar Doenças*”, escritas em sentido vertical. Normalmente, ficava guardado numa caixa feita de paulóvnia; na hora da ministração do *Johrei*, que se fazia através das mãos, ele era pendurado ao pescoço”. (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, *Luz do Oriente*, volume 2, 2002, p.51-52).

Imagem 11⁸⁷, da esquerda para a direita: Hikari (Luz); Komyo (Luz Intensa) e Kannon de Mil Braços; Omamori (Poder Kannon de Cura); Caixa de Paulóvnia para guardar o Omamori.



Além das aulas de *Terapia Japonesa*, o fundador desenvolveu outro curso que tinha o objetivo de ensinar aos fiéis os princípios da doutrina da religião que ficou conhecido como *Curso Kannon* e foi ministrado em sete aulas. Através do curso e das

⁸⁵ O fundador não utilizava o *miteshiro*, apenas os dirigentes. Ver RAFFO, 2010, p. 50.

⁸⁶ Nesta época, a técnica ainda não recebia o nome de *Johrei* e era aplicado de modo diferente. O tradutor pode ter se utilizado deste nome como um recurso para facilitar o entendimento do leitor.

⁸⁷ Fonte das imagens: FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, *Luz do Oriente*, volume 2, 2002, p. 51.

aulas de *Terapia Japonesa*, pode-se concluir que a Igreja Dai Nipon Kannon Kai funcionava através da terapia, sendo essa praticada a partir de uma visão religiosa de mundo. A partir da criação do *Curso Kannon*, o número de associados subiu de duzentos para seiscentos e o número de filiais foi de quatro para onze unidades. A sede da Dai Nipon Kannon Kai se tornou pequena e foi preciso encontrar um lugar capaz de comportar o contingente de seguidores que a religião havia angariado na época. Diante do aumento, o fundador adquiriu um terreno de cerca de 25 mil metros quadrados, localizado no subúrbio de Tóquio às margens do Rio Tamagawa. O local foi denominado inicialmente por *Gyokusen-Kyo* e posteriormente por *Hozan-So*, e é de fundamental importância para a vida do fundador e também para a formação de seu pensamento enquanto líder religioso uma vez que foram nessas terras que foi desenvolvido o método da *Agricultura Natural* – abordado no capítulo II – e onde cultivou flores e pôde assim se dedicar com maior frequência à prática da *Ikebana* – tema que será desdobrado no capítulo III.

Com o objetivo de “laicizar” a técnica da *digitopuntura* de modo que pessoas de outras religiões também aderissem ao tratamento, em maio de 1936 o fundador criou a instituição Dai Nipon Kenko Kyokai, cujo nome pode ser traduzido para o português como *Associação Japonesa de Saúde* – nomenclatura sem nenhum tipo de apelo religioso. A associação também tinha a finalidade de ser um ambiente em que o tratamento fosse aplicado de modo institucional, sem sofrer represálias da polícia – o que na ocasião já estava ocorrendo com a Dai Nipon Kannon Kai. Por conseguinte, a Dai Nipon Kenko Kyokai foi uma estratégia elaborada pelo fundador que visava encontrar brechas nas leis estabelecidas na época, porém, sem contrariar ou infringi-las de fato. De acordo com Raffo (2010), associação também apontava os erros da medicina ocidental, e tinha o objetivo de desenvolver um método terapêutico adequado ao povo japonês, inclusive, pleiteava-se a abertura de um hospital, seguindo a legislação vigente na época. Contudo, teve tempo de vida demasiado curto: em 28 de julho de 1936 a Delegacia de Polícia Metropolitana baixou a “Ordem de Proibição da prática de tratamentos”, lei essa que significou a própria extinção da associação. Vale lembrar que no primeiro dia daquele mês a Dai Nipon Kannon Kai também foi dissolvida em virtude de pressões policiais que acusaram o fundador e alguns de seus discípulos de contrariar as leis estabelecidas pela medicina.

Os dez anos que seguem esses eventos são conhecidos na biografia do fundador como uma fase de contenção das atividades religiosas. Trata-se de um período de dificuldades, pois além da repressão policial, o Japão já havia se aliado à Alemanha de Hitler e o mundo caminhava para a Segunda Guerra Mundial, iniciando assim um período de dificuldades e escassez. Foi nessa época que o fundador mudou o nome de sua residência, a antiga sede da Dai Nipon Kannon Kai, de *Gyokusen-Kyo* para *Hozan-So* – traduzido como *Solar da Montanha Preciosa*, o que retirou do nome do estabelecimento a presença de referenciais religiosos. Em setembro de 1936, no mesmo ano em que se viu obrigado a fechar as duas instituições que criou, o fundador instituiu uma associação de arte, cujo nome era Kannon Hyapuku Kai (*Associação dos Cem Kannon*).

A instituição foi um meio pelo qual o fundador encontrou para continuar suas atividades espirituais através da arte, uma vez que viu a distribuição de imagens de *Kannon* como uma forma de levar salvação às pessoas que estivessem sofrendo. Desse modo, apesar da associação possuir um viés voltado para a arte através da produção e distribuição de imagens de *Kannon*, havia por trás disso uma motivação religiosa que pode ser observada a partir do seguinte trecho:

“Nesse período logo após os acontecimentos de Omiya e Tamagawa⁸⁸, muitos fiéis vacilaram, e a distribuição não podia ser feita conforme se desejava. Entretanto, havia pessoas convictas que continuaram ao lado do fundador e receberam as imagens coloridas, de elevado teor artístico, como objeto de fé” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, Luz do Oriente, vol. 2 2002, p. 84).

Imagem 12: Fundador pintando imagem de *Kannon*



⁸⁸ Em ambos os casos o fundador foi intimado a ir à delegacia para prestar esclarecimentos sobre práticas de tratamento que contrariavam as leis da época, as quais se baseavam na ciência e na biomedicina como o correto a ser seguido.

No estatuto da instituição, destaca-se a seguinte passagem:

“Por serem imagens de *Kannon*, pintadas com o máximo cuidado pelo fundador, ele recebeu muitos pedidos, mas infelizmente, até o momento não foi possível atendê-los; fato inevitável, porque o mestre não dispunha de tempo. Agora, tendo conseguido tempo disponível, o fundador irá se empenhar na confecção de cem imagens de *Kannon*, desejo que vem acalentando há longos anos”. (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, Luz do Oriente, vol.2 2002, p. 83).

A biografia menciona que as imagens eram vendidas por 50 ienes cada uma, sendo possível conjecturar que se tratava de uma forma que o fundador encontrou para angariar fundos para o sustento do *Hozan-So*. Ademais, foi durante a fase de contenção das atividades religiosas que o fundador além de ter se dedicado à arte, também iniciou o cultivo de produtos agrícolas no *Hozan-so* a fim de alimentar a família e os *dedicantes*, em virtude da escassez trazida pelos tempos de guerra. Foi a partir do cultivo em ambiente doméstico que se desenvolveram os preceitos filosóficos do manejo que ele denominou posteriormente de *Agricultura Natural*.

Apesar de ter sido proibido de praticar tratamentos, o fundador conseguiu encontrar brechas à medida que passou a ser conhecido entre pessoas que gozavam de influência política. Após tratar a filha de um general do exército japonês, esse passou a procurar recursos para anular a ordem de proibição de tratamento. Assim, em outubro de 1937, após um ano e três meses, recuperou a licença para aplicar tratamentos – o que pôde fazer até o final de dezembro de 1940, quando novamente teve que interromper em decorrência de retaliações da polícia

Após esse episódio, o fundador⁸⁹ – que na ocasião já havia formado muitos discípulos – decidiu sair da “linha de frente” da difusão e a deixou ao encargo de seus seguidores mais próximos que assumiram novas responsabilidades, como por exemplo, a ministração de aulas para o recebimento do *Omamori* e o próprio ritual de entrega desses, porém, a produção de tais objetos ainda era de sua responsabilidade. Tudo era realizado com discrição a fim de não atrair a atenção da polícia, inclusive é importante destacar que

⁸⁹ O fundador foi impedido de realizar tratamentos no final de 1940, porém, apesar de ter entregue uma carta na qual declarou que havia deixado de praticar tais atividades, seus discípulos tampouco deixaram de fazê-la. Em 1941, muitas personalidades de influência social e política desejavam receber tratamento com o fundador e passaram a pressionar os órgãos competentes do Estado para que ele pudesse retomar tal prática. As reivindicações foram atendidas, mas na época o fundador ministrava a terapia apenas para um número limitado de pessoas e foi nessa ocasião em que deixou seus discípulos tomarem frente de tal atividade.

o próprio *Omamori*, foi alterado na época e passou a ser entregue com a denominação de “lembrança”, ao invés de *Komyo* (Luz Divina):

Imagem 13: *Omamori* – palavra lembrança escrita pelo fundador.



Caligrafar a palavra “lembrança” ao invés de utilizar termos que poderiam ser considerados de conotação religiosa foi mais uma estratégia encontrada pelo fundador para dar continuidade às atividades de ordem terapêutica/religiosa. Por fim, é possível concluir que as estratégias empreendidas por ele não se limitaram apenas ao nome de instituições – religiosas, terapêuticas ou associações de arte – mas também chegaram ao modo como os *Omamori* eram produzidos. Apesar de terem recebido um kanji da palavra “lembrança” ao invés de termos que fizessem alusão à *luz*, este, porém, não perde sua eficácia à medida que pode ser utilizado para a aplicação da técnica terapêutica/religiosa, tal como o *Komyo*. Esse caso pode trazer reflexões importantes acerca da eficácia do objeto: apesar de não conter os termos tidos como corretos ou mais adequados para assegurar a transmissão de *luz*, o *Omamori* não perde sua eficácia em virtude de conter a materialização do próprio poder espiritual daquele que o forjou. Por conseguinte, todos os objetos produzidos pelo fundador seriam dotados de tal poder, porém, não se trata de limitar a análise apenas ao poder “mágico” contido na pessoa do fundador, mas de reconhecer que tal capacidade se manifesta a partir de sua encarnação em formas materiais – é nesse sentido que a análise da religião e de seus materiais pode prestar uma importante contribuição ao tema da eficácia, uma vez que pode oferecer novos conceitos e reflexões ao assunto.

De volta aos acontecimentos da época, à medida que decidiu deixar “linha de frente” da difusão, o fundador também passou a evitar reuniões no *Hozan-So*. Assim, passou a ser comum seus discípulos o encontrarem para ir ao cinema ou em jantares com poucas pessoas. Era em momentos como esses que proferia suas orientações e conselhos

aos discípulos que na ocasião agiam de forma independente, isto é, não estavam centralizados em nenhuma instituição e assim gozavam de certa autonomia. A técnica na época recebeu novamente o nome de “*Digitopuntura no estilo X*” ou “Tratamento de *Shiatsu no estilo X*” – em que X corresponde ao nome dado ao discípulo chefe da unidade.

Por fim, a liberdade religiosa foi estabelecida apenas após o término da Segunda Guerra Mundial e em 28 de dezembro de 1945 foi promulgada a Lei de Liberdade Religiosa. O fundador não registrou nenhuma instituição de imediato e apenas em 11 de fevereiro de 1947 fundou a Nipon Joka Ryoho Fukyu-Kai, traduzida como *Associação de Divulgação da Terapia Japonesa de Purificação* e, conforme o nome, tratava-se de uma organização terapêutica e não religiosa.

“A partir de então, as atividades terapêuticas que seus discípulos vinham desenvolvendo individualmente, sob o nome “Tratamento de *Shiatsu no Estilo X*”, foram reunificadas em torno da associação recém-criada, cujo presidente era o próprio Mokiti Okada – o fundador. Entretanto, em março do mesmo ano [1947], o universo das práticas terapêuticas sofreu um grande impacto, causado pelo Conselho do Sistema de Saúde, que proibia a prática de toda e qualquer atividade análoga à medicina” (RAFFO, 2010, p. 61)

Conforme lembra Raffo (2010), o fundador sempre fora pressionado a posicionar seu trabalho entre duas vertentes, a princípio tidas como excludentes: a terapia e a religião. Diante da conjuntura imposta pela lei implementada a pedido do Conselho do Sistema de Saúde e, por fim, desejando seguir uma nomenclatura que não entrasse em conflito com a medicina, o fundador optou pela via da religião, assim, em 30 de agosto de 1947 destituiu a Nipon Joka Ryoho Fukyu-kai e fundou a Nipon Kannon Kyodan – *Igreja Kannon do Japão*. Apesar da opção do fundador pela religião e das motivações religiosas contidas em na sua prática terapêutica, pode-se conjecturar que a abertura de associações de saúde, enquanto pôde mantê-las em atividade, não era apenas uma tentativa de encontrar uma brecha em meio as leis e a repressão que ocorria em um dado momento histórico. Essa perspectiva induz ao erro de pensar que o fundador contrariado pela impossibilidade de instituir uma religião, haveria se contentado em realizar terapias em associações de saúde. Tal análise parte de um viés excludente, no qual a instituição religiosa é percebida como o objetivo máximo do fundador, e, por conseguinte, é colocada em um patamar de superioridade em relação às associações de saúde. A meu ver, ambas não podem ser consideradas de tal forma, uma vez que as atividades que o fundador

pretendia desenvolver não eram voltadas apenas para a religião, mas para todos os possíveis âmbitos da atividade humana⁹⁰.

Após cerca de dez anos de contensão das atividades religiosas, a possibilidade de retomada em decorrência de um contexto político favorável foi percebida pelo fundador como um sinal de atuação de Deus, assim, à medida que esse se aproxima de sua forma original, deixa de ser *Kanzeon Bosatsu* e se torna *Miroku Omikami*, esse processo então se reflete na conjuntura política que passa a ser considerada favorável à expansão da Igreja. A partir disso, o fundador determinou então que os fiéis passassem a se dirigir perante Deus como *Miroku Omikami*, entidade oriunda do Xintoísmo.

De acordo com a doutrina da religião, é preciso haver correspondência entre a atuação de Deus e sua imagem, portanto, uma vez que Deus alcançou sua forma original e se tornou *Miroku Omikami*, o altar – que serve como a própria imagem de tal divindade – deve estar de acordo com a hierarquia espiritual daquele que nele está assentado. Dessa forma, uma vez que Deus passou a atuar como *Miroku Omikami* e este *kami* se encontra em posição superior relação a *Kanzeon Bosatsu*, é preciso então que o altar se adapte a tal mudança. Diante disso, algumas sedes da Dai Nipon Kannon Kyodan tiveram suas imagens trocadas pela caligrafia *Dai-Komyo Nyorai* (Divindade de Luz Muito Intensa). A história de tais imagens é descrita na biografia do fundador e é importante registrá-la:

“No início de 1946, logo depois do fim da guerra, portanto, quando a *Obra Divina* entrou numa nova fase, com a rápida expansão da difusão, o fundador começou a caligrafar mais dois tipos de *Imagem da Luz Divina*: *Komyo Nyorai* e *Dai Komyo Nyorai*, além de continuar pintando imagens de *Kannon*. Alguns meses depois, purificando com sarna, doença que o deixou acamado, ele não pôde pegar no pincel por uns tempos; no ano seguinte, porém, quando começou a se restabelecer, passou a confeccionar as *Imagens da Luz Divina* unicamente com letras, não pintando mais a figura de *Kannon*.” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, Luz do Oriente, vol. 3, 2002, p. 91)

Através da análise da citação e considerando a história das imagens de *Kannon* e das caligrafias utilizadas nas Igrejas, é possível constatar primeiramente que o fundador produzia as imagens de *Kannon* para serem reverenciadas como a própria materialização da presença de Deus, sendo essa mediação construída a partir de feições

⁹⁰ Existem outras vertentes, a exemplo da *MOA International*, que criticam o caráter religioso da Igreja Messiânica, pois afirmam que o fundador não tinha o objetivo de formar uma religião, por isso tais segmentos enfatizam o *Johrei* como prática terapêutica. Os seguidores dessa vertente se consideram terapeutas e não religiosos, inclusive não se referem ao fundador como Meishu-Sama (tal como fazem os religiosos), mas por Mokichi Okada.

antropomórficas. Apesar de a imagem de Deus estabelecida pela caligrafia *Dai-Komyo Nyorai* ter um equivalente em formas antropomórficas, essa não foi amplamente utilizada, tal como sua correspondente em kanji. Muito provavelmente isso se justifica pelo tempo necessário à composição do desenho ser maior em relação à caligrafia. De acordo com a biografia, o fundador produzia cerca de cem caligrafias da *Imagem da Luz Divina* em apenas trinta minutos, o que conseguiu através da invenção de um método próprio:

“Preparava de antemão cem folhas de papel apropriado, intercaladas com jornal. Quando terminava de dar vigorosas pinceladas na primeira, o *dedicante* encarregado desse servir retirava a folha junto com o jornal, puxando-a rapidamente, em sentido lateral. Ao término dessa operação, o fundador já havia acabado de fazer a caligrafia seguinte. Assim, era um serviço ininterrupto, no estilo de uma corrente de motor. Além de escrever essa grande quantidade de caligrafias com muita facilidade, o fundador sempre o fazia ouvindo rádio.” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, *Luz do Oriente*, vol. 3, 2002, p. 92)

A mudança de desenhos para caligrafias de kanji possui argumentos não excludentes entre si: tratava-se da necessidade do fundador de economizar tempo; de acordo com ele, as letras contidas nas caligrafias estariam em nível espiritual superior em relação aos desenhos, uma vez que as primeiras se referem ao espírito enquanto que as segundas à matéria⁹¹. Nesse caso, portanto, a modificação de uma iconografia por outra provoca mudanças no processo de mediação religiosa: se Deus antes possuía feições humanas, agora suas feições se tornaram caracteres. Por conseguinte, tais traços tornam sua imagem mais próxima de um conceito abstrato, reflexão essa que pode ser feita a partir da ideia de luz: se Deus é uma divindade de grande *luz*, como desenhar a própria *luz*? Como pode o corpo enxergá-la e desenhá-la ao invés de seu reflexo em cores que são parte da própria carne do mundo?

⁹¹ De acordo com os ensinamentos do fundador, o espírito é sempre anterior a matéria. Isto significa que primeiramente as coisas devem acontecer no plano espiritual e depois se refletem para o material.

Imagem 14 e 15: *Dai-Komyo Nyorai* em desenho (esquerda) e seu equivalente em caligrafia (direita)



Tabela 2: As instituições criadas pelo fundador

Nome	Tradução	Fundação	Dissolução
Dai Nipon Kannon Kai	Igreja Kannon do Grande Japão	1 de janeiro de 1935	1 de julho de 1936
Dai Nipon Kenko Kyokai	Associação Japonesa de Saúde	15 de maio de 1936	28 de julho de 1936
Kannon Hyapuku Kai	Associação dos Cem Kannon	Setembro de 1936	Sem referência
Nipon Joka Ryoho Fukyu-Kai	Associação de divulgação Terapia Japonesa de Purificação	11 de fevereiro de 1947	30 de agosto de 1947
Nipon Kannon Kyodan	Igreja Kannon do Japão	30 de agosto de 1947	4 de fevereiro de 1950
Nipon Miroku Kyokai	Igreja Miroku do Japão	30 de outubro de 1948	4 de fevereiro de 1950
Sekai Meshiya Kyo	Igreja Messiânica Mundial	4 de fevereiro de 1950	Março de 1957
Sekai Kyusei Kyo	Igreja Messiânica Mundial	Março de 1957	Nome utilizado atualmente

Legenda:

- Em laranja: Instituições religiosas;
- Em verde: Instituições terapêuticas e correlatas;
- Em rosa: Associação de arte

Tabela 3: técnicas de aplicação e instituições messiânicas. Produção a partir do livro Luz do Oriente vol. I, II e III e RAFFO (2010)

ANO	1926	1927	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934		1935			1936				1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	
									mai	set	jan	mai	jun	mai	jun	jul		set	out			dez.				
TÉCNICA	Tinkon (1)				Tinkon (2)				Digitopuntura			Terapia Japonesa				I	Digitopuntura		I	Digitopuntura (2)						
NOME	Oomoto - até setembro de 1934											Dai Nipon Kannon Kai			D: 01/07				Kannon Hyapuku Kai							
NOME									Ojin-do			Dai Nipon Kenko Kyokai			D: 28/07											

ANO	1945	1946	1947		1948	1949	1950		1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	até hoje	
			fev	agosto	out		fev										
TÉCNICA	Digitopuntura (2)		Okiyome			JOHREI											
NOME	Kannon Hyapuku Kai		Nipon Joka Ryoho Fukyu Kai			D: 30/08		Nipon Miroku Kyokai		D: 4/fev		Sekai Meshiya Kyo				D	Sekai Kyusei Kyo
NOME								Nipon Kannon Kyodan									

Legenda

- Tinkon (1): Fase 1 baseado na Oomoto. Uso do *miteshiro* (leque);
- Tinkon (2): Fase 2 - adaptações pessoais no método. Uso do *miteshiro* (leque);
- Digitopuntura Estilo Okada. Material de referência menciona o termo "shijutsu". Uso do *miteshiro* até 1935;
- Terapia Japonesa. Uso de talismãs e não mais do *miteshiro*. Ampliação da técnica.
- Digitopuntura (2): Aplicada pelos discípulos. Fundador em fase de contenção;
- Okiyome. Não há informações claras da passagem do Okiyome para o Johrei.
- Johrei. Observação importante: passou a ser aplicado sem toque em 1950;
- I Interrupção;
- D Dissolução;
- Instituição religiosa;
- Centro terapêutico;
- Centro de Arte. Observação importante: não foi encontrada a data de dissolução. Notação utilizada para se referir ao período em que o fundador estava impedido de exercer atividades religiosas e, por isso, acabou se dedicando a arte.

Imagens da Luz Divina: do Japão para o mundo

O fundador criou uma instituição religiosa que levava o nome de “messiânica” e de referência “mundial” apenas em fevereiro de 1950 quando fundou a Sekai Meshiya Kyo⁹². O termo *meshiya* foi escrito em *katakana*s (alfabeto japonês utilizado exclusivamente para palavras estrangeiras) o que demonstra sua intenção de criar uma religião capaz de abranger o Ocidente e o Oriente⁹³. Também foi nessa ocasião que passou a ser autodenominar como Meishu-Sama e pouco tempo depois como messias. De acordo com Raffo (2006), ao instituir a Sakai Meshiya Kyo, o fundador o assumiu, do ponto de vista jurídico, a posição de responsável e de principal representante da Igreja e, do ponto de vista religioso, permaneceu desempenhando o papel de líder espiritual.

Foi nesse contexto de mundialização dos anos 1950 que a religião se expandiu para outros países e, nesse processo, exemplares da *Imagem da Luz Divina* viajaram para diferentes partes do mundo. A primeira a desembarcar foi a imagem *Komyo*⁹⁴, levada pela reverenda Kioko Higuti ao Havaí, e, poucos anos depois, exemplares de tal imagem viajaram para outras partes do mundo, inclusive para o Brasil. Na ocasião, o fundador disse que naquele momento a imagem *Komyo* serviria, portanto, nenhuma caligrafia de *Dai Komyo Nyorai* foi estabelecida fora do Japão na época.

Imagem 16: Altar da Sede Central em 1969⁹⁵



⁹² Instituída a partir da dissolução das igrejas Dai Nipon Kannon Kyodan e Dai Nipon Miroku Kyokai. O termo “Nipon” presente em ambas as instituições é uma referência ao Japão, o que torna a feição de ambas as religiões limitadas ao próprio país de origem.

⁹³ SHIMAZONO, 1996, 21-22 *apud* RAFFO, 2010, p. 66.

⁹⁴ A imagem *Komyo*, quando feita em tamanho maior, é utilizada em altares e, se feita em menores proporções, é utilizada para a aplicação de *Johrei*.

⁹⁵ ANJOS, Emilson Soares dos, 2012 p. 48.

A morte do fundador em fevereiro de 1955 deflagrou uma crise dentro da Igreja, pois ele não havia deixado claro quem deveria sucedê-lo. Aos mais próximos, teria dado a entender que a pessoa indicada seria a esposa, Yoshi Okada. Como não se tratava de uma informação oficial, líderes que ocupavam postos de alta hierarquia começaram a especular e um clima de tensão começou a pairar. Yoshi Okada⁹⁶ assumiu como segunda líder espiritual e com isso, dirigentes importantes, a exemplo do presidente da Igreja na época, não aceitaram tal posicionamento e deixaram a Igreja Messiânica para instituírem suas próprias.

Desde a morte do fundador, muitos grupos dissidentes surgiram no Japão ainda décadas após tal acontecimento. A terceira líder espiritual, Itsuki Okada⁹⁷, empreendeu reformas na tentativa de reestruturar e reunificar a Igreja, porém, o sistema acabou gerando mais tensões e cismas. A reconciliação só ocorreu nos anos 2000, quando foi instituído um novo sistema centralizado em uma Igreja-Mãe, a Sekai Kyusei Kyo, que possui três igrejas-filiais: Igreja Luz do Oriente – (*Toho-no-Hikari Kyodan*); Igreja Luz Primordial (*Su-no-Hikari Kyodan*) e Igreja Izunome (*Izunome Kyodan*), sendo essa a matriz da Igreja Messiânica Mundial do Brasil e a que angariou maior quantidade de fiéis fora do Japão. Os líderes das três instituições reconhecem o quarto líder espiritual Yoiti Okada⁹⁸ como sucessor do fundador e o reverendo Kobayashi como presidente da Sekai Kyusei Kyo. Ademais, ainda são instituições distintas.

A Sekai Kyusei Kyo é, portanto, um todo composto de várias partes – ainda que no Brasil pareça unificada e centralizada, no próprio país existem filiais da Toho-no-Hikari, porém, em número menor de seguidores⁹⁹. É importante mencionar que a Igreja Messiânica (Izunome)¹⁰⁰ sofreu cismas no Brasil, muitas motivadas pela recusa de certos líderes locais de aceitar as reformas e reestruturações da Sede Geral da Igreja do Japão. Durante os primeiros anos da difusão da religião no Brasil, os ministros – sobretudo

⁹⁶ Conhecida entre os fiéis como Nidai-Sama. Ocupou a função de líder espiritual de 1955 a 1962.

⁹⁷ Filha do fundador, conhecida também como Sandai-Sama. Ocupou a função em 1962 até a década de 1990.

⁹⁸ Neto do fundador, conhecido como Kyoshu-Sama. Atual líder espiritual da instituição, passou a ocupar a função na década de 1990.

⁹⁹ A filial Su No Hikari não se estabeleceu no Brasil até o momento.

¹⁰⁰ Quando me refiro à Igreja Messiânica, trata-se, portanto da filial Izunome da Sekai Kyusei Kyo. No Brasil, os adeptos da filial Toho no Hikari e de movimentos religiosos independentes se referem à instituição como Igreja Messiânica. O mesmo também se verifica para os adeptos da própria religião. É importante notar que a maioria dos fiéis brasileiros desconhece tal fragmentação.

aqueles que vieram fazer difusão no país por iniciativa própria, sem designação da Sede Central do Japão, gozavam de autonomia e podiam difundir os ensinamentos do fundador mais livremente. As reformas empreendidas pela Sede Central não foram bem recebidas, pois consideraram que essas minariam parte da autonomia que detinham, e diante disso, muitos acabaram fundando suas próprias igrejas no país – a exemplo do Reverendo Nakahashi que fundou o Templo Luz do Oriente¹⁰¹ e o Templo Arte do Johrei, fundada pelo reverendo Dorgival Santos Silva.

As divergências entre a Igreja Messiânica e suas dissidências pode ser observada na diferença existente na composição de elementos presentes em seus respectivos altares. De 1955 a 1962, a segunda líder espiritual promoveu a sistematização dos rituais litúrgicos tendo como modelo os rituais praticados pela religião Omoto. Na época, a Imagem da Luz Divina *Dai Komyo Nyorai* foi substituída por *Dai Komyo Shinshin* (Grandiosa Luz do Supremo Deus), caligrafia produzida pela segunda líder espiritual e não pelo fundador. Nos países estrangeiros, a palavra *Komyo* permaneceu nos altares até 1976, quando a terceira líder espiritual determinou que todas as caligrafias dos altares messiânicos fossem as mesmas em todas as partes do mundo¹⁰².

Imagem 17: *Komyo* (esquerda) e *Dai Komyo Shinshin* (direita)¹⁰³



O uso da imagem *Dai Komyo Shinshin* suscitou muitas críticas entre os seguidores e dirigentes por não se tratar de uma caligrafia produzida pelo fundador e sim

¹⁰¹ Não se trata da Igreja Luz do Oriente, em japonês, *Toho no Hikari Kyodan*.

¹⁰² ANJOS, 2012, p. 12.

¹⁰³ Referência imagens: ANJOS, 2012, p. 50.

pela segunda líder espiritual. Esse fato é até hoje motivo de controvérsias entre a Igreja Messiânica e as igrejas independentes – as últimas a acusam de utilizar uma caligrafia não verdadeira, o que a faria perder sua eficácia e parte significativa de seu caráter hierático. Estabelecer uma comparação a respeito da composição dos altares de diferentes religiões messiânicas é um exercício que pode revelar diferentes sentidos e usos atribuídos a tais objetos.

Imagem 18: Altar Templo Arte do Johrei¹⁰⁴



A composição utilizada no altar do Templo Arte do Johrei são os *kanji Dai Komyo Nyorai*, pintados pelo fundador, cuja fotografia compartilha da mesma posição de destaque em relação à caligrafia. Nas sedes da Igreja Messiânica, tal como nas imagens da página 62, a fotografia do fundador é menor, fazendo com que o observador olhe primeiramente para a *Imagem da Luz Divina*. Essa diferenciação adotada pelo Templo Arte do Johrei tem como objetivo atribuir maior destaque para a divindade do fundador, considerada equivalente em relação a Deus. A Igreja Messiânica compartilha de tais referenciais, porém, esses não foram inseridos na composição do altar de modo intencional, quiçá para dar menor ênfase na divindade do fundador, conhecimento esse que é adquirido pelo seguidor de maneira processual. Também é possível observar uma estátua de *Daikoku*, Deus da Prosperidade, comumente encontrado em altares das antigas

¹⁰⁴ Fonte da imagem: <https://i.ytimg.com/vi/mVeLnwen-eA/maxresdefault.jpg> - acesso em janeiro de 2018

denominações religiosas criadas pelo fundador. Ademais, apesar de não ser utilizado no altar da Igreja Messiânica e de nenhuma filial da Sekai Kyusei Kyo, muitos ministros e messiânicos possuem a estátua em seus altares domésticos.

Imagem 19: Os altares do Templo Luz do Oriente



O altar do Templo Luz do Oriente possui dois tipos de composição: na fotografia a direita, a Imagem da Luz Divina é o desenho da forma antropomórfica de *Dai Komyo Niyorai* enquanto na da esquerda a mesma divindade é retratada de maneira escrita, em imagem idêntica em relação ao Templo Arte do Johrei. O uso de tais imagens demonstra que ambas podem ser utilizadas como equivalentes, isto é, tanto o desenho como a caligrafia são tidos como sinônimos um do outro, apesar de serem formas sensoriais distintas. No que concerne aos demais elementos contidos nos altares, nota-se que a parte superior da fotografia do fundador aparece alinhada em relação à *Imagem da Luz Divina*, ocupando assim o mesmo plano de destaque no campo visual do observador. Em termos de proporção, a fotografia aparenta ser menor em relação ao Templo Arte do Johrei, porém, é maior se comparada ao altar da Igreja Messiânica.

As imagens de *Kannon* também aparecem com maior frequência no Templo Luz do Oriente, muitas vezes como objetos de veneração. Contudo, o mesmo não ocorre na Igreja Messiânica: apesar de algumas unidades religiosas possuírem um ou outro exemplar, esses são colocados como objetos de decoração em paredes vazias, geralmente próximas ao altar principal ou em alguma parede da sala do ministro. Certa vez, perguntei ao ministro responsável da época, sobre o que era aquela imagem de *Kannon* na parede da Igreja, e, sem aprofundar muito o assunto, ele respondeu a partir da mobilização de referenciais do Catolicismo: “Assim como na Igreja Católica existem santos, no Japão também existem entidades semelhantes”. Na ocasião, fiquei insatisfeita com a simples resposta que me fora dada, mas em momento posterior, o cotidiano me mostrou que *Kannon* não é mobilizado enquanto termo religioso para a maioria dos fiéis. O conhecimento no assunto se restringe aos ministros integrantes – aqueles que possuem formação sacerdotal no seminário da Igreja. A relação entre o fundador e o *Kannon* é tratada nos ensinamentos, mas não é aprofundada em cultos, aprimoramentos ou em cursos de formação religiosa para leigos.

Através da análise das fotografias, nota-se que à medida que a Igreja Messiânica passou por uma tentativa de padronização mundial através da adoção de uma nova *Imagem da Luz Divina*, entre os grupos independentes o que ocorreu foi uma tentativa de diferenciação a partir do uso de elementos oriundos da tradição, principalmente através daqueles que foram produzidos pelo próprio fundador. É importante destacar que, de modo comparativo, as demais filiais da Igreja Sekai Kyusei Kyo possuem a mesma caligrafia no altar, porém, não se sabe o motivo pelo qual a mesma ainda não foi adotada nas sedes da Igreja Izunome – matriz da Igreja Messiânica Mundial do Brasil no Japão – se tal possibilidade está em processo de tramitação ou se o atual líder espiritual ainda não determinou tal mudança. Ademais, a atual *Imagem da Luz Divina* utilizada nas sedes das filiais Toho no Hikari Kyodan e Su No Hikari Kyodan são réplicas de kanji caligrafados pelo fundador. Isso pode ser atestado pela assinatura contida no canto da imagem e pelo tipo de sinete (carimbo).

Imagem (direita) 20: *Imagem da Luz Divina* utilizada na Toho no Hikari e Su no Hikari. Lê-se *Dai Komyo* (Grande Luz). Ao lado esquerdo da caligrafia principal, encontra-se a assinatura do fundador, seguida de dois sinetes – há um na parte superior da imagem.



Imagem (esquerda) 21: Assinatura da *Imagem da Luz Divina* utilizada atualmente nas sedes da Igreja Messiânica-Izunome.



O corpo como altar

Sendo o altar parte dos critérios para a formação de um grupo messiânico, talvez a prática do *Johrei* na Feira de Artesanato esteja no limiar da criação de um movimento messiânico independente. Além disso, conforme o idealizador, existem participantes que contraíram um sistema de obrigações com a prática do *Johrei* no local tal como se estivessem na Igreja Messiânica:

“São grupos de pessoas que vão indo lá por vontade própria, porque ninguém fica obrigando ninguém a ir. Eles vão por afinidade, eles sentem no coração a vontade de ir lá. Tem pessoas que vão lá há muitos, muitos, muitos anos em um determinado horário, como se tivessem indo em um Johrei Center que ele se programou a dedicar. Tem pessoas que vão lá na hora do almoço, tem pessoas que vão lá no meio da manhã, tem pessoas que vão lá só pra encerrar. E a gente começa de manhã com oração e termina com oração” (Entrevista, 8 de novembro de 2012)

Além de orações, ao entrarem no gazebo a maioria dos *dedicantes* cumprimentam o altar com reverências e palmas, tal como se estivessem na Igreja Messiânica. Dessa forma, uma fotografia de menor tamanho, fixada de maneira informal, já é suficiente para criar a presença de Deus e do fundador no ambiente. Apesar de parte das dinâmicas institucionais serem reproduzidas no interior da tenda, o objetivo de Lucas não é de fundar um movimento religioso próprio, mas divulgar o *Johrei* e as diferentes instituições religiosas e terapêuticas que o ministram.

De acordo com a história do fundador e de suas instituições religiosas ou terapêuticas – ou ainda terapêuticas/religiosas – para alguém se tornar apto para ministrar *Johrei*, é preciso fazer aulas preparatórias para o recebimento da medalha da *Luz Divina*, a qual já teve diversas versões, conforme foi mostrado ao longo deste capítulo. A última versão do *Omamori* era um pedaço de papel dobrado com a palavra *Hikari* escrita. Amarrava-se um fio e o objeto ficava pendurado no pescoço, tal como um amuleto, porém, ficando escondido junto ao corpo do ministrante. Para evitar que o papel desmanchasse, costumava-se colocá-lo dentro de uma película de plástico. A alteração para o *Ohikari* ocorreu em 1962, assim, a caligrafia diminuiu de tamanho e foi lacrada dentro de uma medalha de inox.

Quando conheceu a Igreja Messiânica, Lucas já havia passado por diferentes denominações religiosas e esotéricas, como o Kardecismo, Brahma Kumaris, Yoga, Movimento Hare Khrisna, Budismo, além disso, aplicava passes, *reiki*, cura quântica. Após receber *Johrei* pela primeira vez de seu amigo em uma sede da Igreja Messiânica, este explicou que para aplica-lo é necessário o uso do *Ohikari*:

“E aí eu falei [pra ele]: “Ah, mas a Luz de Deus não pode tá presa em coisas assim. Luz de Deus é uma coisa do Universo: você sentiu, você tem que erguer a mão”. Daí ele falou: “Concordo com você, mas é que tem as normas. Quando você colocar o Ohikari você vai ver que vai ser melhor pra você”. E aí eu já fui na hora e marquei a aula [pra receber o Ohikari] (...). Quando eu coloquei o Ohikari eu senti como se tivessem colocado um altar em mim. Tem a palavra escrita hikari dentro, aquele sentimento do mestre.... Aí eu comecei a sentir esse respeito por ele, tem que colocar, né? Que até então no Reiki a gente usa o coração. No passe a gente usa a nossa mão, a nossa mente, a nossa postura pra poder ser um instrumento pra dar o passe energético em nome do senhor Jesus. E aí, fazer o Johrei tem pôr o Ohikari pra poder sentir a luz do oriente, Meishu-Sama. Daí eu senti que era um Altar em mim – entronizaram um Altar em mim”. (Entrevista, 8 de novembro de 2012).

Quando recebeu o *Ohikari*, o corpo de Lucas se tornou um altar, assim, nessa concepção, o poder estava contido exclusivamente no objeto. Porém, apenas a medalha em si não é suficiente para haver a aplicação do *Johrei*, para que isso ocorra é necessário que o objeto esteja colocado junto ao corpo do ministrante. A canalização acontece quando o ministrante faz uma breve prece e quando estende uma das mãos em direção ao receptor. Além disso, o *Johrei* não é um poder que pertence àquele que o aplica: é oriundo de Meishu-Sama. À medida que o *Ohikari* contém uma réplica da caligrafia *hikari*, produzida pelo fundador, o objeto passa a ser um mediador entre o corpo do ministrante e o poder espiritual de Meishu-Sama.

Sobre Lucas, é interessante observar que apesar de seu estranhamento inicial em relação ao uso obrigatório do *Ohikari*, o *Johrei* – como técnica recém aprendida na ocasião em que recebeu a medalha – não entrou em conflito em relação às anteriores, tal como o passe e o *reiki*, e ao contrário, o que se observa é a adição de mais uma técnica ao seu escopo de terapias pessoais. Mesmo após se tornar apto à ministração de *Johrei*, Lucas não deixou de fazer outros cursos para aprender novas técnicas terapêuticas.

Na Igreja Messiânica, o momento do recebimento do *Ohikari* é a ocasião em que o sujeito deixa de ser um frequentador para se tornar um adepto da religião, portanto, trata-se de um ritual de passagem. Após receber a medalha, é esperado que o novo adepto continue a trilhar sua formação espiritual no interior da Igreja através de *dedicações*, sendo o *plantão de Johrei* na Igreja uma atividade bastante recorrente. Além da possibilidade de assumir diferentes funções dentro da instituição – que variam de acordo com as habilidades que o sujeito possui – é esperado que esse encaminhe pessoas à Igreja; que faça seu donativo mensal e que participe dos *Cultos Mensais*. Quando um adepto não atende parte significativa de tais expectativas e principalmente quando não vai à Igreja, ele recebe cobranças da comunidade religiosa através brincadeiras. A mesma situação também se aplica à Lucas que, apesar de difundir o *Johrei* na Feira de Artesanato, também recebe cobranças dos ministros:

“Eles veem [o Johrei na Feira] como algo independente, né. Eles falam, na hora que eles me chamam pra conversar, que eu tenho que ser da Igreja. Daí eu falo que eu sou da Igreja, mas que eu sou do Universo, que eu sou de Meishu-Sama e que tenho que tá na sociedade pra atender as pessoas”
(Entrevista, 8 de novembro de 2012).

Também é interessante observar o trecho seguinte, o qual revela as razões que o motivaram a praticar *Johrei* fora da Igreja:

(...) E aí, as vezes eu percebia que o que me incomodava dentro da Igreja eram as fofocas e as pessoas ministrando Johrei conversando; as pessoas fumando depois que ministra Johrei e tal. Eu sei que no mundo também tem isso. Mas aí eu pensei: poxa, se Johrei é saúde, é luz, é paz é felicidade então eu tenho que levar essa luz pra quem não conhece ela. Dentro da Igreja as pessoas conhecem. As pessoas ficavam trocando Johrei uma com a outra (...). A Igreja pra mim é o mundo todo. Eu sei que a Igreja é uma escola pra ensinar a gente a lidar com o mundo, mas certas coisas que eu observava dentro da Igreja me incomodava. Essas posturas de pessoa ficar julgando o outro, de ficar conversando no Johrei, ou o ambiente do Johrei tá silêncio e chega uma pessoa e começa a falar alto... e quer dar beijinho na pessoa que tá ministrando Johrei... e quer cumprimentar a pessoa, não espera terminar. Aí eu fico pensando como eu cresci dentro do Kardec, lá pra dar o passe a pessoa cria um ambiente sem conversa. O passista não pode comer carne, não pode beber, fazer sexo no dia. Tem que tá numa postura bem preparada pra ministrar e eu vim dessa escola e chegando lá [na Messiânica] com o Johrei tudo podia, não pode proibir, mas ao mesmo tempo tem as regras do bom senso. Aí eu ficava confuso com isso e aí eu falei: “Quer saber? Eu não quero confusão. Eu vou ministrar Johrei pra quem não conhece e eu ministro em silêncio e faço a minha parte e encaminho as pessoas pra Igreja. (Entrevista, 8 de novembro de 2012).

É no momento em que observa a prática cotidiana dos fiéis no interior da Igreja que a formação Kardecista de Lucas entra em conflito com a instituição. Vegetariano e não consumidor de bebidas alcólicas, acostumado a seguir restrições oriundas da prática do passe espírita, a flexibilidade dos messiânicos em relação ao *Johrei* acabou se tornando motivo de estranhamento e foi o ponto de partida para a construção de uma prática religiosa fora do ambiente institucional.

As observações feitas por Lucas a respeito da ausência de proibições ou tabus em relação ao *Johrei* é algo que merece atenção. Um messiânico não necessita se abster de sexo, carne, cigarro, bebidas alcólicas (ou outras drogas) para ministrar *Johrei*, pois a prática deve ser realizada com a maior frequência possível, assim, se fosse preciso observar tais restrições, o messiânico não ministraria *Johrei* diariamente ou estaria o tempo todo passando por restrições. O que justifica a ausência de tabus está no próprio uso do *Ohikari*, conforme foi explanado, o objeto serve de mediador entre o fundador e o ministrante, o que não o faz perder parte de sua “luz” ou “energia espiritual” – foi por este motivo que o amigo de Lucas disse que seria melhor se ele utilizasse o *Ohikari* – e, da mesma maneira, o ministrante também não contamina o *Johrei* através de suas

“impurezas”. Porém, sem o uso do *Ohikari*, o *Johrei* deixa de ser caracterizado como tal e perde toda a sua validade:

“Certa vez, quando ainda não era messiânica e, por isso, ainda não possuía o Ohikari, Fernanda estava passando mal e sabendo que eu estava para receber o meu em breve, pediu para que eu pedisse permissão de ministrar Johrei da mesma forma. Fiz o que ela pediu e estendi as palmas das mãos em sua direção. Depois de um tempo, contei à missionária e esperei uma repreensão. A resposta foi interessante: “Sem o Ohikari, o que você fez foi apenas um passe”. (Diário de Campo, 25 de novembro de 2018)

A prática diária do *Johrei* é uma orientação dada pelos ministros na forma de desafio, podendo ocorrer de modo mais flexível no ambiente doméstico, podendo ser aplicado nas seguintes situações: quando a família está assistindo TV; deitado, antes de dormir, o messiânico pode aplicar *Johrei* em si mesmo (mesmo que durma durante o processo); quando o receptor está deitado dormindo; o passageiro do carro pode aplicar no motorista enquanto ele dirige, entre outras diversas situações. A ausência de tabus e a possibilidade de ser ministrado em qualquer lugar ou circunstância (desde que feito o uso do *Ohikari*) faz do *Johrei* uma prática flexível, e, conforme passa a fazer parte do cotidiano da vida dos messiânicos, torna-se tão comum como qualquer outra atividade corriqueira, a ponto de se tornar uma prática (não) ritualizada.

Estar na Igreja e nela passar uma parte significativa do tempo realizando *dedicações*; participando de cultos; trocando *Johrei* com outros membros; participando de aprimoramentos, reuniões ou cursos (de *Alimentação Natural* ou *Ikebana*) faz parte de um tipo de sociabilidade messiânica que se torna acessível à medida que se recebe o *Johrei*. Uma pessoa não messiânica pode participar de todas as atividades da Igreja, exceto da ministração de *Johrei*, porém, se não receber o *Ohikari*, seu escopo de atuação na instituição se torna restrito. Em se tratando de objetos religiosos no contexto da Igreja Messiânica, é interessante observar que é o *Ohikari* que permite o acesso a este tipo de sociabilidade de modo mais efetivo – exemplo esse que reforça mais uma vez a importância de tornar os materiais e os objetos/coisas como parte do estudo da religião.

Luz através de carvão e papel

Parte significativa do regime visual da Igreja Messiânica, tal como foi demonstrado ao longo deste capítulo, originou-se a partir da mescla de referenciais

oriundos do Xintoísmo e do Budismo, sobretudo da vertente Zen. Foi o fundador quem os mediou através do traço de seu pincel, criando assim as diferentes formas sensoriais que foram apresentadas ao longo deste capítulo. A relação inversa também pode ser observada, posto que não é excludente em relação à primeira: à medida que tais referenciais também são produtos da história do Japão, esses também mediaram o traço do fundador – juntamente com os acontecimentos históricos da época.

Entre os processos de mediação observados neste capítulo, destaca-se a natureza mutável de Deus que, de acordo com o fundador, primeiramente se manifestara na forma de *Kannon* e gradativamente se tornou *Dai Komyo Niyorai* e *Miroku Omikami* em seguida. Uma vez que a natureza divina está se transformando ao longo do tempo, os processos de mediação necessários para dar forma a essa também se modificaram, por conseguinte, a imagem de Deus deixou de ser desenhada a partir do antropomorfismo e se tornou caligrafias de kanji, o que produziu uma forma sensorial diferente em relação à anterior, pois seus traços e todo o conjunto da aparência que a compõem passam a mobilizar diferentes sentidos, provocando assim outras experiências sensoriais. É interessante observar a seguinte poesia do fundador a respeito de seus materiais:

*“Até as letras escritas
A tinta carvão,
Em papel branco
Emitem Luz
Pelo Poder Kannon”*

A reflexão suscitada pela poesia é a capacidade que as letras ou ideogramas possuem em emitir *luz*, porém, não são capazes de fazê-lo se forem riscadas no ar, pois desta forma seus materiais seriam demasiado etéreos; de outro modo, mentalizá-las talvez não seria suficiente para trazer a concretude necessária a eficácia. Tais objetos são tidos como eficazes não apenas por conterem o poder espiritual daquele que o produziu, mas também pelo fato de serem formas encarnadas. É nesse sentido que os estudos sobre materiais podem oferecer uma importante reflexão para processos de mediação e eficácia.

Capítulo II:

Os messiânicos e seus orgânicos

土お愛し

土お尊び土の恩

知る農民に土は報ゆる

“A terra retribui ao camponês,

Que a ama e a respeita,

Conhecendo a benção que ela lhe traz”

(Meishu-Sama)



Prólogo

É sobre a vida e os processos de produção de humanos e não humanos que este capítulo pretende narrar. Não se trata, porém, de uma perspectiva humanista cuja posição dominante é automaticamente atribuída aos humanos que, através de suas potencialidades diversas, são capazes de ditar a produção e os processos de vida de não-humanos. Ao narrar sobre a vida em diferentes formas e fluxos, proponho uma reflexão

não apenas de como humanos produzem não-humanos, mas como os não-humanos – animais, vegetais e minerais de diferentes formas, cores, texturas – produzem humanos, uma vez que lhes impõem uma certa disciplina de cuidado rotineiro.

Existem plantas que, uma vez semeadas, necessitam de cuidados especiais, pois se deixadas a mercê do acaso, suas possibilidades de sobrevivência certamente seriam reduzidas. Almejando o pleno desenvolvimento dos vegetais, os humanos preparam a terra para a sementeira; plantam as sementes em pequenas sementeiras; provem-lhes de água diariamente; esperam pacientemente até que as pequenas mudas estejam fortes o bastante para serem transferidas para o solo; observam o seu crescimento diário até darem frutos ou alcançarem o ponto de serem colhidas. Humanos são, portanto, importantes para o crescimento dos vegetais e, de modo contrário, também podem ser os próprios agentes causadores do ressecamento e morte se não lhes proverem o cuidado necessário. O ato de cultivar não se refere apenas a uma atitude de cuidado do humano em relação às plantas, mas é uma atitude das plantas que também cultivam o próprio humano ao “imporem” sobre esse uma certa rotina de cuidado. Desse modo, as plantas também cultivam os humanos à medida que os transformam em agricultores. Esse emaranhado de humanos, animais, plantas e minerais será narrado ao longo deste capítulo.

Antes, porém, é preciso situar o leitor acerca dos caminhos que serão percorridos ao longo desta narrativa. Primeiramente, narrarei a história de uma família de agricultores messiânicos que trabalha no cultivo produtos orgânicos. Em seguida, descreverei o fluxo de vida de uma alface e de um morango que cultivei na sacada do quarto. O objetivo deste primeiro movimento é compreender o processo de produção de orgânicos a partir do ponto de vista dos produtores. Além disso, também consiste em uma tentativa de entender, a partir da experiência pessoal, quais são os materiais que são importantes para dar forma e produzir a Igreja Messiânica, e, ademais, também permite pensar no que tais materiais dizem sobre a religião. Seguindo a proposta do capítulo, iniciarei a descrição da produção, circulação e consumo de orgânicos de um campo de observação mais amplo, tendo outras duas instituições messiânicas, a Fundação Mokiti Okada (FMO) e a empresa Korin Agropecuária LTDA, como tema de análise a fim de compreender o caráter *ultrarreligioso* de ambas as instituições. Em seguida, procuro demonstrar a relação entre ambas e a Igreja Messiânica, a porosidade e a fluidez através das quais humanos e não humanos circulam através de tais instituições e, nesse processo,

como as mesmas se constroem a partir de práticas *ultrarreligiosas* – postura que, de acordo com os ensinamentos de Meishu-Sama, deve ser adotada e que serve de justificativa para a criação e a atuação de ambas as organizações.

A produção de orgânicos no Sítio Poço Fundo

Às terças-feiras, depois de um longo dia de trabalho na lavoura do sítio Poço Fundo – localizado na cidade de Campinas-SP, o senhor Márcio Maeda troca suas roupas sujas de terra por uma camisa branca, calça social e terno. Seu destino é a Igreja Messiânica, situada também na cidade de Campinas. Seu Márcio, como é costumeiramente chamado por seus amigos da Igreja, não vai sozinho: leva consigo a esposa - dona Mari¹⁰⁵ -, dona Lucinha e Zé, também agricultores que residem e trabalham no sítio onde a família Maeda cultiva sua roça. Depois de arrumados, todos entram na Kombi para ir à Igreja Messiânica. Levam um pouco de legumes, verduras e ovos – todos orgânicos, produzidos com base nos preceitos da *Agricultura Natural*, idealizada por Meishu-Sama, segundo o qual não o uso de agrotóxicos no manejo do solo é abolido.

Ao chegarem à Igreja, cumprimentam o altar e descarregam os produtos. Esses geralmente ficam ao fundo da garagem, espaço este utilizado como recepção. Os legumes e as verduras vão à Igreja com o intuito de serem vendidos para os messiânicos e demais frequentadores. Ninguém era impossibilitado de levar os produtos para casa diante da ausência de dinheiro em espécie: era possível fazer o depósito posteriormente em envelope na urna da Igreja – nesse caso, bastava escrever que o dinheiro em questão era para o pagamento das verduras e não uma doação à Igreja. Atualmente, para facilitar as vendas dos produtos, o pagamento pode ser feito através do cartão de débito, visto que recentemente os produtores adquiriram uma máquina para efetuar esse tipo de transação.

Ao terminarem de descarregar o veículo, cada qual toma assento em uma cadeira a fim de trocar *Johrei* com as pessoas que estiverem na Igreja. É no intervalo entre um *Johrei* e outro que o casal de agricultores faz a venda de seus produtos orgânicos. Às terças-feiras seu Márcio é o *dedicante* responsável pelo *plantão de Johrei* da noite e pela *Oração de Encerramento*, por isso o uso do terno e da roupa social. Dona Mari

¹⁰⁵ Os nomes dos produtores, o nome da propriedade e sua localização foram alterados a fim de preservar a identidade dos interlocutores.

geralmente faz a locução e a leitura do Ensino de Meishu-Sama, obedecendo o protocolo da liturgia messiânica. Dona Lucinha e Zé participam das orações junto dos demais *dedicantes*. Terminada a *Oração de Encerramento*, todos se felicitam com um caloroso boa noite, agradecem uns aos outros e se preparam para fechar o portão da Igreja. Antes de sair, despedem-se do altar e voltam para o sítio, pois o dia seguinte será de trabalho árduo.

O trabalho da família Maeda no sítio Poço Fundo se iniciou em 2005 através de uma conversa de brincadeira entre seu Márcio e dona Lurdes na Igreja Messiânica da cidade de Jundiaí-SP. Ela disse que seu genro Yoshi Fujitama, ministro da Igreja de Paulínia, estava precisando de um meeiro para cultivar nas terras de seu sítio. Em tom de brincadeira e com poucas expectativas, seu Márcio se ofereceu e, alguns dias depois, dona Lurdes voltou com a resposta de aceite do genro. A nova oportunidade de trabalho foi um grande alívio para a família Maeda que na ocasião precisava devolver as terras onde trabalhavam na cidade de Itupeva-SP.

A relação entre Márcio e a agricultura vem de família: tanto ele como dona Mari são filhos de agricultores – ramo de trabalho muito comum entre os imigrantes japoneses que vieram ao Brasil. Nos anos 1990, quando o casal já participava das atividades da Igreja Messiânica, Márcio foi incentivado por um ministro a fazer uma horta de orgânicos. A produção era pequena e não era comercializada, servia apenas para o consumo da própria família. Nesse ínterim, depois de acompanhar de perto os resultados obtidos através da horta, Márcio iniciou um curso de formação na Casa de Agricultura de Itupeva. A transição do manejo convencional ocorreu de maneira gradual: foi no ano de 2004, um ano antes de se mudarem para Campinas, que a família passou a vender orgânicos certificados, deixando de lado o manejo convencional do solo.

Antes da chegada da família Maeda ao sítio Poço Fundo, a propriedade já era certificada como uma produtora de orgânicos, porém a produção local, na ocasião, estava parada havia meses. A mudança para a cidade de Paulínia fez com que o casal também iniciasse as atividades religiosas nas sedes da Igreja Messiânica da cidade de Campinas-SP. A partir disso, a família conheceu aqueles que se tornaram os primeiros compradores e consumidores de seus produtos. Com o encerramento das atividades da Certificadora Mokiti Okada em meados dos anos 2010, Márcio e os demais produtores de orgânicos da

região pensaram em certificações alternativas em relação à IBD e a ECOCERT, cujos preços eram financeiramente inviáveis:

“Tivemos uma oportunidade através do Ministério da Agricultura de fazer um grupo de no mínimo três produtores para fazer intercâmbio e entrar na certificadora de Campinas, a ANC. Então esse grupo participativo funciona assim: todo ano tem duas visitas. A primeira visita é a que a gente chama de pares que vem o pessoal do próprio grupo pra ver como que eu tô trabalhando, e assim como eles vêm aqui, eu também vou lá na deles. E vai trocando ideia, às vezes tem alguma coisa que tá meio fora do regulamento, um dá dica pro outro. A segunda visita é a verificação, e tudo o que a gente compra, usa, a quantidade, a dosagem... a gente tem que apresentar a nota de tudo o que comprou, onde comprou, o telefone da empresa e da loja onde foi comprado... tudo isso tem que tá anotado, tem que ter um relatório completo para o dia que eles, o pessoal da verificação vier. E tem que ter um coordenador de um outro grupo pra avaliar isso que a gente fez pra ver se tá tudo dentro da conformidade de orgânico. Aí no final do ano é feita uma reunião geral, com todos os produtores e o coordenador geral apresenta pra todos os resultados do ano.” (Diário de Campo, 09 de agosto de 2017)

A partir do relato de Márcio, é possível constatar que para um produto ser considerado orgânico, é necessário que se siga um conjunto de procedimentos: a limpeza do solo deve ser realizada manualmente, sem o uso de herbicida; os produtores também precisam analisar a água e a preservação ambiental da propriedade; se as plantas contraírem algum tipo de doença, é necessário verificar quais são os produtos autorizados, caso contrário, o produtor pode correr o risco de perder a sua certificação. Um dos insumos utilizados pela família Maeda é o aminoácido a base de peixe, o qual é produzido no próprio sítio Poço Fundo pela família Fujitama – dona da propriedade onde os Maeda produzem orgânicos. O uso do aminoácido nesse tipo de manejo é autorizado, uma vez que é um produto certificado.

Pode-se perceber que a *Agricultura Natural*, concebida por Meishu-Sama na década de 1940, difere-se da agricultura orgânica praticada atualmente. O manejo indicado como ideal pelo fundador consiste em deixar com que o solo manifeste sua própria força e energia, para isso, o produtor deve primeiramente torná-lo puro e limpo, pois segundo o fundador, “quanto mais puro o solo, maior é a sua força para o desenvolvimento das plantas”¹⁰⁶. De acordo com os ensinamentos do fundador, o uso de adubos químicos encharca o solo de substâncias nocivas que o matam gradativamente, pois retiram toda a sua *energia* e força. Além disso, o aparecimento de pragas se torna

¹⁰⁶ FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 1997, p. 164.

recorrente e contribuem para o enfraquecimento das plantas. Os adubos químicos também afetam a saúde de humanos e animais: ao ingerirem alimentos cultivados a partir do método convencional, as impurezas neles contidas chegam ao corpo, tornando-o fraco e doente. Tal como foi explicado no capítulo introdutório, as doenças são processos de *purificação* que surgem para limpar as impurezas do corpo. Nesse sentido, é correto afirmar que para os ensinamentos do fundador, certos tipos de processos purificatórios são causados pela má alimentação. Meishu-Sama também orienta que se deve abolir o uso de adubos de origem animal, como esterco, pois há o risco de as larvas expelidas nas fezes dos animais acabarem se hospedando em seres humanos. Na *Agricultura Natural*, deve-se utilizar apenas compostos naturais, como a mistura de capim ou folhas de árvores com terra, cujo uso é orientado pelo fundador para o aquecimento do solo e para facilitar o crescimento dos vegetais. O uso de tais produtos se justifica a partir de uma concepção de natureza que merece ser destacado:

“Não usando absolutamente nada daquilo a que se dá o nome de adubo, seja de origem animal ou química, pois é um cultivo que utiliza apenas compostos naturais, o método é, realmente, o que seu nome diz: *Agricultura Natural*. As folhas e capins secos formam-se naturalmente, ao passo que os adubos químicos e mesmo o estrume de cavalo ou galinha, assim como os resíduos de peixe, carvão de madeira, etc., não caem do céu, nem brotam da terra: são transportados pelo homem. Portanto, não é preciso dizer que são antinaturais.” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 1997, p.169-170).

Nota-se que a justificativa em relação ao uso de certos componentes em detrimento de outros se fundamenta na visão do fundador a respeito da natureza e sobre o ciclo de vida de certos materiais: como as folhas inevitavelmente chegam ao solo após se desprenderem das árvores, é, portanto, a própria natureza que as disponibilizou para a prática da *Agricultura Natural*. As folhas inexoravelmente findarão suas vidas se decompondo sobre o solo, porém, semelhante destino não é compartilhado pelo peixe. Nesse sentido, é preciso a ação humana para fazer o caminho do peixe se desviar em direção à agricultura, atitude que contraria os princípios estabelecidos pela natureza, por isso o uso do termo antinatural ou artificial. É importante observar que a concepção do fundador a respeito natureza está ancorada em uma visão romântica, para Carvalho (2009), em referência a Campbell (1995), a natureza no romantismo é

“aquilo que há de mais espontâneo, não premeditado, intocado pela reflexão ou planejamento, e livre das restrições das convenções sociais, ou ainda aquela parte do universo que existe independentemente do esforço ou realizações da

humanidade. Esses atributos, como lembra Campbell, estão de acordo com uma das ênfases do Romantismo expressa pela metáfora do crescimento e o uso das ideias organicistas que vão contra o artificial (seja no humano ou na natureza) enquanto um mal que precisa ser superado.” (CARVALHO, Isabel Cristina Moura, 2009, p. 145-146.)

Conforme foi explanado na introdução, a vida de Meishu-Sama foi marcada pela Reforma Meiji que deu início ao processo de modernização do país e que pôs fim ao isolamento japonês. Com a abertura, parte da filosofia Ocidental passou a ser difundida entre os japoneses, inclusive o próprio fundador se considerava simpatizante do filósofo Henri Bergson. Meishu-Sama se mostrava estupefato diante de progresso do Ocidente em virtude da ciência e dos avanços tecnológicos, porém, não economizou críticas ao materialismo – característica essa que também pode ser considerada uma possível aproximação do fundador em relação ao romantismo à medida que apresenta uma crítica em relação aos limites da ciência e a adoção de uma visão romantizada acerca da natureza, a qual está diretamente subordinada à vontade divina. Tal visão romântica é oriunda da mistura entre as ontologias Taoista e Budista, segundo as quais não se pode agir de modo contrário à natureza: caso essa atitude seja tomada, pode-se desencadear uma série de malefícios, desse modo, essas ontologias asseveram sobre a importância de se respeitar o lugar natural de todas as coisas, sem contrariar a natureza.

De volta ao caso dos orgânicos do Sítio Poço Fundo, outro ponto divergente em relação à produção da família Maeda e os ensinamentos acerca da *Agricultura Natural* se refere à repetição de culturas. Na agricultura convencional e até mesmo na orgânica, dizem os profissionais e pesquisadores do solo que a repetição de um único tipo de cultivo empobrece o solo, por isso é preciso que haja rotatividade entre variados tipos de culturas. Meishu-Sama afirmou em um de seus ensinamentos que a prática da cultura repetitiva traz benefícios:

“Para justificar a cultura repetitiva, basta lembrar a capacidade inerente ao solo de se adaptar ao produto que é plantado. Compreenderemos isso muito bem se fizermos uma comparação com o ser humano. As pessoas que executam trabalhos braçais têm seus músculos desenvolvidos; quando se trata de atividade intelectual, é o cérebro que se desenvolve. Por essa mesma razão, quem muda constantemente de profissão ou de residência não obtém sucesso, o que nos leva a concluir o quanto estiveram errados os agricultores até hoje.” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 1997, p. 174)

O solo, nessa perspectiva, é capaz de aprender e se adaptar, pois possui vida: conforme Meishu-Sama afirma, essa não se restringe apenas aos humanos e animais, mas também se estende aos minerais. O solo também é vivo à medida que é um ser senciente: conforme o agricultor demonstra ter amor e respeito para com a terra, essa lhe retribui demonstrando ao máximo sua capacidade natural de produção. Quanto mais limpo, mais alegre é o solo e, por conseguinte, mais ativo ele se torna. Trata-se, portanto, de um sistema de dádiva entre o produtor e a terra:

I

*“Empunhando a enxada, o suor banha suavemente a pele;
Que delícia a brisa que passa por entre as verdes folhas! ”*
(Meishu-Sama)

*

II

*“A terra retribui ao camponês,
Que a ama e a respeita,
Conhecendo a benção que ela lhe traz ”*
(Meishu-Sama)

Empunhando a enxada, o suor suavemente banha a pele de Márcio e Mari. Diante do casal, um exuberante manto verde se desenvolve. São cenouras de caules extensos. São dádivas da própria terra. Do outro lado do canteiro, as vagens aguardam o dia de serem colhidas. Antes de alvorecer o dia, a família Maeda já se levantou. O dia de trabalho não se inicia sem antes fazerem suas orações. Entoam a *Oração Amatsu Norito* diante do altar que possuem em seu próprio lar. Rogam para que o dia que acabara de nascer transcorra conforme a vontade de Meishu-Sama. Em seguida, viram-se diante do *Mitamaya* e do *Butsudan* – onde estão assentados os ascendentes da família – e oram para que seus antepassados possam receber luz através do trabalho que vão realizar através da *Coluna de Salvação da Agricultura Natural*.

O caso da família Maeda pode ser utilizado para lembrar a frase de Marx e Engels, retomada por Ingold na obra “Estar Vivo” (2015): conforme os indivíduos produzem as suas vidas, eles assim o são¹⁰⁷. E, ainda de acordo com Ingold, é por meio da análise do processo de produção que é possível compreender como os indivíduos

¹⁰⁷ MARX et ENGELS, 1977, p. 42, *apud* INGOLD, 2015, p. 34.

habitam e constroem seu próprio mundo. A agricultura sempre fez parte do modo como a família Maeda habita o mundo, porém, esse modo de habitação transcende a própria agricultura: à medida que as enxadas de Márcio e Mari encontraram reverberações nos ideais da religião, vemos surgir então um novo modo de habitação, baseado na conjunção entre agricultura e religião.

A vida de uma horta

Quando decidi analisar a Igreja Messiânica e suas coisas, notei que havia uma grande diversidade de materiais que compõem a *Coluna de Salvação da Agricultura Natural*. Esses são como fios que se enroscam e formam uma grande malha de coisas vivas, tais como humanos, vegetais, mudas de planta, sementes, terra. Ao longo das próximas páginas, narrarei a experiência que tive como agricultora amadora. Através do cuidado diário do qual minhas hortaliças necessitavam, comecei a analisar seu ritmo de crescimento e a observar com atenção suas necessidades diárias. Tomei esse exercício de observação como parte da própria estrutura narrativa da dissertação: mesmo que o trabalho por mim realizado seja ínfimo em relação ao suor que os agricultores depositam diariamente no solo através de seu trabalho, foi possível entender – ainda que de maneira muito incipiente – a capacidade das plantas de agir sobre os humanos que as cultivam e o autocultivo messiânico através da horta caseira.

A história de minha horta se iniciou em uma fria manhã de junho de 2016, quando fui ao *Solo Sagrado de Guarapiranga* com uma caravana de messiânicos da cidade de Campinas. Saímos ainda de madrugada, às 5 horas da manhã do domingo, e chegamos à São Paulo, cidade onde está localizado o templo, por volta das 8 horas. Percorri o *Caminho do Paraíso*, caminho curvilíneo cercado por um belo jardim de ambos os lados, sentindo o ar frio daquela manhã cortar as minhas as maçãs do rosto. Na curva derradeira havia dois espelhos d'água, um de cada lado do caminhante, onde geralmente é possível avistar pessoas tocarem a água cadente. O frio daquele dia era tão intenso que quase ninguém queria arriscar o toque. Um menino levado nos ombros de seu pai pediu para ele se aproximar do espelho d'água: o toque foi rápido, mas foi suficiente para ele exclamar de frio. Na área do templo, uma senhora ministrava *Johrei* trajando um par de luvas. Ainda que o sol já tivesse nascido, era impossível vê-lo através das brumas.

Impossível também era enxergar a bela represa, que permaneceu escondida no início da manhã e foi se revelando aos poucos. Terminado o culto por volta das 10 horas, o dia já estava claro: céu era cor azul anil sem qualquer sinal de nebulosidade. Um bom momento para tomar um sol ou sair para dar um passeio.

Imagem 22: Solo Sagrado de Guarapiranga



Caminhando pelos arredores do templo, já com a intenção de voltar ao ônibus, encontrei um pergolado de madeira com uma exposição de horta, cujas plantas eram cultivadas em vasos. Havia tomates, morangos, tomilho, salsinha, cebolinha, berinjelas, alfaces de diferentes cores, tipos e texturas. Logo reconheci que se tratava do programa *Horta em Casa & Vida Saudável*, criado pela Fundação Mokiti Okada. Decidi então participar da oficina: paguei o valor de cinco reais e escolhi uma muda de alface crespa roxa. Em seguida, um jovem *dedicante* chamado Rodrigo, que aparentava ser de um adolescente de no máximo dezessete anos, apresentou-se e deu início a oficina. Ele me entregou um saco de plástico com terra dentro, esvaziei cerca de metade do conteúdo sobre a mesa. Primeiramente, disse que eu deveria fechar os olhos e acariciar a terra a fim

de sentir toda a energia que dela provinha e pensar nos meus antepassados que foram agricultoras, pois, segundo Rodrigo, todos descendemos de pessoas que tiravam o próprio sustento do solo:

“Muitos de nossos antepassados viveram da terra, mas muitos sujaram e poluíram o solo com agrotóxicos. A terra também foi motivo de muitos conflitos entre famílias. Vamos elevar nosso pensamento para que todos esses nossos antepassados sejam purificados, salvos e que possam ter a permissão de se tornarem habitantes do Paraíso Terrestre” (Diário de Campo, 12 de junho de 2016)

O plantio da muda no vaso não pode ser realizado de qualquer modo, do contrário, é preciso que no primeiro momento da oficina o participante eleve seus pensamentos e sentimentos, de modo que esses reverberem de acordo com os ideais da religião. Trata-se de um momento de oração, uma vez que para Meishu-Sama e para os messiânicos, a *Agricultura Natural* é um pilar da Igreja, trata-se, portanto, de um mecanismo eficaz de salvação à medida acreditam que essa prática é capaz de despertar o ser humano para sua natureza divina, através do processo de cuidado do qual a pequena planta necessita.

Feita a oração, iniciamos a parte prática: coloquei a terra úmida dentro do vaso, até enchê-lo. Seguindo as orientações de meu jovem tutor, fiz um pequeno buraco na terra para abrigar a pequena muda de alface que eu havia escolhido. Feito isso, Rodrigo me orientou a colocar algumas folhas secas em cima da terra, a fim de protegê-la e manter a umidade em nível adequado. Terminada a oficina, fui orientada acerca dos cuidados básicos: molhar a muda pelo menos uma vez ao dia, no início da manhã ou no final da tarde, nunca quando a planta estiver recebendo luz direta ou quando o sol estiver muito forte; deixar a alface receber pelo menos quatro horas de luz solar diariamente, replantar em um vaso maior quando a planta tiver crescido.

Terminada a oficina, percebi que ao lado estava acontecendo a venda de mudas de hortaliças, aproveitei que estava entusiasmada com a alface e comprei um morango. Levei as plantas no ônibus, tomando cuidado para que não quebrassem durante o caminho de volta para casa. Pensei em deixar as mudas no jardim, mas como estava com receio de esquecê-las, preferi colocá-las na sacada do quarto, local em que elas não estariam longe do meu campo de visão.

Passei a observar diariamente o desenvolvimento das plantas, a começar com o jovem morango. Fiquei preocupada quando percebi que poucos dias após sua chegada em casa o galho mais forte e exuberante estava se tornando ressecado. Decidi arrancá-lo quando me convenci de que não havia mais jeito. Muitos galhos passaram pelo mesmo processo, até que algum tempo depois finalmente aprendi com uma amiga que era preciso ter cuidado no momento de regá-lo, pois a espécie não gosta de receber água nas folhas, diferentemente da alface que prefere ter suas folhas lavadas. Passei a ter este tipo de cuidado e com o tempo percebi que as folhas do morangueiro ressecavam menos.

No dia seis de julho, aproximadamente três semanas após a chegada do jovem morangueiro, notei que uma flor branca e solitária nascera. Não me recordo por quantos dias viveu. Quando suas pétalas brancas caíram, restaram-se apenas as sépalas verdes. Entre essas, crescia um pequeno morango verde. Este transbordava em vida: seu tamanho aumentava significativamente dia após dia, sua coloração variou do verde ao branco e do branco ao vermelho. A esta altura, sobretudo quando da chegada do mês de agosto, o jovem morango já não era mais tão jovem. Tratava-se de um morangueiro adulto: suas folhas se multiplicaram e, em tão pouco tempo, outras tantas flores brancas surgiram e depois se transformaram em saborosos morangos.

Imagem 23: Morangueiro

Primeira flor: 06/07/2016



Tornando-se adulto 18/07/2016



O primeiro fruto: 03/08/2016



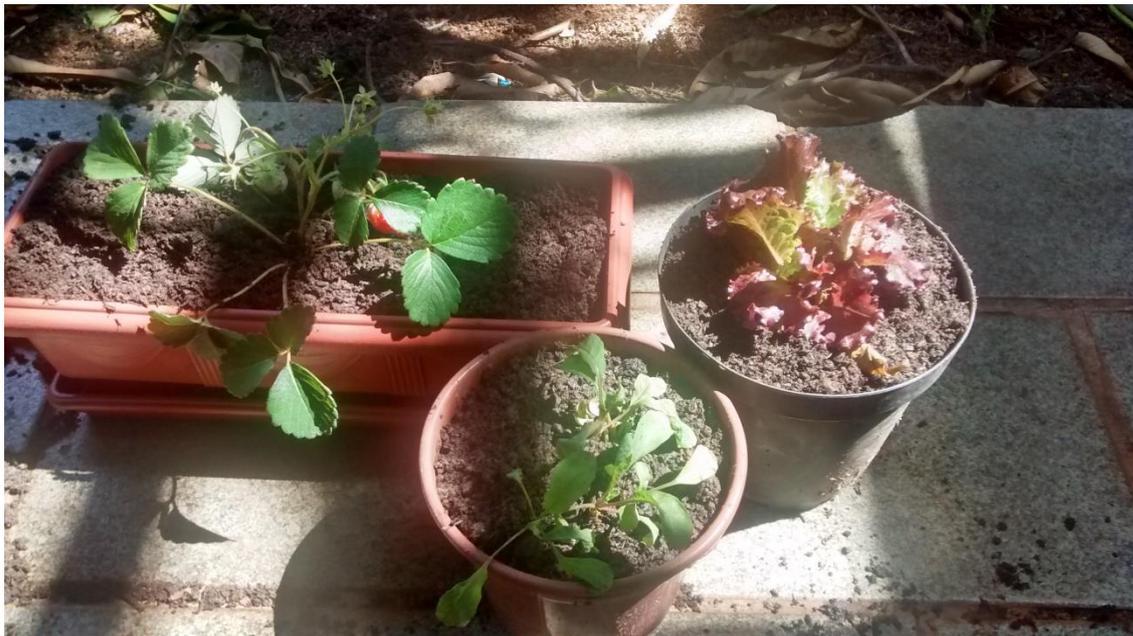
Primeira colheita: 14/08/2016



Sabendo da minha empolgação com as plantas, Fernanda me deu um pequeno vaso onde ela havia plantado sementes de rúcula na ocasião de uma oficina de horta com os jovens da Igreja. Cerca de três dias depois de terem chegado, vi brotar três folhinhas verdes no canto da pequena incubadora de terra. Fiquei pensando se as rúculas haviam germinado ou se eram ervas daninhas nascendo onde “não deveriam”. Duas semanas depois, os três pontinhos verdes se multiplicaram e começaram a ganhar forma de rúcula.

A alface, por sua vez, teve um desenvolvimento mais lento em relação aos seus parceiros de sacada. Suas folhas demoravam mais tempo para aumentar de tamanho, à princípio não me preocupei, pois me felicitava sentir capaz de cuidar minimamente bem da planta, sem deixá-la morrer de sede ou esturricando no sol. Os cuidados com as plantas foram se tornando parte da minha rotina diária e também objeto de preocupação. A chuva, o vento, o frio, o sol, o calor, a humidade, o vaso, a terra. Havia sempre muito com o que me preocupar para que aqueles três diferentes fluxos de vida seguissem de acordo com os meus anseios.

Imagem 24: Replântio. Data: 19/08/2016



Dessa forma iniciei minha horta caseira – três espécies diferentes de plantas, cada qual seguindo seu próprio fluxo de vida. E quanto a mim? Faltava-me experiência, mas não perseverança. E este foi só o começo: a cada semana, uma nova planta na sacada. Foi assim que entrei no fluxo das plantas.

A Igreja Messiânica e suas hortas: linhas espalhadas pelo mundo

A escolha de cultivar uma horta com base nos princípios e práticas messiânicas fez surgir uma série de indagações e reflexões acerca *da Agricultura Natural*, sobretudo a respeito dos materiais que são produzidos a partir dela. Primeiramente, é possível constatar que as coisas ultrapassam o ambiente religioso, pois apesar da oficina de horta caseira geralmente acontecer na Igreja, é na casa dos messiânicos e frequentadores da religião que as mudas se tornam plantas adultas. A oficina de horta caseira é realizada com o plantio de mudas e não a partir a sementeira, logo, é preciso que alguém se encarregue do preparo da terra para as sementeiras, do plantio, da irrigação e dos cuidados básicos durante os primeiros quinze dias – período de tempo necessário para que as mudas estejam prontas para a oficina. Lembro-me de que era seu Márcio quem fazia a preparação

das sementes, *dedicação* que o agricultor geralmente recebia do próprio ministro responsável pela Igreja.

Quando recorro às memórias do meu passado religioso, mais especificamente aos anos que vão de 2008 a 2012, lembro-me de que as oficinas de horta caseira só começaram a ser praticadas por volta de 2012. Antes desse ano, a prática da *Agricultura Natural* estava basicamente fundamentada na importância da ingestão de produtos orgânicos ou naturais. O discurso dos sacerdotes era sempre semelhante: a comunidade de leigos, em geral, sentia dificuldade de praticar essa *Coluna de Salvação* em virtude do alto custo dos produtos. Os ministros, por sua vez, orientavam os fiéis a não lamuriarem, pois, essa atitude não contribuía para a *salvação* dos agricultores que ainda não tinham a *permissão* de conhecer e produzir através do método da *Agricultura Natural*. O consumo de produtos orgânicos é incentivada pelo discurso da instituição sem uma crítica contundente aos agricultores que não produzem a partir do método preconizado pelos ensinamentos. Para os líderes da religião, sobretudo para os mais próximos da *Agricultura Natural*, é um desígnio de Deus e Meishu-Sama que a agricultura convencional perca processualmente seu espaço, principalmente a partir da comprovação científica a respeito dos malefícios trazidos pelo uso de agrotóxicos, fertilizantes, transgênicos e etc.

Atividades com horta começaram a ser desenvolvidas pelo Centro de Pesquisa Mokiti Okada (CPMO) – setor da Fundação Mokiti Okada¹⁰⁸ (FMO) que desenvolve pesquisas em produção agrícola e animal com base nos ideais da *Agricultura Natural*. O projeto *Horta na Escola* foi implantado pelo CPMO na Escola Estadual Paulino Nunes Esposito, localizada na cidade de São Paulo – região de Parelheiros. A intenção do projeto era de inserir produtos sem agrotóxicos na merenda dos alunos, além de promover a conscientização da importância da preservação do meio ambiente e o uso adequado do solo. De acordo com a Revista Izunome de outubro de 2008 – periódico mensal da Igreja Messiânica – o projeto se ampliou significativamente: de 2006 a 2008 contou com a participação de cerca de quinhentos alunos de quinta à sétima série do ensino fundamental que atuaram ativamente no preparo do solo, organização dos canteiros e plantio das hortaliças.

¹⁰⁸ A Fundação Mokiti Okada (FMO) é uma instituição que tem o objetivo de difundir os ensinamentos de Meishu-Sama, porém, o faz a partir de uma via não religiosa. Mais detalhes sobre serão abordados ainda neste capítulo.

Na edição de dezembro de 2009, a Revista Izunome¹⁰⁹ descreve o programa *Agricultura Urbana*, realizado através da parceria entre a Prefeitura de Osasco-SP e o CPMO. A iniciativa consistia na implementação, na assessoria e no acompanhamento de hortas sem agrotóxicos através do manejo desenvolvido pelo setor de consultoria técnica do CPMO:

“Realizado na faixa sob a linha de transmissão de energia elétrica da empresa AES Eletropaulo, o programa recuperou uma área inutilizada, transformando-a num local produtivo, em que agricultores urbanos cultivam mensalmente 1.000 hortaliças. [...]

Com resultados expressivos, nove agricultores, integrantes do Grupo Cantinho Verde, e produtores urbanos estão obtendo renda com as hortaliças produzidas, segundo a responsável pela agricultura urbana na Prefeitura de Osasco, Selma de Freitas Rocha, que relata o destino dos alimentos cultivados. “Primeiramente, é feita a colheita para autoconsumo, visando à segurança alimentar dos integrantes dos grupos e, na sequência, a comercialização dos produtos excedentes.” (REVISTA IZUNOME, dezembro de 2009, pág. 18 a 19)

É possível constatar, por meio de tais exemplo, que os projetos desenvolvidos pela FMO através do CPMO eram majoritariamente implementados fora da Igreja Messiânica. As oficinas de horta ocorriam no Solo Sagrado junto com a divulgação do programa *Horta em Casa & Vida Saudável* entre 2009 e 2010, porém, sobretudo as oficinas, ainda não faziam parte da agenda de atividades desenvolvidas no interior das igrejas. Ao longo da história da Igreja Messiânica no Brasil, o *Johrei* se constituiu como a atividade mais recorrente entre os messiânicos brasileiros sendo, portanto, o carro chefe da religião no país, enquanto as demais *Colunas de Salvação - o Belo* e a *Agricultura Natural* - acabavam desempenhando papel secundário no cotidiano da maioria dos fiéis brasileiros. Porém, a *Agricultura Natural* desempenhou um importante papel, tanto no discurso institucional, como no conjunto de práticas dos fiéis em outros países onde a religião se difundiu, a exemplo da Tailândia:

“O primeiro polo de *Agricultura Natural* da Tailândia foi inaugurado em janeiro de 1988. Entretanto, a Igreja Messiânica Mundial da Tailândia (IMMT) já começara a desenvolver com intensidade as atividades agrícolas a partir de 1981, quando o governo tailandês começou a observar o desenvolvimento e o crescimento amplo da Igreja Messiânica Mundial no país. Para o governo, deixar o crescimento da Igreja Messiânica Mundial acontecer livremente seria um perigo para o Budismo. Assim, começou a pressionar as atividades da

¹⁰⁹ Disponível em: http://issuu.com/75771/docs/revista_izunome_24?e=5329353/2735740 - Acesso em julho de 2017.

IMMT. Porém, o que fez com que o governo e o povo tailandês passassem a confiar nas atividades da IMMT foram os resultados obtidos através da expansão da Agricultura Natural. Desde então, foram realizados mais de 380 aprimoramentos de dois dias, cujo número de participantes ultrapassa as 80 mil pessoas; dos aprimoramentos realizados nos Johrei Centers, já participaram cerca de 550.000 pessoas, o que dá um total de aproximadamente 630.000 tailandeses envolvidos direta ou indiretamente com o método de cultivo natural preconizado por Meishu-Sama. Além disso, através dos messiânicos tailandeses, cerca de 3 mil pessoas, em outros países, já aprenderam o processo de *Agricultura Natural*. Dentre os participantes desses encontros, 40% são militares, policiais e funcionários públicos; 30% são agricultores e 10%, estudantes. (Revista Izunome, nº 07, agosto de 2008, p. 10 - 12).

Outro caso que merece destaque no que concerne à *Agricultura Natural* é o da Igreja Messiânica Mundial da África¹¹⁰ (IMMA). Em sua segunda visita à Angola em 2006, o presidente da Igreja Messiânica Reverendíssimo Tetsuo Watanabe orientou que “os messiânicos africanos devem dar exemplo, usando, ao invés de armas, resquício de longo tempo de guerras internas, a enxada para desenvolver a *Agricultura Natural* e deixar de depender do auxílio externo, assumindo para si a salvação do continente africano”¹¹¹. Pouco antes da chegada do reverendíssimo Watanabe, o governo de Angola cedeu à IMMA um terreno com cerca de 1.777.000 metros quadrados e, naquela ocasião, o sacerdote aconselhou aos messiânicos angolanos que fosse criado um *Polo de Agricultura Natural* e uma escola agrícola. Em agosto de 2011¹¹², no dia do culto mensal no Solo Sagrado de Guarapiranga, o presidente anunciou sua ida à Angola e Moçambique com o objetivo de participar do lançamento da pedra fundamental da primeira *Escola de Agricultura Natural* do continente africano. Em seu discurso, o reverendíssimo enfatizou que naquele ano, cerca de 27 mil famílias já praticavam a horta caseira. No ano seguinte, o número de praticantes era equivalente a 67 mil pessoas.

Em janeiro de 2012, o reverendíssimo Watanabe proferiu sua orientação para aquele ano: os messiânicos deveriam se empenhar em praticar ativamente as três formas de salvação – o *Johrei*, a *Agricultura Natural* e o *Belo*. Desde então, a prática da horta caseira se tornou uma atividade recorrente entre os messiânicos brasileiros e um assunto recorrente nos editoriais da Revista Izunome a partir daquele mesmo ano. Na edição de

¹¹⁰ A IMMA se faz presente em Angola (atual sede da IMMA), Moçambique, São Tomé e Príncipe, República Democrática do Congo e África do Sul.

¹¹¹ Revista Izunome nº13, fevereiro de 2009, p. 10 a 12.

¹¹² Revista Izunome, nº44, agosto de 2011, p. 6.

fevereiro, há uma matéria dedicada exclusivamente ao *Programa Horta em Casa & Vida Saudável*, indicando que as oficinas de horta – antes desenvolvidas em escolas ou através de parcerias com governos municipais – passaram a ser adotadas através de vivências praticadas no interior da própria Igreja. De acordo com a revista, entre os meses de março a outubro de 2011 cerca de duas mil oficinas foram realizadas em diversos estados. Ainda em outubro do mesmo ano, a direção da Igreja criou a secretaria de *Agricultura Natural* que assumiu o compromisso de ampliar a adesão dos religiosos ao *Programa Horta em Casa & Vida Saudável*, desenvolvido pela FMO.

Em entrevista concedida pelo vice-presidente da Igreja Messiânica Mundial do Brasil, reverendo Mitsuki Manabe, à revista *Izunome* de março de 2012, o sacerdote destacou a prática da horta caseira como um objetivo a ser ampliado durante aquele ano. No culto mensal realizado no mês seguinte no Solo Sagrado de Guarapiranga, o reverendo endossou as palavras do reverendíssimo Tetsuo Watanabe acerca da importância da prática das *Três Colunas de Salvação*. No que concerne à *Agricultura Natural*, Manabe destacou a horta caseira como uma prática acessível a todos:

“Com ela, podemos aprender a respeitar a natureza, cuidando até mesmo de um vasinho com um pé de cebolinha. Com a prática da horta caseira, conseguimos compreender um pouco mais a importância de equilibrar as três energias – a do Sol, a da Terra e a da Lua, que é a água. Essas energias estão nas plantas, nos seres humanos, em todos os seres vivos. Quem aprende a vivificar uma planta, também consegue vivificar uma pessoa. Por exemplo, vai entender que, se deixar faltar água, a planta morre; mas se der água em excesso, vai “afogá-la” e ela também pode morrer. Ou seja, vai aprender a dosar as coisas. Quando cuida de uma pessoa, é a mesma coisa: tudo é necessário, mas na medida certa. Se não, pode enfraquecê-la ou até tirar-lhe a vida.” (Revista *Izunome* nº 52, abril de 2012)

Nas palavras do reverendo é possível notar que a prática da horta caseira contém em si uma pedagogia messiânica do cuidado, isto é, através do cuidado diário do qual a planta necessita, o messiânico aprende a encaminhar pessoas à Igreja – uma das principais atividades que os religiosos devem aprender a desenvolver enquanto praticantes dos ensinamentos de Meishu-Sama. A muda da horta caseira é como uma pessoa que chega pela primeira vez à Igreja: necessita da atenção do messiânico que a encaminhou que, por sua vez, deverá acolher e demonstrar interesse pela vida e pelo motivo do sofrimento do recém-chegado. Se alguém vai à Igreja pela primeira vez e não é acompanhado individualmente pelo ministro ou missionário, essa pessoa pode ser

comparada a uma muda que resseca em virtude da falta de água. Do contrário, dar água demais à planta a ponto de afogá-la significa pressionar o frequentador a participar das atividades religiosas, atitude que pode produzir afastamento do recém-chegado. O mesmo também vale para o primeiro atendimento:

“Teve um dia que uma senhorinha chegou na Igreja pela primeira vez. Eu levei ela pra sala do ministro, sentei na cadeira dele e comecei a explicar a Igreja pra ela. Falei tudo: dos antepassados, das máculas, das 180 camadas do Mundo Espiritual, do Johrei... falei um monte de coisa, ela só ouvia. Depois ela nunca mais apareceu. Aí eu entendi que a gente não pode despejar um monte de coisa pro frequentador. É melhor só ouvir no começo, às vezes as pessoas só querem falar.” (Diário de Campo, 11 de julho de 2017)

A partir da prática da horta caseira, um conjunto de novas experiências religiosas foram criadas e passaram a circular entre os messiânicos. Uma delas foi narrada pelo próprio presidente, o Reverendíssimo Tetsuo Watanabe:

“Uma senhora messiânica sempre quis ministrar Johrei à vizinha, mas nunca surgia uma oportunidade para oferecer. Então, ela começou a fazer a horta caseira, plantando um pé de tomate-cereja num vaso, na varanda do apartamento. Quando ela começou a colher os tomatinhos, resolveu oferecer um pouco à vizinha, dizendo: “Você não quer experimentar esses tomates? Eles foram plantados por mim, na horta caseira que estou fazendo. Não usei nenhum adubo químico nem agrotóxico. É totalmente natural e purinho! Não quer experimentar?” A vizinha aceitou e disse que ia usar na salada, no mesmo dia. No dia seguinte, ela foi à casa da messiânica e disse: “Os tomates estavam muitos saborosos! Nunca comi um tomate tão gostoso assim... me mostre como você plantou isso na sua casa...” então, ela mostrou à vizinha o pé de tomate no vaso e disse: “Se você quiser, pode plantar um igual a mim... Eu lhe ensino. Não é difícil, não.... Você também consegue.” – “Eu quero, sim... – a vizinha respondeu. Assim, nasceu uma grande amizade entre elas. No outro dia, a vizinha perguntou: – De onde veio esse conceito de horta caseira? – Ele foi idealizado pelo mestre Mokiti Okada, há mais de 70 anos. – Será que tem algum livro de Mokiti Okada para eu saber mais? – Sim, eu vou emprestar esse livro para você – e entregou um livro de Ensinamentos. Assim, a vizinha foi ficando empolgada com a leitura. Foi lendo outros livros, até que leu sobre o Johrei e quis saber mais. Foi aí que a messiânica conseguiu ministrar-lhe seu primeiro Johrei. Parece que agora, ela já está frequentando o Johrei Center e fazendo horta caseira e, em breve, vai receber o Ohikari. Achei esta experiência muito interessante, pois ela mostrou claramente aquilo que Meishu-Sama ensinou: através da Agricultura Natural, as pessoas vão querer saber mais sobre Mokiti Okada e vão acabar conhecendo o Johrei. Um ponto importante na hora de praticar a horta caseira é procurar fazê-la junto com os filhos e os netos, pois dá para ensinar, de maneira bem simples, como respeitar as Leis da Natureza. Primeiro, ensinem a eles a agradecer a Deus, que nos deu a terra, a água e o sol. Depois, mostrem que é preciso cultivar com muito amor, até mesmo conversando com as plantinhas. É assim que

conseguirão transmitir às crianças a filosofia de Meishu-Sama, naturalmente". (Revista Izunome, nº56, agosto de 2012)

A experiência narrada pelo presidente tem o objetivo de demonstrar a eficácia da horta caseira como um instrumento de salvação, pois através do tomate-cereja a messiânica pôde ministrar *Johrei* e encaminhar a vizinha à Igreja. É muito comum em oficinas de horta caseira que hajam orientações que estimulem os participantes a doar as hortaliças ou os frutos às pessoas em um gesto de altruísmo. Ficar com todos os produtos da horta sem doá-los a alguém pode ser, em alguns casos, sinônimo de egoísmo. Também é interessante constatar que a prática da horta caseira é uma forma de autocultivo messiânico, pois a partir do cuidado diário demandado pela planta, o messiânico aprende a treinar sua percepção para com o outro.

Um emaranhado de coisas: as instituições messiânicas

Quando se observa o programa *Horta em Casa & Vida Saudável*, nota-se que a *Agricultura Natural* adquiriu uma nova prática não limitada apenas ao consumo de produtos orgânicos, mas também ao passou a ser vivenciada através do cultivo. Como a maioria dos messiânicos não possui conhecimento técnico acerca de como produzir hortas em vasos, um conjunto de cursos passaram a ser oferecidos aos religiosos. Certo dia, recebi um convite do ministro responsável para participar de uma web aula do curso *Horta em Casa & Vida Saudável*.

A palestra poderia ser assistida coletivamente na Igreja ou, quem optasse poderia assisti-la através de um link enviado pelo próprio ministro. No horário marcado, liguei o computador para acompanhar a aula. Era uma conversa amistosa entre dois sacerdotes conhecidos de longa data: o ministro Daniel, o responsável pelo curso, e seu convidado, o ministro José Luiz Tomita. Ambos iniciaram o diálogo rememorando os bons tempos de juventude quando *dedicaram* no Japão como seminaristas, ocasião em que tiveram a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos sobre *Agricultura Natural*. Os ministros falavam de suas respectivas experiências com ares de saudosismo: praticamente toda a alimentação provinha do trabalho na lavoura, produzida por eles mesmos com base nos ensinamentos do fundador.

Conforme a conversa prosseguia, era possível acompanhar os comentários dos demais participantes que interagiam através do chat, cuja barra aparecia ao lado direito da tela. O tempo passava e mais pessoas apareciam online. Algumas se manifestavam para relatar problemas técnicos, outras para dar boa noite e marcar a presença do *Johrei Center* na aula. Havia pessoas de norte a sul acompanhando aquela web aula de suas casas ou nas sedes da Igreja.

O curso *Horta em Casa & Vida Saudável* foi desenvolvido pelo Centro de Pesquisa Mokiti Okada, o CPMO, que é o setor da Fundação Mokiti Okada (FMO) responsável pelo desenvolvimento de pesquisas em produção agrícola e animal baseado no método da *Agricultura Natural*. A transmissão da aula ocorreu na sede da Faculdade Messiânica, localizada na capital paulista, instituição que também pertence à FMO. A divulgação do evento foi feita pelo “boca a boca” e pelas mensagens de whatsapp passadas dos ministros responsáveis de Igreja para os membros. Tomita, o ministro convidado, trabalha na KMA, Korin Meio Ambiente, empresa especializada no tratamento de resíduos orgânicos através de técnicas de compostagem, sendo a importância da reciclagem o assunto de destaque daquela web aula. Tanto a KMA como a Korin Agropecuária são empresas dirigidas por ministros integrantes da Igreja Messiânica que têm seus ideais empresariais fortemente alicerçados na filosofia e na doutrina da própria religião, sendo as atividades de ambas as instituições exemplos de práticas *ultrarreligiosas*, isto é, aquelas que ultrapassam o limiar da ação religiosa.

Mesmo que aqui não se faça uma narrativa detalhada acerca do conteúdo daquela aula, nota-se que uma cena supostamente corriqueira contém em si um emaranhado de fios que ultrapassam o ambiente religioso, empresarial e fundacional. Essa malha de humanos e não-humanos tais como frangos, sementes, ovos, arroz, café, bokashi, mudas de plantas chegam aos lares de messiânicos e de frequentadores da religião. Não obstante, quando as coisas vão ao supermercado para serem compradas e consumidas, a maioria dos humanos que as adquirem neste ambiente não têm conhecimento de que se tratam da conjunção entre fundação e uma empresa que estão vinculadas de maneira direta aos ideais de uma (ultra) religião de origem japonesa. O movimento seguinte deste capítulo consiste, portanto, em esmiuçar o movimento dos fios da malha que compõem a coluna da *Agricultura Natural* e o processo de criação de pureza.

A Fundação Mokiti Okada e suas coisas

Quando se pensa a relação entre Igreja Messiânica e seus materiais, desde a produção e a circulação desses, é preciso deslocar o foco da análise da religião para a Fundação Mokiti Okada. Criada em 1971 primeiramente pelo nome Fundação Messiânica, foi em 1981 que a instituição foi renomeada para Fundação Mokiti Okada (FMO). De acordo com Tomita (2012), a proposta da organização é desenvolver atividades culturais, artísticas e assistenciais, porém, atualmente o ramo de atuação da instituição se ampliou e hoje se estende à alimentação, sustentabilidade, ensino, pesquisa, saúde. Em palestra realizada na sede¹¹³ da Igreja Messiânica da cidade de Campinas, o atual presidente da FMO, reverendo Miguel Bonfim, explicou a atuação da fundação:

“[É] uma entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, visando à consecução de objetivos morais, culturais, educacionais, assistenciais e ambientais em conformidade com a Filosofia de Mokiti Okada. É uma entidade do terceiro setor, sendo reconhecida e certificada como uma entidade de utilidade pública nos âmbitos municipal, estadual e federal com atuação em todo o território nacional através de programas, projetos e atividades. Com sede na capital paulista, a Fundação Mokiti Okada realiza ações em vários locais do Brasil e seus trabalhos atendem os mais variados públicos: crianças, jovens, adultos e melhor idade, e envolvem a sociedade civil organizada, comunidades, pesquisadores e poderes públicos. Para tanto, conta com parcerias, patrocínios privados ou editais do setor público.”¹¹⁴

Ao longo da palestra, o presidente explicou os projetos e programas desenvolvidos pelos diferentes setores que compõem a instituição. Afirmou também que a FMO não é autossuficiente: é através de parcerias e patrocínios que a organização desenvolve suas atividades, sendo que a própria Igreja Messiânica faz doações financeiras à fundação.

“Meishu-Sama nos ensina através de seus Ensinamentos que nós devemos emprestar a vara e ensinar a pessoa a pescar. Que dar o peixe às vezes até tem um resultado imediato, mas isso não eleva nem o espírito e nem a matéria do ser humano. Então todas as nossas atividades que nós fazemos dentro da Fundação Mokiti Okada têm como objetivo levar Meishu-Sama até essas pessoas, levar a filosofia de Mokiti Okada, levar os Ensinamentos de Meishu-Sama de uma maneira não religiosa. Então nós podemos dizer que a Fundação Mokiti Okada, além da Coluna do Belo, é a parte social da Igreja. Nós não fazemos sopão pra distribuir na rua, mas nós atendemos asilos, presídios, fazemos programas que por trás disso existe o objetivo de elevar o ser humano

¹¹³ Palestra realizada no dia 13 de julho de 2017.

¹¹⁴ Fonte: <http://www.fmo.org.br/a-fmo/> - acesso em julho de 2017.

e dar dignidade a ele.” (Palestra Sede IMMB Campinas, dia 13 de julho de 2017)

Em seguida, o reverendo explicou os diferentes setores que compõem a FMO e os projetos e cursos que são desenvolvidos por cada um. O discurso do presidente destacou a eficácia dos projetos desenvolvidos pela instituição, os quais podem ser observados pelos resultados, prêmios e pelo reconhecimento social que a fundação conseguiu angariar ao longo dos anos.

Dentre alguns dos materiais produzidos pela FMO, grande parte pertence à Academia Ikebana Sanguetsu, setor que possui maior número de participantes. O material didático que contém explicações acerca da técnica e da estética da *Ikebana* também é produzido e vendido pela FMO. Quando alguém decide fazer aulas a fim de aprender a técnica do arranjo floral, que geralmente são desenvolvidas no interior da Igreja Messiânica, deve-se pagar uma mensalidade não à Igreja, mas à própria FMO. Em caso de atraso ou não pagamento da mensalidade, a organização não autoriza o envio das flores. Os vasos de cerâmica necessários para o arranjo floral são também vendidos pela FMO no Solo Sagrado de Guarapiranga e pela loja virtual da organização. Em se tratando de cerâmica, o Instituto de Arte e Cerâmica (IAC) da FMO oferece curso de modelagem livre que, de acordo com as palavras do presidente, atualmente é um dos cursos mais procurados e reconhecidos.

Tabela 4: a FMO¹¹⁵ e seus setores

F M O	Ikebana Sanguetsu	A Academia Ikebana Sanguetsu foi Instituída em 1972 por Itsuki Okada, filha de Meishu-Sama, tendo por base as vivificações florais realizadas pelo fundador. Foi no ano de 1974 que as atividades da academia se iniciaram no Brasil. Atualmente desenvolve workshops, vivências e aulas de Ikebana
	Cultura e Arte	Criado em 2007, o setor oferece cursos na área de arte e percepção. Gerencia o acervo de obras de arte da instituição e as exposições artísticas do SSG.
	Musical	O setor musical desenvolve o canto coral nas modalidades infantojuvenil, adulto, terceira idade. Há também a orquestra de violões e a banda marcial.
	Instituto Arte e Cerâmica	Fundado em 1982, oferece cursos de cerâmica.
	Centro de Pesquisa Mokiti Okada	Desenvolve pesquisas em produção agrícola e animal embasado na Agricultura Natural. Exerce atividade de pesquisa nas áreas de manejo de solo e planta; desenvolvimento de sementes; produção animal; microbiologia aplicada a agricultura e pecuária.
	Alimentação Natural	Grupo composto por profissionais de diferentes áreas da nutrição. Oferecem cursos de Alimentação Natural e Sustentabilidade, além de workshops e oficinas culinárias.
	Socioambiental	Possui três pilares de atuação: I) Meio Ambiente e Sustentabilidade: discute a degradação do meio ambiente, além de desenvolver programas de inclusão social; II) Educação Ambiental: oferecido em escolas (Programa de formação em Educação Espiritualista) e em empresas (O Quociente Espiritual nas Empresas); III) Voluntariado: desenvolvimento da filantropia através da Campanha Solidária e Campanha Humanitária.
	Planeta Azul	Revista de História em Quadrinhos que incentiva a prática do altruísmo. Geralmente é utilizada em escolas
	Faculdade Messiânica	Instituída em 2008. Oferece cursos de graduação em teologia e pedagogia, além de cursos de pós-graduação e extensão.
	Espiritualidade e Saúde	Formada por uma equipe de profissionais da saúde que consideram a espiritualidade fundamental para a saúde integral, em concordância com os pressupostos da Organização Mundial de Saúde e a Filosofia de Mokiti Okada.

O setor de Alimentação Natural oferece cursos sobre a importância da dieta que contenha *energia vital*, o que ocorre através da ingestão de alimentos orgânicos ou naturais. Na loja virtual, no Solo Sagrado e nas Igrejas é possível encontrar livros sobre o tema, a exemplo dos títulos “*Alimentação com Energia Vital: visão de Mokiti Okada*”, “*Energia Vital vai à mesa*” e também apostilas de oficina culinária que ensinam a preparar os alimentos. A FMO não produz apenas os materiais para os cursos que oferece, a instituição também é responsável pela publicação dos livros a respeito da vida, obra e ensinamentos de Meishu-Sama, materiais esses que são voltados para o público religioso, sendo as traduções do japonês para o português de responsabilidade do setor de tradução da Igreja Messiânica¹¹⁶. Há também livros de autoajuda que foram escritos por reverendos e líderes religiosos populares entre os fiéis, os temas geralmente se referem à busca pela

¹¹⁵ Fonte: www.fmo.org.br – acesso em julho de 2017.

¹¹⁶ Cabe à Igreja Messiânica Mundial do Brasil autorizar a divulgação dos ensinamentos. Há dissidências da religião que traduziram outros ensinamentos.

felicidade pessoal e no casamento, o caminho para o sucesso empresarial, a relação entre a espiritualidade e o dinheiro.

Os materiais vendidos pela FMO não se restringem apenas a livros e apostilas, há uma gama de produtos que fazem parte do cotidiano dos fiéis: correntes de *Ohikari* de inox; cordões de nylon; broches com o emblema da FMO ou da Igreja Messiânica; estojos para *Ohikari* de diversos modelos; prendedores de gravata com o símbolo da Igreja; chaveiros do Solo Sagrado de Guarapiranga e da Igreja; canetas; chapéu estilo safari; canecas; calendário de receitas; adesivos do logo da Igreja. Há também a venda de materiais diversos de *Ikebana*, tais como vasos de diversas formas e tamanhos; tesouras de jardinagem; *hanadomês*; aventais; panos de mão bordados, porta tesoura – todos personalizados com o emblema da Academia Ikebana Sanguetsu. Objetos de uso litúrgico também são vendidos pela loja da FMO: bandeja de madeira ou acrílico para depositar as oferendas; cortina para *Mitamaya* (Altar de Antepassados); *Goshinki* (jogo de três peças utilizadas para colocar as oferendas diante do altar); *kiribi*; *Mitamaya* (oratório), entre outras peças que também são utilizadas na liturgia. Lembro-me também de que havia a venda de réplicas de pinturas de *Kannon* feitas pelo fundador, as quais são utilizadas na decoração das Igrejas.

Imagem 25: As coisas da FMO. Da esquerda para direita – *Goshinki*, *Kiribi*, cortina e *Mitamaya*¹¹⁷



Um projeto social destacado pelo presidente da FMO é a revista de história em quadrinhos *Planeta Azul*, utilizada como material pedagógico em escolas públicas de periferia. Os temas abordados são: cidadania; preservação do meio ambiente; altruísmo;

¹¹⁷ Disponível em: <http://loja.fmo.org.br/> - acesso em julho de 2017.

bondade; cortesia; respeito; limpeza e organização; alimentação saudável; arte. A temática da revista se fundamenta nos ensinamentos de Meishu-Sama e tem como objetivo ensinar as crianças a desenvolver atitudes que objetivam a construção do *Paraíso Terrestre*. Através da análise da revista e do discurso do presidente da instituição, é possível concluir que o *Paraíso Terrestre* pode ser edificado por uma via secular, sem a presença de um discurso religioso – apesar existência de motivações religiosas em relação a esse objetivo.

Tomando como análise as coisas produzidas pela Igreja Messiânica, é possível constatar que existe uma justaposição entre a religião e a sua fundação: quando um messiânico quer adquirir um livro de ensinamentos de Meishu-Sama, ele pode fazê-lo na própria Igreja ou no Solo Sagrado ou ainda pode comprar diretamente pela loja do site da FMO. Parte das coisas produzidas pela fundação possuem uso religioso, isto é, destinam-se aos próprios messiânicos que, no momento da compra na Igreja, podem estar cientes ou não de onde termina uma instituição e onde começa a outra. A própria figura do presidente da FMO traduz bem essa justaposição: é reverendo que faz parte do corpo de funcionários da Igreja Messiânica e foi através do desempenho de sua função sacerdotal que foi designado para exercer a função de presidente da instituição. Não bastaria também ser um ministro/reverendo *dedicante*, isto é, alguém que realiza trabalho voluntário na Igreja, pois o desempenho de certos cargos e funções na FMO só podem ser realizados por sacerdotes que são funcionários de carreira da Igreja Messiânica.

Em seu discurso, o reverendo Bonfim argumentou que tanto a Igreja Messiânica como a Fundação Mokiti Okada têm o objetivo de levar os ensinamentos de Meishu-Sama para a sociedade: a primeira o faz através do *Johrei* (cujo uso está diretamente atrelado à religião); a segunda através do *Belo, Agricultura e Alimentação Natural* e por meio de projetos sociais. Desta forma, quando o objetivo é a construção do *Paraíso Terrestre* pela via secular, o fundador é designado pela FMO como Mokiti Okada: um filósofo japonês de grande sabedoria. Esse processo pode ser observado nos materiais de formação da Academia Ikebana Sanguetsu, na *Revista Planeta Azul* e nos livros do setor de *Alimentação Natural*. Porém, quando a FMO publica livros de ensinamentos, biografia do fundador e tudo o que concerne à experiência do fundador como líder religioso, ele ganha referenciais religiosos e passa a ser designado como Meishu-Sama.

Korin, uma empresa (da Igreja) Messiânica

Quando recorro às minhas memórias, lembro-me de ter realizado idas mensais ao *Solo Sagrado de Guarapiranga*, sobretudo entre os anos de 2009 a 2012. Nesse período, recordo-me de ver muitos messiânicos levando bolsas ou sacolas térmicas que, à princípio, eram utilizadas para carregar lanches, sucos, tortas, salgadinhos - e o que mais coubesse dentro. Todos esses alimentos, trazidos de casa ou adquiridos na própria praça de alimentação do templo, eram consumidos durante um piquenique pós-culto. Porém, uma vez esvaziadas, as sacolas térmicas não permaneciam assim por muito tempo: eram enchidas com produtos orgânicos produzidos pela Korin, sendo o frango o produto mais recorrente entre os religiosos.

Atualmente, o mercado da Korin extrapola o ambiente religiosos: na cidade de Pedreira, interior do estado de São Paulo, as irmãs Ingrid e Karen trabalham juntas com terapia bioenergética: a partir da análise energética de seus pacientes, prescrevem um determinado tipo de homeopatia ou chá. Além disso, durante as consultas, ambas costumam recomendar aos pacientes que modifiquem parte de seus hábitos, sobretudo os alimentares: apesar de serem vegetarianas e de grande parte da clientela se alimentar carne, as terapeutas recomendam a ingestão do frango da Korin, em virtude de o mesmo ser orgânico e, portanto, não/menos nocivo à saúde.

A cento e quarenta quilômetros de distância de Pedreira, a cantora Wanessa Camargo¹¹⁸ foi à loja da Korin da capital paulista. Consumidora de produtos orgânicos, quando perguntada acerca de um merchandising espontâneo feito aos produtos da Korin durante uma entrevista ao apresentador Emílio Zurita, Wanessa Camargo afirmou que esse tipo de alimentação lhe proporcionou um ganho de qualidade de vida, por esse motivo costuma recomendar locais onde tais produtos podem ser encontrados.

Atualmente, apesar de a Korin possuir lojas franqueadas em algumas capitais do país, alguns de seus produtos podem ser facilmente encontrados em supermercados. Tomando o frango orgânico como exemplo, quando um consumidor decide adquiri-lo, ele o leva para a casa e transforma a carne em uma refeição para a família. Ele, assim como a cantora Wanessa Camargo e as terapeutas Ingrid e Karen, quiçá não saibam a

¹¹⁸ Matéria publicada pela Revista Izunome na edição de dezembro de 2008. Disponível em: https://issuu.com/75771/docs/revista_izunome_11/10. Acessado em setembro de 2017.

respeito da estreita relação entre a Igreja Messiânica e a Korin Agropecuária, uma empresa (da) messiânica.

De acordo com a revista Izunome de agosto de 2011, a holding Korin Empreendimento e Participações LTDA é a empresa que gerencia e controla as atividades da Korin Agropecuária LTDA e de outras corporações, tais como a Korin Meio Ambiente LTDA; Korin Alimentos LTDA; CNM - Serviços de Jardinagem e Paisagismo LTDA e a CNM – Construtora Novo Mundo LTDA.

Tabela 5: Áreas de atuação da Korin Empreendimentos e Participações LTDA¹¹⁹

Holding - Korin Empreendimentos e Participações LTDA		
Empresa	Área de Atuação	Logo
Korin Agropecuária LTDA	Produção, criação e comercialização de produtos agrícolas, frangos, ovos e insumos	
Korin Meio Ambiente LTDA (KMA)	Diagnostica e adequa problemas dos sistemas de tratamento dos resíduos orgânicos líquidos e sólidos de agroindústria	
Korin Alimentos LTDA	Prestação de serviços em alimentação no refeitório da Sede Central da Igreja e no Solo Sagrado de Guarapiranga	
CNM - Serviços de Jardinagem e Paisagismo LTDA	Prestação de serviços em paisagismo e jardinagem no Solo Sagrado de Guarapiranga e na Sede Central	

¹¹⁹ Fonte: Tabela elaborada a partir de informações contidas na Revista Izunome de agosto/2011. Disponível em: https://issuu.com/75771/docs/revista_izunome_44 - acesso em setembro de 2017.

**CNM - Construtora Novo Mundo
LTDA**

Criação de projetos,
gerenciamento e manutenção dos
edifícios, visando atender as
necessidades da Igreja Messiânica



Dentre as empresas que integram a holding, descrevo a seguir sobre as atividades produtivas e comerciais da Korin Agropecuária. A empresa foi fundada no ano de 1994 a partir da iniciativa de nove famílias messiânicas que, a princípio, não tinham objetivos comerciais. De acordo com Dematte Filho (2014):

“Durante um longo período de mais de 10 anos aconteceram investimentos significativos sem um retorno proporcional, uma vez que os resultados produtivos obtidos eram muito reduzidos. Foi só a partir de 2007 que uma mudança de gestão permitiu promover acertos estruturais, investindo num quadro de colaboradores profissionalizado. Desta maneira, a empresa reorientou suas estratégias, valendo-se de uma crescente onda de consumo moldada principalmente por anseios de saúde e bem-estar. Com tal orientação, já a partir de 2008, resultados positivos começaram a acontecer, o que perdura atualmente, de forma cada vez mais consolidada”. (DEMATTE FILHO, Luiz Carlos. 2014, p. 25).

Atualmente, a agroindústria atua transversalmente em diversas cadeias produtivas que variam desde a comercialização e produção de legumes, frutas e verduras orgânicas; produção e comercialização de insumos para a agricultura orgânica e sustentável – a exemplo do Bokashi e das sementes orgânicas; produção de ovos e frangos livres de antibióticos ou orgânicos; carne bovina – sustentável ou orgânica; além de outros produtos, tais como café (sustentável ou orgânico); filés de truta; mel; óleo de soja orgânico; arroz orgânico; feijão orgânico, entre outros produtos:

Imagem 26: produtos Korin¹²⁰



¹²⁰ Disponível em: <http://www.korin.com.br/produtos/> - acessado em setembro de 2017.

A produção do “frango messiânico” ocorre através de uma parceria entre a Korin e produtores localizados a um raio de aproximadamente 70km da sede da empresa, situada na cidade de Ipeúna-SP. A Korin fornece a estrutura necessária para a produção e criação das aves: construção de aviários; entrega dos pintinhos; treinamento e capacitação dos produtores; ração; logística de transporte dos animais vivos até o abatedouro – localizado na sede da empresa¹²¹. É importante observar que os frangos, assim como toda a linha de produtos da empresa, são classificados em uma escala de quatro estágios que variam de acordo com a imagem que segue abaixo:

Imagem 27: Escala de classificação dos produtos



Todos os produtos da Korin recebem o rótulo, sendo possível observar que ambas as extremidades – produto convencional e produto da *Agricultura Natural* – não são comercializados pela empresa. O primeiro se justifica em virtude de não ser esse o objetivo da empresa, do contrário, é a esse tipo de produto que a organização tem o objetivo de se apresentar como uma alternativa de consumo. O cultivo de produtos convencionais, de acordo com o próprio discurso da empresa, consiste

“na utilização de maquinário pesado, melhoramento genético e insumos químicos, acarretando desgaste do solo, contaminação de alimentos por agrotóxicos e diminuição da qualidade dos alimentos em geral, e risco de intoxicação de quem está diretamente envolvido no cultivo.” (Relatório de Ações Socioambientais Korin Agropecuária. Ano: 2015, p.21)

Por meio da análise do catálogo, foi possível constatar que a empresa não implementou a linha classificada como “*Produto da Agricultura Natural*”. Não há no

¹²¹ Disponível em: <http://gastrolandia.com.br/korin-producao-frangos-organicos> - acessado em setembro de 2017.

website da empresa e no Relatório de Ações Socioambientais de 2015 uma definição clara acerca da distinção entre o natural e o orgânico, o que pode ser comprovado por meio da análise do trecho:

“É importante salientar que a agricultura orgânica e natural difundida pela Korin não se faz apenas pelo não uso de agrotóxicos, mas também, e fundamentalmente, pelo respeito à natureza e seus ciclos e pelo equilíbrio entre o homem e o meio ambiente.” (Relatório de Ações Socioambientais Korin Agropecuária. Ano: 2015, p.21)

Ambos os termos são tidos como sinônimo de qualidade – tanto no sabor, como no processo produtivo utilizado. Ainda que tal distinção não seja clara, a empresa sinaliza que tem como missão a utilização de métodos produtivos que gradativamente concretizem a *Agricultura Natural*, objetivo claramente alicerçado nos ideais religiosos da Igreja Messiânica.

No que concerne à distinção entre orgânicos e sustentáveis, as diferenças são mais fáceis de serem delineadas. Primeiramente no que tange às semelhanças, toda a produção animal é feita sem o uso de antibióticos, quimioterápicos, conservantes ou hormônios sintéticos e, de maneira geral, todos os produtos de origem animal possuem certificação de bem-estar animal. Portanto, na agropecuária a diferença entre orgânicos e sustentáveis se justifica na alimentação: só pode receber a certificação orgânica aqueles animais que se alimentaram de produtos de tal tipo. Não obstante, ainda que os frangos sustentáveis não comam ração orgânica, os mesmos são tratados com alimentação cem por cento vegetal – o que não ocorre na produção aviária convencional, cujas aves se alimentam de proteínas, tornando a carne menos saudável ao consumo humano.

Tabela 6 – Selos da Korin: Linha sustentável versus Linha Orgânica e Tabela



Categorias (fornecidas¹²² pela Korin)	Linha Sustentável	Linha Orgânica
Sem aditivos químicos	X	X
Sem quimioterápicos	X	X
Sem conservantes	X	X
Economicamente viáveis	X	X
Socialmente justos	X	X
Culturalmente aceito	X	X
Selo bem-estar animal (certified humane Brasil)	X	X
Certificação IBD		X
MAPA (selo orgânico)		X
Ração orgânica		X

Tabela 7: Frangos Korin (Tabela Descritiva)

Nome	Descrição	Linha
Frango IQF (individual quick frozen)	Frango congelado, vendido em pedaços;	Produto sustentável
	IQF: trata-se de uma técnica de congelamento	
Frango caipira	Raças de aves de crescimento lento: atingem a idade de abate após 70 dias	Produto sustentável
	Criação: inicialmente em galpões fechados, com densidade de 30 kg/m ² até 25 dias de idade	

¹²² Disponível no site da empresa: <http://www.korin.com.br/produtos/frango> – acesso em setembro de 2017.

	Após 25 dias, passam a ter acesso à área de pastejo	
	Alimentação: 100% vegetal, porém não orgânica	
Frango AF (antibiotic free) ou Livre de Antibióticos	Criação: em galpões fechados, sendo a densidade de no máximo 12 aves por m ²	Produto sustentável
	Alimentação: 100% vegetal, porém não orgânica	
Frango Solenne	Produção ocorre para atender a demanda das festas de fim de ano (produção voltada apenas para tal ocasião)	Produto sustentável
	Alimentação: 100% vegetal, porém não orgânica	
	Raça ave: Ross	
Frango Orgânico	Vivem em galpões com no máximo 10 animais/m ²	Produto orgânico
	Tem acesso a pastagem	
	Alimentação: 100% vegetal e orgânica	
	Certificação orgânica (MAPA)	

Os produtos classificados como sustentáveis são aqueles que, apesar de não serem orgânicos, possuem um método de produção considerado não nocivo ao meio ambiente. Os orgânicos, por conseguinte, também são sustentáveis, porém, nem todos os sustentáveis são orgânicos: esse termo é utilizado para se referir a uma forma de produção caracterizada pelo seguimento de certos padrões – a exemplo da não utilização de fertilizantes e pesticidas, tal como explicara Márcio e Mari. Esses procedimentos, uma vez seguidos, passam por inspeção constante – primeiramente para o recebimento da certificação e posteriormente em caráter de inspeção para a manutenção do selo. De acordo com Márcio:

“você pode até cultivar um produto natural, mas se não tiver o selo de orgânico, não adianta nada – é como se fosse um produto convencional, ainda mais hoje que tem muita coisa falsificada, né? Às vezes, como acontece em feira livre, a fiscalização bate recolhendo produto pra fazer análise. Se pegarem alguma coisa, eles conseguem saber de onde que é o produto. Os produtos que a gente vende tem que ser tudo rastreado, nem que eu pegue de outro lugar, tem que ter rastreabilidade pra se caso, acontecer um dia de pegarem vendendo um produto que é certificado, mas que levou algum produto químico, a pessoa [que produziu] é penalizada.” (Diário de Campo, 09 de agosto de 2017)

Apesar de o objetivo final da Korin Agropecuária ser a comercialização de produtos oriundos da *Agricultura Natural*, ainda não há no Brasil uma certificação de tal tipo, tampouco existem leis ou normas que descrevem como deve ocorrer o manejo de produtos de tal espécie, diferentemente de como vemos ocorrer com os orgânicos – regulamentados pela Lei 10.831/03. Nesse sentido, seguindo o raciocínio do agricultor, não basta o produto ser natural, é preciso que seja certificado como orgânico, pois somente desta maneira o mesmo poderá ser comercializado de modo diferenciado em relação ao convencional.

Com base no discurso de Márcio, é importante destacar que o mesmo não fornece mais legumes e hortaliças para a Korin. A parceria não foi profícua, pois dentre as queixas, Márcio mencionou que além de a empresa pagar um valor demasiado baixo por seus produtos, os prazos para que os pagamentos ocorressem costumavam demorar. Além disso, contou-me que certo dia foi à sede da empresa na ocasião em que ainda era fornecedor, e percebeu que seus produtos estavam guardados dentro da geladeira e não expostos para a venda. Quando o prazo para novos pedidos finalmente chegou, disseram a Márcio que não iam comprar a mesma quantidade de produtos da remessa anterior, pois haviam sobrado, portanto, a cada nova remessa, a empresa comprava uma quantidade cada vez menor de produtos. Decepcionado, Márcio disse que dificilmente seus legumes seriam vendidos se grande parte deles permanecessem guardados dentro da geladeira – resposta que marcou o fim da relação entre o produtor e a empresa. Atualmente, no sistema de parceria do qual Márcio faz parte não há a presença de pessoas ou instituições vinculadas à Igreja Messiânica, não obstante, às terças-feiras e os dias de culto são ocasiões em que a família Maeda comercializa parte de sua produção na Igreja.

“Quem come carne, tem que agradecer e sufragar”

Foi o que disse o reverendo e superintendente da Korin Agropecuária LTDA Reginaldo Morikawa durante a palestra que proferiu no dia do *Culto em Sufrágio aos Espíritos dos Animais Sacrificados*¹²³, celebrado na sede da empresa e do Centro de Pesquisa Mokiti Okada, ambos situados na cidade de Ipeúna-SP. De acordo com o próprio sacerdote, o evento contou com a presença de mais de mil e quinhentos participantes, sendo que uma boa parte veio de outras regiões ou até mesmo de estados vizinhos – como o caso da caravana do Rio de Janeiro. O culto é conhecido por muitos messiânico como *culto do frango*, porém, não são apenas as aves que são sufragadas, mas toda a linha de agropecuária da Korin, incluindo os insetos que são mortos em decorrência das atividades agrícolas.

O ambiente foi todo preparado para o dia do evento: uma grande tenda de estrutura metálica foi instalada sobre um gramado, localizado na frente da sede da empresa e do Centro de Pesquisa Mokiti Okada. Embaixo da tenda, diversas cadeiras de plástico foram colocadas enfileiradas diante de um proscênio de cerca de um metro de altura. Quando cheguei, notei que a *Imagem da Luz Divina* e o quadro do fundador não estavam na parede. Como toda a estrutura foi montada as vésperas do cerimonial, foi possível concluir que se tratava de um *Altar Itinerante*, entronizado em ambientes não religiosos para a execução de cerimoniais e, tal como o nome sugere, esse modelo de altar pode ser levado para outros lugares¹²⁴. No entanto, após circular pelo local, encontrei uma sala com cadeiras e na parede do fundo era possível visualizar a *Imagem da Luz Divina*, tal como nas unidades religiosas da Igreja Messiânica. Apesar da propriedade ser a conjunção entre um centro de pesquisa e uma empresa, a presença da religião se materializava não somente discursos de pesquisadores e funcionários, mas também através de objetos utilizados no ambiente religioso. Essa situação é mais um exemplo que revela de maneira significativa a porosidade existente entre as três instituições messiânicas abordadas neste capítulo – a Igreja, a empresa e a fundação.

Conforme explicado no capítulo I, o altar messiânico é composto pela *Imagem da Luz Divina*, escrita em kanjis e fixada ao centro; à direita desta, encontra-se a fotografia do fundador, e à esquerda, há um arranjo de *Ikebana*. Porém, para o *Culto em Sufrágio aos animais*, a organização do altar se deu de outro modo: o arranjo floral foi

¹²³ Celebrado no dia 20 de agosto de 2016.

¹²⁴ O Altar Itinerante é utilizado em casamentos em cerimônias que são realizadas fora da Igreja.

colocado à direita da *Imagem da Luz Divina* e, à esquerda desta, havia mais dois *hassokos* e sobre o maior, havia dois *ihai*: placa de madeira utilizada em rituais funerais. Primeiramente, iniciou-se o ritual diante da *Imagem da Luz Divina*, em que os oficiantes solicitaram o aceite de Deus em relação ao culto. A oração dirigida diante da *Imagem da Luz Divina* é lida por um dos oficiantes em tom solene, porém, fez-se o uso de palavras que reforçam a humildade e a pequenez humana diante de grandeza e onipotência divina:

“Oh, Deus Senhor e Criador do Universo, perante vós o humilde servidor, em profunda reverência, eleva até vós esta oração. Escolhendo hoje como a melhor data, a Korin Agropecuária LTDA realiza o culto de elevação dos espíritos das aves, animais, insetos e peixes que foram sacrificados no exercício de suas atividades. Aceitai em paz e serenamente nossa prece de solicitação de Sufrágio dos Espíritos desses animais envolvendo no seu misericordioso manto de proteção. Concedei também constante proteção e prosperidade para que esta empresa seja poupada dos infortúnios e as suas atividades não sofram nenhum tipo de declínio. Assim vos rogamos humildemente”. (Diário de Campo, 20 de agosto de 2016).

Imagem 28¹²⁵: Culto em Sufrágio às almas de animais e insetos (2016)



Feitas as orações a Deus, a comitiva de oficiantes caminha em direção aos *ihai* e diante deles fazem a *Oração de Chamamento dos Espíritos dos Animais*:

¹²⁵ Disponível em: <http://www.korin.com.br/wp-content/uploads/2015/08/DSC08605.jpg> - acesso em outubro de 2017.

“Espíritos das aves, animais, insetos e peixes que foram sacrificados no exercício das atividades da Korin Agropecuária LTDA, Escolhemos hoje como a melhor data para realizar o seu merecido sufrágio, solicitamos, portanto, sua presença para que recebam este culto com paz e serenidade.” (Diário de Campo, 20 de agosto de 2016)

Enquanto um dos oficiantes fez a leitura da *Oração de Chamamento*, os demais realizaram o *keihitsu* que consiste na vocalização do som “ô” contínuo e de tonalidade grave. É possível notar algumas semelhanças entre esse e rituais funerários de messiânicos que possuem *Altar de Antepassado* em seus lares. Diante do corpo do recém-falecido, o ministro oficiante assenta o espírito do finado em um *mitamashiro* (haste de madeira com um papel escrito o nome, idade e data de falecimento) para que o mesmo possa receber cultos a cada dez dias¹²⁶. A transferência do espírito do falecido para o *mitamashiro* ocorre por meio da oração japonesa *Amano Kazo Uta*, conhecida em português como *oração de contagem dos números sagrados* a qual também é acompanhada pela vocalização “ô” (*keihitsu*).

Uma vez que os espíritos estavam presentes no altar, um dos oficiantes colocou as oferendas diante do *Ihai*. Em seguida, outro oficiante fez a leitura da *Oração em Louvação aos espíritos dos animais*:

“Espíritos de animais que estão presentes neste Altar: a empresa Korin Agropecuária LTDA tem como objetivo principal o atendimento da solicitação das pessoas em geral e, para isso, ao longo dos anos, vem sacrificando a vida de animais. Portanto, para sufragar os seus espíritos, neste significativo dia, depositamos neste altar diversas e saborosas oferendas. A diretoria e os seus funcionários reúnem-se aqui e para serenar-lhes, rogam a Deus pela sua elevação e felicidade. Desejamos fortemente que pela providência divina, Deus lhes conceda elevação, envolvendo-lhes em seu manto de misericórdia e proteção, uma vez que cumpriram plenamente sua missão. Aceitem com serenidade este culto e permitam que a Korin Agropecuária LTDA e todas as demais pessoas possam prosperar livres dos infortúnios e obstáculos. Assim lhes determinamos”. (Diário de Campo, 20 de agosto de 2016)

Nota-se na oração acima que os seres humanos podem se dirigir aos animais através de determinações e ordens, não houve a utilização do termo “vós”, tal como na *Oração de Comunicação*, dirigida a Deus. Isso se explica a partir da análise da hierarquia espiritual da religião, na qual os seres humanos ocupam posição mais elevada em relação aos animais, por isso, podem proceder de tal forma. Porém, o mesmo não se aplica às orações dirigidas em voz alta a Deus, as quais são realizadas com o máximo de sujeição

¹²⁶ Depois do 50º o espírito do recém-falecido é assentado no Altar de Antepassados da família. Nesse ritual, ocorre novamente a *Oração de Contagem dos Números Sagrados*, acompanhada do *keihitsu*.

e passividade. No entanto, ainda que os animais estejam em posição de inferioridade, é necessário sufragá-los depois de mortos a fim de prevenir possíveis infortúnios que poderiam ser trazidos através de prejuízos materiais à empresa.

Após o encerramento da oração, o prosseguimento do ritual segue conforme a sequência habitual: ofertório de gratidão; *Oração Amatsu-Norito e Oração do Senhor*, também conhecida como o *Pai Nosso* – geralmente entoada em cultos messiânicos quando uma parte significativa do público não pertence à Igreja; *Johrei coletivo*; leitura de Ensino de Meishu-Sama. Ao final do culto, um oficiante fez a *Oração de Despedida* enquanto os demais vocalizaram o *keihitsu*:

“Espíritos das aves, animais, insetos e peixes presentes neste altar, solicitamos que regressem serenamente ao local de sua procedência.” (Diário de Campo, 20 de agosto de 2016)

Terminada a *Oração de Despedida*, os oficiantes se retiraram, uma música foi tocada enquanto o púlpito foi posicionado ao centro do proscênio. Em seguida, o reverendo da Igreja Messiânica e superintendente da Korin Agropecuária LTDA Reginaldo Morikawa foi ao púlpito a fim de agradecer a presença do público. A ocasião foi marcada pela presença de muitas autoridades, sobretudo de políticos da região: o deputado estadual Aldo Demarchi (DEM) que se tornou messiânico depois de frequentar a Igreja por cerca de trinta anos; o prefeito Idelbran Prata (PP); o vice-prefeito José Antônio de Campos¹²⁷ (PP), cerca de sete vereadores da cidade e outras autoridades. O governador de São Paulo Geraldo Alckmin também foi convidado para participar do culto, porém, não pôde comparecer. O locutor leu a carta da assessoria de gabinete do governador que saudava a iniciativa conjunta entre o prefeito da cidade e a Korin Agropecuária LTDA em transformar a Ipeúna em capital da *Agricultura Natural* – assunto esse que será abordado com maior aprofundamento ainda neste capítulo.

Durante a palestra, o reverendo e superintendente destacou os números que a empresa obteve no ano anterior: o faturamento chegou a 108 milhões de reais em 2015, o que resultou em um crescimento de cerca de 15% em relação a 2014. É importante mencionar que o crescimento econômico da empresa é percebido como consequência da providência divina, além de fruto do empenho dos funcionários e da equipe gestora –

¹²⁷ Em 2016 José Antonio de Campos era vice-prefeito. Foi eleito prefeito do município nas eleições de 2016 e seu mandato teve início no ano seguinte. Em 2017, José Antonio também participou do culto do frango, juntamente com outras autoridades locais – inclusive o deputado estadual Aldo Demarchi.

responsável por realizar anualmente os cultos em sufrágio aos espíritos dos animais sacrificados.

Além dos aspectos técnicos estabelecidos na produção agropecuária da Korin Agropecuária LTDA, há mais um componente comum não somente aos frangos, mas também a todos os animais sacrificados: o sufrágio. Toda a linha de produção agropecuária desde bovinos, aves, suínos¹²⁸, peixes e até mesmo os insetos são sufragados anualmente na sede da empresa. Portanto, o *modus operandi* da Korin, dotado de objetivos empresariais e mercadológicos, não está divorciado de disposições religiosas, do contrário, ambas se imiscuem em uma amálgama que pode ser observada através do próprio culto descrito neste capítulo; na presença da *Imagem da Luz Divina* na sede da empresa e do Centro de Pesquisa Mokiti Okada; no pertencimento simultâneo de Reginaldo Morikawa ao corpo sacerdotal da Igreja Messiânica e ao quadro de funcionários da Korin Agropecuária que, assim como o reverendo Miguel Bonfim (presidente da Fundação Mokiti Okada), Morikawa dificilmente teria sido escolhido para desempenhar o cargo de superintendente da Korin se não fosse sacerdote da Igreja.

A tecnologia e as pesquisas demandadas pela Korin Agropecuária LTDA são executadas através de uma parceria entre a empresa e o Centro de Pesquisa Mokiti Okada (CPMO). A colaboração entre empresa e fundação pode ser observada empiricamente em diferentes situações que necessitam ser detalhadas com maior atenção.

O Centro de Pesquisa Mokiti Okada e suas tecnologias

Conforme foi explanado neste capítulo, a Fundação Mokiti Okada (FMO) tem o propósito de difundir os ensinamentos de seu patrono, todavia sem fazer uso de um discurso religioso, ainda que as motivações que justifiquem seu modo de agir no mundo sejam fundamentadas em preceitos de tal natureza. A instituição em questão dispõe de diferentes ferramentas que objetivam a concretização do *Paraíso Terrestre* pela via secular, sendo o Centro de Pesquisa Mokiti Okada (CPMO) mais uma entre as demais já mencionadas neste capítulo¹²⁹. No entanto, é preciso destacar que dentre as diferentes

¹²⁸ Em fase de testes, ainda não comercializada.

¹²⁹ Ver tabela página 131.

áreas de atuação da FMO, o CPMO é o único setor que tem o objetivo específico de realizar pesquisas na área de *Agricultura Natural*:

“Aqui no CPMO nós temos o objetivo de pesquisar e difundir tecnologias – tanto de agricultura como de pecuária – sempre baseados no princípio da Agricultura Natural de Mokiti Okada. Mokiti Okada foi um religioso, um filósofo, um artista que viveu no Japão em 1882 a 1955 e ele deixou vários textos que nós chamamos de ensinamentos. Aqui no centro de pesquisa nós falamos que [os ensinamentos] é a base teórica: a gente precisa transformar em dados, então é fazer a pesquisa para criar dados científicos que corroborem esses textos que ele deixou, principalmente em relação ao solo, ao cultivo de plantas.” (Diário de Campo, 24 de agosto de 2016 - entrevista).

No discurso da pesquisadora é possível constatar que os ensinamentos religiosos acerca da *Agricultura Natural* são os principais motivadores da prática científica. Portanto, em uma sociedade moderna, o discurso religioso não se basta em si mesmo, é necessário o uso da ciência para comprovar as verdades estabelecidas pela religião – mecanismo comumente utilizados por religiosos quando há necessidade de legitimidade no espaço público secular. Não obstante, para a antropologia da ciência, na qual os trabalhos de Latour são importantes referências, a prática científica não pode ser considerada

“uma esfera autônoma, com fronteiras fixas, mas como um conhecimento e uma prática que ocorre em um dado contexto e que sofre o influxo do meio social, econômico e da cultura política de um dado país”. (RANQUETAT, 2011, p. 38¹³⁰)

A partir desse argumento, verifica-se que na produção científica do CPMO não há uma fronteira rígida entre religião e ciência. Portanto, além de motivar as práticas religiosas, a ciência é acionada pelos pesquisadores para dar veracidade aos preceitos da *Agricultura Natural* estabelecidos nos ensinamentos da religião. A pesquisadora entrevistada é formada em biologia e atua no CPMO no setor de pesquisas e desenvolvimento de sementes orgânicas. Simultaneamente, é ministra da Igreja Messiânica, assim como outros pesquisadores que compõem o quadro da instituição. O coordenador geral do CPMO, Luiz Carlos Demattê Filho, exerce o cargo de diretor industrial da Korin e é ministro da Igreja Messiânica. Esse caso ilustra a não existência de uma tríplice fronteira entre as instituições, mas demonstra que ocorre um

¹³⁰ RANQUETAT, César Alberto. (2011), “Ciência e Religião: os debates em torno das pesquisas com células-tronco embrionárias no Brasil”. *Ciências Sociais e Religião*, v. 12, nº 13: 37-56.

entrelaçamento de fios que são personificados na própria figura de Demattê. É importante mencionar que a atuação de Demattê não se limita às instituições messiânicas: em maio de 2016 foi oficialmente eleito pelo Ministério da Agricultura como presidente da Câmara Temática da Agricultura Orgânica (CTAO), nomeação essa que ampliou a influência da Korin e do CPMO no desenvolvimento de normas que regulamentam a agricultura orgânica no país – o que demonstra forma de atuação e participação de messiânicos na esfera pública e no cenário político brasileiro:

“A nomeação foi muito valiosa, pois a partir de agora, a Korin, a Igreja Messiânica e a Fundação Mokiti Okada passam a contribuir diretamente no desenvolvimento da Agricultura Natural de Mokiti Okada, aplicada em todo o território brasileiro. Menos veneno e mais energia vital para todos” (Luiz Carlos Demattê Filho - 17 de maio de 2016)¹³¹

A nomeação do Ministério da Agricultura não se justifica apenas na carreira empresarial de Demattê, mas também na sua inserção no campo científico, o que rendeu ao pesquisador o prêmio Capes na área de ciências ambientais no ano de 2015. A tese¹³² foi desenvolvida na USP - ESALQ e teve a avicultura alternativa praticada pela Korin Agropecuária LTDA como mote de investigação. Na pesquisa, vinte e oito produtores integrados foram entrevistados a fim de criar dados acerca da rentabilidade e qualidade da produção impacto ambiental, de acordo com Demattê:

“A ideia foi demonstrar que a Korin vem construindo, junto a todos os agentes que participam de suas atividades, com um desenvolvimento sustentável do território agrícola, promovendo uma melhor consciência sobre práticas ambientais conservacionistas, melhorando a segurança alimentar de produtores e da sociedade em geral, contribuindo na dinamização econômica do campo, vivificando identidades culturais importantes para a manutenção da coesão social e cultural de nossos produtores.[...] O trabalho enfoca as bases e os princípios da Agricultura Natural e, por isso, creio ser o início de um reconhecimento do meio acadêmico e científico sobre a grande validade e inovação contida nos Ensinos de Meishu-Sama sobre a agricultura e a alimentação. Estou muito emocionado por esta grande conquista, em nome de Meishu-Sama”¹³³

¹³¹ Disponível em: <http://www.korin.com.br/blog/ministerio-da-agricultura-elege-diretor-da-korin-como-presidente-da-camara-tematica-de-agricultura-organica/> - acessado em outubro de 2017.

¹³² Intitulada como: “Sistema agroalimentar da avicultura fundada em princípios da Agricultura Natural: Multifuncionalidade, Desenvolvimento Territorial e Sustentabilidade”, defendida em agosto de 2014 e desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ecologia Aplicada da Universidade de São Paulo (CENA/ESALQ – USP).

¹³³ Disponível em: <http://www.korin.com.br/blog/diretor-da-korin-recebe-premio-capes-na-area-de-ciencias-ambientais/> - acessado em outubro de 2017.

O discurso de Demattê é mais um exemplo em que se pode observar a porosidade entre ciência e religião, logo, o reconhecimento social e a visibilidade adquirida pela pesquisa dão eficácia científica ao método de cultivo idealizado por Meishu-Sama. Além disso, são percebidos como consequência da vontade divina do próprio fundador, cujo objetivo principal é a edificação do *Paraíso Terrestre*, portanto, tornar a *Agricultura Natural* conhecida no meio acadêmico e científico através da divulgação do um método de cultivo eficaz e sustentável é uma maneira de cumprir tal finalidade religiosa.

No que concerne ao CPMO, observa-se a presença de quatro linhas de pesquisa descritas na tabela que segue abaixo. Por meio da análise, nota-se que parte do conhecimento científico angariado pelas pesquisas é transformado em produtos que são comercializados pela Korin, tal como o caso das sementes e do Bokashi, ou em pesquisas que investigam métodos de manejo já implementados, a exemplo do processo de produção do frango, o que sugere que parte das pesquisas executadas se originaram nas necessidades da empresa. O CPMO também presta assessoria para produtores que queiram fazer a transição gradual do manejo convencional ao orgânico – a exemplo do projeto *Citrus* – e tal como foi explanado neste capítulo, a instituição também participa de parcerias com o setor público a fim de implementar a prática da horta em escolas ou projetos sociais. Pode-se notar também a presença de pesquisas em sementes para serem consumidas pelo programa *Horta em Casa & Vida Saudável*, cujas vivências de horta são majoritariamente difundidas pela FMO no espaço da Igreja Messiânica.

Tabela 8: Setores de pesquisa do CPMO

Setor	Linhas de Pesquisa	Descrição	Projetos Executados	Parceria	Produto final
Setor de Pesquisa em Manejo de Solo e Planta	Microbiologia e bioquímica do solo; Química de solo e Nutrição de plantas; Fitopatologia e Entomologia agrícola	Tem o objetivo de testar práticas de manejo que proporcionem a recuperação da qualidade do solo.	Projeto Citrus: Produtor de laranjas de Mogi-Guaçu cedeu 2 hectares para transição do manejo convencional ao natural	Fazenda Yamaguishi	Assessoria para terceiros: sem dados sobre comercialização
			Projeto Milho: cultivo repetitivo do milho a partir da utilização de sementes próprias	ESALQ - USP	Projeto Interno: não comercializado até o momento
Setor de Pesquisa e Desenvolvimento de Sementes	Melhoramento de Sementes; Produção de Sementes	Desenvolve sementes de verduras, legumes e cereais adaptadas e selecionadas dentro do cultivo no sistema de Agricultura Natural com o objetivo atender praticantes de Agricultura Natural, agricultura orgânica e agricultura familiar, e também multiplicar sementes para atender ao programa Horta em Casa e Vida Saudável.	Projeto I: Melhoramento para obtenção de variedades adaptadas para o cultivo da Agricultura Natural (milho verde e tomate) Projeto II: Desenvolvimento de Sementes para o programa Horta em Casa & Vida Saudável	Projeto I: Unesp Botucatu Projeto II: FMO	Projeto I: Sementes Orgânicas Korin (linha insumos)
Setor de Pesquisa em Animais de Produção	Bem-estar e ambiência; Nutrição animal	Área de pesquisa voltada para a produção de frango de corte e postura da Korin Agropecuária LTDA que visam o bem-estar animal e a qualidade da alimentação	Avaliação do impacto da ambiência e do bem estar animal na saúde dos animais de produção.	Korin	Linha de Frangos Korin
Setor de Microbiologia Aplicada a Agricultura e Pecuária	Não foi encontrada a divisão do setor em linhas de pesquisa	Executa pesquisas que investigam a utilização de microorganismos benéficos no controle biológico de doenças e também como produtores de crescimento das plantas.	Desenvolvimento de análises de rotina que envolve diferentes tipos de micro-organismos como fungos, leveduras, bactérias, entre outros, e a seleção de isolados bacterianos como promotores de crescimento de plantas. Oferecendo assim uma alternativa para que os agricultores possam fazer a transição da agricultura convencional para a agricultura natural preconizada por Mokiti Okada ou para uma agricultura orgânica.	Informação não encontrada	Linha insumos Korin: Fert Bokashi Premium; Fert Bokashi; Garden Bokashi; Plant Bokashi

Diante da existência da linha de insumos produzidos a partir da parceria entre Korin e CPMO, perguntei a Márcio se ele utilizava as sementes orgânicas comercializadas pela empresa. Ele me disse que atualmente, daquelas que se encontram disponíveis no mercado (incluindo as sementes da Korin/CPMO), não há ainda uma marca que o agrade em virtude da baixa produtividade que, segundo o produtor, de cem sementes plantadas, apenas de vinte a trinta germinam. Seu Márcio explicou que extrai suas sementes de parte da produção, prática recorrente entre os agricultores que cultivam produtos orgânicos. É Márcio quem produz seu próprio Bokashi, insumo à base de micro-organismos que faz

parte do catálogo de produtos da Korin, o que revela a autonomia do agricultor em relação aos produtos da Korin/CPMO.

As instituições messiânicas: conclusão

Terminadas as palestras que ocorreram no dia do *Culto as Almas dos Animais e Insetos*, o ministro Daniel Gibrail foi chamado para discursar no púlpito. Narrou o dia em que ele, como representante da Igreja da região de Rio Claro-SP, foi à sede da prefeitura de Ipeúna para conversar com o prefeito. Junto dele estava o reverendo Moriwaka e o ministro Demattê, que representavam respectivamente a Korin Agropecuária LTDA e o CPMO/FMO – desse modo, as três instituições messiânicas estavam presentes na conversa através de seus representantes. O pedido de uma reunião com o prefeito da cidade foi uma orientação dada pelo presidente da Igreja Messiânica, reverendo Marco Antonio Baptista Resende:

“Ao receber todos os relatórios, ele nos orientou que se não fosse todo o apoio da cidade de Ipeúna durante esses mais de trinta anos que o polo está sendo desenvolvido, nós não teríamos chegado a esse estágio. Então ele nos orientou que fossemos à Prefeitura para manifestar o nosso sentimento de gratidão e colocar os préstimos das três instituições messiânicas: a Igreja Messiânica, Fundação Mokiti Okada e Korin para toda a comunidade de Ipeúna. Conversando com o prefeito Idelbran sobre o sonho de Meishu-Sama e sobre os projetos que são desenvolvidos por nós para concretizarmos esse sonho, ele se emocionou bastante e falou que esse também era o sonho dele. E juntos chegamos à conclusão de que Ipeúna já era a capital da Agricultura Natural. Foi assim que ele tomou a decisão de criar uma lei que institui oficialmente Ipeúna como a capital da Agricultura Natural, tendo o apoio de todos os vereadores da Câmara Municipal de Ipeúna. E criou uma comissão para planejar e desenvolver projetos para que possamos concretizar esse grandioso sonho. Hoje em dia o projeto já está indo a todo vapor, sendo desenvolvidas várias ações no sentido de Ipeúna se tornar um modelo para o mundo de sociedade sustentável e feliz.” (Diário de Campo, 20 de agosto de 2016)

Com a promulgação da lei municipal número 1.228 foi estabelecido que todos os impressos oficiais produzidos por órgãos públicos da cidade deverão apresentar a expressão “*Capital da Agricultura Natural*” a qual também passou a constar abaixo do brasão do município. Dentre as demais atribuições da lei, destaca-se o projeto *Horta na Escola* que tornou a disciplina parte do currículo das escolas municipais; criação de hortas municipais que serão implementadas através do programa *Horta em Casa & Vida Saudável*; criação da “*Feira da Agricultura Natural e de Produtos Sustentáveis*”, e, por

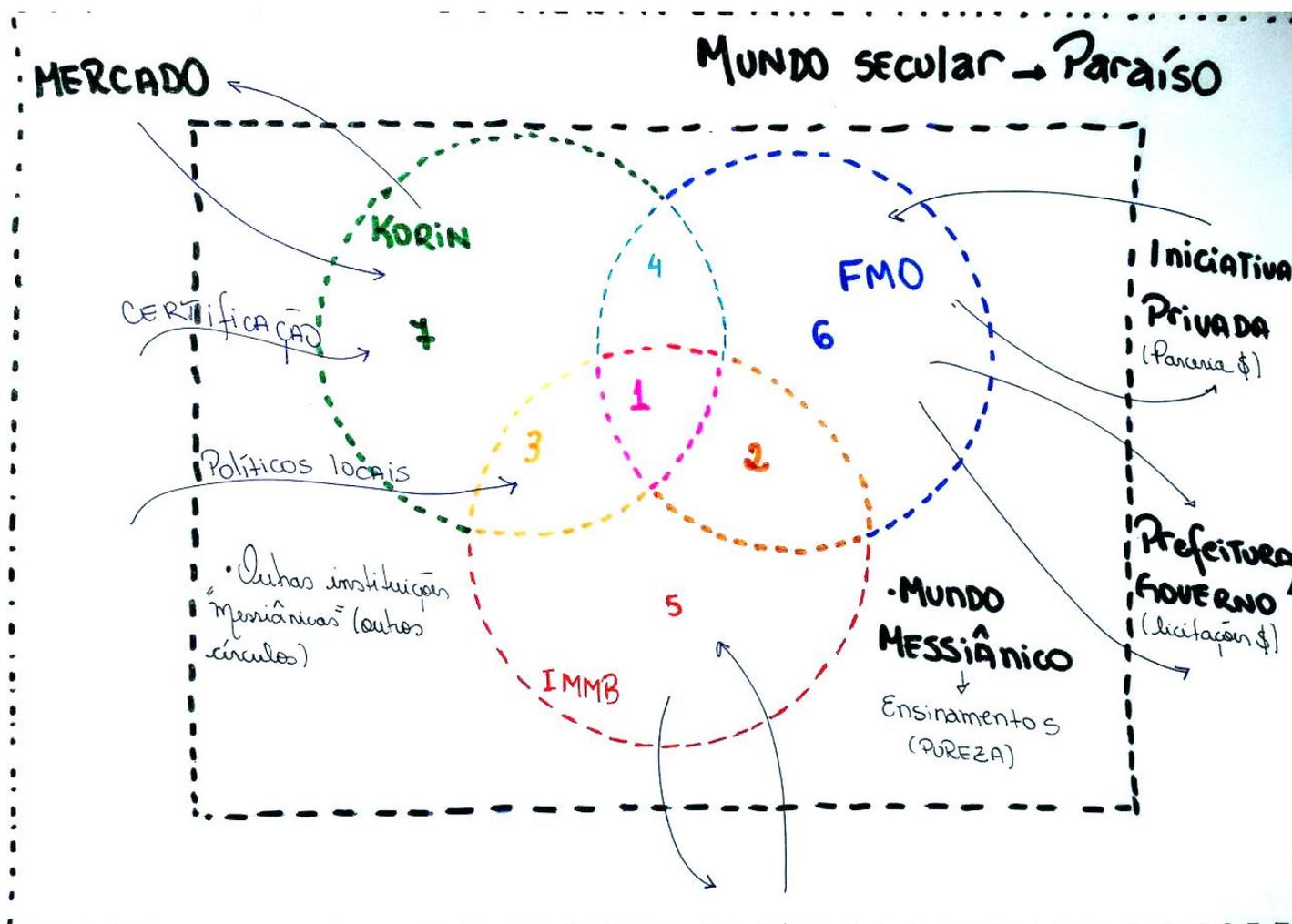
fim, a implementação da Comissão Municipal da Agricultura Natural incumbida de estabelecer as normativas municipais para favorecer e ampliar a prática da *Agricultura Natural* na cidade, sendo o próprio ministro Daniel Gibrail um dos membros.

No dia da cerimônia de promulgação da lei estavam presentes o prefeito da cidade; o vice-presidente da Igreja Messiânica, reverendo Walter Grazzi; o diretor superintendente da Korin, Reginaldo Morikawa e o diretor industrial da Korin e coordenador geral do CPMO Luiz Carlos Demattê Filho – ambos ministros integrantes da Igreja; o deputado estadual Aldo Demarchi (membro da Igreja Messiânica); ministro Daniel Gibrail, entre outros sacerdotes da religião e funcionários da empresa. Este exemplo é mais um caso que ilustra a maneira pela qual os messiânicos participam da política e o modo como atuam espaço público à nível municipal. Nota-se que as três instituições messiânicas tentaram criar um certo nível de diferenciação entre si por meio de seus representantes, porém a fronteira entre os mesmos permaneceu pouco definida e porosa, sobretudo no que se refere à parceria entre Korin e CPMO/FMO. No final, o ponto de convergência entre os três representantes se refere à participação na Igreja Messiânica como sacerdotes, cada qual incumbido de desempenhar a *missão* que lhes fora designada previamente por Meishu-Sama a fim de concretizar o *Paraíso Terrestre* a partir de ações que ultrapassam o limiar a religião.

Este capítulo teve o objetivo de refletir sobre o processo de produção e consumo de orgânicos a partir de diferentes planos etnográficos. Primeiramente, foi abordada a trajetória de uma família de agricultores messiânicos no cultivo de produtos orgânicos, o processo de certificação da produção para obtenção do selo. Na análise desse caso, procurei demonstrar os conflitos e a autonomia que tais produtores possuem em relação à Korin, empresa ligada à Igreja Messiânica. Em seguida, tratando do tema proposto em outro plano etnográfico, destaquei a função da FMO como uma produtora objetos/coisas religiosas e não-religiosas e o papel dessa instituição para a criação do *Paraíso Terrestre* através do uso de um discurso secular. Outro plano deste capítulo foi a análise da Korin, tendo como ponto de partida o consumo dos produtos orgânicos comercializados pela agroindústria dentro e fora da Igreja para messiânicos e não messiânicos. Ainda em relação à Korin, foi feita a análise etnográfica do culto do frango e da parceria entre a empresa e o CPMO/FMO cujas pesquisas são, em parte, para atender as demandas da Korin ou também pode comercializar os produtos pesquisados pelo

CPMO – a exemplo das sementes e do *bokashi*. A porosidade entre ambas as instituições e a Igreja Messiânica também foi um argumento que se repetiu ao longo deste capítulo e que pôde ser observado em diferentes casos narrados e que podem ser ilustrados através da imagem:

Imagem 29: Fluxos messiânicos



Legenda:

- 1: Elementos compartilhados entre FMO, Korin e IMMB
- 2: Elementos compartilhados entre FMO e IMMB
- 3: Elementos Compartilhados entre IMMB e Korin
- 4: Elementos compartilhados entre Korin e FMO
- 5: Elementos (quase) exclusivos da IMMB
- 6: Elementos (quase) exclusivos da FMO
- 7: Elementos (quase) exclusivos da Korin

Tabela 9: Elementos (quase) exclusivos IMMB, FMO e Korin Agropecuária

IMMB - 5	FMO - 6	KORIN - 7
Liturgia	IACE	Funcionários
Ohikari	Socioambiental	Produtores certificados
Culto	Meio Ambiente e Sustentabilidade	
Revista Izunome	Quociente Espiritual nas Empresas	
Ministros (as)	Horta na Escola e projetos sociais	
	Programa de Formação em Educação Espiritualista	

Tabela 10: Elementos compartilhados entre IMMB, FMO e Korin Agropecuária

	FMO	IMMB	KORIN	FMO
2		Ikebana Sanguetsu		
		Cultura e Arte		
		Setor Musical		
		Faculdade Messiânica	CPMO - 4	
		Planeta Azul		
		Espiritualidade e Saúde		
		Campanha Solidária		
		Reverendo Miguel Bonfim		
3		Culto aos animais sacrificados		
		Reverendo Reginaldo Morikawa		
1		Ministro Demattê		
		Produtos orgânicos (ex.: frango)		
		Sementes		
		Alimentação Natural		
		Agricultura Natural		
		Johrei		
		Pólo Agricultura Natural - Ipeúna		

O modelo proposto como representação ilustrativa do fluxo de coisas é incapaz de capturar todos os feixes, pois as coisas estão em constante devir entre diferentes ambientes. Apesar das limitações que qualquer modelo pode oferecer, a ilustração facilita a visualização do emaranhado de fios, dos pontos de chegada e de partida e onde as linhas se adensam. O fluxo de coisas produzidas e compartilhadas entre as instituições messiânicas – tais como sacerdotes, frangos, cursos, cultos, plantas,

sementes – pode ser demonstrado através da intersecção dos conjuntos desenhados acima. Há elementos que são compartilhados simultaneamente pelas três instituições, como o caso do frango: a técnica de criação ideal é pesquisada pelo CPMO/FMO; os produtores integrados da Korin criam as aves de acordo com os padrões de qualidade estabelecidos; a empresa cuida da logística, abate e embalagem do produto final; por fim, distribui uma parte da produção para ser vendida no *Solo Sagrado de Guarapiranga*, templo da Igreja Messiânica, nos dias em que são celebrados os cultos mensais. A porção majoritária da produção é comercializada diretamente com supermercados, portanto, o frango é um exemplo de elemento cuja produção se insere no âmbito das três instituições messiânicas, porém, parte significativa do consumo é voltada para o mercado. Tornar a produção e o consumo de orgânicos uma prática comum entre a população está muito além de uma atividade empresarial e comercial, é, antes disso, uma forma de salvação e de edificação do *Paraíso Terrestre* na visão dos sacerdotes da Korin e do CPMO e pode ser considerada como uma forma de ação *ultrarreligiosa*.

Baseado nesse raciocínio, dentre todo o conjunto de elementos que são produzidos pelas três instituições messiânicas, há entre eles uma característica comum que é parte constitutiva da própria noção de *Mundo Paradisíaco*: a pureza. Essa conclusão não encerra, mas abre um leque de possibilidades reflexivas, sobretudo no que se refere a como as coisas se tornaram puras ou como a pureza é produzida e encarnada em objetos de diferentes formas, cores e texturas. A meu ver, os ideais de pureza estão estruturados nos ensinamentos de Meishu-Sama que, por sua vez, estão arraigados de uma concepção de natureza romântica, oriunda do pensamento Taoísta e Zen Budista. As coisas se tornam puras à medida que são criadas a partir das orientações do fundador, mas ao produzi-las, a própria noção de pureza é reatualizada a partir da prática. Uma análise sobre a produção, circulação e consumo de orgânicos é, portanto, também uma via para se pensar o processo de construção da pureza.

Epílogo:

*“Quando apanho uma folha seca caída no chão,
Sinto nela a indiscutível Lei do Ciclo da Vida.”*¹³⁴

¹³⁴ FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 2012, p. 6.

A poesia, escrita em 20 de novembro de 1931, marca o início da *Agricultura Natural* na vida religiosa de Meishu-Sama. Diferentemente da arte que sempre fez parte da vida do fundador, a *Agricultura Natural* apenas foi desenvolvida em momento posterior ao processo de iluminação e revelação divina, que ocorreram respectivamente em 1926 e em junho de 1931. Meishu-Sama decidiu se mudar com sua família para o *Hozan-so*, em Tamagawa, Tóquio, no ano de 1935. Como o quintal era bem amplo, o fundador encarregou Mitiaki Okaniwa a iniciar o cultivo de verduras e a criação de galinhas. Okaniwa retirou a grama de uma extensão de aproximadamente mil metros quadrados, arrou a terra e fez a roça. Iniciou o cultivo no verão com o plantio de berinjela, pepino e tomate. Naquela ocasião, o fundador estava passando por uma situação de dificuldade financeira em decorrência de atividades religiosas terem sido consideradas ilegais na época. Diante dessa situação, o cultivo de verduras teve, a princípio, a função de alimentar o fundador, sua família e os *dedicantes*.

Ao contrário do que se pode imaginar, o primeiro cultivo foi feito pelo método da agricultura convencional, com uso de fertilizantes químicos. O resultado, porém, não foi satisfatório: a produtividade foi baixa e de pouca qualidade, além disso, pragas começaram a aparecer. Meishu-Sama orientou que nenhum tipo de fertilizante fosse utilizado, Okaniwa adquiriu mudas que foram cultivadas com a menor quantidade possível de fertilizantes e plantou-as. Ainda que o crescimento tivesse demorado mais tempo, o resultado foi muito mais satisfatório em relação à colheita anterior: os vegetais eram muito mais saborosos e não contraíram pragas. O resultado inspirou Meishu-Sama a iniciar uma série de experimentos que formaram as bases filosóficas dos ensinamentos sobre *Agricultura Natural*.

Na cartilha do programa *Horta em Casa & Vida Saudável*, desenvolvida pela FMO em 2012, há uma passagem que descreve a prática da *Agricultura Natural* como um caminho a ser percorrido. Ao trilhá-lo, o caminhante aprende a observar as verdades estabelecidas pelas *Leis da Natureza*

“Entendendo que faz parte do ciclo da vida, naturalmente aprenderá a almejar a saúde e a felicidade da humanidade como um todo, trabalhando em conjunto com a natureza, seguindo-a como um modelo.” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 2012, *Agricultura Natural: Cartilha da Horta em Casa & Vida Saudável*, p. 10.)

Tomar as plantas como objeto de análise a partir de uma dimensão pessoal foi um dos planos etnográficos abordados neste capítulo. Trata-se de uma escolha que pretendeu fazer a junção de duas abordagens teóricas que são o alicerce desta dissertação. Através de Birgit Meyer, abre-se a possibilidade de considerar a religião e suas formas materiais. A contribuição de Ingold, por sua vez, torna possível a análise de materiais de diferentes espécies. Somando ambas as perspectivas, é possível concluir que a Igreja Messiânica acontece através de seus materiais, sendo a alface e as demais plantas que podem compor uma horta caseira uma das formas pelas quais a religião se manifesta e se torna experienciada pela via dos sentidos. Portanto, cultivar uma horta em minha casa foi uma tentativa de compreender não somente o fluxo de vida das plantas, mas também de pensar o que as plantas tinham a dizer sobre a própria Igreja Messiânica. Ao tomar as plantas como protagonistas, foi possível alcançar a compreensão acerca da horta caseira como uma ferramenta de autocultivo messiânico, uma vez que servem como instrumento para o aprimoramento espiritual daqueles que se utilizam desse método.

Certo dia, por volta do mês de outubro de 2016, recebi uma visita de uma ministra da Igreja que veio acompanhada de seu esposo. Visitar os lares de messiânicos e frequentadores é uma prática muito comum entre os religiosos. Chegaram em casa com uma caixa de legumes e verduras naturais. Acomodei-os na sala, a ministra aplicou *Johrei* em mim. Em seguida, pediu para que eu lesse um ensinamento de Meishu-Sama e me deu algumas orientações sobre os próximos eventos que ela estava organizando com os messiânicos que também residiam na mesma região. Terminadas as tarefas religiosas, apresentei a parte superior da casa, inclusive a horta na sacada. Lembrei-me de que o marido da ministra tinha um certo know-how a respeito de agricultura e esperei uma resposta acerca do lento crescimento da minha alface que na ocasião já estava com cerca de quatro meses de vida e ainda tinha o tamanho de uma muda – estava longe de amadurecer a ponto de poder ser servida em uma refeição como salada. Tomei o vaso nas mãos e mostrei ao casal, não pude me lembrar do que disse o marido, pois a resposta da ministra fora muito mais marcante:

“Você está fazendo tudo certinho? Está ministrando Johrei nela? Está conversando com ela? Se você só colocar a água e deixar no sol, não adianta. Tem que ministrar Johrei. Comece a fazer isso e você vai ver a diferença.”
(Diário de Campo, outubro de 2016)

Persisti com a alface, continuei com os cuidados básicos que eu estava disposta a oferecer: água, sol e muita atenção para não deixar a planta desidratar durante os dias quentes. A chegada do verão me fez pensar que finalmente a verdura iria desabrochar de uma vez por todas, uma vez que havia sido cultivada predominantemente durante a estação fria e, como me haviam dito, as alfaces preferem o calor ao inverno. Com a chegada do mês de novembro, percebi que algo diferente estava acontecendo: o caule não estava mais fino como outrora, havia engrossado e crescido verticalmente; as folhas continuavam estreitas e pouco volumosas; na ponta da alface surgiram três ou quatro pontinhos que depois se abriram e se tornaram flores brancas, semelhantes ao dente de leão, mas de tamanho menor.

Imagem 30: Muda de alface



À princípio, fiquei animada: a alface finalmente estava reagindo e atendendo as minhas expectativas. Porém, com a chegada do mês seguinte, o caule continuou crescendo. Quase dobrou de tamanho. Comecei a achar a planta muito estranha, pois as folhas não estavam crescendo de maneira proporcional ao caule. Mostrei a alface a um amigo que possuía o “dedo verde” para plantas. Baseado nos ensinamentos de sua avó, ele me explicou que eu deveria ter podado a ponta da alface a fim de evitar que ela produzisse flores, procedendo de tal maneira, a planta não teria entrado em fase reprodutiva. Era tarde demais.

Imagem 31: Alface em flor ou fase reprodutiva



Desisti da ideia de que um dia a alface seria servida em um almoço na república, mas não tive coragem de jogá-la fora. Decidi continuar com as observações diárias, até o dia que a planta finalmente secasse e morresse. Nesse ínterim, não desisti de cultivar outras mudas: plantei diversas sementes de alface e coentro produzidas pela Korin/CPMO. Improvisei as sementeiras em garrafas pet e observei o processo de germinação. Enquanto as pequenas plantas possuíam em si todo o potencial de vida, pois haviam acabado de estourar a casca da semente para nascer, a alface, do contrário, já estava senil e debilitada – definhava um pouco a cada dia.

No final de dezembro daquele mesmo ano, o sol tinha forte na sacada e havia pouca sombra. Decidi então levar as plantas para o jardim. Não havia apenas as sementeiras de alface e coentro na horta: meu morangueiro ainda estava vivo e forte. Desde a chegada da alface e do morango, iniciei uma coleção de plantas na sacada: lavanda; tomilho; pimenta; cebolinha; tomate cereja; salsinha; manjericão; couve. As únicas mudas que foram perdidas ao longo do ano foram as rúculas que de modo semelhante a alface também não cresceram e acabaram murchando de uma hora para outra.

Antes de levar as plantas para baixo, eu e meus amigos da casa fizemos uma reforma no jardim. Mantive-as plantadas em vasos e os coloquei sobre uma mesa de plástico com o intuito de criar mobilidade, assim, seria possível pôr ou tirar as plantas do sol e da chuva. Além disso, tratava-se de uma estratégia contra a imensa mangueira que havia no jardim de casa e também no quintal da casa do vizinho. O jardim, quando da chegada do verão, transformava-se em um verdadeiro campo minado de mangas. Manter a horta em vasos e não plantada no chão era uma questão de necessidade para assegurar a própria sobrevivência das plantas. Ao mover a mesa com os vasos, eu e meus amigos sempre procurávamos olhar para cima para verificar se a horta não estava em rota de coalização com as mangas. Porém, para que as plantas conseguissem tomar o mínimo de sol, era preciso colocar a mesa próxima do muro do vizinho. A mangueira do vizinho, diferente daquela que havia em casa, era a da espécie palmer. Eu olhava diariamente as três mangas grandes e vistosas penduradas no alto da árvore. Respirei aliviada quando todas caíram sem atingir meus vasos.

Certo dia, decidi trazer a mesa para frente, diretamente no sol, longe de quaisquer ameaças aéreas. Porém, o inevitável aconteceu. Foi certo e diretamente na planta cujo destino era ainda mais inevitável: a alface.

Coloquei a alface na composteira para que ela pudesse completar seu ciclo de vida. Perder aquela alface me entristeceu: a morte foi uma ruptura simbólica, pois pouco tempo depois deixei a casa. Nela deixei a horta, pois não haveria espaço no apartamento para onde eu iria me mudar – e deixei também uma parte de mim.

Imagem 32: O fim da alface



Capítulo III:

Os messiânicos e suas flores

*“Sem conhecer as impurezas do mundo,
Desabrocha uma camélia no jardim.
Com ela, ornamento o meu lar.*

*Aqueles que têm o desejo ardente
De se igualar à beleza das flores,
Possuem corações
Que a elas se assemelham.”
(Mokiti Okada)*



Prólogo: uma etnografia das flores

Este capítulo foi inspirado em “Materiais contra materialidade” no qual Ingold (2015) convida o leitor a pegar uma pedra, molhá-la e em seguida deixá-la descansando sobre uma superfície a fim de observar o que acontecerá com passar do tempo. Não falarei sobre pedras, mas sobre as flores de uma Ikebana: suas propriedades materiais; seu fluxo em diferentes ambientes; o processo de produção; as relações que

se criam ou se conectam através dessa prática; seus possíveis significados, os sentidos e sensações que são acionados naquele quem a produz e também em quem que a observa.

Uma tentativa de definir a Ikebana como um arranjo de flores ou como uma simples manifestação artística ou ainda como técnica de vivificação floral seria simplório à luz daqueles que vivem este Caminho. A definição vai muito mais além: através da fixação das flores, folhas e galhos em posições que visam alcançar o padrão harmônico e estético semelhante ao de Meishu-Sama, a Ikebana se tornaria um instrumento capaz de transmitir a Luz de Deus àqueles que a observam.

A Ikebana descrita neste capítulo não foi confeccionada por alguém especializado nessa arte. As flores foram vivificadas por mim durante a minha primeira aula do curso básico, oferecido na sede da Igreja Messiânica da cidade de Campinas-SP. Quando levei as flores para casa e remontei a Ikebana, procurei deixá-lo em um lugar onde havia grande circulação de moradores e também onde eu mesma passava com certa frequência. Assim, ao acordar pela manhã e descer as escadas, eu passava pelo arranjo e observava o seu fluxo de vida, sobretudo o processo de estiolamento das rosas e dos galhos de unha de gato.

Dotadas de forma, cores e estética própria, as flores da Ikebana serão as protagonistas deste capítulo e suas vidas serão descritas em cenas ao longo das próximas páginas. Assim como Ingold, utilizo a fonte itálico para interromper o fluxo narrativo do texto em momentos específicos a fim de falar das flores.

Criando o sol, lua e terra: as aulas de Ikebana da professora Cecília

Ao longo de minha inserção no campo, decidi fazer aulas do curso básico de *Ikebana* para compreender não apenas a técnica de vivificação floral, mas a estética e a filosofia dessa prática. Além disso, essa foi a porta de entrada para pensar a Igreja Messiânica e seus materiais, também os diferentes fluxos de humanos e não-humanos no espaço vivido. A partir da análise da *Ikebana* foi possível alcançar entendimento sobre como os messiânicos habitam – o que nos termos de Ingold (2015) “concerne à maneira como os habitantes, isolados ou em conjunto, produzem suas próprias vidas, e como a

vida, prossegue”. Assim como a caligrafia, o arranjo floral contém elementos oriundos do Zen Budismo, do Taoismo e do Confucionismo¹³⁵ e, conforme será demonstrado ao longo deste capítulo, é também mais uma maneira pela qual o autocultivo messiânico pode ser observado.

Em se tratando de uma perspectiva que parte da análise dos materiais, esta narrativa se inicia com a descrição etnográfica da produção de uma *Ikebana*. No primeiro dia de aula, recebi o material do aluno que era um livreto, ilustrado com flores da primeira à última página. Nele, havia informações pontuais sobre a *Academia Ikebana Sanguetsu*; os princípios filosóficos da escola; as bases do estudo da instituição; as características das aulas ministradas; os princípios filosóficos da técnica e, finalmente, algumas informações pontuais sobre a Fundação Mokiti Okada. As aulas aconteciam mensalmente, sempre às últimas terças-feiras de cada mês na sede da Igreja Messiânica localizada no bairro Guanabara, sendo que a participação dependia do pagamento de uma taxa mensal à Fundação Mokiti Okada.

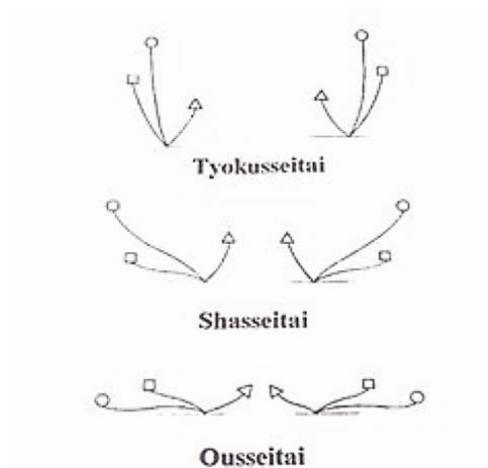
A professora Cecília sempre iniciava as aulas de maneira similar: solicitava que nós, suas quatro alunas, lêssemos em uníssono dois poemas que estavam no livreto que havia sido entregue no primeiro dia de aula. Um dos poemas era de Meishu-Sama¹³⁶ que no material era chamado de Mokiti Okada, tal como na epígrafe deste capítulo. A outra poesia era de Itsuki Okada, outrora *Terceira Líder Espiritual* e fundadora da *Academia Ikebana Sanguetsu*. Feita a leitura das poesias, logo em seguida liámos os princípios filosóficos da técnica ensinada pela instituição – o que também era feito em voz alta.

Terminadas as leituras, a professora explicou o estilo de *Ikebana* que seria produzido naquela aula. Ao longo do curso, percebi que todo o módulo básico consistia no aprendizado de diferentes formas de *moribana*: estilo de *Ikebana* vivificado em vasos redondos e baixos, havendo a utilização do *hanadome* – placa circular de metal com saliências semelhantes a pregos, que permite que os galhos sejam fixados em diferentes posições e inclinações. Na aula daquele dia aprendemos o estilo *Ousseitai*, cuja característica principal é a fixação dos galhos na posição horizontal:

¹³⁵ Neste capítulo, não estabeleço fronteiras rígidas entre tais pensamentos, pois conforme foi exposto na introdução e no capítulo I, as três ontologias se imiscuíram ao longo da história.

¹³⁶ Conforme foi demonstrado no capítulo II, todo o material da FMO que visa a divulgação da moral messiânica pela via secular transforma

Imagem 33: As inclinações da *moribana*



Legenda:

Círculo: galho do sol
 Quadrado: galho da lua
 Triângulo: galho da terra

Após as explicações da professora Cecília, a monitora pegou o material que ia ser utilizado naquela aula que foi: um maço de unha de gato - galho avermelhado de haste flexível que possuía vários gomos que se assemelhavam a uma pelúcia branca; rosas amarelas - algumas estavam mais abertas, outras mais fechadas; crisântemos de pétalas brancas e miolo amarelo.

A professora fazia um arranjo de *Ikebana* de modelo enquanto nos explicava. Orientou-nos a olhar com atenção para o galho de unha de gato: qual é o maior e mais vistoso? Dizia-nos que *Ikebana* é um exercício de observação no qual é preciso olhar atentamente para as características de cada material ramo, galho ou flor. Feita a escolha, ela nos explicou que esse se chamaria *galho do sol*, pois deveria ser o maior, mais forte e mais longo de todo o arranjo. Depois, ela pediu para observarmos se galho tinha alguma variação de cor. Notei que o meu possuía matizes de cor que iam do verde ao vermelho. A professora explicou que superfície se tornou vermelha, pois fora esse o lado do galho que estava voltado na direção do sol, por conseguinte, a quantidade de luz recebida fez com que sua cor se tornasse escura. Era esse o lado que deveria ser escolhido como a frente do arranjo.

Com o galho na mão, a professora pediu para que medíssemos o tamanho do vaso e que o multiplicássemos por dois. O tamanho do vaso, por sua vez, consiste no somatório da altura mais o diâmetro, assim, mede-se uma vez e em seguida, dobra-se o tamanho dessa medida. Medi várias vezes, pois tamanho era o meu medo de errar. Fiz o corte seco, com a tesoura de jardinagem que eu havia emprestado da Igreja durante aquela

aula. Em seguida, Cecília pediu para que comparássemos os dois galhos que restaram e disse para escolhermos o maior ou o mais vistoso. Repetiu o mesmo procedimento feito no galho anterior: observação da forma e da cor. Esse, explicou ela, era chamado de *galho da lua* e deveria ter $2/3$ do tamanho do *galho do sol*. Medi e fiz os cortes, seguindo as orientações. Por fim, o último era o *galho da terra* cujo tamanho era a metade do *galho do sol*.

Antes de fixá-los no *hanadome* era preciso criar curvas nos galhos, pois retos do jeito que estavam certamente tirariam o movimento do arranjo. Cecília ensinou uma técnica de curvar os galhos através da pressão exercida pelos polegares contra os demais dedos da mão. A pressão deve ser exercida de modo descontínuo e com muito cuidado, para não quebrar a unha de gato. Segundo ela, é o calor da mão que faz com que o galho permaneça curvado. Essa técnica é aplicada no meio do caule, para o ponta é preciso proceder de maneira diferente: o polegar exerce pressão para baixo enquanto dedo indicador e os demais exercem força para cima. De modo geral, a força exercida no meio do galho tem como objetivo curvá-lo para baixo, enquanto a exercida na ponta serve para curvar o galho para cima. Senti insegurança: parecia que os galhos iam se quebrar. A professora Cecília explicou que quando é época de seca, é muito comum que os galhos secos que se quebrem com mais facilidade. Foi nesse momento que ela falou sobre a importância dos sentimentos: “*a hora que vocês forem curvar o galho, coloquem todo o sentimento de gratidão de vocês, de gratidão pela natureza, coloquem todo amor, principalmente para as pessoas que vão observar o arranjo*”.

Feitas as curvas, o galho já estava pronto para ser fixados no *hanadome*. O *galho do sol* não poderia ser colocado em uma posição aleatória. Primeiramente, deve-se imaginar o *hanadome* dividido em quatro partes, como uma pizza. Cada galho deve ser colocado em uma fatia da pizza, escolhi fixar o *galho do sol* no lado esquerdo já que era para esse sentido que ele estava inclinado. A professora instruiu que fixássemos a *lua* na mesma direção em relação ao *sol*, enquanto a *terra* foi fixada na posição oposta em relação aos anteriores. Cada galho deveria observar um tipo de inclinação, sendo o *sol* o mais inclinado, em seguida da *lua* e da *terra*.

Fixados todos os galhos, é chegado o momento de colocar as flores na composição. A professora Cecília voltou nossa atenção para as três rosas:

“Observem qual é a mais aberta e qual está mais fechada. Aquela que estiver mais fechada, deverá ser a sua maior rosa do arranjo e deverá ser colocada

junto com o galho da lua; a que estiver mais ou menos aberta, deverá ser colocada junto com o galho do sol e será a flor de tamanho médio; a flor mais aberta acompanhará o galho da terra e essa será a rosa de menor altura”. (Diário de Campo, 27 de junho de 2016).

A professora nos lembrou que nessa etapa devemos *fazer mizukiri* que consiste em cortar o caule da flor dentro da água, a fim fazer com que ela permaneça viva por mais tempo. Notei que minhas colegas, ao invés de usarem a menor rosa, preferiram fixar o crisântemo em seu lugar. Uma das colegas, porém, conseguiu colocar as três rosas e ainda o crisântemo. Fui a única que preferiu não utilizar essa flor. Quando terminamos nossos arranjos, a professora disse que deveríamos observar as *Ikebanas* das colegas, pois dizia ela que “*através da observação atenta do arranjo do outro, também se aprende e se aprimora o próprio olhar*”. Feita a observação, professora Cecília nos convidou para um chá. Demoramos o máximo possível para desmontar as nossas *Ikebanas*, pois sabíamos que ao remontá-las em casa elas já não seriam mais as mesmas.

Imagem 34: Ikebana depois de pronta



A *Ikebana*, sobretudo a do estilo *moribana*, é uma arte de alta precisão que exige que seu praticante desenvolva gradativamente sua percepção e um olhar mais apurado em relação aos elementos que irão compor o arranjo. Ele deve aprender a observar atentamente as cores, as formas e as curvas dos galhos e também a abertura das flores, respeitando sempre a natureza de todos os materiais escolhidos. Esses, uma vez observados e estudados, devem ser fixados cada qual em sua respectiva posição no *hanadome*. Devem, portanto, ocupar um lugar específico no arranjo a fim de criar harmonia aos olhos do observador. Geskel (2011) afirma que objetos religiosos são

capazes de acionar o olhar e a percepção do observador a partir da maneira pela qual são expostos no ambiente. Porém, antes de a *Ikebana* cumprir essa função, é importante notar que seu primeiro observador é o próprio sujeito que a vivificou. Não obstante, quando o olhar desse fora acionado pela primeira vez, o que se tinha eram apenas galhos e flores. Portanto, é o olhar do sujeito, acionado pelos materiais, que é capaz de transformar os galhos e flores em um arranjo de *Ikebana*. É por meio da percepção e da performance – aqui representada pelo corte da tesoura e pela fixação dos galhos no *hanadome* – que a *Ikebana* é criada. Depois de pronta, ela pode finalmente ser exposta, preferencialmente em um lugar de destaque. Dotada de eficácia própria, a *Ikebana* agirá no ambiente e nas pessoas que nele estiverem, uma vez que é capaz de acionar olhares e diferentes formas de percepção.

Primeiro Dia: O (re)arranjo

Voltei para casa sem o vaso redondo e o hanadome, por isso tive que improvisar o arranjo em um vaso vertical e de diâmetro mais estreito. Tentei reproduzir a inclinação dos galhos e a posição das rosas tal como eu havia feito naquela aula, porém, ao observar as fotos algum tempo depois, notei que eu havia colocado as flores em lugares diferentes em relação ao arranjo original: a flor de tamanho médio que deveria acompanhar o galho do sol acabou ao lado do galho da terra, sendo que do mesmo lado já havia a rosa de menor tamanho. Ausência de um vaso horizontal baixo, a falta de um hanadome e as flores colocadas em posições diferentes fizeram com que a Ikebana fosse rearranjada, recolocada, recriada e reinventada. Mesmo com as explicações da professora, foi difícil prever o resultado final da montagem do arranjo. Quando o material foi levado para a casa, foi preciso fazer reajustes em decorrência da incompatibilidade entre o estilo do arranjo e o vaso. Através desta situação, foi possível perceber que o processo do produtivo “não começa com uma imagem e termina com um objeto, mas continua indefinidamente, sem começo nem fim, pontuado – em vez de iniciado ou terminado – pelas formas, sejam mentais ou ideais, que sequencialmente traz à existência” (INGOLD, 2015, pág. 29).

Imagem 35: O (re)arranjo

Procurei um lugar adequado para colocar o (re)arranjo, sobretudo onde fosse passagem dos moradores e das visitas. Tentei seguir as instruções da professora e do material no que concerne à criação de um ambiente harmonioso, então organizei um canto do cômodo da casa para colocar a Ikebana, como se o conjunto fosse uma singela exposição de obra de arte. Escolhi um criado mudo preto e o coloquei encostado em uma parede que dividia a copa da sala de estar. Quem entrava pela porta e ia à sala de estar e também quem descia dos quartos do andar superior em direção a sala ou cozinha obrigatoriamente passava pelo arranjo. Para os messiânicos, a Ikebana é capaz de agir no ambiente e nas pessoas, mas para isso é necessário que ela seja vista, e, melhor ainda se for contemplada.

O arranjo atiçou a curiosidade dos gatos de casa que foram ver do que se tratava aquela novidade. Atrapalharam muito durante a montagem, pois brincavam de pegar a ponta do galho que, naquela ocasião, havia se tornado um brinquedo próprio para felinos. Subiam em cima da mesinha e cheiravam as folhas das rosas. Ajeitei os galhos e as flores para que em menos de um minuto fossem novamente desmontados. Esse ajeita-desmonta-ajeita durou quase dois dias, depois desse período a curiosidade felina finalmente cessou. Na segunda aula do curso, eu já estava devidamente preparada e emprestei de minha mãe um hanadome e um vaso redondo baixo. As gatas de casa decidiram transformá-lo em seu bebedouro pessoal e passaram a tomar água aromatizada. Em virtude disso, em alguns momentos pontuais a água ficava tão baixa a

ponto de não alcançar as flores, o que exigia atenção constante para não acelerar o processo de estiolamento das plantas.

Kado: o Caminho pelas flores

Um dia, ao passar pela soleira da porta, senti um cheiro doce no ar. Sentei-me para receber *Johrei* com a missionária que estava de plantão e enquanto ela canalizava a energia em mim, percebi que aquele aroma provinha de uma *Ikebana* feita com lírios cor de rosa. Conteí cinco flores abertas e outras quatro que ainda eram botões. Havia alguns ramos de chuva de ouro que se misturavam em meio aos lírios em um entrelaçamento praticamente perfeito. Na composição do arranjo, havia um galho bastante estreito, sendo que do tronco principal ramificavam outros galhos menores. Na ponta de alguns deles haviam pequenas folhas verdes e também outras florzinhas cor de rosa que de tão pequeninas, eram difíceis de serem enxergadas dali de onde eu estava sentada. O arranjo floral estava colocado em um vaso que se assemelhava a uma garrafa de cor marrom e este, por sua vez, estava posto no altar, mais precisamente do lado esquerdo do quadro da *Imagem da Luz Divina*, posição essa de grande importância.

Nunca faltam flores na Igreja Messiânica. Em todos os cômodos há sempre uma *Ikebana*: sobre a mesa da sala do ministro; no púlpito; ao lado da lista de presença, na sala de atendimento e até mesmo sobre a pia do banheiro. Se o habitar diz respeito à maneira como os habitantes produzem suas vidas e não a mera ocupação de estruturas já construídas, as *Ikebanas* também fazem parte do modo pelo qual os messiânicos produzem seu modo de habitar a Igreja.

Em uma unidade religiosa da Igreja Messiânica da região de Campinas, todos os arranjos eram cuidadosamente preparados pela professora Rosa que ia religiosamente ao mercado das flores no Ceasa de Campinas todas às quintas-feiras. Não ia sozinha: dona Sônia, sua amiga e também messiânica, acompanhava-a. Quando dona Sônia não podia, era a dona Suely quem ia junto, quando não as três. Para encontrar as flores mais vistosas e exuberantes, é preciso chegar cedo: todas as quintas-feiras às seis horas da manhã as messiânicas já estavam a caminho do mercado das flores. Voltavam à igreja no meio da manhã, dona Suely e dona Sônia ficavam para ministrar *Johrei* enquanto dona Rosa se

dirigia para os fundos, para “sua” sala - a sala do *Sanguetsu*, local esse dedicado exclusivamente para a prática da vivificação das flores.

A professora Rosa passava horas a fio naquela sala, dedicando-se as flores que comprara naquela manhã. Aquela sala era um centro de produção de *Ikebana*s. As flores e os galhos entravam como simples flores e galhos, porém, graças a sensibilidade aguçada da professora e de seu conhecimento técnico, transformavam-se em exuberantes arranjos de *Ikebana*. Naquela sala, circunscrita no tempo presente e localizada no hemisfério ocidental do planeta, a professora Rosa, cujos olhos eram redondos e não eram puxados, praticava uma arte originada há mais de seiscentos anos do outro lado do mundo – no oriente, mais especificamente no Japão.

A técnica percorreu um longo caminho no tempo e no espaço até ser finalmente conhecida, aprendida e praticada pela professora Rosa. Conforme foi explanado nos capítulos anteriores, o conceito de *Caminho*, oriundo do Taoísmo, faz parte da justaposição de um conjunto de ontologias que deram origem ao pensamento religioso e estético socialmente compartilhado e recriado pelos japoneses ao longo da história. O *Caminho*, expresso no *Tao*, é traduzido no japonês como *Do* e é utilizado em referência às artes que foram desenvolvidas no Japão a partir do Zen Budismo. O *shodo*, conforme o capítulo I, refere-se ao *Caminho* que objetiva a elevação espiritual através da arte da caligrafia. O termo *do*, quando precedido do vocábulo *ka*, que na língua japonesa significa a palavra “flor”, forma o vocábulo *kado* que pode ser traduzido como *Caminho pela flor* ou *Caminho da flor*. Desse modo, aqueles que decidem percorrê-lo, optam por desenvolver a espiritualidade através da busca pela beleza da matéria e do espírito, e assim devem se dedicar à técnica através do constante aperfeiçoamento e da contínua *dedicação* ao *Caminho* escolhido. É por esse motivo que o *kado* se trata de um método de autocultivo praticado por parte dos messiânicos, assim, à medida que as professoras Cecília e Rosa começaram a vivificar suas primeiras *Ikebana*s, elas conseqüentemente passaram a percorrer o *Caminho* do desenvolvimento da espiritualidade através da flor.

Rosa começou a se dedicar à arte de vivificação floral aos vinte e seis anos de idade e se tornou professora de *Ikebana* aos trinta e quatro, cerca de oito anos depois. Para se tornar um *sensei*¹³⁷ ou mestre dessa arte é preciso tempo e paciência. É preciso que o candidato se dedique por anos para que aprenda as técnicas. Esse conhecimento é

¹³⁷ Termo utilizado pelos messiânicos para se referir aos sacerdotes e também professores de *Ikebana*

geralmente adquirido por meio de cursos básicos, oferecidos mensalmente pela *Academia Ikebana Sanguetsu*. Porém, apenas o conhecimento técnico não é suficiente para que um messiânico se torne um professor ou professora de *Ikebana* desta escola: se ele pretende se desenvolver nessa *Coluna de Salvação*, é preciso *dedicar*, isto é, oferecer algum serviço religioso voluntário relacionado à vivificação floral. Se o mesmo *dedicar* com afinco, se fizer todos os módulos do curso¹³⁸ cuja duração total chega a cerca de oito anos, ele poderá ser indicado pelo professor de *Ikebana* responsável e pela direção da Igreja para fazer a prova para a obtenção da titulação.

O processo de obtenção do título, segundo as professoras, é bastante árduo. A primeira etapa é a prova prática: os candidatos recebem as flores e são solicitados que as vivifiquem de acordo com um determinado estilo. Se aprovados nessa fase, são convocados para uma segunda na qual devem responder as questões de uma prova sobre os ensinamentos de Meishu-Sama, tal como fazem os candidatos a obtenção do título sacerdotal. Por fim, se tiverem sucesso na segunda etapa, serão convocados para a terceira e última fase que consiste na entrevista com a equipe da direção da Igreja e da Academia *Sanguetsu*. O objetivo da entrevista é verificar como o candidato pratica e dá sentidos à *Ikebana*, o ideal é que ele a veja como uma ferramenta detentora de um potencial de *salvação*, tal como o *Johrei*. Finalmente, se o candidato é aprovado, ele recebe o título de professor de *Ikebana*. Através da análise do processo como um todo, nota-se que a *Ikebana* é um exercício de disciplina espiritual no qual é preciso percorrer um longo *Caminho* no cultivo de si tendo em vista a busca pela perfeição estética.

Se o *Caminho pelas flores* é a expressão da prática religiosa das professoras de *Ikebana*, o caminho das flores – enquanto categoria analítica e não como termo êmico – pode ser empregado na descrição da prática do arranjo de *Ikebana* ao longo da história:

“No ano de 604, o príncipe Shotoku enviou uma missão diplomática japonesa com destino à China, sendo o seu primo, Ono-no-Imoko, o chefe. De volta ao Japão, a comitiva trouxe livros clássicos sobre obras de arte, textos sobre a Cerimônia do Chá e também a técnica de *Ikebana*, além de um grupo constituído por artistas e monges chineses que disseminaram no Japão uma variação do budismo, o Zen. Após a morte do príncipe Shotoku, Ono-no-Imoko abandonou a vida na corte imperial, adotando um estilo de vida monástico, que teve como centro seu aprimoramento espiritual. Retirou-se para uma pequena cabana (bo) às margens de um lago (ike) e, por sua vida de solidão e isolamento, acabou sendo conhecido como Ike-no-bo, o “ermitão do

¹³⁸ Cada aula é ministrada uma vez ao mês, sendo que cada módulo possui dez aulas. Desse modo, cada um tem dez meses de duração.

lago”. Seguidor do budismo, dedicou-se às artes, que considerava indispensáveis ao seu desenvolvimento interior e, dentre estas, à arte da *Ikebana*, e sua cabana foi o refúgio de sucessivas gerações de monges budistas que preservaram e atualizaram a tradição de Ikenobo. Nasce, então, o primeiro estilo japonês de arranjo e da primeira escola de arranjo floral. Após a morte de Ono-no-Imoko, os abades do Templo Hexagonal foram, sucessivamente, herdando o posto de autoridade máxima da Escola Ikenobo.” (TERROR, 2009, págs. 162 – 164).

Foi no período Edo (1603 a 1867) que o arranjo floral ganhou o nome de *kado* e adquiriu a conotação de disciplina espiritual. Ainda nessa ocasião, a *Ikebana* era restrita aos membros da aristocracia. Foi Ikenobo Senkei que introduziu o arranjo floral na sala de chá, dando maior visibilidade para essa prática. Porém, o uso de *Ikebanas* nesse ambiente não tinha como objetivo a produção de um efeito de beleza elegante, do contrário, deveria expressar pureza e simplicidade¹³⁹. A *Ikebana* se popularizou em todas as camadas da sociedade japonesa apenas a partir do século XIX por meio da criação da *moribana* – estilo de arranjo narrado ao longo deste capítulo e que foi desenvolvido inicialmente pela escola Ikenobo e é praticado atualmente por outras academias.

É no *tokonoma*, uma pequena alcova de piso de tatame, um pouco mais elevado em relação ao chão, onde os japoneses costumam expor suas obras de arte. Há um pergaminho estilo *kakejiku* fixado ao centro da parede e em um dos lados é possível encontrar um arranjo floral ou um bonsai. Todos os elementos devem estar harmonizados entre si, sobretudo o estilo do vaso e o do quadro. A pequena exposição, caracterizada pela sua decoração minimalista, aciona o olhar daqueles que a observam, uma vez que cria um ambiente que contém em si mesmo uma amostra de todo o microcosmos contido na estética japonesa.

Imagem 36: Tokonoma¹⁴⁰



¹³⁹ TAZAWA et al, 1973, pág. 78

¹⁴⁰ <https://br.pinterest.com/pin/403846291555608124/>

Imagem 37: A Ikebana na Cerimônia do Chá¹⁴¹:



O fundador e suas flores

A *Ikebana Sanguetsu*, enquanto um estilo criado por Meishu-Sama, surgiu em 1940 e se institucionalizou em 1972 e teve Itsuki Okada, filha do fundador, como a primeira líder. A academia tem como princípio a ideia de que a forma do arranjo deve se adaptar de maneira natural ao vaso, sem forçar as flores e os galhos. Dizia Meishu-Sama que se um galho não estiver do inteiro agrado de quem o vivifica, depois de algumas horas ou uma noite “ele se ajeita”, mas isso não acontece se o mesmo tiver sido manuseado em excesso. Ele também dizia que o uso de poucos galhos e flores por vaso criam um efeito melhor, uma vez que conferem maior leveza e equilíbrio a composição. A arte da *Ikebana* para Meishu-Sama era descrita como um ato de desenhar um quadro com as flores (TERROR, 2009, pág. 171).

No ano de 1953, Meishu-Sama solicitou que algumas de suas vivificações florais fossem fotografadas a fim de que seus seguidores pudessem assimilar suas orientações e sua estética. Essas *Ikebanas*, que hoje existem apenas em registros fotográficos são, quiçá, as únicas que possuem autoria, o que se justifica pela importância e do poder espiritual daquele que as vivificaram. Assim, o poder do fundador não se

¹⁴¹ Fonte: web. Autor desconhecido.

restringe apenas a sua própria personalidade, mas se estende a tudo o que foi feito por ele em vida, inclusive suas *Ikebanas*. Vivificar flores tal como fazia Meishu-Sama é o objetivo dos adeptos que se dedicam ao *caminho pelas flores*. Quando esse propósito é cumprido, o *caminhante* atinge o *korinka*: a vivificação sublime e perfeita, alcançada quando seus sentimentos encontram reverberação nos de Meishu-Sama. No entanto, nunca encontrei alguém que dissesse ter atingido tal estado, trata-se de um propósito pessoal a ser alcançado, mas que nunca se sabe se isso de fato ocorreu.

Dizem as professoras e os ensinamentos do fundador que sempre que se for fazer uma vivificação floral, é preciso fazer do jeito correto, isto é, com o propósito de alegrar o espírito daqueles que as contemplarem. As *Ikebanas*, portanto, manifestam sua capacidade de *salvação*, o que pode ser observado quando libertam as pessoas de seus próprios sofrimentos. Isso faz a *Ikebana* estar além de um arranjo floral, pois essa é capaz de transmitir *luz*, tal como o *Johrei*. Conforme já explicado anteriormente, o objetivo de Meishu-Sama e de sua Igreja é a criação do *Paraíso Terrestre*, sendo a *Ikebana*, em uma dimensão mais ampla, a própria estética do *paraíso* idealizada pelo fundador. Há um ensinamento de Meishu-Sama intitulado “*Campanha de formação do paraíso por meio das flores*”, segundo o qual é preciso “*levar flores onde quer que haja pessoas*”, pois, de acordo com os ensinamentos, as próprias flores possuem a capacidade de livrar as pessoas do sofrimento. Relatos que endossam a eficácia das flores são constantemente produzidos e acionados pela Igreja Messiânica:

“Moro num condomínio com mais de mil moradores. Nas reuniões de assembleias ocorrem muitos conflitos, principalmente quando o assunto é referente as taxas extras. A última reunião foi tão tumultuada que chegou ao ponto de se pensar em ser necessária a intervenção da Polícia. Então, vendo aquela situação, tomei a decisão de confeccionar um arranjo de Ikebana com o sentimento de levar a Luz de Deus, através da flor desejando harmonizar o ambiente da próxima assembleia. No dia marcado levei o arranjo, entreguei ao funcionário e lhe orientei onde deveria colocar, pois não poderia participar da reunião. Falei sobre a missão da flor e ele sorriu dizendo que achava impossível haver harmonia naquele local. Mesmo assim, ele colocou a Ikebana no ponto principal do salão. No dia seguinte, encontrei-me com o síndico todo feliz, dizendo que a reunião tinha sido um sucesso. Ele disse que aquela flor fez com que a paz reinasse, pois, a reunião transcorreu de forma harmoniosa, ninguém se alterou e a votação foi tranquila. Fiquei muito feliz e lhe disse que fora eu que havia levado a flor. Aproveitei para lhe explicar a respeito da arte da Ikebana e sobre a harmonia que ela proporciona aos ambientes e prometi levar flores sempre que houvessem reuniões no condomínio. Ele ficou muito feliz e se colocou à disposição para o que eu precisasse. No dia seguinte, a flor era o assunto predominante entre os moradores do condomínio. Soube que

*todos os presentes foram unânimes em reconhecer que nunca houve uma assembleia tão harmoniosa”.*¹⁴²

O Paraíso é o mundo da Arte

A arte ocupou espaço de importância na vida de Meishu-Sama que quando jovem desejava se tornar um pintor. Após a conclusão do primeiro grau, o fundador ingressou na Escola de Belas Artes, não obstante, não pôde concluir sua formação em decorrência de problemas de saúde. Esse fato não o afastou da arte e assim, durante a vida e sobretudo após ter alcançado o estado de *iluminação*, Meishu-Sama pintou dezenas de imagens de diversos tipos de Kannon; dedicou-se à vivificação floral através da *Ikebana*; criou o museu de Belas Artes de Hakone e adquiriu todo o acervo através da compra de obras de arte que, em decorrência da crise econômica provocada pela Segunda Guerra Mundial, eram vendidas a preços baixos¹⁴³; criou três santuários denominados pelos adeptos da religião por protótipos do Paraíso Terrestre no Japão ou como Solos Sagrados, localizados em Hakone, Atami e Kyoto.

Há, na ideia de *Paraíso Terrestre* e nos Solos Sagrados da Igreja Messiânica, uma dimensão estética que pode ser encontrada nos ensinamentos do fundador e também nos ambientes religiosos. Um exemplo é a obra *Biombo das Ameixeiras com flores vermelhas e brancas* de Ogata Korin (1658-1917) adquirida pelo fundador em 1953. Atualmente a obra se encontra no Museu de Arte, localizado no Solo Sagrado de Atami e recebeu o título de Tesouro Nacional do Governo Japonês. Ogata Korin é considerado um importante pintor japonês do estilo *rinpa*, estética caracterizada pela constante referência a elementos da natureza, literatura e poesia; uso de cores vibrantes e de pigmentos metálicos; incorporação de caligrafias em pinturas¹⁴⁴.

¹⁴² Disponível em: <http://www.messianica.org.br/culto-mensal/experiencia-de-fe/experiencia-de-fe-setembro-2016> - acesso em fevereiro de 2018.

¹⁴³ Segundo o site da instituição, o museu possui mais de mil e duzentas obras de arte, sendo três tesouros nacionais e outras sessenta obras consideradas patrimônios culturais do Japão. Disponível em: <http://www.messianica.org.br/solos-sagrados/atami-terra-celestial-japao> - Acesso: julho de 2016.

¹⁴⁴ Disponível em: <http://www.metmuseum.org/exhibitions/listings/2012/rinpa-aesthetic> - Acesso: outubro de 2016.

**Imagem 38: Biombo das Ameixeiras com Flores Vermelhas e Brancas (séc. XVIII).
Korin Ogata. Museu de Arte MOA, Atami, Japão.**



Baseado na estética *rinpa* desenvolvida por Korin, sobretudo na obra *Biombo das Ameixeiras*, Meishu-Sama construiu o *Jardim das Ameixeiras* no Solo Sagrado de Atami. Caracterizado por pequenos montes e por suas árvores, todas elas muito antigas, trata-se da releitura de Meishu-Sama do *Biombo* de Korin (TERROR, 2009, pág. 64):

Imagem 39: *Bai-en* – O Jardim das Ameixeiras. Solo Sagrado de Atami Fonte: Messianica General Corporation (Org.).1980, p.65 *apud* TERROR, 2009.



Da mesma forma no Solo Sagrado de Guarapiranga, no Brasil, o traçado da correnteza do riacho, segundo Terror (op. cit.) serviu de inspiração para o *Caminho do*

Paraíso, numa homenagem à admiração de Meishu-Sama pelo artista. A obra de Ogata Korin, *O Biombo das Ameixeiras com Flores Vermelhas e Brancas*, possui diferentes releituras no contexto dos ambientes religiosos da Igreja Messiânica, portanto, trata-se de um conjunto de linhas e cores que, nos termos de Meyer (2015), fazem parte do regime visual da religião cujas formas sensoriais estão atreladas a estética religiosa da instituição e que cria nos indivíduos “um envolvimento sensorial com o mundo que sintoniza os sentidos, induz sentimentos e estrutura a percepção de uma maneira seletiva e específica”¹⁴⁵

**Imagem 40: *O Caminho do Paraíso*. Solo Sagrado de Guarapiranga - SP
(TERROR, 2009, pág. 65)**



Em parte de seus ensinamentos que versam sobre o Paraíso, Meishu-Sama frequentemente o relaciona a um lugar onde obras de arte se fazem presentes. Porém, não se trata de um tipo qualquer de arte, ao contrário, são obras que devem ser feitas por artistas de nível espiritual elevado, capazes de elevar o espírito daqueles que as contemplarem. De modo geral, para Meishu-Sama essa é a missão que Deus atribuiu à arte e também ao artista. Esse é detentor de uma grande responsabilidade perante a sociedade, pois uma vez que suas obras não sejam de caráter elevado, essas certamente vão contribuir para a degradação espiritual das pessoas, aumentando assim o sofrimento

¹⁴⁵ MEYER, 2015, p. 338.

e os problemas sociais. A missão da religião, em sua interface com a arte, é tornar as obras de arte acessíveis ao maior número possível de pessoas, contribuindo assim para a sua elevação espiritual, e, por conseguinte, extinguindo os sofrimentos humanos e edificando o Paraíso Terrestre.

Verifica-se nos ensinamentos de Meishu-Sama (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 1991) a capacidade que os ambientes têm de agir sobre os sentidos e os sentimentos dos indivíduos: se esses são belos e estão decorados com obras de arte de caráter elevado, as pessoas se alegram, tornam-se virtuosas, o que diminui a incidência de conflitos interpessoais e sociais. O mesmo também se aplica em sentido inverso: quando o ambiente está sujo e deteriorado, as pessoas que nele adentrarem se sentirão incomodadas e até mesmo infelizes, sendo esse estado de espírito a porta de entrada para conflitos e animosidades. O *Belo* se estende para além do ato de produzir ou apreciar obras de arte, sua prática também pode ocorrer de modo mais abrangente, sobretudo através do cuidado com a aparência e a limpeza do ambiente doméstico:

“Naturalmente a nível individual, os homens também devem procurar manter uma beleza adequada, para causar boa impressão às demais pessoas. Talvez não seja da minha conta falar-lhes semelhantes coisas, mas é a pura verdade: dentro de casa, deve-se sempre ter o cuidado de não deixar teias de aranha no teto, de conservar o assoalho tão limpo que não haja nem um cisco, de arrumar logo os objetos desagradáveis à vista e deixar os utensílios bem organizados. Assim, tanto os moradores da casa como as visitas sentir-se-ão bem, o sentimento de respeito nascerá, e o conceito do chefe da casa também se elevará.” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 1991, pág. 331)

Nota-se que o ato de praticar o *Belo*, tanto em uma dimensão individual ou coletiva, não tem como fim o bem-estar do indivíduo em si mesmo, e sim o contrário: o *Belo* deve existir enquanto algo a ser propagado ao maior número possível de pessoas. Para os messiânicos, morar uma casa limpa, decorada com arranjos de *Ikebana* e obras de arte alegre o espírito daqueles que nela vivem, faz diminuir os conflitos e, conseqüentemente aumenta a harmonia entre os familiares. Nesses lares onde as pessoas são verdadeiramente felizes são chamados pela Igreja Messiânica de *Lares de Luz* e são a condição de surgimento do próprio *Paraíso Terrestre*. A prática do *Belo* revela sua importância, pois confere forma ao ambiente e aos seus objetos através de um padrão estético que, uma vez seguido, é capaz de dar concretude ao *Paraíso Terrestre*, tornando-o um mundo que existe não apenas no plano do discurso e do pensamento, mas enquanto algo que pode ser vivido, tocado e sentido através da experiência.

Imagem 41: Meishu-Sama cortando camélias nos jardins de Hakone em 1953¹⁴⁶***Segundo dia: desabrochando em vida***

No dia seguinte à aula, as três rosas e os três galhos sobreviveram a uma noite de intensa curiosidade felina. Notei que as flores já haviam completado todo o seu processo de abertura, inclusive a de haste mais longa, aquela cujas pétalas eram as mais fechadas já estava completamente aberta.

Nem tudo são flores

Dentre um conjunto de coisas que podem ser utilizadas como instrumento de prática e de propagação do *Belo*, as flores recebem grande destaque nos ensinamentos do fundador uma vez que são associadas à criação do *Paraíso Terrestre*. Dizia Meishu-Sama que as flores devem ser colocadas à vista de qualquer pessoa, no canto do escritório, sobre a escrivaninha, onde quer que seja. Certamente era por esse motivo que a professora Rosa colocava flores até mesmo nos banheiros da Igreja.

¹⁴⁶ Disponível em: http://jinsai.org/english/meishu_sama/images/imagjins30.php. Acesso: setembro de 2016.

Lembro-me de no passado ter presenciado algumas animosidades entre a professora Rosa e o ministro que era responsável pela Igreja na ocasião. Não eram discussões que aconteciam de modo direto, eram incômodos mútuos que estavam implícitos na relação de ambos e que geralmente circulavam entre os demais messiânicos através de fofocas. Esse conflito, assim como todos os demais que ali aconteciam, eram lidos na perspectiva da religião como um *aprimoramento*, uma espécie de *karma* ou dívida espiritual que deve ser resgatada por ambas as partes. Na perspectiva messiânica, o fato de tanto o ministro como a professora estarem na Igreja, desempenhando suas respectivas *missões* ou funções religiosas faz com que se atribua esse significado à relação. Não obstante, esse tipo de interpretação não se restringe apenas ao ambiente religioso, de modo geral, todas as pessoas que possuem algum tipo de proximidade em relação a um messiânico são dadas como detentoras de *afinidade espiritual* com ele.

Meu conhecimento das tensões, na ocasião, era parcial. Desse modo, tive maior acesso às queixas do ministro responsável que criticava o fato de a professora ter transformado a igreja em um mercado de flores. Isso acontecia em virtude de ela utilizar o espaço religioso para vender *Ikebana*s para messiânicos e outras pessoas que frequentavam a Igreja. A gravidade da situação se tornava ainda mais evidente à luz dos olhos do sacerdote pelo fato de a professora não fazer donativo mensal de *gratidão* monetária à instituição. A justificativa de Rosa era diferente: a doação monetária feita por ela não era realizada de modo convencional, isto é, quando o dinheiro é colocado dentro de um envelope e depositado no interior da urna. Para ela, sua *gratidão* era materializada semanalmente através da *Ikebana* colocada perante o *Altar*. Além desse, todas as demais flores de *Ikebana* que se faziam presentes nos cômodos da Igreja também eram compradas e vivificadas pela professora. A vivificação de todas as flores da Igreja era realizada exclusivamente por Rosa, pois ela era a única professora de *Ikebana* daquela unidade religiosa e, portanto, era a única pessoa habilitada para o desempenho dessa função. Assim, sempre que ia ao Ceasa, após fazer as compras das flores para o Altar e para os demais cômodos da Igreja, a professora também adquiria uma quantidade extra para serem vivificadas e vendidas.

Era muito comum haver pessoas que semanalmente compravam *Ikebana*s vivificadas pela professora Rosa. Sempre que alguém realizava uma encomenda, seja para si próprio ou para alguém, a professora vivificava o arranjo de acordo com as

necessidades daquele que ia recebê-lo. Ao montar a *Ikebana*, as flores escolhidas podiam ser muito variadas: antúrios; rosas; orquídeas; chuvas-de-ouro; crisântemo; gérbera; gloriosa; lírio; palma. Havia uma certa simbologia atribuída por ela em relação a escolha das cores: amarelo significava prosperidade; rosa ou roxo: mudança interior; vermelho: amor; verde: esperança; branco: paz. Ao vivificar as flores, a professora muitas vezes, sem nada saber *a priori*, tinha sensações que, segundo sua própria interpretação, eram de origem do próprio estado de espírito daquele que ia ganhar o arranjo, por isso seus sentidos a norteavam na escolha das cores das flores. Angústia, comoção, aperto no peito, emoção, choro, visões espirituais faziam parte do repertório de sensações da professora Rosa. Desse modo, em virtude dessas percepções, o momento da vivificação pode ser equiparado a uma espécie de experiência mediúnica. Não obstante, práticas como essa não são endossadas pela *Academia Ikebana Sanguetsu* – essa muito provavelmente foi adquirida ao longo do curso da vida da professora. Sua vivência como messiânica e professora de *Ikebana* ultrapassa o limiar desse matiz: ela vaza, borra, imiscui e se funde em um caleidoscópio de experiências que são consequências diretas de seu modo de estar no mundo:

“Um dia cheguei na Igreja no domingo sozinha, pra receber os jovens. De repente a dona Rosa apareceu dizendo que ia fazer uma Ikebana pro Zé, que tinha feito cirurgia. E aí eu olhei pro jardim da frente onde tinha a fonte e falei: “nossa que rosa amarela linda...”. Nisso ela tava olhando também e [também estava] emocionada. Ela falou: “tem muitos espíritos ali cuidando do jardim eles estão com sede...” aí ela foi e colocou água. Quando ela tava indo embora, ela me deu um arranjo com a rosa amarela. Essa rosa... nossa. Ela parecia uma amiga... coloquei no meu quarto e todo dia eu entrava, olhava pra ela e dizia: “olá, linda rosa”. E um dia cheguei ela tava morta. Chorei como criança. Ela [a rosa] durou uma semana e foi uma semana que minha TPM passou despercebida. Chorei quando ela morreu, mas foi um choro de gratidão porque ela fez a diferença, sabe?” (Diário de Campo, dia 27 de julho de 2016).

A Igreja Messiânica costuma ter um expediente bastante restrito aos domingos. Esse dia, portanto, havia sido uma exceção tanto para a messiânica, como para a professora Rosa, que fora à Igreja naquele a fim de preparar uma *Ikebana* para um messiânico recém operado. Ambas prestaram atenção na mesma flor, a professora então teve uma visão espiritual através da qual enxergou a presença de espíritos próximos ao jardim. Após saciar a sede desses espíritos, a professora decidiu utilizá-las para vivificar um *Ikebana* para a messiânica. Desde o início, aquela não era uma flor qualquer: ela chamou a atenção de seus olhos pela sua beleza; era protegida por espíritos que estavam

no jardim; e ao recebê-la através do arranjo de *Ikebana*, a rosa se tornou amiga da messiânica. Seu sentimento pela planta e toda a história contada por meio de seu relato demonstram que a eficácia da flor fez com que ela não sofresse os sintomas de tensão pré-menstrual. Parte da eficácia também pode ser atribuída à própria professora Rosa, percebida pela messiânica como uma figura cujos poderes espirituais são dotados de grande eficácia. Além disso, a própria flor é eficaz em virtude de suas propriedades e características materiais uma vez que aciona diferentes sentidos e sensações naqueles que a observam.

Experiências semelhantes podem ser encontradas entre os messiânicos que praticam a *Ikebana* e também entre aqueles que costumam levar os arranjos para a casa ou para o local de trabalho. Abaixo seguem quatro casos - três contados por Maria Helena durante uma entrevista e outro contado pela senhora Ana Cláudia – que servem de exemplo para ilustrar possíveis formas de atuação da *Ikebana*:

Maria Helena, 30 anos de idade:

“Desde que a gente inaugurou a escola de inglês, ela tem flor. Não falta flor desde o dia que a gente entrou na casa. As flores começaram a mostrar quando uma semana era mais tranquila, as flores duravam mais. E ultimamente, com a energia, com as coisas que estavam acontecendo, as flores lá estavam morrendo muito fácil. E a gente sentia que elas aliviavam e aliviam o ambiente, né? Teve até um dia que um aluno meteu o louco [na escola]. Ele ficou sentado na mesa fazendo tarefa e tinha uma flor, e ela tava linda, sabe? Depois quando ele foi embora e eu olhei pra flor, que ele ficou sentado do lado o dia inteiro, ela tava completamente preta, completamente morta. Ela era uma flor vermelha, escura. Eu sinto que quanto mais o ambiente tá assim, pesado, parece que fica um clima escuro, sabe? E as flores ficam murchas mais rápido.” (Entrevista, 6 de janeiro de 2017)

Maria Helena contou a história de sua sócia da escola de inglês, Débora, que também é messiânica. A mãe de Débora é evangélica e ambas sempre tiveram conflitos recorrentes desde a infância. Débora passou a levar *Ikebana*s semanalmente para casa e paulatinamente, a mãe começou a fazer agrados para a filha, tais como lavar roupa, cozinhar e tratá-la bem. Para Maria Helena, a atmosfera espiritual do lar de sua amiga se transformou graças à atuação da *Ikebana*.

“A dona Leia sempre levou Ikebana pro salão e ela pegou a Ikebana e levou pra lá e deixou bem na entrada. No dia seguinte ela voltou lá [para o salão] e a porta tava arrebentada, o cadeado, a grade, a corrente tava arrebentada, a porta tava aberta, mas não entraram e não fizeram nada. E a Ikebana, que geralmente dura uma semana, duas [semanas], uma semana e meia tava inteirinha seca, tava escura e morta. Lembro que na época, [dona Leia disse que] a Ikebana tava preta, murcha e escura. Ela verificou tudo no salão, não

levaram nada, não levaram absolutamente nada e tava tudo bem, só a Ikebana mortinha” (Entrevista, 6 de janeiro de 2017)

A senhora Ana Cláudia, de setenta anos de idade e evangélica de formação, é um exemplo de alguém que conheceu a Igreja Messiânica através da *Ikebana*:

“Eu estava num ponto de ônibus, eu vi uma senhora com um arranjo de flor muito bonito. Como eu gosto muito de flor e aí eu perguntei [para ela]: “mas que arranjo de flor mais diferente, bem ajeitadinho”. Ela falou: “é da Igreja Messiânica de Hortolândia, eu vou lá, eu frequento lá. ” Por sinal, eu nunca mais encontrei essa criatura. E aí eu fui lá, me receberam muito bem, muito bem mesmo, eu achei bem família e me deram um arranjozinho bonitinho, perguntaram se eu queria tomar o Johrei. Aí eu pensei: eu não sei o que é, mas eu creio que seja um troço de bem porque o ambiente lá é muito gostoso, eu me senti bem e aí eu falei: “Eu vou tomar sim. ” (Entrevista, dia 15 de abril de 2016).

De maneira distinta, os quatro casos são exemplos de formas atuação da *Ikebana*. No exemplo de Maria Helena, a *Ikebana* fez o papel de filtro: todas as animosidades decorrentes do conflito com o aluno que existiam no ambiente foram filtradas pelas flores. O caso de dona Leia é semelhante em relação ao de Maria Helena, porém, além de filtrar, a atuação da *Ikebana* foi de proteção, pois impediu que o roubo acontecesse, porém, para impedir o furto, as flores tiveram que “se sacrificar”. No relato sobre a experiência de Débora, a ação da *Ikebana* foi de harmonizar o ambiente e também a relação entre mãe e filha. Por fim, para a senhora Ana Cláudia, a *Ikebana* foi um instrumento de divulgação da religião: ela passou a frequentar e a receber *Johrei* diariamente, decidiu se tornar messiânica, e, em virtude disso, resolveu deixar de frequentar a igreja evangélica.

As flores do sétimo dia

Na virada do quarto para o quinto dia, as rosas perderam visivelmente seu vigor. Chegando o sétimo dia, a flor menor já havia perdido algumas de suas pétalas. As demais, apesar de ainda inteiras, já haviam murchado e estavam tristes, com a face voltada para baixo e aparentavam morte. Os galhos de unha de gato não haviam perdido o vigor, continuavam flexíveis e parecia que ainda iam durar por muito tempo. Não

removi nada do arranjo, apesar do incomodo que as rosas mortas causavam aos meus olhos.

Seguindo as flores: do Ceasa ao altar da Igreja

O exercício de observação diária do meu arranjo de *Ikebana* fez suscitar em mim a questão sobre a origem daquelas flores. Sabia apenas que eram compradas no Ceasa da cidade de Campinas, porém eram poucas as informações que eu tinha sobre os produtores, a organização do mercado das flores, o processo de preparação e escolha das flores que seriam transformadas na *Ikebana* do *Altar da Igreja*. Cecília explicou que as professoras Ivana e Elisa iriam ao Ceasa naquela semana para fazer a compra e entrei em contato para saber se poderia ir com elas. No caminho, as professoras conversavam entre si sobre as flores que pretendiam comprar para a *Ikebana* do Altar. Elisa comentou que estava pensando em antúrios, pois já fazia algum tempo que não se fazia arranjos com essa flor.

Senti-me perdida ao chegar naquele imenso galpão, repleto de cores, formas e cheiros. As professoras andavam a passos rápidos e estavam visivelmente com pressa. Eram muitas as informações que me chegavam aos olhos. Minha curiosidade me fez perguntar o nome de diversas folhas e flores. Tentei tirar algumas fotos, mas além do tempo ser curto, o ato de fotografar me deixava muito mais distraída em relação às Ivana e Cecília que se movimentavam com muita rapidez naquele espaço que já lhes era muito familiar. Em alguns momentos, me perdi de Elisa, ao encontrá-la, me perdi de Ivana, e assim sucessivamente.

As professoras levavam consigo um carrinho especialmente projetado para transportar flores. De acordo com os messiânicos, deve-se seguir a *Lei da Ordem*, então, deve-se começar pelas flores da *Ikebana do Altar* e não pelas encomendas, também não se deve fazê-las juntas. Elisa encontrou lírios, Ivana concordou em utilizá-los para o arranjo do *Altar*. Era preciso encontrar mais alguma flor para combinar com os lírios e comprar *o verde*, isto é, folhas para fazer o preenchimento do arranjo. Feito isso, restava apenas o antúrio ou alguma outra flor para fazer par com os lírios. Não havia antúrios cortados naquele dia, então as professoras optaram por comprar ramos de chuva-de-ouro cuja cor amarela era tão intensa que quase beirava o laranja.

Terminadas as compras para a *Ikebana do Altar*, as professoras finalmente estavam livres para se dedicarem as encomendas. Cada uma levava consigo uma pequena lista e uma quantidade de dinheiro para atender aos pedidos previamente feitos. As flores mais procuradas eram os crisântemos, muito utilizados em *shorinkas* - pequenos arranjos de *Ikebana* que são distribuídos para as pessoas nas ruas. As professoras eram também negociadoras: não bastava apenas pagar barato, era preciso que as flores viessem em grande quantidade e que estivessem exuberantes. No momento da escolha, elas demonstraram preferência por botões ao invés de flores abertas, pois além de terem maior durabilidade, esses geralmente se abrem no transcorrer dos dias, o que para elas torna a *Ikebana* ainda mais bela. Naquele dia, não consegui ir embora sem comprar algumas orquídeas, calas e alguns galhos de cerejeiras que, em virtude do frio intenso, estavam incrivelmente floridos – não sabia ao certo como vivificá-los, mas aquelas plantas persuadiram meus sentidos e me seduziram a levá-las para casa.

Voltamos à Igreja com o carro cheio de flores. Levamos tudo para o andar superior, na sala do *Sanguetsu*. Havia outras professoras e *dedicantes* que estavam ali esperando pela chegada das novas flores. As tarefas eram divididas: as professoras faziam as *Ikebanas* maiores enquanto as *dedicantes* em virtude de não terem ainda tal graduação, ajudavam através da vivificação de arranjos menores e mais simples. Elas também estavam incumbidas de buscar as *Ikebanas* da semana anterior, espalhadas por praticamente todos os cômodos da Igreja. Após buscá-los, elas desmontavam os arranjos e separavam as flores que poderiam ser utilizadas daquelas que deveriam ser jogadas fora; lavavam os vasos com sabão, enxugavam e guardavam no armário.

As professoras Ivana e Elisa, além de responsáveis por comprar as flores da *Ikebana* do altar daquela semana, eram também incumbidas de vivificá-las. Perguntei se eu poderia acompanhar a montagem do arranjo e elas concordaram. Porém, eu não sabia que todo o processo era realizado dentro do próprio Altar, por isso, tivemos que trocar nossos sapatos por pantufas brancas, próprias para quem precisa pisar no chão do altar. O vaso escolhido era retangular na forma, preto na cor e era guardado junto com outros que

também eram colocados exclusivamente nesse local, e, portanto, deveriam estar apartados¹⁴⁷ em relação aos demais.

Todo o procedimento foi realizado com as cortinas fechadas, sendo o início dado a partir do momento em que as professoras entoaram a *Oração Amatsu Norito*. Minha ajuda foi bastante restrita: solicitaram que eu retirasse a *Ikebana* antiga e que enchesse o vaso escolhido de água. A professora Ivana estendeu uma manta branca sobre o chão e começou a vivificar as flores. Elisa a auxiliava fazendo os *mizukiris* nas flores e ramos, observava atentamente a direção para onde as flores pareciam se voltar, também dava sugestões de onde posicioná-las. Explicaram-me que o estilo do arranjo era um estudo de linhas, cuja característica é a presença de uma linha principal que pode ser curva ou reta. A professora Ivana amarrou dois ramos de chuva de ouro e optou por colocar duas linhas no arranjo, uma crescendo no sentido vertical e outra na horizontal. Não era preciso, explicou-me Elisa, que as linhas fossem retas, mas nenhum outro ramo da chuva de ouro poderia ser maior que as linhas principais. Na etapa seguinte, o vaso foi preenchido com as folhas verdes, o que ajudou a dar mais estabilidade aos galhos de chuva de ouro. Os lírios foram os últimos a entrarem no arranjo e foram colocados como se estivessem olhando para o Altar. Elisa escolheu propositalmente alguns lírios que ainda eram botões e explicou que eles certamente se abririam no decorrer daquela semana. A etapa mais demorada foi a de ajustes: corta-se algumas folhas verdes de um lado; preenche-se com mais chuvas de ouro de outro; observa-se o arranjo de pé e depois em posição de agachamento, pois a visão do observador que está em pé no chão da *nave* é diferente de quem está no chão do *Altar*, visto que esse é cerca de um metro mais alto em relação ao primeiro. Terminada a *Ikebana*, ajudei as professoras a limpar o assoalho do altar e registrei o resultado final de diferentes ângulos.

¹⁴⁷ As pessoas e os objetos antes de entrarem no Altar devem ser purificados, para isso é utilizado o *kiribi* - peça formada por uma pedra e uma lâmina de metal que, uma vez atritados produzem uma faísca, que tem como resultado a purificação.

Imagem 42: A Ikebana observada de dentro do altar



Imagem 43: Ikebana no altar vista de longe



Quando as flores vão às ruas

Parte dos crisântemos comprados pela professora Elisa tiveram um destino diferente. Encomendados a pedido da missionária Poliana, as flores foram transformadas em *shorinkas*¹⁴⁸: pequenos arranjos de *Ikebana*, também conhecidos como *Flores de Luz*, que foram distribuídas para as pessoas nas ruas durante a *marcha de Johrei* que foi realizada no domingo da mesma semana. São os messiânicos do *Grupo Johvem*¹⁴⁹ que liderados por Poliana, geralmente organizam esse tipo de atividade e são eles próprios que confeccionam as *shorinkas* na véspera da *marcha*.

A primeira etapa da vivificação das *shorinkas* consiste na preparação da espuma floral que deve ser deixada de molho na água por algumas horas, até ficar totalmente encharcada. Em seguida, é cortada e introduzida dentro de um pequeno potinho cilíndrico de plástico de aproximadamente cinco centímetros de altura. Com os pequenos vasos já prontos, é feita preparação das flores e dos galhos verdes. Primeiramente, eles devem ser cortados e separados em pequenos ramos; em relação aos crisântemos é preciso *fazer mizukiri*, isto é, corte dentro da água. Terminada a preparação das flores e ramos, basta apenas fixá-los na esponja: os ramos são inseridos na lateral do pequeno vaso e as flores no centro do arranjo.

Figura 44¹⁵⁰: A *shorinka*



¹⁴⁸ São chamadas de *shorinkas* ou *minibanas*.

¹⁴⁹ Trata-se do grupo de jovens da Igreja. A letra H no meio da palavra tem o objetivo de fazer uma analogia entre os jovens e a prática do *Johrei*, assim, pelo fato de a juventude messiânica ser aquela que o ministra, é denominada de *Johvem*.

¹⁵⁰ Fonte: web. Disponível em: <http://www.johvem.com.br/noticias-regionais/sao-paulo-capital/marcha-de-johrei-e-entrega-de-shorinka-com-os-jovens-do-johrei-center-parque-das-arvores/> - Acesso: setembro de 2016.

Terminada a preparação das *shorinkas*, no dia seguinte os jovens levam os arranjos diante do altar, entoam a *Oração Amatsu Norito* a fim de pedir a Meishu-Sama que as flores sejam instrumentos de *salvação* do próximo. Em seguida, ministram *Johrei* nas *shorinkas* durante aproximadamente minuto. A marcha de *Johrei* se inicia quando o missionário responsável pela atividade divide os jovens em grupos e cada qual segue para um local designado. Muitos alegam ter dificuldade de abordar as pessoas na rua ou de bater na porta da casa de alguém. O líder do grupo os encoraja a perder a timidez, pois com esse sentimento certamente o jovem tímido perderá a oportunidade de viver alguma experiência, graça ou milagre.

Muitas pessoas, ao serem abordadas na rua, perguntam pelo preço da *shorinka* ou negam receber a flor por pensar que o arranjo é pago. Geralmente os jovens oferecem a flor e em seguida explicam de maneira sucinta sobre o que é o *Johrei*. As pessoas geralmente aceitam a flor, porém recusam receber a canalização, sobretudo o público evangélico; há ocasiões em que as pessoas estão andando apressadas pela rua e dificilmente demonstram interesse em ter uma conversa um pouco mais longa. No que concerne às que aceitam, é muito comum que essa ocasião seja a primeira vez em que recebem *Johrei*. Não obstante, pouco perguntam sobre a flor, geralmente as dúvidas e as curiosidades se referem à Igreja e ao *Johrei*. As *shorinkas* dificilmente são recusadas, a despeito de servirem a um propósito claramente religioso que nem sempre encontra reverberações nos ânimos daqueles que estão de passagem. Para os messiânicos, ainda que muitos não aceitem o *Johrei* ou ainda que o recebam e não demonstrem interesse em dar continuidade em uma unidade religiosa, o importante é tenham cumprido o propósito de trazer felicidade às pessoas através da flor. Desse modo, o fato de alguém se sentir feliz ao receber a *shorinka* e recusar o *Johrei*, não é visto como um problema perante a visão dos religiosos. Outros também dizem que a semente já foi plantada e que pode ser que demore anos para germinar.

O início do fluxo de vida de uma *shorinka* é semelhante ao de uma *Ikebana*, porém ambas possuem desfechos diferentes: as flores são plantadas, cultivadas e cortadas pelo produtor; são levadas ao mercado das flores onde são compradas pelas professoras; vão para a Igreja e lá são vivificadas – não mãos ágeis, mas por jovens messiânicos; no dia seguinte, as *shorinkas* vão às ruas onde são distribuídas; por fim, completam seu ciclo de vida na casa de quem as recebeu. As *Ikebanas* que são destinadas a permanecer na

Igreja completam seu ciclo no próprio ambiente religioso, sendo descartadas na semana seguinte ou quando as flores murcharem.

O desfecho: a impermanência das flores

O desfecho desta etnografia já era sabido e era também esperado. As rosas, ao contrário da minha horta, definharam diariamente até se tornarem completamente secas a partir do décimo quarto dia. Foi nessa ocasião que decidi colocá-las na composteira, onde elas finalmente terminaram seu processo de decomposição. O estiolamento das flores teve início a partir do momento em que elas foram cortadas da roseira e levadas ao Ceasa para serem comercializadas. Ao chegarem lá, as flores foram escolhidas e compradas pela professora Cecília que as levou para a Igreja e as dividiu entre suas alunas, juntamente com os galhos de unha de gato. A partir das instruções da professora durante a aula, as alunas lavaram, mediram, cortaram, fixaram as rosas e os ramos, transformando-os em Ikebanas. Terminada a aula daquele dia, os arranjos foram desmontados e cada aluna levou seu respectivo material para casa. Ao serem remontados em casa, as flores e galhos se transformaram em um novo arranjo de Ikebana. O fluxo de vida das rosas pode ser observado não apenas por meio da circulação da flor em diferentes ambientes, mas também pelo seu contínuo processo de maturação, abertura e ressecamento de suas pétalas.



Imagem 45: O fim da rosa

De maneira distinta, as unhas de gato tiveram outro desfecho: apesar de cortadas, elas mantiveram-se em contato com a água e isso foi suficiente para mantê-las vivas ainda por algum tempo. Na ponta de cima do galho nasceram algumas folhas verdes e brotaram raízes na ponta de baixo que estava em contato com a água do vaso.

Imagem 46: Um novo recomeço



Quando se vivifica um arranjo floral, uma concepção de arte é imediatamente acionada, todavia, essa é distinta em relação às expressões artísticas nas quais estamos habituados. Nessas, as obras de arte devem ser colocadas dentro de museus para que sejam protegidas do vento, da humidade e de todas as possíveis externalidades do ambiente que podem acelerar de maneira descomedida o processo de deterioração da obra. As Ikebanas, porém, escapam totalmente dessa lógica: o inexorável processo de estiolamento das flores faz dos arranjos florais obras de arte de curta em relação às demais artes plásticas. Quando tombam e paulatinamente vão se tornando ressecadas, nada é possível ser feito. Ao contrário de uma peça que se quebra ou que também inevitavelmente se deteriora pouco a pouco e pode ser restaurada, o arranjo floral não pode ser revivido depois de passado o ciclo de maturação de suas flores. Ingold (2015) faz uma reflexão semelhante em “Materiais contra Materialidade”: “Apesar dos melhores esforços de curadores e conservacionistas, nenhum objeto dura para sempre. Os materiais sempre e inevitavelmente prevalecem sobre a materialidade a longo prazo” é preciso, portanto, mudar o foco “de objetos acabados para o material de que são feitos, vendo neles o potencial de transformação” (pág. 61).

A Ikebana é, portanto, uma arte impermanente. Essa não é uma característica exclusiva das flores, tal como nos lembrou Ingold (op. cit.), pois todas as coisas que possuem vida estão em processo de transformação. As flores de uma Ikebana, em virtude das especificidades do seu ciclo de vida, podem ser pensadas como exemplos que evidenciam o inexorável processo de transformação das coisas. O fato de as coisas estarem em fluxo e em constante estado de impermanência é um ensinamento de diversas tradições do Budismo, inclusive o Zen. Compreender este ensinamento, assim como o próprio Zen, é de fundamental importância para se alcançar compreensão da ontologia japonesa. Ambos podem ser facilmente acessados através de expressões artísticas típicas do Japão, com destaque para a Cerimônia do Chá. Inicialmente comum entre membros da aristocracia, o chadô passou a ser praticado por samurais. Como não sabiam se sobreviveriam à jornada, procuravam participar como se fosse pela última vez, surgiu assim a expressão “Ichigo Ichie” traduzida como “um momento, um encontro, que jamais se repete”. Cada chadô é único, pois os convidados não serão os mesmos, nem os utensílios escolhidos e tampouco as flores. O anfitrião se prepara com muita antecedência, ele não deve deixar no tokonoma uma Ikebana de dias anteriores, do contrário, é preciso fazer uma especialmente para o convidado, se possível com flores que tenham duração de um único dia. Terminado o deleite, as flores – e quiçá os participantes – já não são mais os mesmos.

Imagem 47: Ichigo Ichie



Ao entrarem no caminho das flores, as professoras Rosa e Cecília - e todas as que foram citadas neste capítulo - decidiram se autocultivar através das flores. A prática da Ikebana está além de um exercício estético, trata-se de uma disciplina

espiritual que busca a própria elevação da consciência daquele que a pratica e também daquele que a observa. Ir ao Ceasa semanalmente (ou mensalmente) para comprar flores; levá-las à Igreja; separá-las; cortá-las; lavar os vasos e enchê-los de água; fazer a Ikebana; jogar as flores velhas e reaproveitar as que restaram; fazer novos arranjos; ministrar aulas e oficinas são apenas das algumas das atividades cotidianas daqueles messiânicos que decidiram se dedicar a esse Caminho. Além de tais afazeres, aprende-se também a compreender as especificidades de cada material: não se pode tentar curvar um galho a ponto de quebrá-lo, da mesma forma que também não se pode forçar qualquer um dos materiais. A prática da Ikebana, conforme lembra o pensamento Zen e o Taoísmo, consiste na observação constante da natureza a fim de utilizar os elementos dela provenientes da forma mais adequada e não no ato de domesticar a natureza e forçá-la aos designios humanos.

Ao longo deste capítulo, o arranjo foi mencionado como sinônimo do termo “vivificação floral”. Etimologicamente, a palavra Ikebana contém esse significado que produz uma aparente contradição, uma vez que as flores depois de terem sido cortadas, entram em um acelerado processo de deterioração. No entanto, em nenhum momento a prática dessa arte foi pensada como um processo de “mortificação”, pois a concepção “dar vida” às flores está intrinsecamente relacionada à ideia de produção de harmonia dentro de uma estética predeterminada e não como um prolongamento de seu tempo de existência. Assim, se as flores vão inevitavelmente murchar e morrer, antes que esse processo se complete, é possível fazer delas uma Ikebana. É o corte preciso da tesoura que aparentemente lhes encerram a vida, contudo é esse um dos atos que fazem parte do processo de dar-lhes vida.

Considerações Finais:

O Caminho do messiânico



“O homem se orienta pela terra
 A terra se orienta pelo céu
 O céu se orienta pelo Caminho
 O Caminho se orienta por sua própria natureza”
 (Lao Tse - Tao Te Ching)

Há, em cada *Ikebana* de Meishu-Sama, um pouco do ethos Zen Budista. O mesmo pode ser dito de suas caligrafias, de seus desenhos de Kannon e também em parte de seus ensinamentos. Este ethos não é puramente Zen, mas é o produto de uma amálgama entre o Xintoísmo, o pensamento Confucionista/Taoista. Uma das práticas mais latentes entre tais pensamentos, conforme foi demonstrado, é o autocultivo que diz respeito ao treinamento diário que um indivíduo estabelece consigo mesmo a fim de se aprimorar. O ato de produzir uma *Ikebana* é uma experiência de autocultivo à medida que o *caminhante*, em analogia à ideia de *Caminho*, aprende observar as propriedades das flores e galhos: as cores, as formas, a flexibilidade/rigidez, entre outras características contidas nesses materiais. Uma vez observadas, ele deve aprender a respeitá-las, uma vez que não deve adaptar a natureza aos seus desígnios, mas produzir a *Ikebana* a partir das possibilidades que lhes são dadas pelos materiais que irão compor o arranjo.

Não é somente através da *Ikebana* que é possível praticar o autocultivo messiânico. A horta caseira, descrita no capítulo II, também pode ser considerada como

tal, pois aquele que a pratica aprende a observar as necessidades das plantas. O sol, em excesso ou em falta, pode prejudicar o crescimento das verduras; a água, se colocada demais pode afogá-las, porém, caso falte, pode fazê-las murchar e ressecar; a água da chuva que cai de maneira descomedida também pode prejudicar as plantas, ainda mais se for acompanhada de granizo ou de um forte vendaval. Não foram poucas as vezes que tive que trazer todos os vasos para dentro de casa, principalmente as jovens mudas que na época haviam acabado de germinar. A pedagogia messiânica do cuidado praticada através da horta caseira consiste no aprendizado do qual o messiânico necessita desenvolver para aguçar sua sensibilidade para com os outros. Assim, conforme aprende a medida certa da água e da claridade que deve dispor para cada tipo de planta, este, naturalmente se torna mais perceptivo em relação às necessidades das pessoas que o cercam. Dessa maneira, torna-se exímio no cuidado e na assistência religiosa às pessoas que está acompanhando através da terapia messiânica. Por fim, a prática da *horta caseira* é uma forma de autocultivo não somente por ensinar os praticantes a observar a natureza, mas também conter em tal pedagogia do cuidado.

Conforme foi abordado na introdução, o objetivo da Igreja Messiânica consiste em concretizar o *Paraíso Terrestre*. Dessa forma, suas diretrizes orientam que o *paraíso* primeiramente deverá ocorrer dentro de cada indivíduo, conforme este aprender a se libertar de seus próprios sofrimentos através do cuidado da felicidade de outrem. Há um ensinamento de Meishu-Sama que é repetido frequentemente nas orientações dos ministros e também pelos próprios messiânicos:

“Quem deseja ser feliz, deve primeiramente tornar feliz seus semelhantes, pois a Divina recompensa que disto provém, será a Verdadeira Felicidade. Buscar a própria felicidade com o sacrifício alheio, é criar infelicidade para si mesmo.
”¹⁵¹

A partir deste ensinamento, muitas das orientações proferidas por ministros e missionários asseveram para a necessidade do desapego que o indivíduo deve ter em relação aos seus problemas, assim, à medida que alguém se dedica à felicidade de outras pessoas, este alguém se tornará verdadeiramente feliz. Tornar essa atitude uma prática diária é o desafio que todo o religioso é encorajado a fazer, a qual também pode ser considerada como uma forma de autocultivo messiânico. Por fim, trazendo a ideia de

¹⁵¹ Ensinamento de Meishu-Sama: Bom senso. Disponível em: <http://www.messianica.org.br/cultomensal/ensinamentos/bom-senso> - acesso em fevereiro de 2018.

Caminho, desenvolvida ao longo desta dissertação através do conceito de *Tao* ou “*Do*”, é possível concluir que o *Caminho do messiânico* consiste em praticar o autocultivo de si a fim de concretizar o *Paraíso Terrestre*.

Esta pesquisa encontrou os conceitos de autocultivo e de *Caminho* por meio da proposta teórico-metodológica que teve como ponto de partida a análise dos materiais que fazem parte da Igreja Messiânica. Desta forma, ao analisar os diferentes processos de mediação que estão contidos na horta, nas flores e nas caligrafias, foi possível constatar a presença de ecos dos pensamentos Zen Budista, Xintoísta e do Taoísmo/Confucionismo nas práticas religiosas da religião. Assim, é preciso frisar que este caminho foi tomado pela própria pesquisa quando os materiais foram pensados como uma via através da qual se poderia construir um entendimento acerca dos aspectos cosmológicos que constituem a religião. Por fim, foi possível concluir que a Igreja Messiânica possui uma miríade de formas sensoriais que são oriundas de tais tradições religiosas e que estão sujeitas a constante reatualização através da prática. Conceitos, formas, materiais, imagens, linhas são mediados a partir de referenciais socialmente compartilhados que se originaram através de uma aquarela que ao longo da história foi constituída de matizes de cores Budistas, Xintoístas, Confucionistas/Taoístas. Quando essas “cores” são trazidas ao contexto religioso brasileiro, encontram outros matizes e permanecem em constante processo de imiscuição.

Tomar como análise uma religião de origem japonesa que se radicou no Brasil e tentar compreendê-la partir de seus referenciais é um exercício de observação que demanda a compreensão de uma forma distinta de alteridade. O resultado da imersão do analista em diferentes formas sensoriais oriundas da estética japonesa produz efeitos sobre sua própria experiência sensorial. Seja este analista um exímio pintor (ou talvez uma estudante de antropologia), ao pintar (ou descrever esta alteridade), haverá sempre uma tentativa de capturar a tonalidade das cores e os movimentos das linhas. Foi o que fez Van Gogh ao pintar o quadro *Amendoeira em Flor* (1890), capa¹⁵² escolhida para ilustrar esta dissertação. Ao olhar atentamente a amendoeira, nota-se a presença de referenciais originários da estética japonesa que foram relidos e que passaram a fazer parte do repertório do próprio estético do pintor. O exercício de descrição e análise da Igreja Messiânica proposto por esta pesquisa encontra reverberações nesta obra de Van

¹⁵² Conforme as normas de publicação da Unicamp, o quadro foi colocado na página 17.

Gogh, pois consiste em uma releitura das formas sensoriais de origem nipônica as quais foram mediadas através desta escrita e análise etnográfica.

Pensar a Igreja Messiânica a partir de uma análise teórico-metodológica que parte dos materiais foi uma maneira de prestar uma contribuição ao campo dos estudos que se dedicam à temática das religiões japonesas no Brasil. A Messiânica e suas “primas”, isto é, instituições religiosas de origem nipônica e que compartilham um conjunto de referenciais entre si, são frequentemente analisadas sob vieses que privilegiam seus respectivos processos de adaptação em países de culturas distintas. Outra temática recorrente se refere às diferentes identidades criadas por tais instituições e suas estratégias de difusão entre membros que não compartilham de referenciais culturais e étnicos oriundos do Japão. Termos como assimilações, adaptações, modificações, sincretismo, identidade (s) são frequentemente acionados para explicar religiões como a Igreja Messiânica e que foram evitados ao longo desta pesquisa, uma vez que tais referenciais são carregados de pressupostos teóricos que foram amplamente discutidos no âmbito da antropologia da religião.

A escolha de dar menos atenção a tais discussões se justifica na aposta teórico-metodológica desta pesquisa a qual procurou se atentar a outros planos da religião que ainda não foram explorados analiticamente. Dentre esses, destaca-se a ênfase na análise da Igreja Messiânica a partir de suas produções materiais e as diferentes formas sensoriais que são acionadas durante o processo de mediação religiosa, reflexão que foi suscitada a partir da obra de Birgit Meyer. A partir da contribuição de Tim Ingold, foi possível pensar a Igreja Messiânica como uma coisa no sentido Heideggeriano e assim foi possível trazer a ideia de vida para pensar diferentes espécies de materiais – humanos e não-humanos – que constituem a própria religião.

Analisar um objeto familiar sob uma perspectiva teórica ainda pouco explorada é um exercício que depende da disposição do analista de se deixar desapegar de parte de seus pressupostos a fim de correr um certo risco. É no momento em que este decide corrê-lo que novas nuances, que antes passavam despercebidas, são finalmente enxergadas. Não apenas as tonalidades são percebidas pelo olhar, mas um conjunto de coisas vivas. A busca por diferentes reflexões e novas perguntas é, talvez, o *Caminho* de quem se dedica ao exercício do fazer etnográfico.

Bibliografia:

ANJOS, Emilson Soares dos (org). *Manual Litúrgico*. 2011.

ANJOS, Emilson Soares dos. *Modificações litúrgicas como expressão do processo de transplantação: divergências e convergências no ritual funeral da Igreja Messiânica Mundial do Japão e do Brasil*. Dissertação de Mestrado apresentada à PUC/SP. 2012.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. “Paisagem historicidade e ambiente: as várias naturezas da natureza” In Revista di studi Iberoamericani Confluenze. 2009. Vol. 1 n°31.

CLARKE, Peter B. *Movimentos milenaristas japoneses e o papel do Brasil na construção do paraíso na Terra: a Igreja Messiânica Mundial* (Sekai Kyusei Kyo). Ilha. Florianópolis. n.1, p.104 a 122, dezembro de 2000.

CLARKE, Peter B. A construção de um mundo sem doença e sem violência: o alvo de Sekai Kyusei Kyo (Igreja Messiânica Mundial). REVER. São Paulo, n°4, pág. 20-33, 2002.

CLARKE, Peter B. *New Religions in Global Perspective: a study of religious change in the modern world*. London: Routledge Taylor & Francis, 2006.

CLARKE, Peter B. *As Novas Religiões Japonesas e suas Estratégias de Adaptação no Brasil*. REVER. São Paulo: junho 2008, pág. 22-45.

CORDEIRO, Ana Lucia Meyer. *Taoísmo e Confucionismo: duas faces do caráter chinês*. Revista Sacrilogens. Juiz de Fora. Volume 6, n° 1, ano: 2009.

DEMATTE FILHO, Luiz Carlos. *Sistema agroalimentar da avicultura fundada em princípios da Agricultura Natural: multifuncionalidade, desenvolvimento territorial e sustentabilidade*. Tese de Doutorado apresentada à ESALQ/USP. 2014.

DOUGLAS, Mary. *Simbolos Naturales: exploraciones en cosmologia*. Madrid: Alianza. 1978.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. Perspectiva. São Paulo. 2014.

FUNDAÇÃO MOKITI OKADA. *O Alicerce do Paraíso*. São Paulo. 1991.

FUNDAÇÃO MOKITI OKAD. *Luz do Oriente* vol. I, II, III. São Paulo Ano: 2007 e 2009.

GESKELL, Ivan. “Display” In: *Material Religion* v. 7 pág. 34-41. Harvard University. 2011.

GUERRIERO, Silas. “Há algo de novo no campo das religiões: Os novos movimentos religiosos”. In SILVA, Eliane Moura et al. (org). *Religião e Sociedade na América Latina*. São Bernardo do Campo, UESP, 2010.

HERRIGEL, Eugen. *O Caminho Zen*. São Paulo. Editora Pensamento. 1993

HERRIGEL, Eugen. *A Arte cavalheiresca do arqueiro Zen*. São Paulo. Editora Pensamento. 2013

INGOLD, Tim. “Lines: A Brief history”. London: Routledge Taylor & Francis, 2007.

INGOLD, Tim. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e decrição*. Petrópolis, Editora Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, 2012, v.18, n. 37.

NOBUTAKA, Inoue; SATOSHI, I.; JUN, E; MIZUE, M. In *Shinto – A Short History*. London: Routledge Curzon, 2003.

MATSUE, Regina Yoshie. “A expansão internacional das Novas Religiões Japonesas: um estudo sobre a Igreja Messiânica Mundial no Brasil e na Austrália”. São Paulo. REVER. Nº 4, ano 2, 2002.

MATSUOKA, Hideaki. Japanese prayer below the Equator: how Brazilians believe in Church of World Messianity. UK. Lexington Books. 2007.

MAUSS, Marcel. “Esboço de uma teoria geral da magia” In *Sociologia e Antropologia*. São Paulo. Ed. Cosac & Naify. 2003.

MEYER, Birgit et al. *Material religion's first decade*. Material Religion, 10:1, 105-110, 2014.

MEYER, Birgit; HOUTMAN, Dick. *Things: Religion and the question of materiality*. New York, Fordham University Press, 2012.

MEYER, Birgit. *Picturing the invisible: visual culture and the study of religion* In Method and theory in the study of religion nº 27. 2015.

MEYER, Birgit. *Mediation and the genesis of presence: towards a material approach to religion*. University of Utrecht. 2012.

MIYASHIRO, Rafael Tadashi. *Entre tempos: a criação artística na caligrafia japonesa*. Dissertação de mestrado em artes. Universidade Estadual de Campinas, 2009.

OLDSTONE-MOORE, Jennifer. *Conhecendo o Taoísmo*. Petrópolis. Editora Vozes. 2010.

PEREIRA, Ronan Alves. *O Budismo Japonês: sua história, modernização e transnacionalização*. Japan Foundation São Paulo. Disponível em: http://fjso.org.br/tag_artigo/japao/ - acesso em fevereiro de 2018.

RANQUETAT, César Alberto., “Ciência e Religião: os debates em torno das pesquisas com células-tronco embrionárias no Brasil”. *Ciências Sociais e Religião*. 2011 v. 12, nº 13: 37-56.

SUZUKI, Daisetz T. *Zen and the Japanese Culture*. London. Ed. Routledge and Kegan Paul. 1973

SUZUKI, Daisetz T. *An introduction to Zen Buddhism*. USA. Evergreen Black Cat Book. 1964.

ORO, Ari Pedro. “The New Japanese Religions In Brazil: Some remarks on the Church of the World Messianity” In CLARKE, Peter B.: *Japanese New Religions in global perspective*. Richmond, Surrey: Curzon Press. 2000.

OZAKI, André Mazao. *As Religiões Japonesas no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

PAIVA, Geraldo José de. Novas religiões japonesas e sua inserção no Brasil: discussões a partir da psicologia. *REVISTA USP*, São Paulo, n.67, p. 208-217, setembro/novembro 2005.

RAFFO, Geórgia Branquinho de Oliveira. *A “localização” institucional da Igreja Messiânica Mundial: uma abordagem a partir da teoria da mundialização*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras Orientais da Universidade de São Paulo, 2010.

TAZAWA, et al. *História Cultural do Japão*. Ministério dos Negócios estrangeiros do Japão, 1973.

TERROR, Heloisa Helena Guedes. “O Belo e a Salvação no pensamento de Meishu-Sama”. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em

Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2009.

TOMITA, Andréa Gomes Santiago. Um outro lado da moeda: novas religiões japonesas como transmissoras de noções culturais japonesas no Brasil - exemplos da Igreja Messiânicas e Perfect Liberty. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Orientais da Universidade de São Paulo. 2004.

TOMITA, Andréa. *Recomposições identitárias na integração religiosa e cultural da Igreja Messiânica no Brasil*. Tese de doutorado em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo. 2009.

TOMITA, Andréa. *Religiões Japonesas e a Igreja Messiânica no Brasil: integração religiosa e cultural*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.